



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO**

**GÊNERO E SEXUALIDADE EM EDUCAÇÃO: UM MAPEAMENTO DAS
TESES E DISSERTAÇÕES DO NORTE E NORDESTE BRASILEIRO**

LINDA BRASIL AZEVEDO SANTOS

São Cristóvão (SE)

2020

LINDA BRASIL AZEVEDO SANTOS

**GÊNERO E SEXUALIDADE EM EDUCAÇÃO: UM MAPEAMENTO DAS
TESES E DISSERTAÇÕES DO NORTE E NORDESTE BRASILEIRO**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de mestra em educação
pelo Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade Federal de Sergipe.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Livia de Rezende
Cardoso

**São Cristóvão (SE)
2020**

**GÊNERO E SEXUALIDADE EM EDUCAÇÃO: UM MAPEAMENTO DAS
TESES E DISSERTAÇÕES DO NORTE E NORDESTE BRASILEIRO**

Aprovada em ____/____/____

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe para avaliação da Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Livia de Rezende Cardoso (Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Educação/ UFS

Prof. Dr. Gregory da Silva Balthazar (Examinador Externo)
Programa de Pós-Graduação em Educação/UNIT

Prof. Dr. Alfrancio Ferreira Dias (Examinador Interno)
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

**São Cristóvão (SE)
2020**

RESUMO

A educação tem um papel fundamental na (des)construção de ideias preconceituosas e de estereótipos que atingem mulheres e a população LGBTQI+. Diante disso, cada vez mais se percebe um aumento de pesquisas científicas que abordam gênero e diversidade sexual. A presente dissertação é um estudo do tipo "Estado da Arte", com o objetivo de analisar as pesquisas científicas em educação sobre gênero e sexualidade realizadas pelos programas de pós-graduação nas instituições de ensino superior nas regiões Norte e Nordeste do Brasil. Para isso, foram mapeadas teses e dissertações no período de 1994 a 2018 por meio de uma abordagem quanti-qualitativa. Para atender a essa finalidade, foi feito um mapeamento na plataforma digital Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - BDTD, com os seguintes descritores: gênero, sexualidade e educação. Foram selecionados para a análise quantitativa 403 trabalhos, 301 dissertações e 102 teses, que discutem especificamente processos educacionais, sejam eles com foco de investigação em escolas, universidades, pesquisas acadêmicas e em outros documentos como o PNE e BNCC em todo o Brasil. Para aprofundar o tema, foi feita uma contextualização do objeto, apresentando alguns pressupostos teóricos das pesquisas sobre gênero e sexualidade em educação, mapeando quem são essas/es pesquisadoras/es, quais as instituições de ensino, regiões, IES e programas de pós-graduação que produzem pesquisas no Brasil. Para aprofundar mais as análises através do recorte por objeto, foram selecionadas 107 pesquisas desenvolvidas nas regiões Norte e Nordeste, analisando de forma qualitativa os recortes por objeto nas categorias de currículo, formação docente, práticas pedagógicas e vivências que são apresentadas como resultado destas pesquisas.

Palavras-Chaves: Gênero, Sexualidade, Educação, Estado da arte, Mapeamento.

ABSTRACT

Education has a fundamental role in the (de)construction of prejudice and stereotypes that affect LGBTQI + peoples. In view of this, there is increasing number of scientific researches addressing gender and sexual diversity. This dissertation is a "State of the Art" study, with the objective of analyzing scientific research in education on sex and sexuality carried out by postgraduate programs in higher education institutions in the North and Northeast regions of Brazil. For this, we mapped theses and dissertations from 1994 to 2018 through a quantitative and qualitative approach. The Brazilian Digital Theses and Dissertations platform - BDTD, was the chosen database and the search was conducted with the following descriptors: gender, sexuality and education. A total of 403 papers, 301 dissertations and 102 theses were selected, which discussed educational processes in schools and universities, as well as analytical papers on education national policies. We also looked into the authors' gender, theoretical background and institutional affiliation. From these, we selected 107 surveys carried out in the North and Northeast, taking a qualitative approach, categorizing them by curricula, teacher training, pedagogical practices and resulting experiences.

Keywords: Gender, Sexuality, Education, State of the art, Mapping.

À todas as pessoas LGBTQI+

AGRADEÇO

À Deusa Mãe/Deus Pai e Sua Misericórdia Divina e Seu Infinito Amor por ter me dado a vida nessa atual encarnação.

A Benjamin Teixeira de Aguiar, meu orientador espiritual, por tantos ensinamentos e exemplo de coragem, sensatez, honestidade, coerência e por sua dedicação no seu trabalho como Canal da Voz do Céu aqui na terra, através de sua mediunidade, recebendo várias mensagens espirituais de Nossa Amada Mestra da Sabedoria e Felicidade Eugênia-Aspásia (minha mãe e guia espiritual), a qual também agradeço, bem como de vários/as outros/as Guias Espirituais. Benjamin e Eugênia, gratidão eterna pelos estímulos e provocações para despertar e encontrar minha vocação e minha missão nessa atual encarnação, ajudando-me a ser mais feliz e uma pessoa melhor e realizada.

À Lívia de Rezende Cardoso, minha maravilhosa orientadora nessa pesquisa. Lívia, sou muito grata por confiar e acreditar em mim e pelo acolhimento e cuidado tão amorosos, bem como pela sua dedicação, paciência e tantas conversas e conselhos não só para ajudar na construção do trabalho, mas também pelas falas de força e estímulo nos momentos mais difíceis dessa caminhada, principalmente nessa fase final da dissertação, convocando uma força tarefa para me ajudar na finalização desta pesquisa.

Às companheiras do grupo de pesquisas de minha orientadora Lívia, que desde o início dessa jornada sempre me ajudaram com dicas, sugestões, recomendações, alertas em nossos encontros. Lynna, Letícia, Tássia e Arianne pela grande ajuda na fase final, quando não tinha mais forças e estava desestimulada e vocês me ajudaram com tanta dedicação, ajudando-me de uma forma tão especial. Júlia, Márcia, Mayra, Manuela e Rosa, gratidão por tantos momentos de troca e aprendizado.

A toda minha família biológica que tanto amo e que sempre me respeitou e me apoiou em todas as minhas decisões e estão comigo nos momentos difíceis e bons da minha vida. Contudo, por ser uma família enorme, não haveria aqui espaço para falar sobre todas(os) minhas(meus) familiares. Assim, cito somente minha tão amada e estimada mãe Carminha, ser de luz para toda nossa família e exemplo máximo aqui na Terra de dedicação e amor incondicional.

Ao CNPq pelo financiamento com a bolsa de mestrado que viabilizou a realização desta pesquisa.

Ao corpo docente e os/as discentes do PPGED da UFS pelos grandiosos ensinamentos que aprendi nas disciplinas, seminários, tópicos, cursos e eventos de extensão.

Aos membros da banca de qualificação e defesa desta dissertação: Prof. Dr. Alfrâncio Ferreira Dias, que me acompanha desde o início do curso e sempre me ajudou e me estimulou para que este trabalho fosse finalizado, e Prof. Dr. Gregory da Silva Balthazar pela leitura e valiosas contribuições com um parecer tão babadeiro na qualificação, ajudando-me muito na realização da versão final desta pesquisa.

Às/aos imãs/irmãos em ideal e em Espírito do Instituto Salto Quântico que sempre me apoiam e me estimulam em minhas iniciativas, principalmente o meu grande amigo e irmão Anderson Muniz, por sua ajuda na construção desta dissertação.

À Associação CasAmor e todas/os os/as voluntários/as que constroem esse projeto tão importante e necessário para a população LGBTQI+ e que nesse período de pesquisa compreenderam minhas ausências na construção da CasAmor. Gratidão, Eron, Dalvacir, Débora, Rafael Machado, Vinícius, Selma, Thainan pela ajuda, força e paciência. Em especial agradeço a minha tão amada Renata e Bruno Sanches pelas ajudas na correção e na organização desta dissertação.

Às/os companheiras/os de Associação e Movimento Sergipano de Transexuais e Travesti (AMOSERTANS) pela parceria e ajuda na luta por dignidade e cidadania das pessoas trans que sempre me apoiaram nessa caminhada tão difícil e especial para toda essa comunidade que historicamente teve seus direitos e espaços negados. Sofia, Geovana, Daniel, Maluh e Divina vocês são muito especiais pra mim.

Às amigas/os, companheiras/os de luta e resistência do movimento feminista, trans, LGBTQI+, Negras/os e todas as pessoas que sempre demonstraram apoio e em nossas conversas me estimularam a prosseguir na continuidade e finalização desta dissertação não só importante para mim, mas também para todo o movimento trans, feminista e LGBTQI+ em geral.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMOSERTRANS	Associação e Movimento Sergipano de Transexuais e Travestis
ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação
ANTRA	Associação Nacional de Transexuais e Travestis
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior
CNBB	Confederação Nacional de Bispos do Brasil
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DAA	Departamento de Administração Acadêmica
FAE	Faculdade de Educação
FAMERP	Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto
FGV	Fundação Getúlio Vargas
FURG	Universidade Federal Rio Grande
GECC	Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Currículos e Culturas
GEERGE	Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero
IES	Instituição de Ensino Superior
LGBTQI	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer's e Intersexuais
MACKENZIE	Universidade Presbiteriana Mackenzie
METODISTA	Universidade Metodista de São Paulo
NE	Nordeste
NO	Norte
PPG	Programa de Pós-Graduação
PROGRAD	Pró-reitoria de Graduação
PUC – GO	Pontífica Universidade Católica de Goiás
PUC – RJ	Pontífica Universidade Católica do Rio de Janeiro
PUC – SP	Pontífica Universidade Católica de São Paulo
SVT	Semana da Visibilidade Trans
UCSAL	Universidade Católica de Salvador
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFS	Universidade Federal de Sergipe

UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UFTM	Universidade Federal do Triângulo Mineiro
UFTO	Universidade Federal de Tocantins
UNB	Universidade de Brasília
UNESC	Universidade Estadual de Santa Catarina
UNESP	Universidade Estadual de São Paulo
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNICEUB	Centro Universitário de Brasília
UNIFESP	Universidade Federal do São Paulo
UNIFOR	Universidade de Fortaleza
UNIJUI	Universidade Regional do Noroeste do Estado do RS
UNILASALLE	Universidade La Salle
UNINOVE	Universidade Nove de Julho
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos
UNISUL	Universidade do Sul de Santa Catarina
UNIVATES	Universidade do Vale do Taquari
USP	Universidade de São Paulo

LISTA DE GRÁFICOS E ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Pesquisas por Região.....	50
Gráfico 2 – Pesquisas por Estado (Brasil).....	51
Gráfico 3 – Pesquisas por Estado (Norte e Nordeste)	51
Gráfico 4 – Pesquisas por ano (Brasil).....	53
Gráfico 5 – Pesquisas por ano (Norte e Nordeste)	54
Gráfico 6 – Pesquisas por tipo de IES (Brasil).....	55
Gráfico 7 – Pesquisas por tipo de IES (Brasil).....	55
Gráfico 8 – Pesquisas por IES (Brasil).....	56
Gráfico 9 – Pesquisas por IES (Norte e Nordeste)	57
Gráfico 10 – Pesquisas Financiadas (Brasil)	57
Gráfico 11 – Pesquisas Financiadas (Norte e Nordeste)	58
Gráfico 12 – Pesquisadores/as Por Gênero (Brasil)	59
Gráfico 13 – Pesquisadores/as Por Gênero (Norte e Nordeste)	60
Gráfico 14 – Pesquisas por orientador/a (Brasil).....	61
Gráfico 15 – Pesquisas por orientador/a (Norte e Nordeste)	62
Gráfico 16 – Pesquisas por PPG (Brasil)	63
Gráfico 17 – Pesquisas por PPG (Norte e Nordeste)	63
Gráfico 18 – Perspectiva teórica (Brasil).....	64
Gráfico 19 – Perspectiva teórica (Norte e Nordeste)	65
Gráfico 20 – Ferramenta de pesquisa (Brasil)	66
Gráfico 21 – Ferramenta de pesquisa (Norte e Nordeste)	67
Gráfico 22 – Nível de ensino (Brasil)	67
Gráfico 23 – Nível de ensino (Norte e Nordeste)	68
Quadro 1 - Gênero, Sexualidade e Currículo no NO-NE	69
Quadro 2 - Gênero, Sexualidade e Formação Docente no NO-NE	71
Quadro 3 - Gênero, Sexualidade e Práticas Pedagógicas no NO-NE	72
Quadro 4 - Gênero, Sexualidade e Vivências no NO-NE	73

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	10
LISTA DE GRÁFICOS E ILUSTRAÇÕES	12
1 (TRANS)PESQUISANDO: LUGAR DE FALA	14
2 PESQUISA EM GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL EM EDUCAÇÃO	22
2.1 PRESSUSPOSTOS TEÓRICOS DAS PESQUISAS EM GÊNERO	22
2.1.1 As lutas do Movimento Feminista e das Pessoas Trans	25
2.1.2 Teóricos sobre Gênero e Sexualidade no Mundo e no Brasil	29
2.2 EDUCAÇÃO PARA A DIVERSIDADE	36
2.2.1 “Ideologia de Gênero” e Escola Sem Partido	36
2.2.2 Desafios da Educação	39
3 CAMINHOS METODOLÓGICOS	42
3.1 FUNDAMENTOS DO ESTADO DA ARTE	42
3.2 ETAPAS E PROCEDIMENTOS	45
4 RECORTES INSTITUCIONAIS DA PRODUÇÃO ACADÊMICA	49
4.1 REGIÕES E INSTITUIÇÕES	50
4.2 ORIENTAÇÕES E PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO	59
4.3 PERSPECTIVAS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS	64
4.4 OBJETOS E TEMÁTICAS	68
5 RECORTES POR OBJETO NAS PESQUISAS DO NORTE-NORDESTE	76
5.1 GÊNERO, SEXUALIDADE E CURRÍCULO	76
5.2 GÊNERO, SEXUALIDADE E FORMAÇÃO DOCENTE	100
5.3 GÊNERO, SEXUALIDADE E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	116
5.4 GÊNERO, SEXUALIDADE E VIVÊNCIAS	136
CONSIDERAÇÕES FINAIS	153
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	156
APÊNDICE	162
Tabela 1	162

1 (TRANS)PESQUISANDO: LUGAR DE FALA

Com o aumento de ideias reacionárias e a “saída do armário” de pessoas preconceituosas, a educação e os direitos individuais têm sido atingidos, crescendo a perseguição, a violência e a tentativa de silenciamento das/os que sempre foram marginalizadas/os e impedidas/os de ocupar certos lugares de poder, seja na seara educacional, social, política, financeira, e até na construção de conhecimento científico. Alguns comportamentos e privilégios estão sendo ameaçados agora que as mulheres, as/os negras/os, as LGBTI’s (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Intersexuais), as ditas “minorias”, estão ocupando esses espaços e questionando certos conceitos e saberes que sempre foram construídos numa lógica patriarcal, branca, eurocêntrica, colonizadora e heterocisnormativa¹.

A atual redução dos investimentos na educação no Brasil, principalmente nas pesquisas científicas e nas ciências humanas²; a implantação da escola cívico militar pelo atual governo federal³; o avanço do movimento escola sem partido⁴, que tenta impor uma pretensão irreal de neutralidade das/os professoras/es em sala para impedir que as/os alunas/os desenvolvam em suas atividades curriculares o senso crítico; a tentativa de retirada das discussões de gênero dos planos municipais, estaduais e nacionais pressionada por políticos ligados ao fundamentalismo religioso⁵, tentando manipular a sociedade sobre o que dizem ser uma “ideologia de gênero”⁶ que vai de encontro aos princípios da família tradicional brasileira. Esses são alguns exemplos desse retrocesso e da situação assombrosa que a educação brasileira está atravessando.

Diante destes ataques e retrocessos, é de fundamental importância para educação a elaboração de pesquisas sobre temas como diversidade sexual e de gênero nas escolas, na universidade e em todos os espaços educacionais, para que os/as alunos/as,

¹ O termo utilizado é heteronormatividade, para definir a norma da heterossexualidade, mas atualmente o movimento transfeminista acrescenta o termo “cis” para incluir as normas da cisgeneridade.

² Link sobre o assunto: <https://www.blogdovestibular.com/educacao/reducao-de-investimentos-filosofia-sociologia.html>

³ A implantação desse tipo de modalidade de escola representa um retrocesso no sistema educacional brasileiro: <http://escolacivicomilitar.mec.gov.br/>

⁴ O que os especialistas dizem sobre a escola sem partido: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/especialistas-desconstroem-os-5-principais-argumentos-escola-sem-partido/>

⁵ Veja mais informações: <https://novaescola.org.br/conteudo/4900/os-termos-genero-e-orientacao-sexual-tem-sido-retirados-dos-documentos-oficiais-sobre-educacao-no-brasil-por-que-isso-e-ruim>

⁶ No item 1.2.1 desta dissertação iremos decorrer sobre esse termo que foi criado com intuito de atacar os estudos sobre gênero.

professoras/es e gestoras/es das instituições de ensino, bem como toda sociedade compreendam a importância dessas discussões no processo educacional, com objetivo de combater as violências e exclusões provocadas por comportamentos misóginos, machistas, sexistas e lgbfóbicos. Por isso, percebe-se uma necessidade por parte de pesquisadoras/es dos PPG's do Brasil de realizar pesquisas sobre o tema, o que fez com que elas aumentassem consideravelmente a partir de 2008.

No Norte e Nordeste do Brasil, ainda se percebe uma grande dificuldade em discutir gênero e diversidade sexual nas escolas e universidades, e de realização de pesquisas sobre o tema nos programas de pós-graduação. Devido a problemas de incentivos do governo e poucos grupos de estudos, essas duas regiões ainda carecem de mais investimento na área, quando comparadas às regiões Sul e Sudeste.

A educação tem um papel fundamental na promoção do respeito à diversidade, contribuindo para a diminuição de estigmas e da marginalização que geram tanta exclusão social e violência, principalmente para as pessoas trans que são historicamente excluídas e invisibilizadas em todos os espaços sociais.

Sou uma mulher trans nordestina, nascida numa cidadezinha do interior de Sergipe, que passou por vários processos de violência e exclusão social. Fazer essa pesquisa não é só um trabalho para obtenção de diploma, é um grande desafio no intuito de contribuir na difusão da importância desses estudos e discussões nos espaços escolares e acadêmicos. Por isso, há alguns anos, além de estudiosa no assunto sou ativista feminista/transfeminista e LGBTQI+, estou me dedicando aos estudos sobre diversidade e educação, participando de debates, palestras, rodas de conversas, oficinas etc., em empresas, instituições, escolas e universidades públicas e privadas, na tentativa de melhor compreender o assunto e, assim, poder ajudar na (des)construção de pensamentos e visões estereotipadas sobre gênero, sexualidade e as vivências da população LGBTQI+.

Dois mil e treze foi o início de uma mudança radical na minha vida: voltei os estudos ao ingressar na Universidade Federal de Sergipe (UFS) no Curso de Licenciatura Português/Francês, depois de quase vinte anos afastada da educação. Nesse período em que fiquei distante dos estudos, passei por vários processos de exclusão social e profissional, sendo empurrada para a prostituição, como ainda acontece para 90% das travestis e mulheres trans. A grande maioria é compulsoriamente levada a viver dessa forma, única possibilidade de sobrevivência. Hoje não queremos mais somente essa opção, queremos ocupar os espaços que sempre nos foram negados na sociedade.

No primeiro dia de aula na UFS ocorreu um fato crucial para que eu começasse a perceber a importância das discussões sobre gênero e diversidade nas escolas e na formação dos/as professores/as. Nesse dia, uma segunda-feira, tinham três aulas com disciplinas diferentes. As duas primeiras eram ministradas por professoras e a terceira por um professor. Minha maior preocupação ao retomar os estudos, depois de quase vinte anos fora da sala de aula, era a questão do uso de nome social. Como eu ainda não tinha retificado o meu nome civil e o gênero nos documentos de registros oficiais, estava muito preocupada em ser constrangida com a lista de frequência, problema esse que acontece com a maioria das pessoas trans, provocando uma grande evasão escolar dessa população. Antes de começar o período, procurei o Departamento de Administração Acadêmica – DAA-UFS para tentar usar meu nome social nas listas de chamada, mas não tive sucesso, sendo informada que eu deveria pedir a cada professor/a que colocasse meu nome social ao lado do nome de registro.

A minha conversa com as duas primeiras professoras correu tranquilamente - uma até tinha observado algo estranho e já tinha feito uma anotação na relação de frequência porque percebeu o meu nome social no e-mail que eu usava no cadastro. Com o último professor, no entanto, aconteceu uma situação que eu temia. Fui conversar com ele, durante uma pausa da aula para realização de uma atividade, e expliquei o porquê de não ter respondido a chamada. Ao contrário das professoras, ele foi bem ríspido, falando alto e por duas vezes o meu nome de registro, fazendo com que as/os alunas/os o escutassem, dizendo que eu resolvesse essa questão com o DAA. Eu expliquei que estava solicitando o que me foi aconselhado pelo próprio departamento. Mesmo assim, ele persistiu que eu resolvesse com a instituição.

Indignada com o ocorrido, relatei o fato nas redes sociais e acabei recebendo demonstrações de apoio de várias pessoas. Algumas me incentivaram a fazer uma denúncia na ouvidoria da UFS. No dia seguinte denunciei o ocorrido e posteriormente abri um processo administrativo na Pró-reitoria de Graduação (PROGAD) da UFS. A partir dele foi criada a portaria que regulamentou o uso do nome social e respeito à identidade de gênero das pessoas trans na UFS (Portaria nº 2.209 de 18 de 2013).

Esse triste episódio me fez despertar sobre o processo de opressão que a população LGBTI+ sofre e, principalmente as questões que levam à grande exclusão escolar e social das pessoas trans. Como um ambiente acadêmico de produção de tanto conhecimento pode não assimilar, no comportamento, os seus conteúdos? Quanta falta de conhecimento

a respeito de várias áreas do saber de uma vez refletidas em uma postura de alguém que está com o propósito de educar acadêmicas/os, futuros profissionais nas escolas do estado e do país. Se esse lamentável fato aconteceu comigo numa universidade pública federal, imagine o que não deveria estar acontecendo nas salas de aula dos ensinos fundamental e médio no Brasil. Com a repercussão desse triste episódio comecei a pesquisar e estudar sobre as questões que envolvem gênero, diversidade, sexualidade e exclusão escolar. Essa também foi a principal razão pela qual acabei me envolvendo mais profundamente dentro do movimento estudantil, feminista, LGBTI+ e transfeminista.

Os estudos sobre gênero e sexualidade são vistos como uma ameaça porque questionam a heterocisnormatividade, o determinismo biológico e os discursos reacionários de alguns religiosos que colocam as pessoas em “caixinhas” fechadas com classificações que fazem com que alguns grupos sejam vistos como menos humanos do que outros, a partir de costumes e tradições moralistas, justificadas pelo sofisma de que o seu descumprimento atenta contra as leis da sociedade e de Deus.

Além de militante sou aluna do Instituto Salto Quântico - ISQ, Escola de Espiritualidade Cristã, liderada pelo médium assumidamente gay Benjamin Teixeira de Aguiar. No ISQ conheci um Deus que é amor incondicional e que jamais me condenaria por ser uma mulher trans. Os ensinamentos, provocações e um maior entendimento sobre espiritualidade foram essenciais para que eu pudesse compreender e aceitar como eu sou psicologicamente e socialmente, conseguindo me libertar das amarras da “caixinha” em que me colocaram ao nascer, considerando somente o aspecto biológico, aprisionando-me às normas culturais impostas pelos conceitos castradores de certas religiões, e por uma sociedade construída à base de uma visão patriarcal, misógina, machista e lgbtfóbica, que me dizia que eu era uma aberração e contra a vontade de Deus.

Vivemos numa sociedade patriarcal em que os conhecimentos são apresentados a partir de uma perspectiva heterocisnormativa. De acordo com Oliveira (2017, p.50) “o patriarcado é o sistema que perpetua opressão e a subordinação feminina”. Essa forma de poder masculino e apresentação de conceitos sobre o que é ser homem e ser mulher é baseada em um princípio biológico, misógino, sexista, binário etc., que pressupõe que pessoas que são designadas ao nascer no gênero masculino, considerando somente o genital, são superiores às pessoas que foram designadas no gênero feminino. Essa suposta superioridade é refletida em vários âmbitos da sociedade, na família, na educação, no trabalho e todos os espaços de poder.

A educação tem um papel fundamental para manutenção dessa desigualdade de gênero. Em nossa cultura, antes de nascermos já nos colocam em duas “caixinhas” que impõem regras que aprisionam, provocam desigualdade, excluem e violentam: uma azul, na qual os meninos podem quase tudo (mas não podem chorar), e a outra rosa, onde as meninas, na maioria das vezes, são educadas a serem donas de casa, a partir de brincadeiras com bonecas, casinha, etc.

Questionar as convenções sociais (que aqui chamamos de “caixinhas”), o determinismo biológico que supõe que os homens são superiores às mulheres e falar sobre sexualidade, identidade de gênero e orientação sexual ainda é visto com muita resistência, tanto dentro do seio familiar quanto nas escolas. A dificuldade em discutir esses temas é apontada por estudiosos/as do tema como uma das maiores razões da grande violência de gênero e sexual em nossa sociedade. O Brasil é o quinto país que mais violenta mulheres no mundo (WAISELFISZ, 2016), é o país que mais mata pessoas LGBTI+ (MICHELS, 2019). A expectativa de vida de mulheres trans e travestis é de 35 anos e 90% desse grupo está compulsoriamente na prostituição (BENEVIDES, 2019), como consequência das exclusões familiares, escolares e profissionais sofridas.

Desde o fato que aconteceu comigo no primeiro dia de aula na UFS, comecei a tecer um caminho de busca de conhecimento sobre as questões de gênero, sexualidade e corpo na educação. Sempre que tinha de realizar algum trabalho na graduação, buscava uma forma de falar sobre esse assunto, colocando minhas questões e inquietações para provocar algumas discussões. A partir desse momento, comecei a ter acesso a autoras/es mundiais e nacionais sobre o tema, estudiosos/as esses/as que irei apresentar de forma mais aprofundada na segunda seção.

A iniciativa de realizar essa dissertação se deu a partir das minhas intervenções em escolas, participando de debates e rodas de conversas desde 2013, quando comecei a participar desses espaços devido ao meu ingresso na UFS e na militância. Um dos projetos muito importantes para começar a estudar sobre o assunto é a Semana da Visibilidade Trans (SVT). A SVT é realizada anualmente, desde 2015, pela AMOSERTRANS (Associação e Movimento Sergipano de Transexuais e Travestis), da qual faço parte desde sua fundação em 2014. O evento ocorre em parceria com a UFS, a Ordem de Advogados do Brasil – OAB, o Conselho Regional de Psicologia e outras instituições.

Esse evento já conta com seis edições e é realizado em comemoração ao dia da visibilidade trans, celebrado em 29 de janeiro. O seu maior objetivo é promover debates,

oficinas e rodas de conversas para que os/as discentes da universidade, bem como qualquer pessoa que sinta interesse em participar, tenham acesso às discussões sobre gênero, sexualidade e corpo, discutindo as questões que levam a tanta exclusão e invisibilidade das pessoas trans. A SVT é inscrita dentro da área dos cursos de extensões da UFS. Assim, com um grande número de participação, vários alunas/os, professoras/es e a sociedade em geral, sensibilizados com o tema, começaram a realizar pesquisas e projetos sobre as questões de diversidade sexual e de gênero, principalmente ligadas à população trans.

A escola e universidade deveriam ser espaços onde a diversidade é muito presente e deveriam ter uma função social de promoção da cidadania e de redução de comportamentos discriminatórios, com a valorização de discussões sobre as questões de gênero, sexualidade e diversidade. As pessoas contrárias a essas discussões propagam a ideia de que tais debates nas escolas buscariam difundir, de forma inconsistente e deliberadamente enganosa, uma “ideologia de gênero” criada pelo movimento LGBTQI+ para destruir a tradicional família brasileira e incentivar a sexualidade precoce das crianças.

Fingir que não existe machismo e LGBTfobia, silenciando o assunto, abre caminho para que alunas/os preconceituosas/os perpetuem “brincadeiras” ofensivas e comportamentos agressivos. Algumas dessas violências são provocadas no ambiente familiar e mesmo dentro de escolas entre alunas/os e até proferidos por profissionais de educação. Dessa forma é de fundamental importância que as discussões sobre gênero e sexualidade nas escolas sejam vistas como uma ferramenta indispensável para que possamos questionar e (des)construir estigmas e preconceitos das/os envolvidas/os no ensino-aprendizado, contribuindo para a diminuição das opressões e das violências sofridas pelas mulheres e pela comunidade LGBTQI+ nas escolas.

Assim, diante desses fatos e principalmente dos ataques às pesquisas e discussões de gênero e sexualidade, surgiram várias inquietações para que essa pesquisa fosse desenvolvida, fazendo uma análise real das teses e dissertações que são desenvolvidas no Brasil e mais especificamente no norte-nordeste, tais como: Quais objetos de estudo são priorizados? E quais agendas educacionais estão sendo silenciadas nas pesquisas? Como os resultados das análises podem fomentar políticas públicas educacionais? De quais modos os sujeitos da educação têm ganhado visibilidade nas pesquisas? Que conceitos de gênero e sexualidade em educação são desenvolvidos nas teses e dissertações?

Dessa forma, o objetivo geral desta dissertação é mapear as pesquisas científicas em educação sobre gênero e sexualidade realizadas pelos programas de pós-graduação nas instituições de ensino superior das regiões Norte e Nordeste do Brasil. Os objetivos específicos são: identificar os principais objetos de estudo e quais agendas educacionais estão sendo silenciadas nas pesquisas; apresentar os resultados das análises que podem fomentar políticas públicas educacionais; apontar os modos pelos quais os sujeitos da educação têm ganhado visibilidade nas pesquisas e levantar os conceitos de gênero, sexualidade em educação que são desenvolvidos nas teses e dissertações.

Para tanto, foi realizada uma pesquisa do tipo Estado da Arte de teses e dissertações dos Programas de Pós-Graduações nas regiões Norte e Nordeste do Brasil que pesquisaram questões sobre diversidade sexual e de gênero na educação, por meio de uma abordagem quanti-qualitativa, fazendo um recorte institucional, tanto de todo o Brasil, bem como destas duas regiões. Para analisar o objeto de pesquisa desses trabalhos, fazendo uma análise qualitativa, foram selecionadas as pesquisas realizadas nas regiões Norte e Nordeste, totalizando 107 teses e dissertações.

Para atender a essa finalidade, foi feito, primeiramente, um mapeamento na plataforma digital Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - BDTD, com os seguintes descritores: gênero, sexualidade e educação até 2018, sem determinação do período inicial, encontrando assim a primeira pesquisa no ano de 1994, contemplando um período de 25 anos de pesquisas e em seguida levantamos as pesquisas que foram realizadas somente nos PPG's das regiões Norte e Nordeste.

Para trazer as contribuições teóricas sobre o tema da pesquisa, no segundo capítulo, foi feita uma contextualização do objeto, apresentando algumas considerações e os pressupostos teóricos das pesquisas sobre gênero e sexualidade em educação. Apresentamos um recorte da história do movimento feminista no Brasil e no mundo, os conceitos de gênero e sexualidade, bem como as discussões recentes sobre teoria *queer* e transgeneridade.

No terceiro capítulo são apresentadas as considerações sobre os caminhos metodológicos, fazendo uma explanação sobre o tipo de pesquisa “Estado da Arte”, utilizado nessa dissertação. Em seguida apresentamos as etapas e procedimentos desenvolvidos para a realização desse mapeamento bibliográfico.

No quarto capítulo foram analisados os trabalhos selecionados em todo o Brasil e nas regiões Norte e Nordeste, com o intuito de elaborar um levantamento dos recortes

institucionais, através de uma análise quanti-qualitativa. Fez-se, assim, um mapeamento sobre quem são essas/es pesquisadoras/es, quais as instituições de ensino, em que ano, estado, região, tipo de financiamento e programas de pós-graduação foram produzidas pesquisas sobre gênero e sexualidade que abordem processos educacionais. Também foram analisadas as perspectivas teóricas, ferramentas de pesquisas e nível de ensino onde foram realizados tais estudos.

No quinto capítulo apresentamos um levantamento qualitativo dessas pesquisas realizadas nos Programas de Pós-Graduação das regiões Norte e Nordeste, analisando as implicações, questionamentos e contribuições educacionais que envolvam currículo, formação docente, práticas pedagógicas e vivências dos sujeitos de interesse nas pesquisas. Por fim, tecemos algumas considerações finais sobre esta pesquisa, suas aplicações e perspectivas para o campo da pesquisa educacional.

2 PESQUISA EM GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL EM EDUCAÇÃO

Os estudos sobre gênero nascem a partir do movimento feminista, que começou a criticar a concepção de que ser homem ou ser mulher é uma distinção baseada em um determinismo biológico que pressupõe que homens são superiores. Dessa forma, “o conceito serve, assim, como uma ferramenta analítica que é, ao mesmo tempo, uma ferramenta política”. (LOURO, 2011, p. 25).

Donna Haraway (2004) faz um estudo dos escritos feministas sobre sexo, sexualidade e gênero, apresentando um levantamento criterioso sobre o assunto e discutindo a importância desses debates para que a sociedade consiga perceber as problemáticas decorrentes da falta de análise mais profunda sobre as categorizações dos sujeitos sociais. Para Haraway (2004), o conceito de gênero, com o processo de mudança dos estudos de gênero da categoria de natureza para a cultura, questionando assim o “determinismo biológico” e passando a considerar o

“construcionismo social” e no processo, tornaram-se menos capazes de desconstruir como os corpos, incluindo corpos sexuados e racializados, aparecem como objetos de conhecimento e lugares de intervenção na biologia. (HARAWAY, 2004, p.218)

Para aprofundar as discussões sobre a importância das pesquisas de gênero e diversidade sexual em educação, nesta seção iremos apresentar alguns pressupostos teóricos dessas pesquisas; fazer um histórico do movimento feminista; apresentar alguns teóricos sobre gênero e sexualidade no mundo e no Brasil; discutir diversidade na educação, as perseguições e os desafios que essas discussões vêm sofrendo por parte de setores reacionários da nossa sociedade.

2.1 PRESSUSPOSTOS TEÓRICOS DAS PESQUISAS EM GÊNERO

Quais os desafios da educação para questionar e romper com esquemas binários (masculino/feminino, homem/mulher, heterossexual/homossexual) de compreensão dos gêneros, das sexualidades e dos corpos? Louro (2004), baseando-se em outros/as autores/as, apresenta dados para que possamos compreender o processo de construção da política de identidade para demonstrar que a homossexualidade e o sujeito homossexual são invenções do século XIX. Com fundamentação teórica de Michel Foucault e Judith Butler, Louro (2004) defende a perspectiva da teoria *queer*, opondo-se à heteronormatividade compulsória. As ações transgressivas e subversivas, propondo o

questionamento, a desnaturalização e a incerteza da teoria *queer*, usam essas estratégias para desconstruir a normalização e a naturalização da heterossexualidade como a única forma legítima de viver e experimentar os prazeres corporais. Abaixo, trecho desse capítulo demonstra melhor sua afirmação:

A ‘reviravolta epistemológica’ provocada pela teoria *queer* transborda, pois, o terreno da sexualidade. Ela provoca e perturba as formas convencionais de pensar e de conhecer. A sexualidade, polimorfa e perversa, é ligada à curiosidade e ao conhecimento. O erotismo pode ser traduzido no prazer e na energia dirigidos a múltiplas dimensões da existência. Uma pedagogia e um currículo conectados à teoria *queer* teriam de ser, portanto, tal como ela, subversivos e provocadores. Teriam de fazer mais do que incluir temas ou conteúdos *queer*; ou mais do que se preocupar em construir um ensino para sujeitos *queer*. ‘Uma pedagogia *queer* desloca e descentra; um currículo *queer* é não-canônico’ (PINAR, 1998, p.3 apud Louro, 2004, p. 51)’. As classificações são improváveis. Tal pedagogia não pode ser reconhecida como uma pedagogia oprimido, como libertadora ou libertária. Ela escapa de enquadramentos. Evita operar com os dualismo, que acabam por manter a lógica da subordinação. (LOURO, 2004, p. 51)

Para o embasamento e aprofundamento teórico dessa autora, foi usada a perspectiva pós-crítica, questionando e transformando os conceitos e ideias que são vistas, no decorrer de séculos, na sociedade, bem como nas pesquisas científicas, como verdades absolutas. Acreditamos que essas novas discussões sobre as desconstruções de visões binárias usando os estudos culturais, as teorias do discurso e *queer*, como diz Guacira Lopes Louro (2011), são essenciais para questionar por que alguns assuntos são apresentados no currículo e outros não. É muito importante acabar com a compulsoriedade do sistema heterocisnormativo patriarcal capitalista dominado, em sua grande maioria, por homens brancos de visão eurocêntrica, já que as relações de poder e dominação vão além das questões econômicas e políticas: elas também incluem a sexualidade, o gênero e o étnico-racial.

Na perspectiva das teorias Pós-crítica, a teoria *queer* ou estudos *queer* questionam a heterocisnormatividade patriarcal e sexista, bem como as imposições binárias do gênero que geram tanta desigualdade e violência. Essa teoria tem importância chave para acabar com os papéis sociais e para a desconstrução da visão estereotipada sobre a população LGBTI+. Para Louro (2004), a subversão *queer* na sua radicalidade implica questionar a lógica, o conhecimento, o binarismo de gênero. Significa pôr em questão a forma que conhecemos umas coisas e não conhecemos outras. Nessa perspectiva *queer*, podemos também questionar algumas certezas, ajudando que as/os alunas/os refutem certas normas

que nos aprisionam e que condenam as diversidades. Silva (2005) afirma que “a pedagogia *queer* não objetiva simplesmente incluir no currículo informações corretas sobre a sexualidade” (SILVA, 2005, p 108), os estudos *queer* questionam as estruturas do que é correto e incorreto, moral e imoral, normal e anormal, enfatizando as metodologias de análises e compreensões do conhecimento das identidades sexuais (SILVA, 2005, p 108).

Numa visão desconstrutivista do currículo, podemos usar os questionamentos dos estudos de gênero e sexualidade para transformar de forma positiva o processo de ensino-aprendizado, repensando e encontrando meios para rever esse modelo atual de escola que de alguma forma exclui as diferenças e provoca comportamentos violentos. As vivências e resistências das pessoas trans e não binárias nos espaços educacionais são experiências importantes que podem contribuir na renovação e ampliação do currículo. Ainda sobre a contribuição dos estudos *queer* no âmbito educacional, Silva (2005) cita a contribuição de Deborah Britzman:

[...] a questão não é mais simplesmente: “como pensar?”, mas: “o que torna algo pensável?”. Examinar o que torna algo pensável estimula, por sua vez, pensar o impensável. Um currículo inspirado na teoria *queer* é um currículo que força os limites das epistemes dominantes: um currículo que não se limita a questionar o conhecimento como socialmente construído, mas que se aventura a explorar aquilo que ainda não foi construído. A teoria *queer* - esta coisa “estranha” é a diferença que pode fazer diferença no currículo. (BRITZMAN, 1996 apud SILVA, 2005, p 109)

As pesquisas e leituras de autoras/es, principalmente das teorias críticas e pós críticas, que contribuem para a renovação curricular nas escolas, são fundamentais para que possamos transformar o sistema educacional, construindo uma educação inovadora e comprometida com os avanços sociais, respeitando todas as pessoas independentemente do seu gênero, raça, orientação sexual e identidade social, contribuindo para a construção de uma sociedade menos preconceituosa e com mais respeito às identidades individuais e, assim, diminuindo a violência sofrida pelas mulheres e pela população LGBTI+. Dessa forma, a educação e os movimentos sociais, como o feminista e mais recentemente o movimento trans, têm uma grande importância para que a sociedade perceba a necessidade dessas discussões e para que possamos viver com mais respeito à diversidade, menos desigualdades e menos violência.

2.1.1 As lutas do Movimento Feminista e das Pessoas Trans

As conquistas do movimento feminista são recentes. Até pouco tempo, atividades como ler, escrever, estudar e trabalhar fora de casa eram raramente possibilidades para as mulheres. As atribuições da mulher estavam restritas aos afazeres domésticos e à educação dos filhos. Desde cedo, as meninas são educadas para ajudar as mães nos trabalhos domésticos, casar e ter filhos. Nesse contexto de uma sociedade patriarcal, as mulheres não podiam trabalhar fora, ao mesmo tempo que não tinham acesso aos assuntos relacionados à política e economia.

No livro “Gênero Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista” (2011), Guacira Lopes Louro faz uma síntese dos principais movimentos desenvolvidos a partir do século XIX. Essa autora relata que os sujeitos possuem identidades plurais, múltiplas. Identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias. O movimento de emancipação feminina começa a fazer uma discussão teórica, travando as primeiras discussões do conceito de gênero. A academia, nesse período, tem um papel relevante, por causa das feministas pesquisadoras, começando a desenvolver os Estudos da Mulher. Podemos citar algumas obras importantes, que impulsionaram as discussões sobre gênero: *Le deuxième sexe* – Simone de Beauvoir (1949), *The feminine Mystique* – Betty Friedan (1963), *Sexual Politics* – Kate Millet (1969). Guacira também afirma que o movimento social de libertação feminina, além de conquistas sociais importantes, gerou, em contrapartida, “guetos” que, embora discutissem a inclusão da mulher na sociedade através da integração, em muitos casos exagerou ao excluir tudo aquilo que não fosse exclusivamente tocante à problemática feminina.

Os estudos feministas majoritariamente mantiveram a questão da condição da mulher como sendo uma relação de poder do macho dominador sobre a fêmea dominada e subjugada. Posteriormente, foi observado que a “dominação” masculina tem um alto custo para o homem. O movimento feminista e LGBTI+ vem demonstrando que há uma complexidade muito grande nas relações de gênero dentro da sociedade.

Apesar dessa complexidade das relações entre os diversos grupos inseridos no movimento feminista, Joan Scott, historiadora norte americana, aponta para o equívoco de estabelecer a questão somente como “diferença-igualdade”, deixando de reivindicar igualdade universal entre homens e mulheres, envolvendo os âmbitos social, político e

econômica. Por outro lado, Raewyn Connell⁷, afirma que a construção da masculinidade é um ‘projeto’ - tanto coletivo como individual - no sentido de que esse é um processo que está continuamente se transformando, afetando e sendo afetado por inúmeras instituições, movimentos e práticas sociais (CONNELL, 1995).

Para grande parte das/os acadêmicas/os, o movimento feminista é dividido em três momentos históricos, denominados de “ondas”, mas ultimamente, com o surgimento de protesto criados por mulheres latino americanas através das redes sociais, fala-se da quarta onda (FRANCHINI, 2017).

A primeira onda se inicia no fim do século XIX e se estende até a metade do século XX. As principais reivindicações das mulheres dessa época eram o direito ao voto, a participação na política e na vida pública. Essas ideias foram impulsionadas também pelo surgimento do entendimento de que o lucro estava acima dos direitos dos operários, o que foi impulsionado pelo socialismo (FRANCHINI, 2017).

A segunda onda surge no início da década de 50, no século XX, estendendo-se até o final da década de 80. Esse momento foi caracterizado pelos estudos focados na condição da mulher, tendo se iniciado a elaboração da teoria sobre a opressão feminina, com a distinção entre sexo e gênero. Tiveram início as discussões sobre as imposições de gênero derivados do determinismo biológico, que coloca os homens em situação de superioridade em relação às mulheres. Buscou-se, assim, identificar a origem da opressão à mulher (FRANCHINI, 2017).

Já a terceira onda surge na década de 90, com a discussão sobre interseccionalidade e pós-modernidade. O início da terceira onda é associado ao surgimento de movimentos punk femininos, introduzindo a confecção e a estética de zines ao feminismo, tratando de assuntos como estupro, o patriarcado, a sexualidade e o empoderamento feminino. Com a publicação do livro “Problemas de Gênero, teoria de gênero sobre performance/performatividade”, Judith Butler rompe o paradigma da divisão entre natural e social, sexo e gênero, lançando as sementes para a teoria *queer* que se desenvolveria mais profundamente ao longo da década de 90 (FRANCHINI, 2017).

Com o avanço dos protestos organizados a partir dos movimentos sociais, algumas/uns acadêmica/os falam na existência da quarta onda. Esse movimento é

⁷ Na maioria dos textos de Connel ainda consta seu nome civil que foi atribuída a ela no seu nascimento estou usando o atual nome dela pelo fato ser uma mulher e ter feito sua transição recentemente.

protagonizado pelas mulheres latino americanas com o surgimento da *hashtag* #nenhumaamenos⁸. As principais pautas são: a cultura do estupro; a representação da mulher na mídia; os abusos vivenciados no ambiente de trabalho e nas universidades e a postura de denúncia e de recusa ao silenciamento (FRANCHINI, 2017).

O movimento feminista no Brasil surgiu com a luta pela educação feminina, pelo direito de voto e abolição dos escravos no século XIX. Atualmente, existem várias organizações feministas no Brasil que lutam e defendem que as mulheres tenham as mesmas oportunidades e condições salariais que os homens. Igualmente, há organizações específicas de feministas negras, indígenas, homossexuais, trans, etc. No início da luta, a condição da mulher brasileira acompanhava as desigualdades sociais e econômicas do país. O Brasil era uma sociedade baseada na escravidão que oprimia tanto a mulher negra, na sua condição de escravizada, quanto a mulher branca, restrita às tarefas do lar (SARTI, 2004).

No Brasil, continua a luta pela erradicação da violência doméstica, maior representatividade política, direito ao parto natural, amamentação em lugares públicos, direito ao aborto, e o fim de uma cultura que coloca a mulher submissa ao homem. Nesse contexto de luta contra a violência, ultimamente, as discussões sobre as pessoas trans estão cada vez mais fortalecidas.

A luta das pessoas trans está cada vez forte, principalmente com o surgimento do movimento transfeminista - uma corrente interseccional do feminismo voltada às questões da transgeneridade, em especial às vivências das mulheres trans e travestis. Embora a dissociação entre gênero (esfera social) e sexo (esfera fisiológica) já aconteça entre as feministas norte-americanas nos anos 1960 (SCOTT, 1995), a mobilização do gênero como identidade ganha um novo espectro com a aproximação da experiência de pessoas transgêneras ao discurso feminista, buscando força nos conceitos da interseccionalidade impulsionados pelo feminismo negro (JESUS, 2014).

A ideia de que todas as mulheres passam pelas mesmas experiências está sendo cada vez mais criticada por mulheres negras, lésbicas e de baixa renda. As mulheres trans

⁸ O movimento “Ni Una Menos” na Argentina ocorreu em 2015, após a morte da adolescente Chiara Páez, 14 anos, depois ultrapassou fronteiras - Veja mais em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2017/03/08/nascido-de-tragedia-argentina-ni-una-menos-tenta-parar-mulheres-por-direitos-e-leis.htm>

também questionam o que significa ser uma mulher, desafiando a ideia de gênero como um fato biológico e insistindo que suas experiências como mulheres sejam reconhecidas como parte da causa feminista.

No dia 29 de janeiro, no Brasil, comemora-se o dia nacional da visibilidade trans. A data surgiu em 2004, no lançamento de uma campanha nacional elaborada por lideranças do movimento de pessoas trans, em parceria com o Programa Nacional de DST/Aids do Ministério da Saúde. A campanha “Travesti e respeito” levou várias ativistas trans aos salões do Congresso Nacional, em Brasília, onde foi protocolado um documento retratando a triste realidade de violência e exclusão social que marca a vida das pessoas trans no país (JESUS, 2015).

Com essas lutas e iniciativas em denunciar as atrocidades que vivenciamos, as pessoas trans estão conquistando algumas vitórias. Entre elas citamos: a regulamentação do processo transexualizador no SUS⁹; as portarias que regulamentam o uso do nome social em instituições e empresas¹⁰ e a decisão do STF que garante às pessoas trans a retificação de nome e gênero diretamente nos cartórios de registro civil¹¹. Conquistas importantes para a garantia de sobrevivência dessa população tão marginalizada.

A luta das pessoas trans é cercada por desinformações, mas vem ganhando visibilidade, principalmente por causa de estudos e pesquisa sobre a questão de identidade de gênero. As informações que tínhamos, anteriormente, eram provenientes da medicina, marcadas por um viés biologizante e patologizante, na tentativa de buscar uma razão para nossa transgeneridade, de controlar nossos corpos.

As mudanças sociais partiram do trabalho dos/as pensadores/as e pesquisadores/as no mundo e no Brasil sobre as questões trans e *queer*, como os citados nos próximos tópicos e principalmente pelo conhecimento produzido pelas próprias pessoas trans sobre questões de gênero, sexualidade e nossas vidas. Entre essas pessoas temos Paul Preciado e Raewyn Connel que já foram citados nessa pesquisa e vários outros que estão contribuindo para que as pessoas nos enxerguem de forma mais humana. No Brasil, são importantes os trabalhos de João W. Nery, Jaqueline Gomes de Jesus, Viviane Vergueiro,

⁹ No link a seguir encontra-se mais informações sobre o processo transexualizador: <http://www.saude.gov.br/atencao-especializada-e-hospitalar/especialidades/processo-transexualizador-no-sus>

¹⁰ Podemos ver a lista dessas portaria nessa publicação: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Folders/cartilha_nome_social.pdf

¹¹ No site da Conjur encontramos mais detalhes da decisão do STF: <https://www.conjur.com.br/2018-mar-01/stf-autoriza-trans-mudar-nome-cirurgia-ou-decisao-judicial>

Megg Rayara, Luma Andrade, Helena Vieira, Daniela da Silva Prado, Hailey Kaas, Alice Pagan, Letícia Lanz, e tantas outras que estão contribuindo para a diminuição de visões estereotipadas das identidades trans.

2.1.2 Teóricos sobre Gênero e Sexualidade no Mundo e no Brasil

São vários os/as teóricos/as que estudam e pesquisam sobre gênero e sexualidade. Esses/as autores/as contribuem para que novas teorias sejam desenvolvidas, sendo referência em vários países, como acontece aqui no Brasil. Essas pesquisas são muito importantes para a (des)construção de ideias, muitas vezes preconceituosas sobre o corpo que sempre foi condicionado a se comportar de acordo com os padrões heterocisnormativos. Dentre vários/as autores/as importantes, seguem alguns apontamentos sobre Judith Butler, Michel Foucault, Raevwn Connel, Paul Preciato, Donna Haraway, Gayle Rubin e Joan Scott.

Um dos principais nomes citados nos estudos sobre gênero e sexualidade é a filósofa estadunidense pós-estruturalista Judith Butler, professora do departamento de retórica e literatura comparada da Universidade da Califórnia em Berkley e uma das principais teóricas da questão contemporânea do feminismo, teoria *queer*, filosofia, política e ética. Atualmente, Butler também foi vítima de perseguição aqui no Brasil, por uma onda conservadora e reacionária que ataca os estudos sobre gênero e sexualidade¹².

Para Butler (2003), “o sujeito é constituído no discurso pelos atos que executa”, assim, não é preexistente, ele é um “sujeito em processo”, (des)construindo-se o tempo todo. Assim, ele é instável e poroso, sem lugar fixo no mundo. Isto significa dizer que o sujeito é um construto performativo. Então, a única coisa que se pode dizer é que o próprio gênero é construído na linguagem e pela linguagem, e a noção de identidade não é tomada como ponto de discussão.

Butler questiona o binarismo gênero/sexo, argumentando que o sexo, tanto quanto o gênero, é discursivamente produzido e inscrito num conjunto de práticas, moralidades e significados. Sendo assim, a separação entre sexo e gênero é abandonada e dá lugar a uma noção de sexo/gênero inscritos materialmente no corpo, enquanto construções discursivas em relação com os movimentos do poder (BUTLER, 2003).

¹² Matéria sobre o ocorrido: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/11/1936103-judith-butler-escreve-sobre-o-fantasma-do-genero-e-o-ataque-sofrido-no-brasil.shtml>

Seguindo a lógica foucaultiana, Butler (2003), aponta que não é possível viver fora da norma: “o gênero é constricto por relações de poder que buscam restringir seu limiar de fluxo”. Há, porém, a possibilidade de subversão, ou seja, criação de espaços de potência e enfrentamento. Não seria possível se livrar das estruturas de poder, pois toda relação social é constituída a partir delas. É possível, ainda que de forma restrita, interpretar a realidade de modo a burlar as expectativas de gênero.

Butler (2003) propõe observar, de maneira geral, o modo como as fábulas de gênero estabelecem e fazem circular denominações naturalizadas de corpos masculinos e femininos. Seus textos estão reunidos de modo a facilitar uma convergência política das perspectivas feministas, gays e lésbicas sobre o gênero com a da teoria pós-estruturalista.

Outro grande autor citado e estudado por vários/as pesquisadoras/es que trabalham com uma visão pós-estruturalista, focando no temas de sexualidade, estudos culturas, relação poder e conhecimento, subjetivação é Michel Foucault. Para ele, a sexualidade é um comutador que nenhum sistema moderno de poder pode dispensar. Ela não é aquilo de que o poder tem medo, mas aquilo que se usa para seu exercício. As proibições não são formas essenciais do poder, são apenas seus limites, as formas frustradas. As relações de poder são, antes de tudo, produtivas. O foco principal do autor são os efeitos do poder e a produção de "verdade". Para ele, a noção de "ideologia" foi utilizada para explicar erros em tudo que impede a formação de discursos verdadeiros e para mostrar a relação entre o pensamento e as relações de produção (FOUCAULT, 1988, p. 57).

Ao longo dos anos 1970, Michel Foucault dedicou seu trabalho no Collège de France à análise do lugar da sexualidade na sociedade ocidental. O filósofo empreendeu uma pesquisa histórica, estabelecendo uma antropologia e uma análise dos discursos acerca desse tema tão fundamental para a condição humana. É reconhecidamente um dos grandes trabalhos do pensador, fonte de pesquisa e consulta para milhares de estudiosos (FOUCAULT, 1988).

Raewyn Connel é uma mulher trans australiana e cientista social, conhecida por seu trabalho nos campos da sociologia, educação, estudos de gênero, ciência política e história. Professora da Faculdade de Educação e Serviço Social da Universidade de Sydney (University of Sydney) e Fellow da Academy of Social Sciences in Australia desde 1996. Para Connel, que tem um trabalho primoroso sobre estudos das masculinidades, o conceito de gênero não deve deixar o corpo de lado, como se esse fosse apenas um produto de construções sociais. O equívoco estaria em pressupor a primazia do corpo e da biologia sobre as demais estruturas, e não em entendê-lo. Na sua visão, a

sociedade trata do corpo e lida com processos reprodutivos e diferenças entre os corpos, no sentido de que o corpo é um campo, uma arena, que é trazido para os processos sociais, onde a conduta social faz alguma coisa com a diferença reprodutiva (CONNEL, 2015).

Connell faz uma conceituação do gênero multidimensional e não baseada na premissa engessada de que o gênero reflete, necessariamente, uma diferença entre macho e fêmea reificada pela cultura. As mudanças não são um desafio, mas um pressuposto, a tal ponto que o conceito de gênero, ele próprio, possa deixar de existir em algum momento da história humana.

As discussões em relação à masculinidade são fundamentais para que possamos combater as violências de gênero. Se gênero é um produto histórico, então ele está aberto à mudança histórica, como apresenta Connel (1995). Falar de gênero, portanto, é falar também de como a masculinidade é, de certa forma, imposta compulsoriamente, gerando comportamentos violentos e opressores. Assim, para que possamos combater realmente as diferenças e as violências de gênero, é necessário perceber que essa masculinidade violenta pode ser reconstruída, tal como a misoginia e esse discurso de ódio que está sendo naturalizado. Para Connel, as narrativas convencionais das masculinidades são definidas pela cultura, que determina uma conduta dos sentimentos dos homens, pressionados pela família, escola e sociedade em geral a agir sempre de forma contrária aos comportamentos femininos, contribuindo para a repressão de seus sentimentos. Essa postura “pode levar à violência ou à crise pessoal e a dificuldades nas relações com as mulheres” (CONNEL, 1995, p,190).

O filósofo espanhol Paul Preciado problematiza e questiona, com sua ludicidade e rigorosidade teórica, tudo aquilo que se entende por sexualidade. Os estereótipos homem/mulher, homo/hétero, natural/artificial vão progressivamente sendo despedaçados através das análises que o autor faz sobre o *dildo*, a história do orgasmo e a atribuição de sexo. Se de início é curiosamente divertido, a cada capítulo aprofunda-se nas contradições relacionadas às noções contemporâneas de gênero e desejo. É inspirado pelo pensamento de Michel Foucault, Gilles Deleuze, Judith Butler e Jacques Derrida que o autor no seu famoso livro “Manifesto Contrassexual — práticas subversivas de identidade sexual”, retrata a contrassexualidade: uma teoria do corpo que é, também, estratégia de resistência ao poder,

Gayle Rubin afirma a necessidade da separação analítica entre gênero e sexualidade, pensando o sexo como um vetor de opressão que atravessa outros modos de desigualdade social, tais como classe, raça, etnicidade ou gênero. A autora questiona a

fusão cultural de gênero com sexualidade, feita por feministas radicais anti-pornografia, para as quais a sexualidade organiza a sociedade em dois sexos (um dos quais oprime o outro). Um de seus livros mais conhecidos é “Pensando o Sexo: Notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade” (RUBIN, 2003).

Joan Scott no artigo “Gênero: uma categoria útil para análise histórica” (1995), descreve o gênero como um executor teórico-metodológico para análise histórica, desconstruindo a intenção de se implementar certas ideias às coisas, evidenciando que assim como as palavras, as ideias também têm seu dinamismo e contexto social.

A partir dessas/es e outras/os autoras/es, algumas/uns estudiosas/os brasileiras/os que trabalham sobre gênero e diversidade sexual desenvolveram vários questionamentos e propostas para educação. Trazendo para a realidade brasileira, eles/as ressignificaram alguns conceitos, contribuindo, assim, para a reformulação de práticas pedagógicas tradicionais.

São várias/os estudiosas/os no Brasil sobre gênero, sexualidade e corpo em educação cujas publicações de livros e artigos contribuem com o tema. Dentre elas/es, apresentamos considerações sobre os trabalhos desenvolvidos por Guacira Lopes Louro, Berenice Bento, Dagmar Estermann Meyer, Marlucy Alves Paraíso, Jane Felipe de Souza e Fernando Seffner. Esses são somente alguns/as autores/as mais citados/as nos trabalhos acadêmicos em educação sobre gênero e sexualidade. Eles/as também têm destaque nacional por suas atuações nos grupos de estudos.

Guacira Lopes Louro é doutora em Educação e professora titular aposentada do programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Louro tem várias publicações no campo da educação que, em sua maioria, tratam de questões de gênero, sexualidade e Estudos *Queer*, quase sempre pensados pelo campo da educação. Louro fundou o GEERGE (Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero), em 1990, um dos principais e precursores grupos de estudos sobre gênero no Brasil. Ela coordenou o grupo até 2000, que depois passou a ser dirigido pela Prof^a Dr^a Dagmar Meyer (2001-2004), Prof^a Dr^a Jane Felipe (2005-2008), Prof^a Dr^a Rosângela Soares (2009-2012) e mais recentemente pelo Prof. Dr. Fernando Seffner (2013-atual), todos seus ex-orientandas/os de doutorado. Em 2012, Louro recebeu o prêmio Paulo Freire, concedido durante a 35^a Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED).

No livro “Gênero, Sexualidade e Educação – Uma Perspectiva Pós-estruturalista” (LOURO, 2011), a autora apresenta uma introdução aos estudos de gênero, com conceitos

e teorias recentes no campo dos estudos feministas e suas relações com a educação. Estuda as relações do gênero com a sexualidade, as redes de poder, raça, classe, a busca de diferenciação e identificação pessoal e suas implicações com as práticas educativas atuais. Tanto serve de material para estudantes como para professoras/es, como incentivo amplo à iniciativa feminista e de outros grupos.

No artigo “Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas” (Louro, 2008), a autora visa mostrar que gênero e sexualidade são construídos através de inúmeras aprendizagens e práticas, empreendidas por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais, de modo explícito ou dissimulado, num processo sempre inacabado e diz que na contemporaneidade, essas instâncias multiplicaram-se e seus ditames são, muitas vezes, distintos. Em “Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade”, Louro apresenta algumas reflexões sobre a realização os estudos de gêneros e sexualidade não são apenas teóricos, mas também políticos. As questões em torno dos gêneros e das sexualidades não envolvem apenas conhecimento ou informação, mas também valores e um posicionamento político diante da multiplicidade de formas de viver e de ser. Como a escola tem lidado com tudo isso? Como nós, professoras e professores, nos vemos diante dessas questões? Quais são nossos pontos de apoio e onde se encontram nossas fragilidades e receios?

Berenice Bento, socióloga paraibana e professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, trabalha principalmente com os temas de gênero, transexualidade, sexualidade, direitos humanos e estudos *queer*. No livro “A Reinvenção do Corpo: Sexualidade e Gênero na Experiência Transexual” (Bento, 2006), a autora se ancora em histórias de vida de pessoas que mudaram o corpo, cirurgicamente ou não, para se tornarem reais, para não serem “aberrações” (expressão comum entre os/as transexuais), e sugere que as explicações para a emergência da experiência transexual devem ser buscadas nas articulações históricas e sociais que produzem os corpos-sexuados e que têm na heterossexualidade a matriz que confere inteligibilidade aos gêneros. Ao mesmo tempo propõe que o suposto “transexual verdadeiro”, construído pelo saber médico, que tem como objetivo final para implementação da masculinidade/feminilidade a realização das cirurgias de transgenitalização, esbarra em uma pluralidade de respostas para os conflitos entre corpo, sexualidade e identidade de gênero internas à experiência transexual.

Em 2011, Bento recebeu o Prêmio Direitos Humanos, na categoria Igualdade de Gênero, considerado a mais alta condecoração do governo brasileiro a pessoas e entidades

que se destacaram na defesa, na promoção e no enfrentamento e combate às violações dos Direitos Humanos no país. Outras publicações de Berenice Bento: *Estrangeira: uma paraíba em Nova Iorque* (Annablume, 2016); *Homem não tece dor: queixas e perplexidades masculinas* (EDUFRN, 2013); *O que é transexualidade* (Coleção Primeiros Passos/Brasiliense, 2008).

Dagmar Estermann Meyer é doutora em Educação (1999) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com pós-doutorado no Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (2005). Atualmente é professora aposentada colaboradora convidada, com credenciamento ativo, no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, onde atua na linha de pesquisa educação, sexualidade e relações de gênero. Ela integra o GEERGE, vinculado à UFRGS - desde sua criação, em 1990. Seus interesses de pesquisa majoritários estão vinculados ao estudo e análise de políticas públicas de inclusão social, no âmbito das quais vem investindo na discussão da politização contemporânea do feminino e da maternidade. Junto com Paraíso, organizou o livro "Metodologias de Pesquisas Pós-críticas em Educação".

Marlucy Alves Paraíso é professora titular da Faculdade de Educação (FAE) e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), coordenadora do GECC: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Currículos e Culturas da FAE/UFMG. Além da parceria com Meyer ela também é Organizadora e coordenadora da Série de livros "Memórias, Docências e Currículos" da Editora Brazil Publishing. Todos os seus trabalhos de ensino, pesquisa, extensão e orientação têm como foco os currículos escolares e não escolares. Investigando e orientando teses de doutorado e dissertações de mestrado principalmente nos seguintes temas: currículo e diferença, currículo e culturas, políticas de currículos, currículo e gênero, currículos e outros artefatos.

Jane Felipe é graduada pela UFRJ em Licenciatura Plena em Psicologia, mestrado em Educação pela UFF – Universidade Federal Fluminense; doutorado em Educação pela UFRGS e pós doutorado na área de Cultura Visual, pela Universidad de Barcelona. Atualmente é professora associada IV da Faculdade de Educação da UFRGS. Integra o GEERGE vinculado à linha de pesquisa Educação, Sexualidade e Relações de Gênero, do PPGEDU/FACED/UFRGS, bem como é fundadora e integrante do GEIN – Grupo de Estudos em Educação Infantil e Infâncias, da mesma instituição. Atua principalmente

com os seguintes temas: corpo, gênero, sexualidade, infância, educação infantil, educação sexual na escola, pedofilia e pedofilização como prática social contemporânea.

No artigo “Gênero e sexualidade nas pedagogias culturais: implicações para a educação infantil”, Jane Felipe de Souza problematiza as relações existentes entre pedagogia, gênero e sexualidade na educação infantil, a partir da perspectiva dos Estudos Culturais e dos Estudos Feministas. A autora considera que a pedagogia e o currículo devem ser compreendidos a partir de sua intrínseca relação com as questões históricas, políticas e culturais, todas elas envolvidas nas tramas do poder, no sentido que lhe confere os conceitos de Michel Foucault.

Felipe, no texto “Gênero, sexualidade e a produção de pesquisas no campo da educação: possibilidades, limites e a formulação de políticas públicas”, que tem por objetivo discutir a produtividade do conceito de gênero como ferramenta teórica e política, abala certezas tão firmemente alicerçadas em torno das diferenças biológicas, que serviram durante muito tempo para justificar as desigualdades entre homens e mulheres. A consolidação dos Estudos de Gênero, dos Estudos Gays e Lésbicos e da Teoria *Queer* no campo acadêmico traz a possibilidade de pensar que existem muitas formas de viver as masculinidades e as feminilidades e que estas são construções sociais e culturais, elaboradas minuciosamente por inúmeros discursos, áreas de conhecimento e instituições.

Fernando Seffner é graduado em Licenciatura Plena em História e Geologia pela UFRGS, com mestrado em Sociologia e doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação UFRGS. Professor Associado IV da Faculdade de Educação da UFRGS Departamento de Ensino e Currículo. Docente e orientador junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) na linha de pesquisa Educação, Sexualidade e Relações de Gênero, com ênfase temática nas pedagogias de construção das masculinidades. Seffner tem forte atuação em pesquisas e orientações, investigando processos de produção, manutenção e modificação das masculinidades, situações de vulnerabilidade à AIDS. Ele desenvolve seu trabalho fazendo conexões entre direitos humanos e políticas públicas de gênero e sexualidade, teorizações queer, interseccionalidade e marcadores da diferença. É atualmente responsável pelo do Grupo GEERGE/PPGEDU/UFRGS e integrante da equipe de três outros grupos de pesquisa: o LISTHE Laboratório de Ensino de História e Educação FAGED IFCH CAP UFRGS, o Núcleo de Estudos e Pesquisas em AIDS NEPAIDS USP e Grupo Educação, Redes Sociotécnicas e Culturas digitais da UFBA.

Seffner, no texto “Escola pública e professor como adulto de referência: indispensáveis em qualquer projeto de nação” (2016), discute a natureza e as tarefas do espaço público no Brasil, contextualizando a função pedagógica da escola pública como local de alfabetização e de sociabilidade de espaço público e dos ideais republicanos, que difere da sociabilidade familiar. O professor público é uma função de estado. Essas características têm sido notavelmente esquecidas em muitos debates, o que compromete o caráter público da educação e o importante papel que ela pode ter na construção de um país com densidade democrática e expertise científica e assim os/as alunos/as aprendam a conviver com a diversidade.

Além desses/as estudiosos/as acima, que também foram orientadores/as das pesquisas selecionadas nesse mapeamento, citamos também as/os professoras/es que mais orientaram as pesquisas catalogadas nesse trabalho: Maria Eulina Pessoa de Carvalho, Paula Regina Costa Ribeiro, Claudia Pereira Viana, Luci Regina Muzetti, Célia Regina Rossi, Paulo Rennes Marçal Ribeiro, Maria Helena Santa Cruz, Arilda Inês Miranda Ribeiro, Rosangela Tenório de Carvalho, Tânia Mara Cruz, Alfrâncio Ferreira Dias, Anderson Ferrari e Maria de Fátima Salum Moreira, conforme gráfico 14, localizado no item 4.2 desta dissertação.

2.2 EDUCAÇÃO PARA A DIVERSIDADE

As pessoas que perseguem e problematizam a discussão sobre gênero e sexualidade nas escolas dizem que ela promove uma desorganização social, que resumidamente constitui uma ameaça às crianças. O termo “ideologia de gênero” está sendo usado para dizer que a discussão do tema na escola tem como intuito alienar e erotizar os/as alunos/as. Colocam-se as crianças como vítimas e difundem que a discussão dessa temática distorce os conceitos de homem e mulher, o que levaria ao término do conceito único de família adotado: aquela formada somente por homens e mulher cisgêneros e heterossexuais. Passamos, então, a discutir esses e outros termos e conceitos importantes no atual campo da educação brasileira.

2.2.1 “Ideologia de Gênero” e Escola Sem Partido

Com intuito de desqualificar os estudos sobre gênero e reivindicações do movimento LGBTI+, a terminologia “ideologia de gênero” apareceu pela primeira vez

em abril de 1998, em uma nota da Conferência Episcopal do Peru, intitulada “La ideologia de género: sus peligros y alcances”, que foi produzida pelo ultraconservador bispo auxiliar de Lima. Logo depois, “o termo aparece pela primeira vez em um documento da Cúria Romana, com a publicação de Família, Matrimônio e “uniões de fato”, de 26 de julho de 2000, pelo Conselho Pontifício para a Família (JUNQUEIRA, 2017). Depois dessas afirmações, o termo vem sendo usado por pessoas conservadoras e retrógradas para tentar silenciar as discussões pertinentes à diversidade sexual e de gênero nas escolas. Essa concepção acaba dificultando a criação de políticas públicas que beneficiem direitos e ações para prevenir e combater a violência de gênero e a sexual.

Esse movimento exige que os/as professores/as não toquem nesse assunto, defendendo que a discussão só poderia ser feita pelos pais dos alunos. Por isso, está ocorrendo uma grande mobilização para que os termos sobre gênero, igualdade de gênero, identidade de gênero e orientação sexual, sejam excluídos de qualquer documento educacional. Assim, alguns estados e municípios estão retirando as palavras relacionadas ao gênero de seus documentos finais, após sofrerem pressões do fundamentalismo religioso.

Tais acontecimentos fizeram com que o CNE (Conselho Nacional de Educação), órgão vinculado ao Ministério da Educação, emitisse uma nota pública (CNE, 2015) encaminhada para as Assembleias Legislativas, Câmara Legislativa do Distrital Federal, Câmaras de Vereadores, Conselhos Estaduais, Distrital e Municipais de Educação e à sociedade brasileira onde manifesta surpresa e preocupação com os Planos de Educação elaborados pelos entes federativos que: Têm omitido, deliberadamente, fundamentos, metodologias e procedimentos em relação ao trato das questões relativas à diversidade cultural e de gênero (...) sobre o qual não pode permanecer qualquer dúvida quanto à propriedade de seu tratamento no campo da educação. (...) a ausência ou insuficiência de tratamento das referidas singularidades fazem com que os planos de educação que assim as trataram sejam tidos como incompletos e que, por isso, devem ser objeto de revisão (CNE, 2015, p. 2).

Para comprovar essa perseguição por parte de alguns fundamentalistas religiosos, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, instituição que congrega os Bispos da Igreja Católica no país, divulgou uma nota assinada pela sua presidência, criticando os estados e municípios que incluíram questões concernentes a gênero em seus Planos de Educação:

Com senso de responsabilidade, vivendo numa sociedade plural, esperamos que o Plano Municipal de Educação a ser votado neste mês, evite qualquer inserção ou imposição da assim chamada “ideologia de gênero.” Baseado e defendendo o valor da família que nos é apresentado nas Escrituras Sagradas, como Bispo da Diocese de Parnaíba, venho pedir a todas as pessoas de boa vontade, os vereadores e prefeitos inclusive, que apreciam e estimam a família como célula mãe da sociedade que não aprovem no PME a imposição da ideologia de gênero. Que Deus abençoe a todos que trabalham na edificação humana de nossas crianças, adolescentes e jovens. (CNBB, 2015)

Tendo posicionamentos diferentes de algumas congregações cristãs sobre a noção de verdade e o que seja certo ou errado diante de Deus, é possível analisar o investimento de teologias políticas como mensagens divinas na organização social e política da sociedade, bem como na elaboração de modos de condução moral e de experiências religiosas pelos sujeitos. Especialmente a partir da íntima relação dos discursos religiosos com a verdade. Foucault (2006) argumenta que as verdades são deste mundo, produzidas a partir de coerções e produtoras de efeitos regulamentados de poder e verdades.

Historicamente, a escola foi estruturada como sendo um produto tutelado pelo cristianismo em aliança com o poder do Estado, com pequenas variantes. Sempre foi e ainda é governado pelas elites nacionais a serviço de interesses do patriarcado e do capitalismo. Assim, a escola reflete em seu ambiente todas as práticas de segregação, dominação e hierarquização. É nesse ambiente que, através de símbolos como crucifixos, imagens de mártires santificados ou não, os meninos e meninas, pobres e ricos, héteros e homossexuais, brancos e negros recebem as primeiras instruções fora do ambiente familiar de como se moldar como futuros cidadãos/ãs, gerando práticas violentas derivadas dessa binaridade que provoca desigualdades (CRUZ, 2013).

Demonstrando essa hierarquia de saber-poder e dominação, em 2018, as cidades de Estância, Umbaúba e Itaporanga, no Estado de Sergipe, aprovaram projetos de lei que retiram o que eles denominam de “Ideologia de Gênero” dos planos municipais de educação desses municípios. Foram políticos religiosos que submeteram à aprovação esses projetos que contrariam decisões do Ministério Público Federal e até mesmo do Supremo Tribunal Federal, que já declarou a inconstitucionalidade de tais decisões, pois os municípios não têm competência para legislar sobre critérios da Educação Brasileira, já que o Conselho Nacional de Educação tem essa função.

Diante desses fatos, nota-se uma falta de compreensão da sociedade sobre as questões de gênero, provocando a perseguição e demonização dos estudos de gêneros,

baseadas em preceitos religiosos e moralistas, contribuindo para que as violências sofridas por mulheres e LGBT's cresçam, já que a base desses comportamentos agressivos é a falta de informação e a visão distorcidas sobre esses grupos. Se esses temas não são discutidos nas escolas e tampouco no ambiente familiar, fica difícil diminuir comportamentos preconceituosos, agressivos e a enorme desigualdade de gênero que ainda existe em nossa sociedade, bem como combater esse sistema patriarcal machista que é a base dessas violências. Para isso, precisamos urgentemente conhecer, discutir, questionar e (des)construir alguns conceitos de gênero, sexualidade que sempre foram construídos numa visão heterocisnormativa e dicotômica sobre os comportamentos, desejos e os corpos.

2.2.2 Desafios da Educação

A “fabricação” de indivíduos pela escola, de acordo com Foucault, retrata bem essa triste realidade que estamos vivenciando atualmente. Com modos e pensamentos moldados previamente para serem objetos e instrumentos no exercício social, via de regra os/as alunos/as são divididos em suas tarefas por gênero. Aos meninos são dadas as atividades mais “brutas” e “agitadas”, e às meninas, atividades mais “dóceis”. Quando se foge dessa lógica, um sinal de alerta é acionado, apontando-se um “desvio” de conduta do(a) menino(a). Um dos sinais menos evidentes de segregação se dá no trato entre alunos e alunas na gramática, quando se expressa sempre no masculino mesmo quando há maioria de meninas no grupo (LOURO, 2011).

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 2006, p. 12).

Sabemos que os discursos religiosos cristãos sempre influenciaram as relações e práticas sociais como discursos de verdade absoluta, “discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer” (FOUCAULT, 2008, p. 22). Discursos esses que são vistos e acolhidos pela sociedade, funcionando quase sempre como verdadeiros, sempre num caráter impositivo e

doutrinário. Como analisa Foucault (2008), o pertencimento doutrinário se constrói com a partilha, por um conjunto de indivíduos, de um só e mesmo conjunto de discursos, pelo reconhecimento das mesmas verdades e pela conformidade com os discursos validados. Assim, a doutrinação aprisiona as pessoas a alguns tipos de enunciação, proibindo outros, ou seja, por mais que o discurso religioso-cristã proíba os enunciados que lhe são exteriores, precisa deles para estabelecer sua singularidade, sua diferença.

No entanto, é preciso compreender também que numa perspectiva das teorias pós-críticas do currículo com o estudo e o questionamento das relações e dicotomias de gênero e da pedagogia feminista, que questiona também as desigualdades de gênero, em que os homens sempre se apropriaram, de forma diferenciada em relação às mulheres, dos recursos materiais e simbólicos da sociedade, não só do poder-saber, mas também da educação e do currículo. Para Tomaz Tadeu da Silva “a sociedade está feita de acordo com as características do gênero dominante, isto é, o masculino” (SILVA, 2005, p. 93). Assim, em uma análise feminista, a ciência sempre foi construída a partir de uma perspectiva masculina.

A análise de gênero não se restringe somente aos estudos das mulheres e da população LGBT, por isso é fundamental a questão da masculinidade. Como convivemos com uma educação que coloca os homens em condição de superioridade em relação às mulheres, os estudos de gênero também contribuiriam na diminuição das diferenças e violências derivadas dessa ideia de superioridade dos homens. Também para Silva (2005, p.95), a “análise de gênero’ não é sinônimo de ‘estudo das mulheres’” já que existem várias implicações sobre a formação da masculinidade e sua posição privilegiada de poder e como o currículo é responsável pelas formas de violência, controle e domínio. Assim, “as questões de gênero têm implicações que não são apenas epistemológicas: elas têm a ver com problemas e preocupações que são vitais para o mundo e a época em que vivemos” (SILVA, 2005, p. 96).

Então é de fundamental importância que estudos sobre as questões de gênero e sexualidade se desenvolvam a partir da diversidade de frentes (acadêmica e movimentos sociais) para que problemas que ocorrem no cotidiano escolar, que provocam comportamentos preconceituosos e violentos contra as mulheres e a população LGBTQI+ sejam reduzidos.

Assim, percebe-se que cada vez mais, estudiosos/as e pesquisadoras/as, indo na contra mão de políticos e religiosos reacionários, estão desenvolvendo diversas pesquisas

em todo Brasil, apontando a importância dessas discussões no âmbito escolar, universitário e em todos os espaços que envolvam educação. A Ciência produzida nesses trabalhos evidencia como meninos e meninas se constituem a partir de salas de aula, materiais pedagógicos e práticas docentes. Denuncia os efeitos de uma escola preconceituosa e heterocisnormativa, excluindo e expulsando certos grupos do ambiente escolar.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Para desenvolver essa pesquisa foi realizada um “Estado da Arte” das teses e dissertações das regiões e Norte e Nordeste que estão cadastradas no BDTD, encontrando 107 pesquisas desde o ano de 1999. Inicialmente, mapeamos 403 trabalhos em todo Brasil que envolvem os temas de gênero, sexualidade e educação, fazendo assim um mapeamento quantidade, apresentando um recorte das instituições. Em seguida fizemos uma análise mais aprofundada sobre os recortes por objeto foco de estudo desse levantamento bibliográfico.

3.1 FUNDAMENTOS DO ESTADO DA ARTE

Para desenvolver essa pesquisa, foi escolhida a realização de um estudo do Estado da Arte das teses e dissertações realizadas nos programas de pós-graduação no Brasil. A finalidade desta pesquisa é conhecer o que já foi produzido sobre gênero, sexualidade e corpo na educação buscando compreender quais as contribuições para a educação brasileira. Romanowski e Ens (2006) afirmam que para desenvolver a pesquisa tipo estado da arte ou estado do conhecimento é necessário compreendê-la como um estudo descritivo, pois produz uma situação com uma condição específica e de amostra aleatória e também analítica.

O estado da arte é uma modalidade de pesquisa de caráter bibliográfico, que visa fazer uma síntese integrativa do conhecimento sobre um determinado tema, comumente a partir de teses e dissertações, mas que pode incluir artigos publicados em periódicos e até mesmo comunicações em anais de congressos e seminários. O desafio é mapear e discutir a produção acadêmica em determinado campo do conhecimento, buscando responder que aspectos vêm sendo destacados em diferentes épocas e lugares e de que formas e em que condições essa produção vem sendo engendrada.

Romanowski e Ens (2006) apresentam os seguintes passos para a realização de uma pesquisa tipo estado da arte: definição dos descritores para direcionar as buscas a serem realizadas; localização dos bancos de pesquisas, teses e dissertações, catálogos e acervos de bibliotecas, biblioteca eletrônica que possam proporcionar acesso a coleções de periódicos, assim como aos textos completos dos artigos; estabelecimento de critérios para a seleção do material que compõe o *corpus* do estado da arte; -levantamento de teses e dissertações catalogadas; coleta do material de pesquisa, selecionado junto às bibliotecas de sistema COMUT (Programa Brasileiro de Comutação Bibliográfica) ou

disponibilizados eletronicamente; leitura das publicações com elaboração de síntese preliminar, considerando o tema, os objetivos, as problemáticas, metodologias, conclusões, e a relação entre o pesquisador e a área; organização do relatório do estudo compondo a sistematização das sínteses, identificando as tendências dos temas abordados e as relações indicadas nas teses e dissertações e análise e elaboração das conclusões preliminares.

Para Ens e André (2005), os questionamentos possíveis sobre resultados de estudos de Estado da Arte são: Como a produção atual efetivamente contribui para o avanço do conhecimento da área? Qual a relevância e a consistência do conhecimento produzido, considerando-se as categorias e subcategorias analisadas? Quais são as consequências políticas, sociais, metodológicas, resultantes desses estudos? Quais as contribuições desses estudos para o cotidiano escolar dos professores? Quais as possibilidades de generalização, a partir de similaridades e integração dos resultados das diversas regiões e que exigem iminência nas políticas públicas? Os estudos sobre a temática podem auxiliar o delineamento de políticas públicas? Quais políticas e estratégias têm sido executadas a partir da produção diretamente relacionada ao tema?

A metodologia denominada “estado da arte” pode ser considerada uma representação gráfica, como em um mapa, constituindo-se como uma importante fonte de informação e permitindo obter vários dados sobre o tema de investigação. Ainda de acordo com a autora, “em um estado da arte está presente a possibilidade de contribuir com a teoria e prática de uma área do conhecimento” (ROMANOWSKI; ENS, 2006, p. 40). Assim, foi feito inicialmente uma leitura inicial dos resumos das teses e dissertações encontradas na BDTD para selecionar as que se encaixavam com o objeto da pesquisa.

É importante identificar que nem todos os resumos que primeiramente foram lidos são estruturados da mesma maneira e que muitas vezes se percebe durante a análise a falta de um ou mais itens convencionais. Porém, segundo Ferreira (2002, p. 269) “o resumo permite outras descobertas, se lido e interrogado para além dele mesmo, quando lido numa prática criadora vivida fora dos preceitos previstos pelo autor do resumo”. Dessa forma, é necessária uma leitura mais aprofundada de todos os trabalhos encontrados para alcançar uma visão geral do que foi apresentado pelos estudos selecionados e, assim, fazer uma avaliação mais criteriosa e eficaz.

A pesquisa quanti-qualitativa está sendo utilizada por defender a convergência de ambas as abordagens como alternativa a ser seguida nas ciências humanas, superando a dicotomia quantitativa-qualitativa. Esta defesa se pauta no entendimento de que o

qualitativo e o quantitativo se complementam e podem ser utilizados em conjunto nas pesquisas, possibilitando melhor contribuição para compreender os fenômenos educacionais investigados, que a cada vez mais se apresentam a partir de múltiplas facetas.

Objetivando sistematizar a utilização da pesquisa quanti-qualitativa, os autores Creswell e Clark (2007) definem quatro desenhos metodológicos da abordagem mista: 1 triangulação, que busca comparar e contrastar dados estatísticos com dados qualitativos obtidos simultaneamente; 2 embutido, no qual um conjunto de dados (quantitativos) apoiam os outros dados (qualitativos) ou vice-versa, ambos também obtidos simultaneamente; 3 explanatório, no qual dados qualitativos são utilizados para explicar resultados quantitativos ou vice-versa; e 4 exploratório, cujos resultados qualitativos contribuem para o desenvolvimento do subsequente método quantitativo. Conforme os autores, a combinação de duas abordagens pode possibilitar dois olhares diferentes, propiciando uma visualização ampla do problema investigado.

A combinação dos dados qualitativos e quantitativos pode se efetivar através de três formas: por convergência, na fusão do quantitativo e qualitativo durante a fase de interpretação ou análise os dados; por conexão, quando a análise de um tipo de dado demanda um segundo tipo de dado; e por acoplamento que, por sua vez, resulta da introdução de um tipo tanto em um desenho, quanto em dados de outro tipo.

Flick (2004) diz que a convergência dos métodos quantitativos e qualitativos proporciona mais credibilidade e legitimidade aos resultados encontrados, evitando o reducionismo a apenas uma opção. Dentre as contribuições da pesquisa quanti-qualitativa/quali-quantitativa, o autor destaca: reúne controle de vieses (métodos quantitativos) com compreensão, a partir dos agentes envolvidos na investigação (métodos qualitativos); agrega a identificação de variáveis específicas (métodos quantitativos) com uma visão global do fenômeno (métodos qualitativos); enriquece constatações obtidas sob condições controladas com dados obtidos dentro do contexto natural de sua ocorrência; e a validade da confiabilidade das descobertas pelo emprego de técnicas diferenciadas.

No processo de pesquisa como um mosaico que descreve um fenômeno complexo a ser compreendido é fácil entender que as peças individuais representem um espectro de métodos e técnicas, que precisam estar abertas a novas ideias, perguntas e dados. Ao mesmo tempo, a diversidade nas peças deste mosaico inclui perguntas fechadas e abertas,

implica em passos predeterminados e abertos, utiliza procedimentos qualitativos e quantitativos (GÜNTHER, 2006, p. 202).

Considerando as problematizações apresentadas até aqui, percebemos que há ainda pouca informação sobre as dissertações e teses que foquem em gênero e sexualidade no norte e nordeste brasileiro. Isso dificulta que as contribuições provindas dessas investigações possam promover processos que repercutam na melhoria da qualidade de ensino e no próprio desenvolvimento da área de pesquisa. A partir desse panorama, essa pesquisa tem como objetivo mapear as pesquisas científicas em educação sobre gênero, sexualidade realizadas pelos programas de pós-graduação nas instituições de ensino superior das regiões Norte e Nordeste do Brasil. Para conseguir atingir o objeto proposto nessa dissertação, determinamos os seguintes objetivos específicos:

- ✓ Identificar os principais objetos de estudo;
- ✓ Explicitar quais agendas educacionais estão sendo silenciadas nas pesquisas;
- ✓ Apresentar os resultados das análises que podem fomentar políticas públicas educacionais;
- ✓ Apontar os modos pelos quais os sujeitos da educação têm ganhado visibilidade nas pesquisas;
- ✓ Levantar os conceitos de gênero, sexualidade em educação que são desenvolvidos nas teses e dissertações.

3.2 ETAPAS E PROCEDIMENTOS

O levantamento dessa pesquisa foi realizado entre fevereiro e junho de 2019, na plataforma digital BDTD, com os descritores “gênero, sexualidade, educação”, encontrando-se 713 teses e dissertações. Depois da triagem, foram identificados nos resumos as pesquisas relacionadas a processos educacionais, aquelas que o objeto envolvesse diretamente o processo de ensino/aprendizado em escolas e universidades e ou PCN's. Primeiramente, para uma análise geral que englobassem todo o país, foram mapeadas 403 trabalhos, 301 dissertações e 102 teses, conforme tabela 1 localizada no apêndice dissertação. Entre todas as pesquisas selecionadas, só encontramos 3 trabalhos que foram classificados como pesquisas profissionais, todas as outras são pesquisas acadêmicas

Depois da seleção, foi feita a leitura mais aprofundada das pesquisas para a realização da primeira etapa do estudo, conforme discriminado na tabela 1, classificando-as por: ano de defesa, em ordem crescente; título do trabalho; autor/a; gênero das/os autoras/es, tipo de pesquisa (tese ou dissertação); orientador/a; gênero dos/as orientadoras/es, instituição de ensino superior; estado; região; tipo de instituição (pública, privada, comunitária); programa de pós-graduação; objeto de investigação; nível de ensino, onde as pesquisas foram realizadas; metodologia utilizada; perspectiva teórica; órgão financiador, se a pesquisa foi financiada; tipo de pesquisa (acadêmica ou profissional) e por fim as pesquisas norte-nordeste, para fazer a análise qualitativa, selecionamos os recortes por objeto dos 107 trabalhos realizados nessas duas regiões.

As categorias apresentadas na seção quatro com os recortes institucionais, foram escolhidas com intuito de fazer um levantamento quantitativo, apresentando um espelho geral dessas produções acadêmicas para que possamos ter um panorama geral dessas pesquisas no Brasil, fazendo um paralelo com as produzidas nas regiões Norte e Nordeste.

Os dados estão apresentados na próxima seção, onde fizemos um levantamento qualitativo, apresentamos os gráficos e discussões sobre cada categoria, elencadas a partir de todas as dissertações que foram foco dessa pesquisa em todo o Brasil, fazendo uma análise comparativa com os trabalhos que encontramos nas regiões Norte e Nordeste, pesquisas essas que serão utilizadas para fazer a análise dos recortes por objeto de estudo na seção cinco.

Os pontos centrais para a análise desse mapeamento bibliográfico foram os recortes por objeto. Assim, selecionamos as pesquisas realizadas nas regiões Norte e Nordeste para fazer o Estado da Arte, analisando nesses trabalhos não só os recortes institucionais apresentados na seção quatro, bem como o recorte por objeto, encontrando 107 pesquisas. Dentre essas pesquisas, 40 têm como principal objeto de estudo o currículo, 24 formação docente, 23 práticas pedagógicas, 15 vivências de alunos/as e/ou professores e 5 recursos didáticos.

Depois de mapear os trabalhos com recortes por objeto, encontramos 98 pesquisas na região Nordeste e 9 na região Norte. Logo em seguida à primeira leitura, de acordo com os objetos acima citados, fizemos uma leitura mais aprofundada dessas dissertações, analisando os objetivos, as metodologias empregadas, os resultados e as informações mais relevantes apresentadas pelas suas/seus respectivas/os autoras/es, conforme discriminado na quinta seção dessa pesquisa.

Dos 107 trabalhos selecionados, separamos de acordo com os objetos acima citados e cada um foi descrito em um único parágrafo construído com os seguintes dados: nome do autor, título, ano da publicação, local da publicação, objetivos do trabalho, metodologia, objeto e os principais resultados. No final de cada levantamento e descrição das categorias: currículo, formação docente, práticas pedagógicas e vivências, fizemos algumas considerações a respeito dos dados encontrados.

Na categoria currículo encontramos 40 pesquisas que têm como objeto de estudo uma intersecção do objeto de pesquisa em currículo com gênero e sexualidade. Assuntos que envolvessem estudos dos princípios, parâmetros, diretrizes e fundamentos teórico metodológicos. Contemplando elementos das grades curriculares, seus objetivos educacionais, conteúdos, discussões do papel da escola e da universidade e avaliação de documentos como PCN e BNCC.

Encontramos 24 trabalhos que envolvem formação de professoras/es, tendo o foco investigativo relacionado à formação inicial de professoras/es, estudos de avaliação ou propostas de reformulação de cursos de formação inicial de professoras/es. Estudos voltados à formação continuada, aperfeiçoamento, atualização, capacitação, treinamento ou especialização de professoras/es.

Na categoria de práticas pedagógicas, encontramos 23 pesquisas que analisam a relação conteúdo-método na abordagem sobre gênero e sexualidade e como estes temas estão sendo apresentados pelas técnicas de ensino-aprendizagem. Também encontramos estudos a respeito de métodos e técnicas de experimentação, dramatização, entre outros. Trabalhos que propõem métodos alternativos para essas discussões e que descrevem e avaliam práticas pedagógicas e a metodologia de ensino.

Classificamos também a categoria vivências, em que foram levantadas 14 pesquisas que caracterizam as/os alunas/os e as/os professoras/es. Trabalhos que fazem o diagnóstico das condições sócio-econômicas e culturais das/os aluna/os, Identificando o conhecimento prévio da/o aluna/o e ou professor/a, suas estruturas intelectuais, modelos de pensamentos e suas concepções sobre gênero e sexualidade. Estudos das atitudes e características de alunas/os e professoras/es no contexto do processo de ensino-aprendizagem.

A última categoria apresentada é recursos didáticos, onde catalogamos cinco pesquisas que avaliam materiais ou recursos didáticos que envolvem gênero e diversidade sexual, como textos de leitura, livros didáticos, materiais de laboratório, filmes, computadores e outros recursos de informática, jogos e brinquedos. Trabalhos que

propõem e/ou aplicam e avaliam técnicas experimentais ou outros recursos e meios instrucionais, podendo ser no ensino formal ou extracurricular.

4 RECORTES INSTITUCIONAIS DA PRODUÇÃO ACADÊMICA

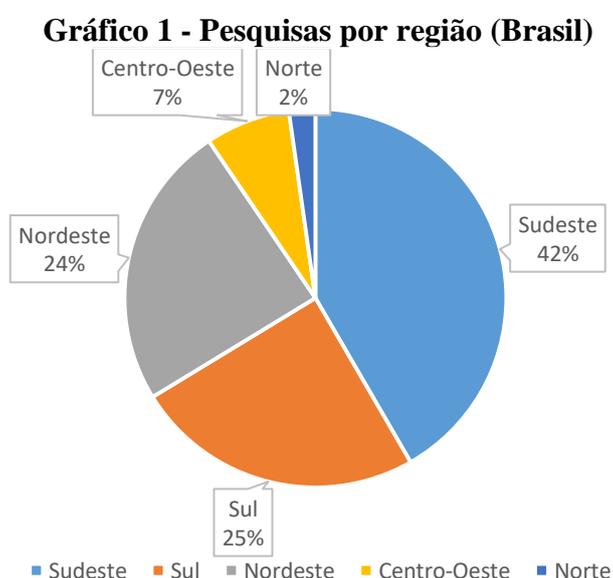
Nesta seção são discutidos os resultados provenientes do agrupamento de dados que denominamos por recortes institucionais, mapeados a partir das pesquisas selecionadas no banco de teses e dissertações. Analisamos, quantitativamente, as 403 pesquisas nacionais (301 teses e 102 dissertações) e, em específico, detivemo-nos nas 107 pesquisas defendidas em PPG do norte-nordeste. As categorias de agrupamento deram-se de acordo com: região; estado; ano de defesa; tipo de pesquisa (tese ou dissertação); tipo de instituição (pública, privada, comunitária); financiamento; orientador/a; programa de pós-graduação; perspectivas teóricas; ferramentas de pesquisa; e níveis de ensino sobre os quais as pesquisas foram realizadas.

Ferreira (2015) aponta que os estudos de gênero são recentes nas pesquisas brasileiras, dando-se, principalmente, em núcleos de estudos em instituições públicas a partir da década de 1970 e limitando-se a certas disciplinas acadêmicas que se restringiam a problematizar a situação das mulheres. Ferreira e Nunes (2010), ao analisarem pesquisas sobre estado de conhecimento em gênero e educação até o início dos anos 2000, apontam que, apesar do crescimento, há características recorrentes identificadas que expressam limites da produção: autoria predominantemente feminina; centralização da produção em algumas regiões e instituições; temáticas muito variadas, mas deixa a descoberto outras de pertinência para a agenda educativa; presença muito pequena de artigos sobre educação nas revistas feministas e de artigos sobre gênero nas revistas educacionais.

Com o crescente fortalecimento de grupos de estudo, organização de cursos e seminários, disseminação em diferentes disciplinas acadêmicas e criação de periódicos científicos especializados a partir da década de 1990 (FERREIRA, CORONEL, 2017), é fundamental analisar se e como o campo de pesquisa vem se diversificando e se consolidando no país. Por isso, ao analisarmos as pesquisas defendidas no Brasil entre o período de 1994 e 2018, temos o objetivo de problematizar quais forças sustentam o campo de gênero e sexualidade na educação, de apontar os principais focos de pesquisa e de pensar suas condições de produção no âmbito nacional e na região norte-nordeste.

4.1 REGIÕES E INSTITUIÇÕES

Ao analisarmos as 403 teses e dissertações, a região Sudeste foi a que realizou mais pesquisas envolvendo gênero e sexualidade dentro do contexto educacional, com 168 trabalhos, seguida pela região Sul com 99, Nordeste com 98, Centro-oeste com 29 e Norte com 9 pesquisas, conforme o gráfico 1. Esse predomínio do eixo sudeste-sul na produção acadêmica em gênero, sexualidade e educação também foi apontado pelas pesquisas de Ferreira e Nunes (2010) e de Ribeiro e Xavier-Filha (2013) ao analisarem os artigos publicados no período de 2000 a 2006 em Reuniões da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) e os dez anos de produção do GT 23 da ANPED, respectivamente.



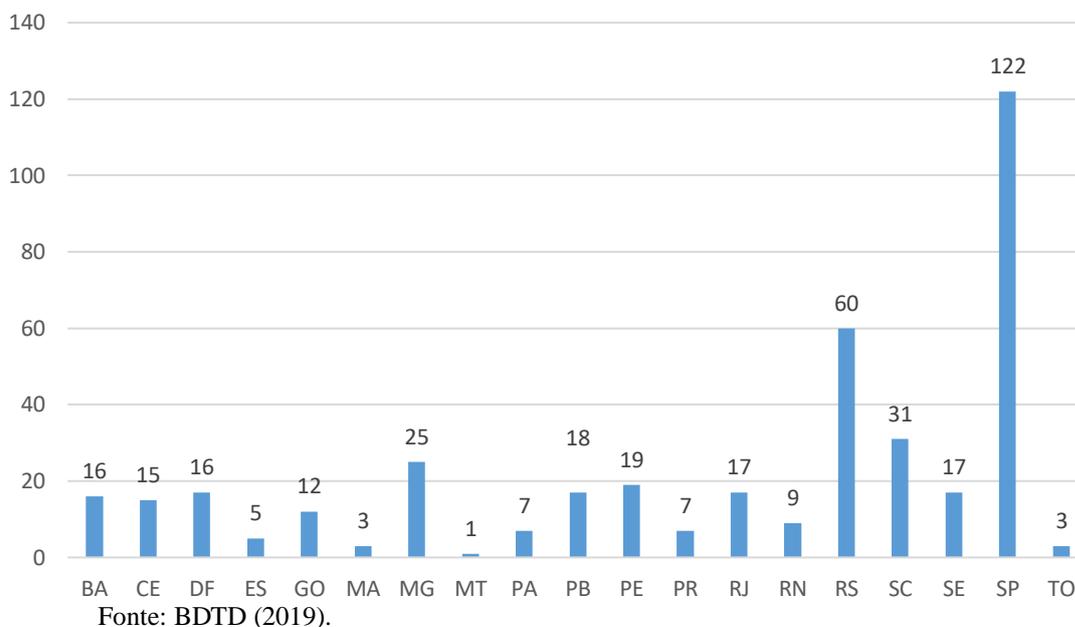
Fonte: BDTD (2019).

Vale destacar que todos os estados das regiões Sul e Sudeste realizaram pesquisas selecionadas neste estudo. Já a região Norte, onde foi encontrado o menor número de trabalhos, somente foram elaboradas pesquisas nos estados do Pará e Tocantins. Na região Nordeste, somente os estados de Alagoas e Piauí não realizaram pesquisas, e na região Centro-Oeste somente no estado do Mato Grosso do Sul não foi encontrada nenhuma pesquisa no Banco Digital de Teses e Dissertações da CAPES com os descritores estipulados pela pesquisa que embasa esta dissertação.

Fazendo uma análise de acordo com a quantidade de pesquisas realizadas pelos estados, nota-se que o São Paulo é o estado onde foram realizadas mais pesquisas, em um total de 122 produções, seguido pelo estado do Rio Grande do Sul com 60, Santa Catarina

com 31, Minas Gerais com 25, Pernambuco com 19, Paraíba com 18. Os estados do Rio de Janeiro, Sergipe e o Distrito Federal realizaram 17 trabalhos cada, seguidos pelos estados da Bahia com 16 e Ceará com 15. Os demais estados realizaram menos de 10 pesquisas, conforme o gráfico 2.

Gráfico 2 - Pesquisas por Estado (Brasil)



Ao destrincharmos a quantidade de pesquisas realizadas pelos estados das regiões Norte e Nordeste, verificamos que Pernambuco foi o estado onde foram realizadas mais pesquisas, com um total 19 produções, seguido pelo estado de Paraíba (18), Sergipe (17), Bahia (16), Ceará (15), Rio Grande do Norte (9), Pará (7) e os estados de Maranhão e Tocantins tiveram 3 pesquisas cada. Nos demais estados das regiões Norte e Nordeste não encontramos nenhuma pesquisa elaborada, conforme especificado no gráfico 3.

Gráfico 3 – Pesquisas por Estado (Norte e Nordeste)



Fonte: BDTD (2019)

Em levantamento recente, Felix (2018) mapeou os grupos de pesquisa em gênero e sexualidade vinculados a PPG de Educação na região Nordeste, totalizando 22 grupos ativos e atualizados, em um universo de 45 grupos nacionais. Esse número é expressivo, principalmente se considerarmos que tais grupos só foram impulsionados no início da década de 1990, a partir da criação da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero-REDOR (CARVALHO, FREITAS, SILVA, 2015), enquanto outras regiões haviam iniciado tal movimento décadas antes.

Dos grupos de pesquisa do Nordeste, 6 estão na Paraíba, 3 em Pernambuco e 3 no Piauí. Em Sergipe, Rio Grande do Norte, Bahia e Alagoas, há 2 grupos de pesquisa cada. No Ceará e Maranhão, há um grupo em cada (FELIX, 2018). Em certa medida, a produção no formato de teses e dissertações não acompanhou o quantitativo de grupos por estado do Nordeste, uma vez que o Piauí, por exemplo, não apresentou pesquisas. Na região Norte, por sua vez, há 5 grupos ou núcleos criados no Amazonas, Pará, Rondônia, Tocantins e Acre, sendo um grupo em cada estado (CARVALHO, FREITAS, SILVA, 2015).

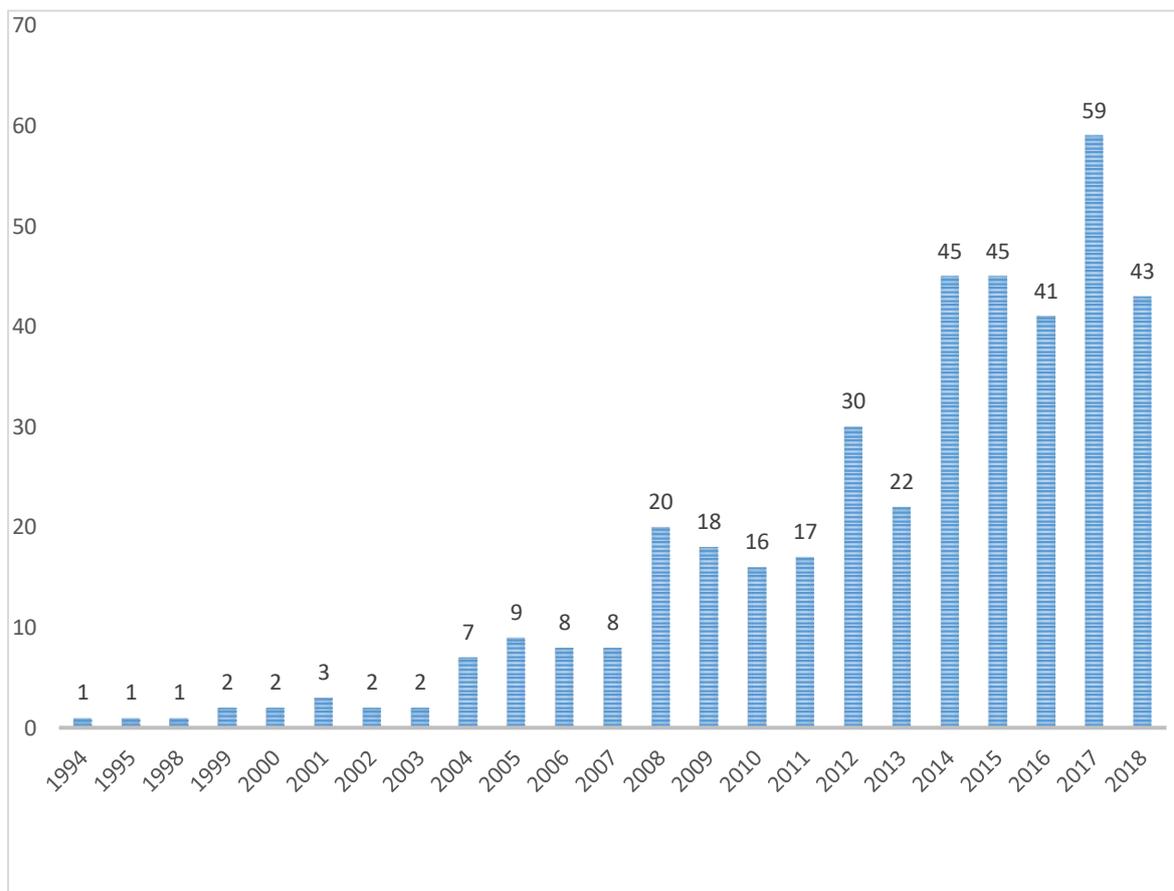
Em reflexão recente, a pesquisadora Eulina Carvalho (UFPB), asseverou que “no Nordeste a produção em gênero, sexualidade e educação se restringe à UFPB, UFMA e UFS; mesmo a UFBA, que tem cursos de graduação, mestrado e doutorado em gênero não alcança a ANPEd” (MEYER et. al, 2019, p. 8). Em relação à região Norte, disse que a produção nas temáticas do GT 23 se restringe à UEPA, com acréscimo da UFPA na última reunião da associação. Há, ainda, um importante fator histórico no surgimento de grupos feministas em outros estados do norte-nordeste que os ligavam mais aos movimentos políticos que acadêmico (FERREIRA, 2011).

Em outra pesquisa acerca da atuação dos grupos do norte-nordeste, Carvalho, Freitas e Silva (2015, p. 1) assinalaram que se trata de núcleos interdisciplinares de estudos de gênero que “desconstroem o conhecimento acadêmico tradicional, possibilitando aplicar a perspectiva de gênero a todos os objetos de conhecimento. Contudo, sofrem de insuficiente reconhecimento e fraca institucionalização na academia brasileira”. Talvez pelo caráter interdisciplinar, as pesquisas de tais grupos não foram capturadas pela nossa busca que incluía o termo “educação”.

Ao mapearmos as pesquisas nacionalmente, a busca foi realizada sem determinar o ano inicial, mas excluímos teses e dissertações do ano de 2019, pois não representariam o valor real, uma vez que há atraso nas postagens dos trabalhos após a defesa. Assim, o período compreendido foi de 1994 a 2018, correspondendo a 25 anos. A primeira pesquisa

encontrada com os descritores “gênero, sexualidade e educação” foi do ano de 1994, nos anos 1996 e 1997 não encontramos nenhum trabalho. Até 2007, notamos que houve uma evolução tímida em relação à quantidade de pesquisas, mas a partir do ano de 2008 percebemos um aumento considerável de trabalhos sobre o tema, tendo o pico de maior número em 2017, com 59 pesquisas realizadas, como podemos observar no gráfico 4.

Gráfico 4 – Pesquisas por Ano (Brasil)



Fonte: BDTD (2019).

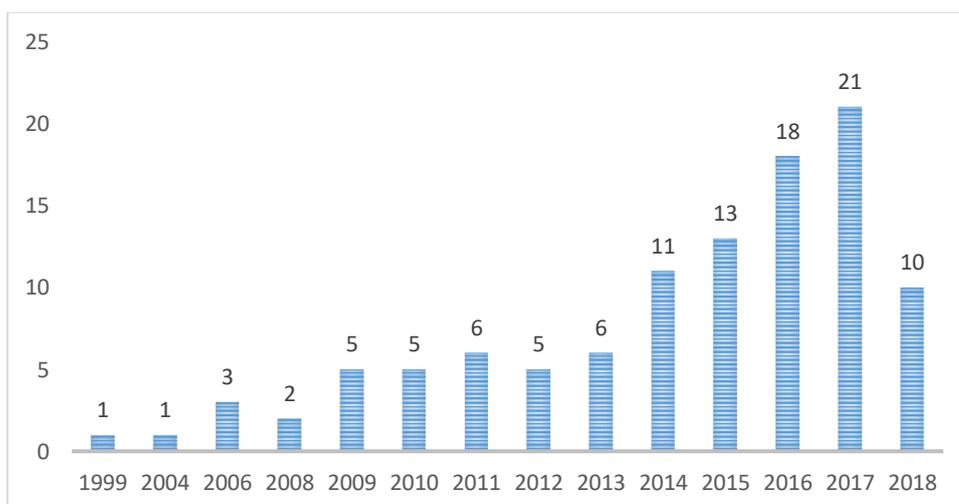
Não significa, porém, que as defesas de teses e dissertações no campo aqui em análise se deram somente a partir de 1994. Indica, apenas, que não encontramos pesquisas divulgadas no Banco de Teses e Dissertações da CAPES que tenham sido publicadas antes desse período. Como apontam Teixeira e Megid Neto (2012, p. 274), as teses e dissertações no país “são divulgadas insatisfatoriamente, sendo encontradas predominantemente apenas nas bibliotecas das instituições onde ocorreu a defesa”.

Podemos constatar, no entanto, que o volume de depósitos das pesquisas aumentou significativamente em 2008, o que representa um incremento no interesse em

pesquisar essa temática, com ingresso em programas de pós-graduação alguns anos antes. O crescimento de pesquisas sobre gênero e sexualidade em educação a partir dos anos 2000 “constituiu-se em uma conquista de muitos coletivos organizados no desenvolvimento de uma agenda preocupada com a abordagem de questões de gênero, sexualidade e direitos sexuais e reprodutivos em diferentes circunstâncias e contextos” (MEYER, et. al, 2019, p. 2). A partir de 2008, tal crescimento tem sido atribuído ainda ao surgimento do GT 23 da ANPED (FELIX, 2018) e às políticas públicas de educação desenvolvidas no período (FERREIRA, 2015).

Esse mesmo movimento foi encontrado no mapa das pesquisas do Norte e Nordeste, mas com um início mais tardio. Nessas regiões, encontramos dissertações sobre gênero, sexualidade e educação a partir do ano de 1999, com uma pesquisa. Depois disso, só encontramos mais pesquisas em 2006, com três trabalhos. Em 2008, encontramos duas pesquisas. A partir de 2009, a quantidade de pesquisa sobre o tema começou a crescer, sendo que mapeamos cinco pesquisas. Em 2010, manteve-se o número de cinco pesquisas, que aumento para seis em 2011, e voltou a cair para cinco em 2012. Em 2013, encontramos seis pesquisas. Em 2014, houve um aumento considerável, subindo para 11 pesquisas; em 2015 treze trabalhos, 2016 dezoito e em 2017 chegou ao maior quantidade do período com 21 teses e dissertações mapeadas. Já em 2018, essa quantidade caiu drasticamente para dez pesquisas, como podemos observar no gráfico 5, possivelmente pelo não depósito dos trabalhos no banco da CAPES.

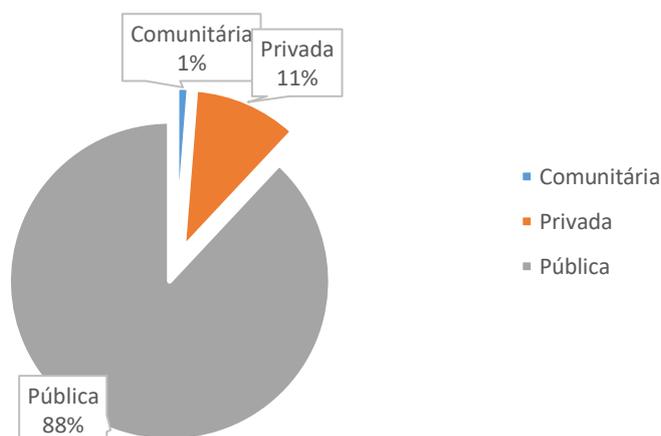
Gráfico 5 – Pesquisas por Ano (Norte e Nordeste)



Fonte: BDTD (2019).

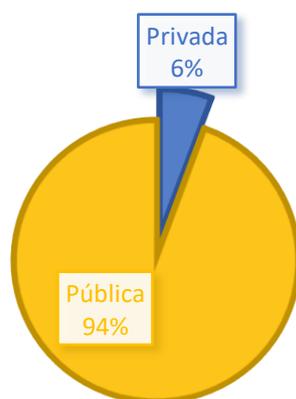
Analisando o tipo de IES por propriedade e gestão, observamos que a grande maioria das pesquisas foram realizadas em instituições públicas, com 355 trabalhos; as instituições privadas realizaram 43 e as instituições comunitárias realizaram 5, conforme gráfico 6. Quando realizamos o recorte para o Norte-Nordeste, a proporção é ainda maior, de acordo com o gráfico 7. Essas informações comprovam a importância das universidades públicas na elaboração de pesquisas científicas, contribuindo para o desenvolvimento da sociedade. Além disso, corrobora com outras pesquisas que avaliaram o campo de estudos de gênero e sexualidade em diferentes meios de publicação e apontaram para o desinteresse de instituições privadas em abordar esse tema (FELIX, 2018; FERREIRA, 2015).

Gráfico 6 - Pesquisas por tipo de IES (Brasil)



Fonte: BDTD (2019).

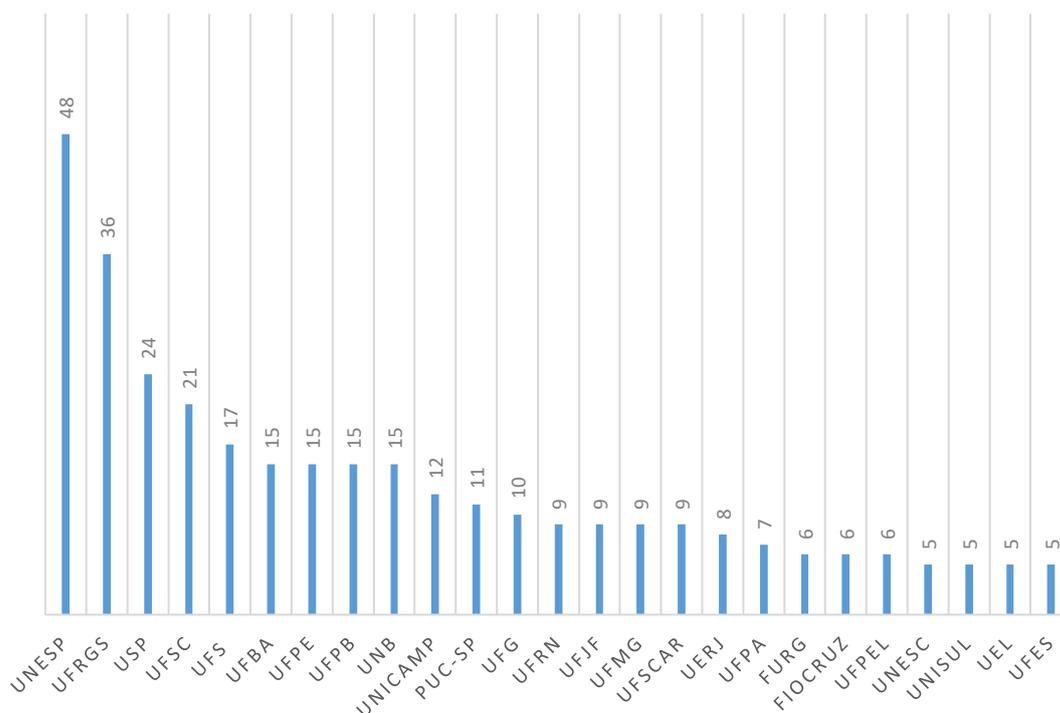
Gráfico 7 – Pesquisas por tipo de IES (Norte e Nordeste)



Fonte: BDTD (2019).

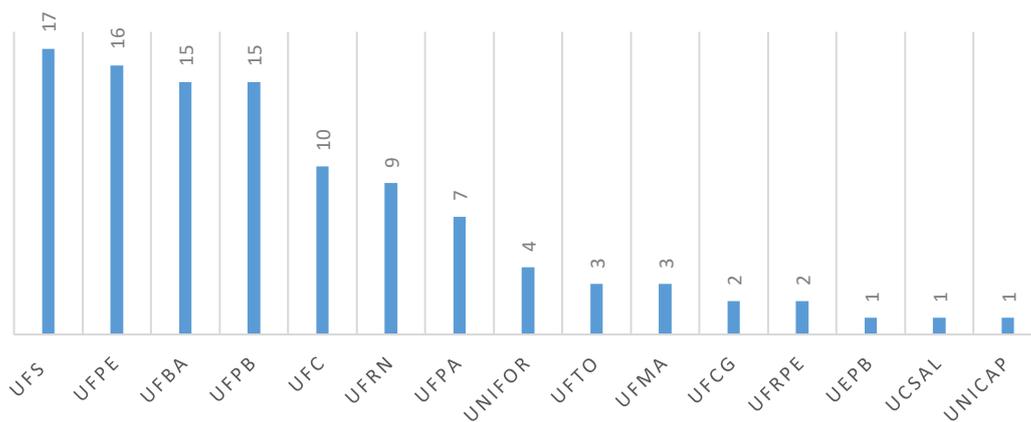
Entre as instituições nacionais de ensino superior, a UNESP foi a instituição que mais realizou pesquisas, com 48 trabalhos, seguida pela UFRGS com 36, USP com 24, UFSC com 21, UFS com 17. As instituições UFBA, UFPE, UFPB e UNB realizaram 15 pesquisas cada uma. Analisando a quantidade dos trabalhos desenvolvidos em cada instituição, percebemos que as quatro primeiras instituições estão localizadas na região Sudeste e as quatro seguintes ficam na região Nordeste. No gráfico 8 constam todas as IES que realizaram até 5 pesquisas no período de 1994 a 2018. As outras estão listadas no quadro 1 do apêndice.

Gráfico 8 – Pesquisas por IES (BRASIL)



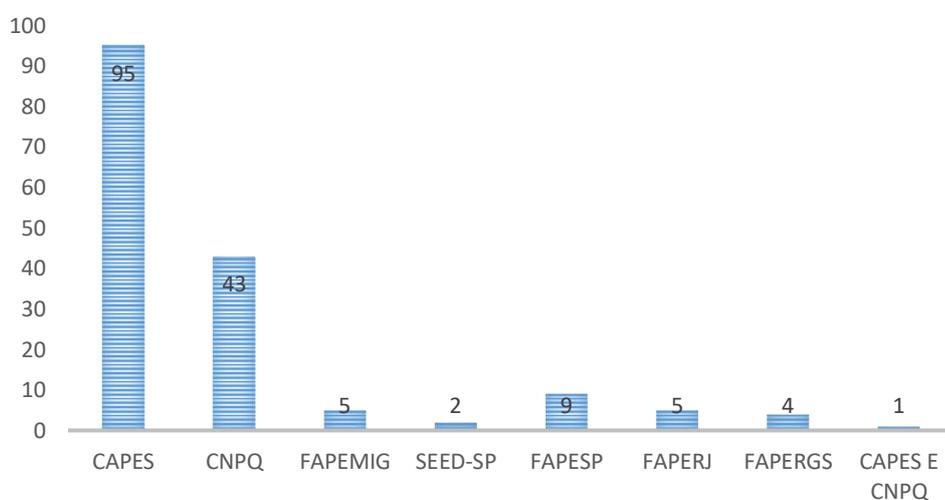
Fonte: BDTD (2019).

Entre as instituições de ensino superior que realizaram as pesquisas nas regiões Norte e Nordeste, a UFS foi a instituição que mais realizou pesquisas, com 17 trabalhos, colocando-se como primeira no Norte-Nordeste e a quinta a nível nacional. Em seguida, temos a UFPE com 16, UFBA com 15, UFPB com 15, UFC com 10, UFRN com nove, UFPA sete, UNIFOR quatro. UFTO e UFMA com três pesquisas cada, UFCG e UFRPE com duas. As instituições UEPB, UNICAP e UCSALPE realizaram uma pesquisa cada, conforme gráfico 9.

Gráfico 9 – Pesquisas por IES (Norte e Nordeste)

Fonte: BDTD (2019).

Das 403 pesquisas selecionadas para a realização desse mapeamento nacional, 164 tiveram apoio financeiro com bolsas de estudos promovidas pelas agências financiadoras em pesquisas acadêmicas: 95 foram financiadas pela CAPES, 54 pelo CNPq, 9 pela FAPESP, 5 pela FAPEMIG, 5 pela FAPERJ, 4 pela FAPERGS, 2 pela SEED-SP e 1 dividida pela CAPES e CNPQ, conforme representação do gráfico 10. Verificamos que há alguma relação entre estados que mais publicam nessa temática – SP, RS e MG – e financiamento de pesquisa com fomentos estaduais, mesmo que em número pouco expressivo. Estados que dependem exclusivamente de investimentos do CNPq e CAPES apresentam um número reduzido de teses e dissertações no campo de gênero, sexualidade e educação.

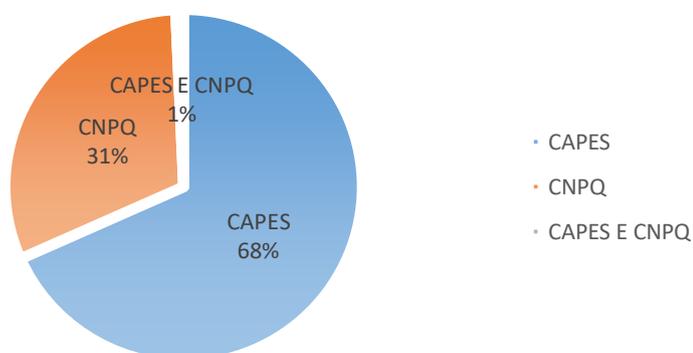
Gráfico 10 - Pesquisas Financiadas (Brasil)

Fonte: BDTD (2019).

Desse modo, ao relacionarmos os gráficos 8 – IES (Br) – e 10 – Financiamento (Br) –, evidenciamos o quanto que a consolidação de um campo ou de um núcleo institucional de pesquisa também depende de investimentos e não apenas de interesses. Semelhante conclusão foi apontada na pesquisa de Ferreira (2015), que associou quantitativos de pesquisa em gênero e instituições, apontando a própria distribuição desigual da pesquisa no país. Segundo a autora, a produção sobre gênero está “radicada com mais força em instituições mais bem situadas no ranking das universidades brasileiras, que vêm recebendo maior aporte de financiamento em pesquisa e cujos programas de pós-graduação têm sido mais bem avaliados” (FERREIRA, 2015, p. 7).

As regiões Norte e Nordeste, a partir do que foi mapeado nesta pesquisa e representado no gráfico 11, não tiveram suas agências de fomento financiando as temáticas de gênero e sexualidade na educação. Das 107 pesquisas mapeadas nessas regiões, 40 tiveram apoio financeiro com bolsas de estudos promovidas pelas agências financiadoras em pesquisas acadêmicas: 30 foram financiadas pela CAPES, 9 pelo CNPq e 1 dividida entre CAPES e CNPq.

Gráfico 11 – Pesquisas Financiadas (Norte e Nordeste)



Fonte: BDTD (2019).

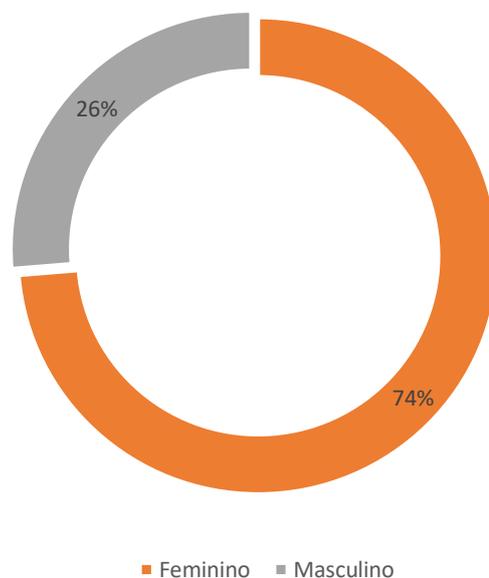
Se considerarmos a atual conjuntura de conservadorismo acerca das temáticas de gênero (PARAÍSO, 2018), a recente política do Ministério da Educação, por meio da CAPES, que prioriza investimentos em bolsas de mestrado e doutorado apenas em programas qualificados com notas de 5 a 7, e que alguns PPG ainda estão em processo temporal de consolidação, podemos prever que a discrepância de pesquisas entre algumas regiões e instituições de ensino do país só tende a aumentar.

Segundo reportagem do Jornal Folha de São Paulo de fevereiro de 2020, a partir de dados obtidos pela Lei de Acesso à Informação, as instituições do Nordeste perderam mais de 2 mil bolsas em 2019, chegando a 12% do total no país, sendo as áreas mais atingidas Engenharia, Educação e Medicina. Isso se configura como o maior corte proporcional entre as regiões do país, que foi seguido por 10% no Centro-oeste, 9% no Norte, 6% no Sudeste e 5% no Sul.

4.2 ORIENTAÇÕES E PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO

Do total das pesquisas selecionadas nacionalmente, 297 foram realizadas por pesquisadoras do gênero feminino e 106 pesquisadores do gênero masculino, mostrando que as mulheres são mais interessadas na realização de pesquisas sobre gênero e sexualidade, conforme o gráfico 12. Isso confirma o que já vem sendo apontado por outras pesquisas (FERREIRA, NUNES, 2010), principalmente porque foi na luta das mulheres por igualdade de direitos que surgiram e se consolidaram os estudos de gênero (MATOS, 2008).

Gráfico 12 – Pesquisadoras/es por gênero (Brasil)

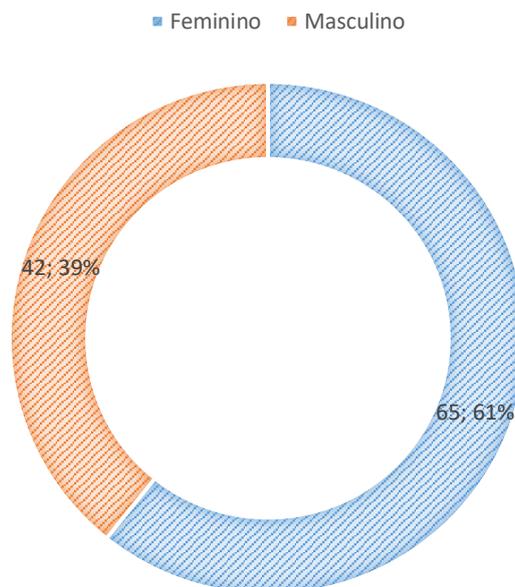


Fonte: BDTD (2019).

Do total das 107 pesquisas selecionadas no Norte e Nordeste, 65 foram realizadas por pesquisadoras do gênero feminino e 42 pesquisadores do gênero masculino,

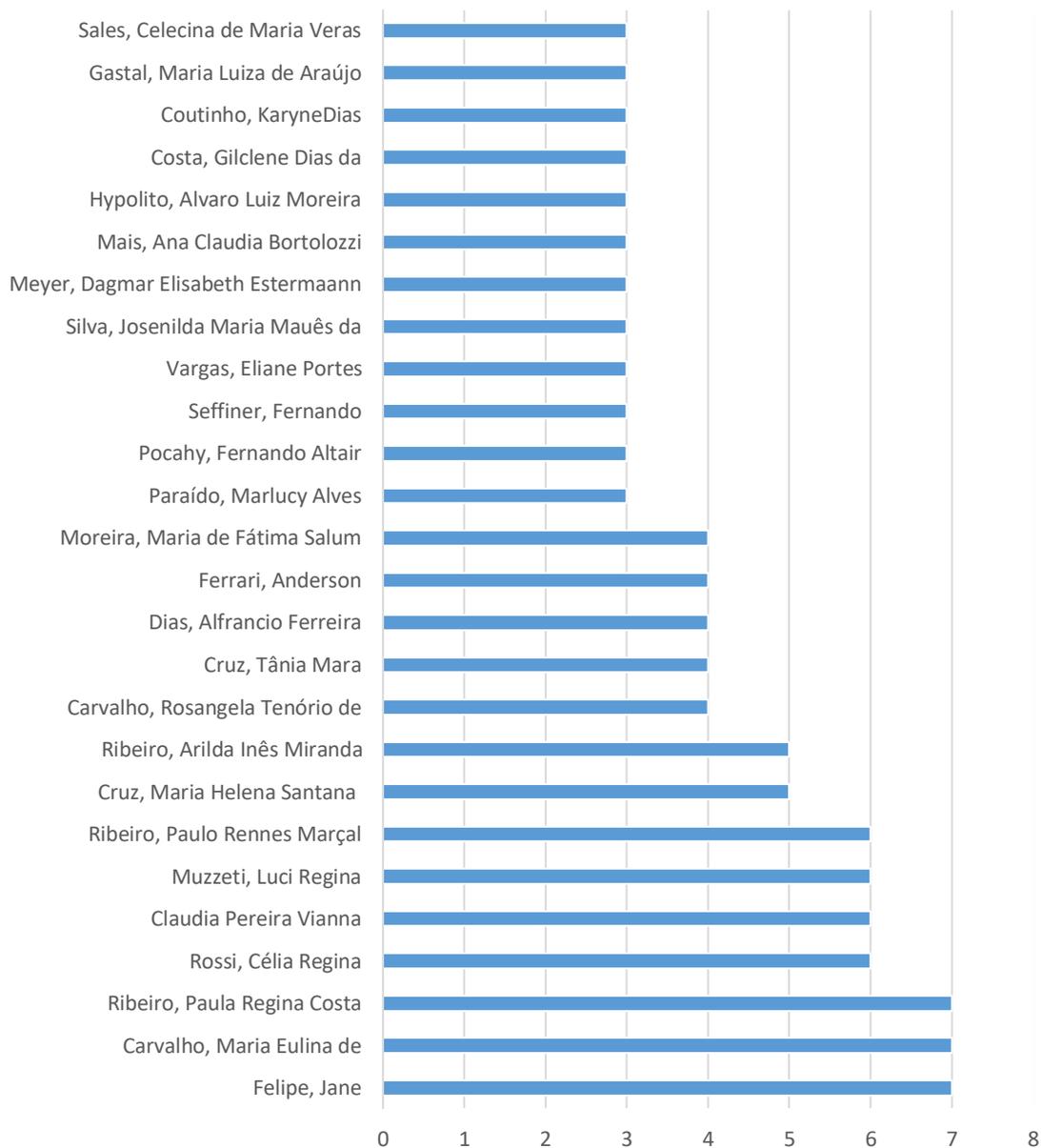
mostrando que as mulheres são mais interessadas na realização de pesquisas sobre gênero e sexualidade, conforme o gráfico 13. Assim, em relação aos dados nacionais, há maior equilíbrio.

Gráfico 13 – Pesquisadoras/es Por Gênero (Norte Nordeste)



Fonte: BDTD (2019).

Analisando as 403 pesquisas selecionadas nacionalmente, as/os orientadoras/es que mais contribuíram na realização das pesquisas sobre gênero e sexualidade em educação foram: Jane Felipe, Maria Eulina Pessoa de Carvalho e Paula Regina Costa Ribeiro, com 7 orientações cada; seguidas por Claudia Pereira Viana, Luci Regina Muzetti, Célia Regina Rossi e Paulo Rennes Marçal Ribeiro, com 6 orientações cada; Maria Helena Santa Cruz e Arilda Inês Miranda Ribeiro, com 5 trabalhos orientados cada; Rosangela Tenório de Carvalho, Tânia Mara Cruz, Alfrancio Ferreira Dias, Anderson Ferrari e Maria de Fátima Salum Moreira, com 4 orientações concluídas cada. As/os outras/os orientadoras/es que orientaram 3 pesquisas estão apresentados/as no gráfico 14 e os/as outros/as orientadores/as restantes constam no quadro 1 do apêndice desta dissertação.

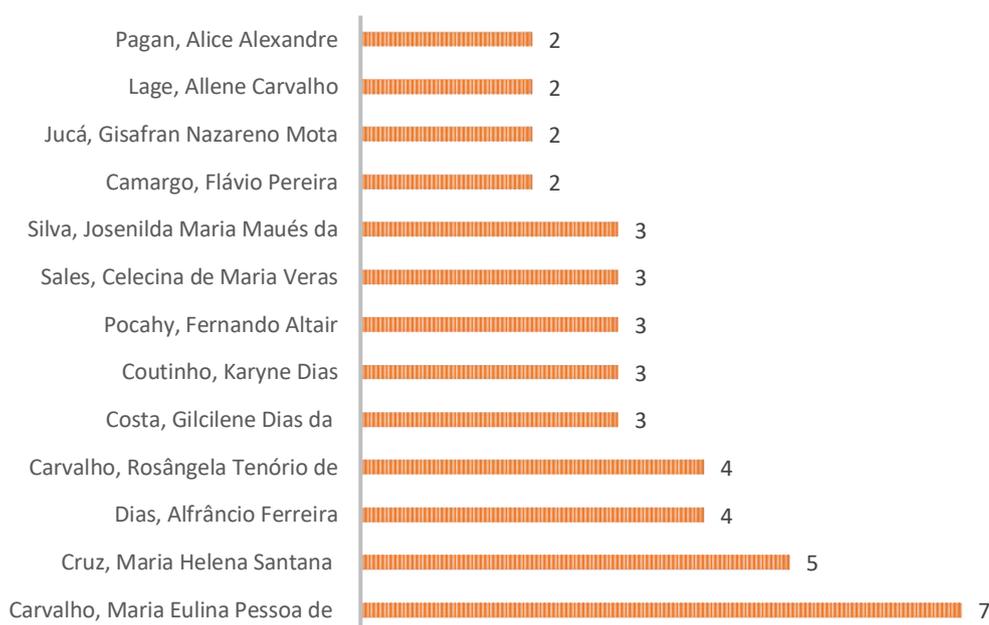
Gráfico 14 - Pesquisas por orientador/a (Brasil)

Fonte: BDTD (2019).

Concordamos que alguns/as pesquisadores/as não constam no gráfico ou apresentaram pouca expressividade em termos de quantidade de publicação. Porém, salientamos que as pesquisas para serem capturadas em nossa busca precisam conter os descritores “gênero”, “sexualidade” e “educação”, bem como estar cadastrado no Banco de Teses e Dissertações da CAPES após a defesa. Como já explicado, os trabalhos mais antigos e mais recentes, possivelmente, não foram cadastrados.

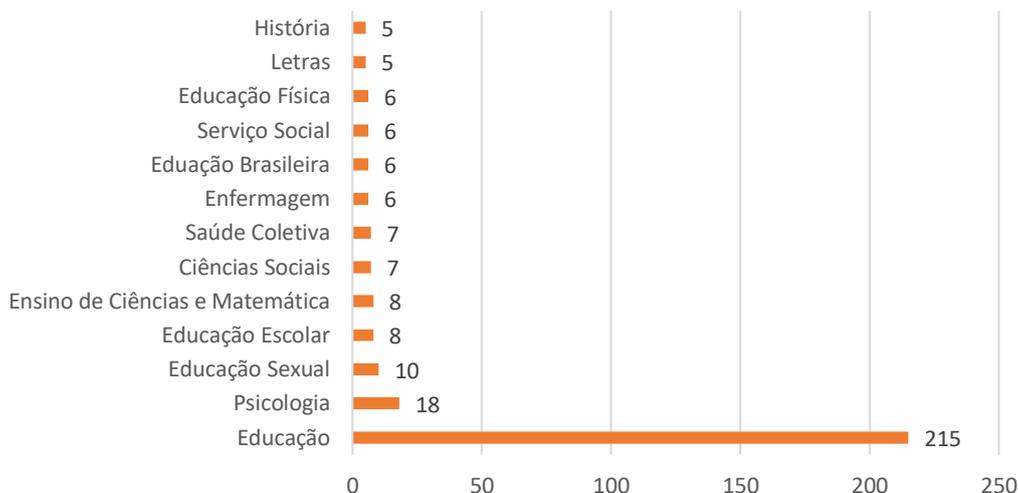
Analisando as 107 pesquisas mapeadas no Norte e Nordeste, as/os orientadoras/es que mais contribuíram na realização das pesquisas sobre gênero e sexualidade em educação foi Maria Eulina Pessoa de Carvalho com sete orientações; Maria Helena Santa Cruz com cinco trabalhos orientados; Rosângela Tenório de Carvalho; Alfrancio Ferreira Dias, Anderson Ferrari e Maria de Fátima Salum Moreira com 4 orientações cada. As/os outras/os orientadoras/es que orientaram duas e três pesquisas estão apresentados/as no gráfico 15 e os/as outros/as orientadores/as restantes constam no quadro 1 localizado no apêndice dessa dissertação.

Gráfico 15 – Por Orientador/a (Norte e Nordeste)



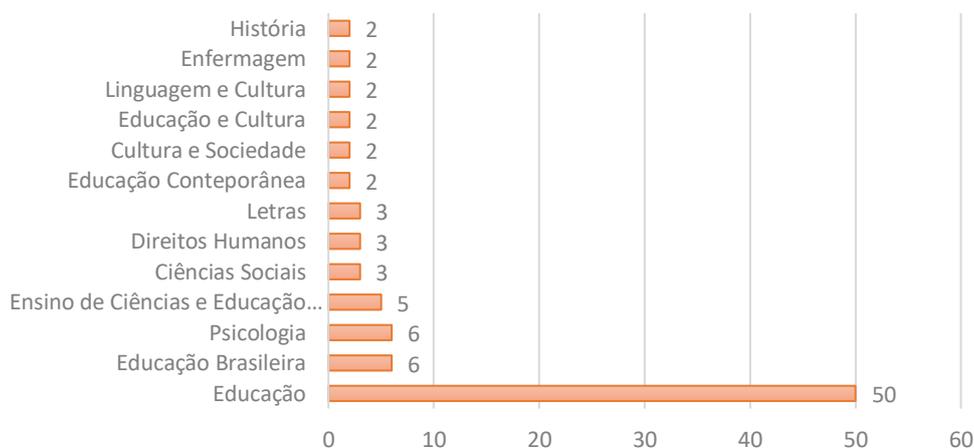
Fonte: BDTD (2019).

Os Programas de Pós-Graduação em Educação são onde mais encontramos teses e dissertações defendidas sobre o tema explorado por esta pesquisa, totalizando 215 produções nacionais. PPG em Educação Escolar e PPG em Ensino de Ciências e Matemática tiveram 8 pesquisas cada. Os de Ciências Sociais e Saúde Coletiva realizaram 7 trabalhos. Os PPG de Enfermagem, Educação Brasileira, Serviço Social e Educação Física realizaram 6 pesquisas cada. Os PPG de Letras e História elaboraram 6 pesquisas, conforme indicado no gráfico 16.

Gráfico 16 - Pesquisas por PPG (Brasil)

Fonte: BDTD (2019).

Nas regiões Norte e Nordeste, como aconteceu no levantamento feito a nível nacional, os Programas de Pós-Graduação em Educação são os programas em que mais encontramos teses e dissertações sobre o tema desta pesquisa, com 50 trabalhos, PPG em Educação Escolar e PPG em Ensino de Ciências e Matemática com 8 pesquisas cada. Os de Ciências Sociais e Saúde Coletiva realizaram 7 trabalhos. Os PPG de Enfermagem, Educação Brasileira, Serviço Social e Educação Física realizaram 6 pesquisas cada, e os PPG de Letras e História elaboraram 6 pesquisas, conforme gráfico 17.

Gráfico 17 – Por PPG (Norte e Nordeste)

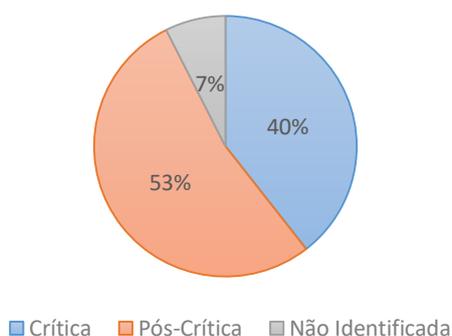
Fonte: BDTD (2019).

De acordo com Carvalho e Rabay (2015, p. 339), foi apenas na década de 1990 que as questões de gênero ganharam visibilidade na pesquisa e na política educacional brasileira. Segundo as autoras, isso traria ainda muitos desafios ao campo de gênero e educação: não incorporou, ampla e rigorosamente, o conceito de gênero originalmente veiculado pela teorização feminista; não se transversalizou nos currículos dos cursos e pós-graduação da área de educação, nem tampouco nos currículos dos demais cursos superiores. Ribeiro e Xavier-filha (2013), em análise do campo, indicam ainda que é incipiente a discussão que desconstrói o binarismo do masculino e feminino de forma relacional. Esses movimentos acompanham os entendimentos das políticas públicas de educação que veem seus sujeitos como discursividades biológicas, pensam seus corpos no âmbito do sexo e atuam de modo a amenizar as desigualdades entre homens e mulheres de maneira a promover igualdade, pouco problematizando as normas que permitem tais práticas culturais (CARDOSO et. al, 2019, p. 1470). Portanto, podemos apenas afirmar que em termos quantitativos as pesquisas em gênero, sexualidade e educação têm se avolumado e adentrado PPG para além da área de Educação.

4.3 PERSPECTIVAS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

Analisando o tipo de abordagem teórica desenvolvido nas 403 pesquisas selecionadas, mapeamos 159 que utilizaram a perspectiva teórica crítica e 214 a abordagem pós-crítica, conforme gráfico 18. Nas outras 30 pesquisas, não conseguimos determinar qual foi a abordagem teórica utilizada. Com esses dados, percebemos que a abordagem na perspectiva pós-crítica, descrita na seção 3 desta dissertação, é a mais utilizada, presente em 53% das teses e dissertações mapeadas.

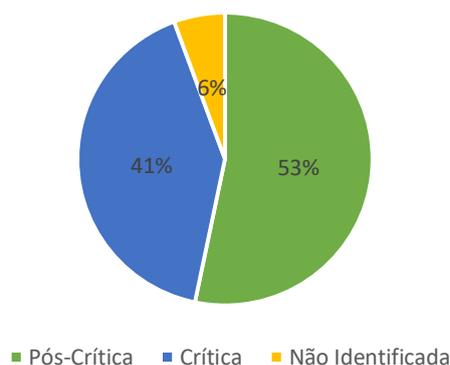
Gráfico 18 – Perspectivas Teóricas (Brasil)



Fonte: BDTD (2019).

As 107 pesquisas selecionadas nas regiões Norte e Nordeste seguiram essa mesma tendência nacional. No mapeamento, 57 delas utilizaram a perspectiva teórica pós-crítica e 44 a abordagem crítica, conforme gráfico 19. Nas outras 6 pesquisas, não conseguimos determinar qual a abordagem teórica utilizada, conforme gráfico 19.

Gráfico 19 –Perspectiva Teórica (Norte e Nordeste)



Fonte: BDTD (2019).

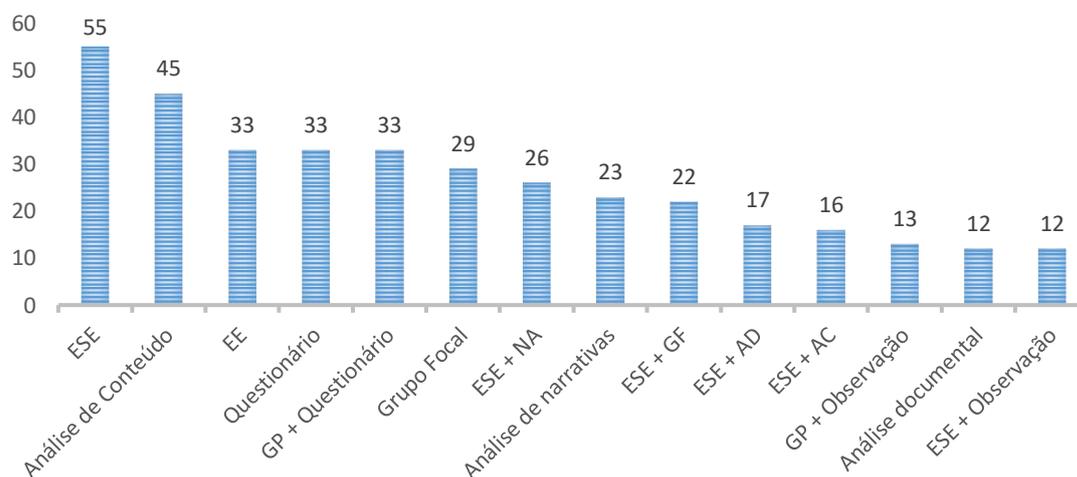
Esse predomínio de pesquisas de caráter pós-crítico em educação muito se deve a teorizações e obras publicadas ou traduzidas de autores/as do campo da filosofia da educação, de gênero e sexualidade. Paraíso (2004) institui como marco um livro organizado por Tomaz Tadeu da Silva em 1993, “Teorias educacionais críticas em tempos pós-modernos”, que introduz as discussões pós-críticas no terreno educacional brasileiro, em que oito ensaios mapearam as diferentes formas pelas quais o questionamento pós-moderno e pós-estrutural afeta o pensamento crítico em educação. Carvalho e Rabay (2015) atribuem como um marco da disseminação da perspectiva de gênero na área da educação o livro de Guacira Lopes Louro “Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista”, originalmente publicado em 1997.

Ao analisarem a produção em gênero na primeira década deste século, Ribeiro e Xavier (2013, p. 19) já criticavam a incipiência de abordagens pós-estruturalistas e apontavam a necessidade de pensarmos “se o conceito de gênero não traz à discussão a desconstrução do binarismo do masculino e feminino de forma relacional. Entre outras questões: Como repensar conceitualmente gênero? Resignificá-lo? Construí-lo e desconstruí-lo em nossos estudos?”. Uma pesquisa mais atual de Baltazar e Marcello (2018, p. 8) atenta para o fato de que o campo brasileiro da educação já distanciou-se de “uma perspectiva de que gênero e sexualidade são algo que possuímos naturalmente, em

direção à ideia de como, antes, a cultura nos sugere, anuncia e promove modos de fazer-se homens e mulheres, bem como possibilidades de experienciar o desejo sexual”.

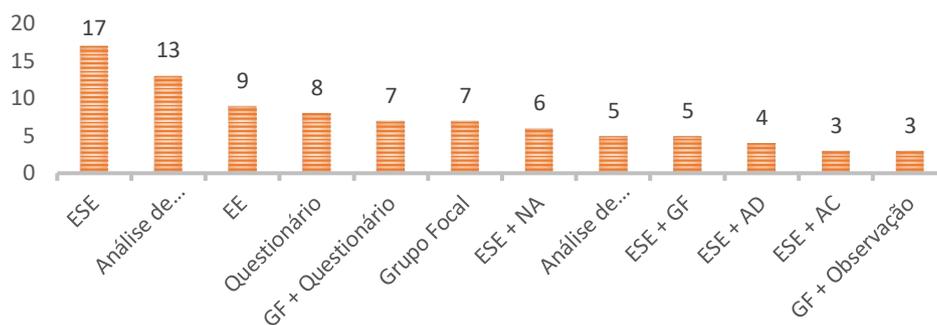
As ferramentas de pesquisa mais utilizadas nos trabalhos que fazem parte do mapeamento nacional, conforme gráfico 20, foram entrevistas semiestruturadas e análise de conteúdo, com 55 e 45 trabalhos respectivamente. Em seguida, as ferramentas mais usadas foram: entrevistas estruturas com 33 trabalhos; questionários 33; grupo focal e questionário 33; grupo focal 29; entrevistas semiestruturadas e narrativas de experiências 26; análise de narrativas 23; entrevistas semiestruturadas e grupo focal 22; entrevistas semiestruturadas e análise documental 17; entrevistas e análise de conteúdo 16; grupo focal e observação 13; análise documental 12; entrevistas e observação 12.

Gráfico 20 - Ferramentas de Pesquisas (Brasil)



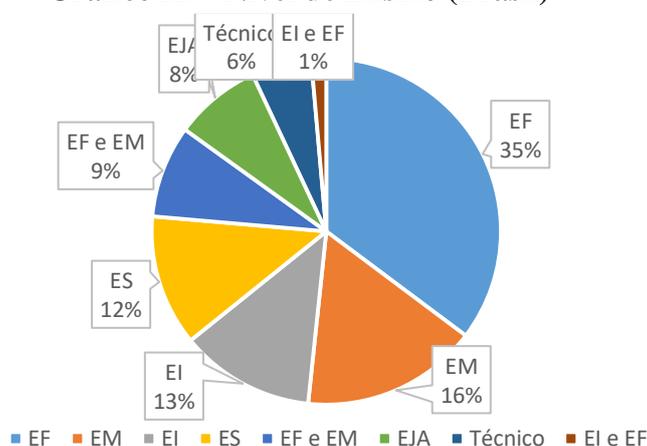
Fonte: BDTD (2019).

As ferramentas de pesquisas mais utilizadas nos trabalhos das regiões Norte-Nordeste foram entrevistas semiestruturadas e análise de conteúdo com 17 e 13 trabalhos, respectivamente. Em seguida, as ferramentas mais usadas foram: entrevistas estruturadas, com 9 trabalhos; questionários, com 8; grupo focal e questionário com 7; grupo focal com 7; entrevistas semiestruturadas e narrativas de experiências com 6; análise de narrativas com 5; entrevistas semiestruturadas e grupo focal com 5; entrevistas semiestruturadas e análise documental com 4; entrevistas semiestruturadas e análise de conteúdo com 3; grupo focal e observação com 3. Conforme gráfico 21.

Gráfico 21 – Ferramenta de Pesquisas (Norte e Nordeste)

Fonte: BDTD (2019).

Analisando o nível de ensino sobre os quais as pesquisas foram realizadas nacionalmente, encontramos: 127 no Ensino Fundamental (EF); 59 no Ensino Médio (EM); 44 no Ensino Superior (ES); 45 no Ensino Infantil (EI); Ensino Técnico 20; Ensino de Jovens e Adultos (EJA) 29; EF e EM 31 trabalhos; e EI e EF 5 trabalhos. Assim, os níveis de ensino onde foram mais realizados trabalhos sobre gênero e sexualidade em educação selecionadas nesta pesquisa foram o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, conforme gráfico 22.

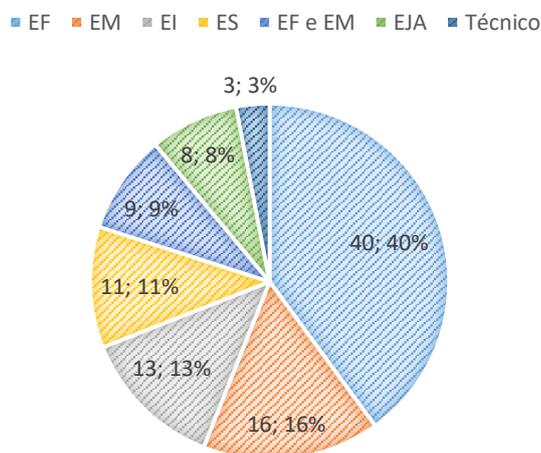
Gráfico 22 – Nível de Ensino (Brasil)

Fonte: BDTD (2019).

Analisando o nível de ensino das pesquisas das regiões Norte e Nordeste, encontramos: 40 no Ensino Fundamental; 16 no Ensino Médio; 13 no Ensino Infantil; 11 no Ensino Superior; nove no Ensino Fundamental e Ensino Médio; oito no EJA; três no Ensino Técnico. Assim, os níveis de ensino onde foram mais realizados os trabalhos sobre

gênero e sexualidade em educação selecionadas nesta pesquisa foram o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, conforme o gráfico 23.

Gráfico 23 – Nível de Ensino (Norte e Nordeste)



Fonte: BDTD (2019).

Toda essa complexidade teórica e metodológica expressa no campo de pesquisas em gênero, sexualidade e educação refletida nos dados aqui extraídos do Banco de Teses e Dissertações da CAPES já vem sendo reconhecida em outros meios de publicação e divulgação nessa temática. Para Ribeiro e Xavier-Filha (2013, p. 11), os grupos de estudos e de pesquisa fazem parte de uma “rede de conhecimento que se caracteriza pela multiplicidade, pela complexidade e pela provisoriade que nos marcam como pesquisadoras e pesquisadores nos campos dos conhecimentos teóricos e políticos em sexualidade, gênero e educação”.

4.4 OBJETOS E TEMÁTICAS

Nesta última seção do capítulo, vamos nos deter aos objetos e temáticas das produções em gênero, sexualidade e educação defendidas em PPG do Norte e Nordeste. As 107 pesquisas foram divididas em cinco categorias de acordo com seu foco de estudos, a saber: Currículo, Formação Docente, Práticas Pedagógicas e Vivências. Tal divisão se deu por nossa própria classificação ou autodefinição do/a autor/a após leitura das teses e dissertações.

Na categoria currículo, foram classificados ao todo 43 trabalhos, conforme sintetizado no quadro 1. Aqui, alocamos pesquisas sobre gênero e sexualidade que se utilizaram de um conceito curricular restrito – como mero elenco de disciplinas em algum nível da educação formal (SILVA, 2005) – ou amplo – que abarca quaisquer artefatos culturais por demandarem modos de ser específicos aos sujeitos a que se endereçam (PARAÍSO, 2004).

Quadro 1: Gênero, Sexualidade e Currículo no NO-NE				
N.	Ano	Autor/a	IES	Doc.
T1	1999	Fazendo gênero: reprodução/desconstrução das relações de gênero na educação familiar e escolar	UFCEG	6
T2	2004	Construindo a masculinidade na escola: o colégio Antonio Vieira (1911-1949)	UFBA	18
T3	2006	Identidade feminina e sexualidade na concepção de mulheres com síndrome de Down: educação sexual como caminho para a construção de maior autonomia	UFBA	35
T4	2006	As relações de gênero nas políticas públicas de educação no município de Belo Jardim-PE: silêncio ou desvelamento?	UFPE	36
T5	2009	O discurso pedagógico pela diversidade sexual e sua (re)articulação no campo escolar	UFPE	77
T6	2010	Infância Roubada: memórias de empregadas domésticas no trabalho e na educação escolar	UFMA	86
T7	2010	Uma cartografia do Ficar entre os adolescentes	UFPB	95
T8	2010	Educação escolar indígena: uma análise a partir da perspectiva da sexualidade e gênero no município indígena de Baía da Traição/PB	UFPB	96
T9	2010	Entre o laico e o religioso: as injunções do discurso sobre gênero e sexualidade em um dispositivo curricular de normalização para aspectos da vida cidadã	UFPA	100
T10	2011	Gênero, diversidade sexual e currículo: um estudo de caso de práticas discursivas e de (não) subjetivação no ambiente Escolar	UFTO	104
T11	2011	Graduação em Enfermagem: um olhar sobre o currículo na perspectiva de gênero	UFPB	109
T12	2013	Levados por anjos: modos de vida, educação e sexualidade juvenis	UFC	153
T13	2013	Percepções de adolescentes escolares sobre a iniciação sexual	UFPE	161
T14	2013	A tradução da tradição em práticas curriculares no colégio estadual Paes de Carvalho	UFPA	169
T15	2014	Gênero e sexualidades em intersecção e mo(vi)mento no cenário escolar Cubatiens	UFCEG	194
T16	2014	Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é: o performativo curricular - na análise de torpedo um vídeo do Kit Escola sem homofobia	UFBA	200
T17	2014	A experiência travesti na escola: entre nós e estratégias de resistências	UFPE	201
T18	2014	Heteronormatividade e educação infantil: uma análise a partir da feminização do ensino	UNIFOR	206
T19	2015	As práticas de preconceito e de tolerância no contexto escolar: o outro como questão	UFC	222
T20	2015	Análise da produção científica brasileira sobre relações de gênero na educação infantil	UFPB	243
T21	2015	Os Cadernos Escolares que ‘Falam’: Artefato de Subjetivação de Gênero e Sexualidade	UFPE	244
T22	2015	O Bullying na escola: uma análise do discurso da mídia impressa pedagógica	UFPE	245

T23	2015	Escola: lugar político da diversidade sexual e de gênero	UFRN	250
T24	2015	Com a delicadeza necessária: O discurso de gênero e sexualidade em livros de literatura infantil	UFPE	251
T25	2015	Heteronormatividade e homofobia na educação básica pública	UNIFOR	257
T26	2016	Escola religiosa e produções de subjetividades: relações de gênero e sexualidade em um currículo escolar	UFS	265
T27	2016	Direitos humanos, educação e cidadania LGBT: uma análise das ações do programa Brasil sem homofobia em João Pessoa/PB	UFS	257
T28	2016	As contribuições do currículo da formação para a prática pedagógica docente com gênero e sexualidade na educação básica	UFPB	287
T29	2016	Entre deuses e humanos: entre-lugares da diferença na trama curricular	UFPE	289
T30	2016	Letramento Literário na EJAEF: como abordar a ambiguidade sexual nos contos de Clarice Lispector	UFPA	296
T31	2016	Games e Gênero: As contribuições dos jogos eletrônicos na formação dos pedagogos	UFPE	294
T32	2017	Normas de gênero e heteronormatividade em uma escola de educação básica em Aracaju (SE)	UFS	395
T33	2017	A escola e os professores diante da problemática da sexualidade: uma perspectiva histórico-sociológica de análise dos discursos e das práticas educacionais	UFC	309
T34	2017	Discurso midiático da ideologia de gênero e sua ressonância nos planos estadual e municipais de educação do Tocantins	UFTO	318
T35	2017	Ideologia de Gênero no Plano Municipal de Educação de João Pessoa (2015-2025)	UFPB	342
T36	2017	Concepções de mães, pais e educadoras sobre desenvolvimento infantil e gênero	UFPB	346
T37	2017	Educação em direitos humanos e o debate de gênero no sistema público de ensino básico de Cajazeiras-PB: um estudo sobre a (in)efetividade das políticas públicas municipais em educação	UFPB	347
T38	2017	Políticas de educação que tratam de gênero e sexualidades na América Latina: um estudo sobre Brasil e Uruguai	UFPE	349
T39	2017	Elaboração de um componente curricular sobre atenção à saúde da população LGBT em um Curso de Graduação em Medicina	UFRN	350
T40	2017	Pedagogia dos corpos: gênero e sexualidade em práticas curriculares de dois CMEI da cidade do Natal-RN	UFRN	351
T41	2018	Discurso político pedagógico sobre diversidade sexual e de gênero na perspectiva do Plano Nacional de Educação	UFBA	386
T42	2018	Embates sobre questões de gênero e sexualidade no Plano Municipal de Educação de Santa Maria/RN: o fruto proibido na educação escolar	UFRN	393
T43	2018	“(Des)respeito à diversidade sexual e à identidade de gênero em escolas de Caruaru – PE: a questão da LGBTfobia e os enfrentamentos e/ou silenciamentos da gestão escolar	UFPE	396

Fonte: Elaboração da autora (2019).

Dois enfoques se destacaram: gênero e sexualidade em práticas curriculares na escola e gênero e sexualidade nas políticas públicas e currículos estaduais e municipais. Além desses enfoques, há pesquisas de análises/levantamento dos discursos midiáticos ou acadêmicos acerca dos temas e abordagens, bem como currículos de espaços não-formais de ensino ligados à juventude ou educação em saúde. A maioria das pesquisas selecionadas aborda seus objetos tendo o gênero e sexualidade como lente principal da

análise. Estão em menor número as que acionam o gênero e sexualidade de forma secundária na relação com outros objetos centrais como tolerância, bullying, violências e práticas de subjetivação.

Na categoria Formação de Professores, foram classificados 24 trabalhos, conforme a quadro 2. Nessa categoria, foram colocadas as pesquisas que se detiveram a algum aspecto da construção da docência, seja inicial ou continuada. Essa temática também abarcou pesquisas em currículos, mas optamos por aqui alocá-las devido ao seu maior foco no referencial de formação de professores. Vale destacar que essa é uma área que muito tem se interrelacionado às temáticas de gênero e sexualidade como apontam Dal’Igna, Scherer e Cruz (2017).

Quadro 2: Gênero, Sexualidade e Formação Docente no NO-NE				
N.	Ano	Autor/a	IES	Doc.
T44	2006	O entendimento de professores e professoras do ensino fundamental sobre as relações de gênero e sexualidade	UEPB	33
T45	2009	O Jogo da Compreensão de Gênero na Educação Infantil: Um Diálogo Hermenêutico do Pesquisador com Diversos Horizontes de Sentidos	UFC	71
T46	2009	As rosas por trás dos espinhos: discursos e sentidos na formação de professores em face do debate da homofobia	UFPE	78
T47	2010	As representações de gênero na formação de professores indígenas Xerente e expressão da violência	UFS	92
T48	2011	O gênero e a docência: uma análise de questões de gênero na formação de professores do Instituto de Educação Euclides Dantas	UFBA	110
T49	2012	Gênero e Sexualidade na formação docente: uma análise no curso de Pedagogia da UFMA-São Luís	UFMA	120
T50	2012	Trabalho docente, família e vida pessoal: permanências, deslocamentos e mudanças contemporâneas	UFS	127
T51	2012	Avaliação do conhecimento e de habilidades clínicas em saúde sexual e reprodutiva na graduação de medicina	UFRN	140
T52	2012	Práticas de gênero e sexualidade: a produção discursiva sobre o/a professor/a homossexual na docência primária	UFPA	147
T53	2013	Concepções de docentes de biologia da grande Aracaju sobre corpo	UFS	151
T54	2014	Uma leitura de histórias de vida de mulheres docentes da Universidade Federal de Sergipe e da Universidade do Porto	UFS	175
T55	2014	Relações de gênero, trabalho e formação docente: experiências de mulheres da Escola Estadual Valnir Chagas, Aracaju/SE	UFS	176
T56	2014	Tensões na percepção dos docentes no Curso de Educação em Direitos Humanos do Instituto UFC-Virtual	UFC	177
T57	2014	Gênero e escolha de cursos superiores: perspectivas de estudantes de ensino médio do Liceu Paraibano	UFPB	198
T58	2016	O que é normal pra mim não pode ser normal pro outro: a abordagem de corpo, gênero e sexualidades nas licenciaturas do Instituto Federal de Sergipe, campus Aracaju	UFS	264
T59	2016	Relações de gênero e seus efeitos discursivos na constituição de subjetividades nos cursos de Engenharia do Campus Universitário de Tucuruí	UFPA	295
T60	2016	Gênero, educação em sexualidade e formação docente: descortinando o curso de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe	UFS	266

T61	2016	Gênero no percurso de vida de estudantes do Curso de Pedagogia da UFC	UFC	268
T62	2017	Inovação inclusiva e singularidades: um estudo com licenciados de ciências biológicas da UFS	UFS	306
T63	2017	Gênero e educação superior: perspectivas de alunas de Física	UFPB	345
T64	2017	Carreiras de professoras das Ciências Exatas e Engenharia: estudo em uma IFES do Nordeste	UFPB	343
T65	2017	Trajetórias educacionais de mulheres: uma leitura interseccional da deficiência	UFPB	344
T66	2018	Formação das pessoas transexuais na Universidade Federal de Sergipe: enfrentamento e resistência das normas de gênero no espaço acadêmico	UFS	365
T67	2018	Entre flores no jardim - Histórias de vida e formação: uma análise sobre gênero e sexualidade entre egressos/as do curso de Ciências Biológicas da UEFS	UFBA	388

Fonte: Elaboração da autora (2019).

Diante das descrições dos trabalhos, as discussões se deram em duas unidades de sentido: a primeira voltada para os trabalhos que fazem análise da concepção em gênero e sexualidade de professores/as em formação inicial de diferentes instituições de ensino superior e a segunda os trabalhos voltados para o currículo desta formação em diferentes instituições de ensino superior.

Na categoria Práticas Pedagógicas, estão incluídas as pesquisas que se voltaram a algum aspecto da atividade docente ou do corpo pedagógico de unidades de ensino básico para avaliar dimensões de gênero e sexualidade, como pode ser observado no quadro 3. Talvez essa tenha sido a categoria com maior variedade de objetos, público alvo, níveis de ensino e embasamento teórico-metodológico.

Quadro 3: Gênero, Sexualidade e Práticas Pedagógicas no NO-NE				
N.	Ano	Autor/a	IES	Doc.
T68	2008	Diversidade sexual na escola: um problema posto à mesa	UFC	51
T69	2008	Gravidez na adolescência e escolaridade: um estudo em três capitais brasileiras	UFBA	59
T70	2009	Encontro marcado: um trabalho pedagógico com performances teatrais para a discussão das sexualidades em espaços de educação	UFBA	75
T71	2009	Sexualidade e Relações de Gênero na Escola: uma cartografia dos saberes, práticas e discursos dos/das docentes	UFC	79
T72	2011	Educação sexual nos anos iniciais do ensino fundamental: concepções e práticas	UFS	103
T73	2011	A pedagogia do Movimento Sem Terra e relações de gênero: incidências, contradições e perspectivas em movimento	UFBA	111
T74	2011	Processos de constituição de subjetividades em práticas discursivas institucionalizadas: entre a disciplina, a performatividade e a biopolítica	UFRN	113
T75	2012	A experiência vivida de professores do sexo masculino na educação infantil uma questão de gênero?	UNIFOR	141
T76	2013	Sexualidade e gênero: percepções de estudantes e professoras do 5º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Itabaiana	UFS	152

T77	2013	“Silêncio e naturalização na construção das masculinidades na Educação Básica	UFBA	160
T78	2014	Ensino de literatura infantil e juvenil e diversidade sexual: perspectivas e desafios para a formação de leitores na contemporaneidade	UFTO	188
T79	2014	Gênero/Sexo/Sexualidade: Representações e Práticas Elaboradas por Professoras/es da Educação Infantil na Rede Municipal de Ensino em Salvador	UFBA	196
T80	2014	Educação para prevenção: o discurso de professoras de ciências do ensino fundamental II em tempos de HIV/AIDS	UFPB	199
T81	2015	As Relações de Gênero no espaço da Educação Física Escolar no Município de Pio XII – MA	UFMA	216
T82	2015	Diversidade sexual e homofobia na escola: as representações sociais de educadores/as da educação básica	UFS	227
T83	2015	Vias e trajetos de escolarização de sujeitos homoafetivos velhos na cidade de Belém	UFPA	254
T84	2016	Discursos sobre corpo, gênero e sexualidade na educação do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe	UFS	277
T85	2016	Abuso sexual infantil: sentidos compartilhados por professores	UFPE	292
T86	2016	Dispositivo da orientação sexual: uma análise de discurso a partir de peças educativas	UFRN	293
T87	2017	Literatura e homoerotismo: leitura e recepção no ensino fundamental II	UFPB	307
T88	2017	Avaliação da assistência estudantil em relação ao reconhecimento das diversidades no Campus Agrícola de Umirim/CE	UFC	311
T89	2017	Buscando o fenômeno: quando gênero, educação sexual e a moral religiosa se encontram na sala de aula	UFBA	339
T90	2017	Somos todos e todas diferentes numa sociedade de iguais: um estudo de caso sobre práticas pedagógicas de gênero e sexualidade em uma escola pública de Pernambuco	UFPE	353
T91	2018	Valdir Eneias de Melo	UNICAP	362

Fonte: Elaboração da autora (2019).

Na categoria Vivências, elencamos trabalhos que compartilham práticas, sentimentos, percepções em diversos contextos e áreas do conhecimento tendo como base as experiências vivenciadas pelos sujeitos de interesse nas pesquisas, em interseção com os marcadores e suas múltiplas relações enquanto território de construção coletiva. Foram mapeadas 16 teses e dissertações tendo como objeto de pesquisa principal tais vivências, conforme quadro 4.

Quadro 4: Gênero, Sexualidade e Práticas Pedagógicas no NO-NE				
N.	Ano	Autor/a	IES	Doc.
T92	2015	Juventude homoerótica e projeto de vida familiar: a paternidade silenciada	UCSAL	252
T93	2015	Sobre corpos insolentes: corpo trans, um ensaio estético da diferença sexual em educação	UFPA	255
T94	2015	Cartografando a gestão familiar do sujeito narrado em uma construção de anormalidade intelectual: intersecções entre gênero, sexualidade e deficiência	UNIFOR	258
T95	2016	Escola sem homofobia: a (re)produção da identidade sexual nos discursos escolares	UFRPE	271

T96	2016	Periguetes: um estudo sobre o uso da imagem da mulher nos meios de comunicação de massa e sua influência para a educação informal	UFRPE	273
T97	2016	Juventude, Universidade e Conhecimento: o agir prático das juventudes nos fazeres da universidade	UFBA	285
T98	2016	Olhares e vozes da escola: elementos para a formação de políticas públicas para o respeito à diversidade sexual e de gênero	UFBA	288
T99	2016	Necessidades de saúde sexual e reprodutiva de adolescentes escolares	UFPE	291
T100	2017	Programa de Habilidades Sociais na Escola: Uma forma de combate ao preconceito contra a diversidade sexual	UFS	304
T101	2017	Experiências educacionais e sociais de travestis no Ceará: um estudo comparado em Juazeiro do Norte e Canindé	UFC	310
T102	2017	Gênero e perspectivas de escolha de cursos superiores: análise a partir de uma escola de ensino médio integrado à cursos técnicos na área da computação	UFPB	341
T103	2017	Educação, juventude e homossexualidade: experiências escolares de jovens gays pobres	UFPE	354
T104	2018	Vivências e aprendizagens de jovens LGBTQ+ sobre si na escola e na internet	UFC	364
T105	2018	Encenando gênero em espaço de confiança: experiências pedagógicas e teatrais com adolescentes	UFBA	387
T106	2018	Minha vida daria um filme? Geografias de vida em territórios de corpos, gêneros e sexualidades	UFRN	394
T107	2018	Produção de sentidos sobre diversidade sexual por jovens rurais	UFRN	395

Fonte: Elaboração da autora (2019).

Notamos, aí, uma incidência maior de trabalhos sobre as identidades sexuais e de gênero, sobretudo no que tange à vivência da homossexualidade, da transexualidade e travestilidades, com pretensões de esmiuçar as suas relações e implicações sociais ao longo da vida dos sujeitos envolvidos nas pesquisas. Nesse sentido, o corpo parece ser o objeto central comum dessas pesquisas, por meio do qual se visa compreender as marcas, as histórias e vidas que nele se inscrevem. Há também que se ressaltar uma certa predominância da juventude como público de interesse das pesquisas, sendo 9 trabalhos, dentre os 15, com essa delimitação geracional compondo seus objetos de pesquisa.

Ao optarmos pela busca por Teses e Dissertações para mapeamento do campo brasileiro de gênero, sexualidade e educação, objetivamos recorrer a um tipo de pesquisa que é, por sua natureza, mais aprofundada e amadurecida teórico-metodologicamente, que reflete os interesses de investigação de experientes orientadores/as do país e que apresenta possibilidades de receber algum financiamento público para sua execução. Por possuírem a duração de dois a quatro anos, porém, essas pesquisas são menos dinâmicas e de lenta, por vezes precária, divulgação à comunidade acadêmica, diferentemente dos eventos e periódicos científicos.

Por isso, nosso recorte se estendeu aos últimos 25 anos de produção (1994-2018), de modo a capturarmos diversos cenários de pesquisa no país e nas regiões Norte e

Nordeste. Nessa trajetória, evidenciamos a predominância de algumas regiões do país em detrimento de outras, por fatores de tradição histórica de grupos de pesquisa ou por maiores investimentos; principais instituições, programas de PPG e orientadores/as do campo; relações temporais entre aumento no volume das pesquisas e marcos de divulgação do tema; tendências de perspectivas teóricas e múltiplas possibilidades teórico-metodológicas em diferentes níveis de ensino.

A partir desse estado da arte quantitativo das pesquisas em gênero, sexualidade e educação, é possível montar muitos outros itinerários de pesquisa e problematizar a consolidação do campo: Quais objetos de estudo são priorizados? E quais agendas educacionais estão sendo silenciadas nas pesquisas? Como os resultados das análises podem fomentar políticas públicas educacionais? De quais modos os sujeitos da educação têm ganhado visibilidade nas pesquisas? Que conceitos de gênero, sexualidade e educação são desenvolvidos nas teses e dissertações? No próximo capítulo, buscaremos responder qualitativamente essas questões.

5 RECORTES POR OBJETO NAS PESQUISAS DO NORTE-NORDESTE

Após desenharmos um mapa quantitativo do que tem sido produzido em gênero, sexualidade e educação no país e nas regiões Norte e Nordeste, neste capítulo, passamos a uma escrita descritiva e analítica acerca dos 107 trabalhos encontrados na Base de Teses e Dissertações da CAPES. Para tanto, realizamos recortes e agrupamentos por objetos de pesquisa para facilitar a realização do estado do conhecimento e, por conseguinte, avaliar possíveis lacunas e silenciamentos na área em questão. Desse modo, dividimos as próximas seções de maneira a relacionar gênero e sexualidade às seguintes categorias: Currículo, Formação Docente, Práticas Pedagógicas e Vivências.

5.1 GÊNERO, SEXUALIDADE E CURRÍCULO

Na categoria currículo foram mapeadas 43 teses e dissertações que possuíam uma intersecção do objeto de pesquisa em currículo com gênero e sexualidade. Os trabalhos foram descritos em ordem cronológica e denominados por T1 a T43 para melhor referencia-los durante as análises. A partir da seleção foram descritos os trabalhos na sequência do ano de publicação evidenciando, além de suas características de identificação, o objetivo principal, o objeto, o método e os principais resultados. Após as descrições das pesquisas faremos um panorama geral do que foi encontrado para ajudar a delinear o campo de pesquisa nas produções acadêmicas nas regiões escolhidas.

A dissertação de Célia de Castro com o título “Fazendo gênero: reprodução/desconstrução das relações de gênero na educação familiar e escolar (Estudo de caso nos sítios Salgadinho e Curralinho)” (T1) foi defendida em 1999 no Mestrado em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba. A pesquisa buscou entender como no ambiente familiar e escolar são vivenciadas e reforçadas cotidianamente as relações de gêneros, a partir da observação direta e de entrevistas utilizando a técnica história de vida com mães, pais, professoras, professores, diretor, meninos e meninas de duas escolas nos sítios Salgadinho e Curralinho - PB. Os resultados produzidos pela análise dos discursos e diários de campo mostram a cumplicidade de homens e mulheres em reforçar estereótipos e padrões existentes na sociedade, independente do local a que pertencem. No espaço rural há continuidades e descontinuidades nas desconstruções dos papéis de gênero, havendo diferenças entre os dois locais, sendo a hierarquização e diferenciação dos papéis mais enfática no sítio mais desenvolvido economicamente, desmistificando a

ideia de que em ambiente rural as vivências são perpassadas pelo arcaico e conservador.

A dissertação de Jorge Santana Bispo Júnior tem como título “Construindo a masculinidade na escola: o colégio Antonio Vieira (1911-1949)” (T2) produzida no programa de pós-graduação em História, Universidade Federal da Bahia em 2004. O objetivo do trabalho foi analisar o processo da construção identitária do gênero masculino entre crianças e adolescentes do Colégio Antonio Vieira em Salvador, subordinado à Ordem dos Jesuítas, entre os anos de 1911 a 1949. Através de pesquisa documental em arquivos e de entrevistas com ex-alunos e professores, avaliou também as transformações no projeto pedagógico e o perfil social do alunado. Em seus resultados o trabalho mostra como a construção da masculinidade na escola guarda estreita ligação com a relação de poder entre os gêneros, sendo estimulada a formação de lideranças. Porém, mesmo sob a força da disciplina, o processo de construção identitária masculina não ocorria sem conflitos, pois no plano sexual e afetivo, os rapazes geralmente renegavam as orientações, constituindo uma identidade masculina mais leiga que religiosa. Mesmo sendo exclusivamente masculino, o gênero feminino era presente na escola no culto à Maria, nas recomendações de não assemelhamento com as mulheres ou nas proibições de determinadas leituras, o que demonstra que a construção de uma determinada identidade de gênero sempre se constrói a partir do outro.

A dissertação “Identidade feminina e sexualidade na concepção de mulheres com síndrome de Down: educação sexual como caminho para a construção de maior autonomia” (T3) foi produzida por Sheila de Quadros Uzêda em 2006 no programa de pós-graduação em Educação da UFBA. Os objetivos do trabalho são evidenciar a compreensão de mulheres com síndrome de Down sobre sexualidade, identidade e papéis de gênero, verificando se os estigmas de subordinação e inferioridade reforçam as ideias de incapacidade e imaturidade atribuídas à mulher com deficiência mental. A pesquisa se trata de um estudo de caso desenvolvido na Sociedade Pestalozzi de Camaçari – BA composta pela Escola Odylo Costa Filho, uma escola especial. Os dados foram coletados através da observação em sala de aula e oficinas pedagógicas e dos prontuários das participantes (3 mulheres com Síndrome de Down). A pesquisa constatou que ser mulher e ter deficiência mental tende a configurar uma identidade duplamente ameaçada ou desfavorecida pelos rótulos de incapacidade, passividade, dependência e subordinação. Evidenciou também a existência de uma educação sexual repressora e infatilizadora que reforça a dependência, fator impeditivo na efetiva inclusão social, e contribui para a desinformação, uma visão distorcida sobre corpo e sexualidade e para a diferenciação dos

papéis sociais em função do gênero.

A dissertação de Bernardina Santos Araújo de Sousa é intitulada “As relações de gênero nas políticas públicas de educação no município de Belo Jardim-PE: silêncio ou desvelamento?” (T4) e foi apresentado ao programa de pós-graduação em Educação da UFPE em 2006. A pesquisa investiga as principais políticas de educação no Brasil na sua relação com as políticas estaduais (PE) e municipais de Belo Jardim entre 1995 e 2002, buscando entender a participação dos municípios na construção e efetivação de políticas federais de educação, tendo como foco as relações de gênero. A pesquisadora analisou documentos e narrativas de gestoras, técnicas, professores e professoras da rede municipal de ensino de Belo Jardim sobre o entendimento a respeito destas políticas. A pesquisa conclui que apenas os Parâmetros Curriculares Nacionais se aproximam de uma abordagem sobre gênero e os documentos elaborados pelo município são, em maioria, adaptações ou recortes de outras políticas não representando avanço ou autenticidade, além de não ter as discussões de gênero entre suas pautas. Observou que os professores buscam nas suas experiências pessoais e no senso comum as respostas para as questões gênero e sexualidade que se colocam apelando à coerção, à moralidade, à religiosidade e à proibição.

Anna Luiza Araújo Martins de Oliveira é autora da tese “O discurso pedagógico pela diversidade sexual e sua (re)articulação no campo escolar” (T5) do programa de pós-graduação em Educação da UFPE apresentada em 2009. A tese busca conhecer o discurso pela diversidade sexual produzido por órgãos oficiais de educação e analisar como está sendo (re)articulado no campo escolar por profissionais da rede pública de ensino em Recife. Apoiada na perspectiva pós-crítica, a pesquisadora analisou documentos e entrevistas com representantes de instituições (Secretarias de Educação, ONGs e instituições acadêmicas), professores/as e gestoras da rede pública à luz da teoria do discurso (Escola de Essex). Percebe que o discurso pedagógico oficial se articula por quatro lógicas sociais principais: educação inclusiva, direitos humanos, reconhecimento das identidades/diferenças e da prática pedagógica de orientação sexual. Os educadores (re)interpretam estas lógicas a partir de suas vivências que se transformam em discursos pela caridade cristã, de cunho legalista, de sensibilidade para com a discriminação e, principalmente pela tolerância à diversidade sexual que mascara as práticas pedagógicas heteronormativas, o que revela a importância do currículo em favorecer a reflexão política e a capacidade crítica dos educadores sobre as questões de gênero e sexualidade na escola.

A dissertação de Darlene Sousa Silva de 2010 foi apresentada no programa de

pós-graduação em educação da Universidade Federal do Maranhão com o título “Infância Roubada: memórias de empregadas domésticas no trabalho e na educação escolar” (T6). Com o objetivo de investigar as memórias de empregadas domésticas no trabalho e na educação escolar a pesquisadora se apoia no materialismo histórico para discutir os dados obtidos nas entrevistas com dez mulheres do Maranhão inseridas precocemente no trabalho doméstico. Como resultado foi visto que as mulheres, em geral de famílias pobres, de muitos filhos e de origem rural, foram vítimas de diversos tipos de violência e ausência de direitos, além de que o trabalho doméstico foi determinante para o abandono dos estudos e baixo grau de escolaridade, o que contribui para a reprodução e manutenção da condição social e para a assimetria de gênero e classe expressas na inferiorização do trabalho doméstico atribuído à mulher.

Vandelúcia de Fátima Ferreira de Souza defendeu em 2010 a dissertação “Uma cartografia do Ficar entre os adolescentes” (T7) no programa de pós-graduação em educação da UFPB. No trabalho buscou realizar uma cartografia do “ficar” e para isso compreender a sexualidade e suas manifestações na adolescência, descrever a adolescência a partir das dimensões afetivas, sexuais e sociais e analisar as representações sobre o ficar nos discursos dos adolescentes entre 15 a 17 anos de uma instituição da rede pública de ensino (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - PB), a partir de um estudo de caso no qual se utilizou de observação, questionários e grupos de discussão. A pesquisadora concluiu que o “ficar” se relaciona com uma maior abertura para as questões que envolvem a sexualidade convivendo com a contradição expressa através de antigos valores que fundamentam a sexualidade entre os gêneros e com os padrões estéticos estabelecidos, estereótipos e discriminação.

A pesquisa “Educação escolar indígena: uma análise a partir da perspectiva da sexualidade e gênero no município indígena de Baía da Traição/PB” (T8) foi feita por Patrícia Karla Ferreira Silva durante o mestrado no Programa de Pós-graduação em serviço social da UFPB em 2010. O objetivo foi analisar as manifestações da sexualidade e gênero na adolescência dos índios potiguaras, a partir da perspectiva de seus professores no município de Baía da Traição/PB, relacionando as contradições entre índios e não-índios. Através de um estudo exploratório sobre o tema e de entrevistas com educadores da escola percebe a necessidade de refletir acerca da educação escolar indígena, sobretudo no enfoque do gênero e sexualidade considerando a carga cultural destes povos e os processos de miscigenação e aculturação.

A dissertação “Entre o laico e o religioso: as injunções do discurso sobre gênero e

sexualidade em um dispositivo curricular de normalização para aspectos da vida cidadã” (T9) foi produzida em 2010 no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Pará por Vilma Nonato de Brício. O objetivo do trabalho foi analisar os discursos sobre gênero e sexualidade produzidos no âmbito do componente curricular Aspectos da Vida Cidadã no ensino fundamental do Colégio São Francisco Xavier de Abaetetuba/PA. A análise do discurso foi feita a partir de documentos institucionais visando rastrear as relações de saber-poder e de práticas de governo dos sujeitos em relação ao gênero e à sexualidade, e mostrou que tais discursos são constituídos a partir de diferentes formações discursivas, entre elas a pedagógica, a crítica e a católica, e que estes se transformam em dispositivos de normalização sobre os corpos dos sujeitos discentes e reverberam concepções de gênero e sexualidade marcados pela singularidade de um colégio que conjuga os interesses laicos das normativas legais e os interesses religiosos da Igreja católica para a produção de sujeitos cristãos e cidadãos que dominem seu corpo e sexualidade.

Em 2011 foi produzida a tese “Gênero, diversidade sexual e currículo: um estudo de caso de práticas discursivas e de (não) subjetivação no ambiente Escolar” (T10) de autoria de Rubenilson Pereira de Araújo, vinculada ao programa de Pós-graduação em ensino de Língua e Literatura da UFT. O objetivo da pesquisa foi analisar as práticas discursivas e de (não) subjetivação no ambiente escolar e suas interfaces com o ensino e a formação de professores, assim como suas implicações socioculturais na e para o processo de constituição de identidades de gênero e sexuais. Foi feito um estudo de caso em uma escola pública de educação básica, na periferia de Porto Nacional/TO, a partir de entrevistas semiestruturadas com alunos, professores e gestores, diários de bordo e notas de campo. Como resultados apontou que há, na escola, uma produção de saberes e poderes que padronizam, moldam, fabricam corpos legíveis e legítimos, de modo a atenderem aos padrões de uma sociedade heteronormativa e falocêntrica que empurra aqueles que não se encaixam para exclusão do processo educacional ou os obriga a dissimular a sua identidade de gênero e sexual para que convivam no ambiente escolar. Os docentes demonstraram consciência de que o assunto precisa ser abordado, pois são altos os índices de indisciplina e de homofobia na escola diante da diversidade sexual com a qual não sabem lidar, enfatizando como o trinômio gênero, currículo e diversidade sexual necessita ser inserido no currículo escolar da educação básica.

No mesmo ano, Sheila Milena Pessoa dos Santos defendeu a dissertação “Graduação em Enfermagem: um olhar sobre o currículo na perspectiva de gênero” (T11)

no Programa de Pós-graduação em Educação da UFPB. A pesquisa tem o objetivo de analisar na perspectiva de gênero o currículo de graduação em Enfermagem da Universidade Estadual da Paraíba. Utilizou da análise documental do projeto pedagógico, planos de ensino e trabalhos de conclusão de curso, à luz dos Estudos Culturais e de Gênero, afirmando que a enfermagem brasileira preservou os aspectos de submissão, abnegação e subserviência na formação contribuindo para a legitimação do paradigma androcêntrico e do poder e hierarquização do saber da Medicina sobre o da Enfermagem. Posteriormente enfatizou o modelo biomédico em saúde que não rompeu a visão estereotipada da profissão, assim a formação em enfermagem tem se centrado no tecnicismo e na indiferença com as relações de gênero e suas implicações para a saúde, o que, segundo a pesquisadora, poderia ser mudado pela introdução de conceitos críticos do campo de estudos de gênero.

“Levados por anjos: modos de vida, educação e sexualidade juvenis” (T12) título da tese defendida em 2013 por Alexandre Martins Joca vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará teve como objetivo conhecer os percursos e interações juvenis procurando compreender como essas sociabilidades se mobilizam por dispositivos de gênero e sexualidades, a partir das experiências de ocupações de espaços públicos de lazer em Fortaleza/CE de julho/2011 a abril/2012. Através de etnografia urbana por meio de observação participante, grupos de discussão e entrevistas individuais, diário de campo e registro fotográfico de um grupo composto de 26 jovens. Os resultados descrevem como uma diversidade de estilos e orientações sexuais mobilizam-se tendo como referência a produção de estéticas e/ou performances corporais em um campo de tensões paradoxais que ora reafirmam as condutas hegemônicas como a assimetria de gênero e a masculinidade heteronormativa, ora as subvertem e as ressignificam no conflito entre o já apreendido e o recém-vivido. O autor destaca que a sociabilidade, a grupalidade e multiplicidade juvenil na busca de semelhanças, mas também por significativas diferenças, mostram-se eminentemente educativas e pedagógicas na apreensão de saberes sobre a sexualidade humana.

Ainda em 2013, Vilma Maria da Silva produziu a dissertação “Percepções de adolescentes escolares sobre a iniciação sexual” (T13) no Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente da Universidade Federal de Pernambuco. A pesquisa teve o objetivo de conhecer as percepções dos adolescentes de uma escola pública de Recife em relação à iniciação sexual, através de entrevistas com os

adolescentes entre 15 e 18 anos. Entre os resultados aponta que adolescentes vinculam o início da vida sexual com uma estruturação em vários sentidos: maturidade corporal e psíquica, conclusão dos estudos, orientação familiar, responsabilidade, independência financeira e casamento e que a negação da sexualidade na adolescência dificulta a experimentação saudável e informada que conduz ao protagonismo juvenil a ser incentivada a partir do reconhecimento do direito à educação sexual com privacidade, sigilo e sem discriminação em relação a meninos e meninas já que percebe as influências das questões de gênero nas opiniões desses adolescentes. Aponta o desconhecimento da mulher em relação ao próprio corpo como reflexo do controle social sobre a sexualidade feminina, sem pretender negar as diferenças entre homens e mulheres, mas compreender como a construção do ser feminino e masculino contribui para os preconceitos e injustiças que dificultam a vivência da sexualidade por ambos os gêneros.

Nesse mesmo ano, Joyce Otânia Seixas Ribeiro produziu no programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Pará a tese “A tradução da tradição em práticas curriculares no colégio estadual Paes de Carvalho” (T14) com o objetivo de interpretar as práticas de reinvenção da tradição arquitetural, do uniforme de normalista e dos eventos, promovidas por alunos e alunas, considerando os atravessamentos de geração, gênero e sexualidade no Colégio Estadual Paes de Carvalho (CEPC) em Belém do Pará. Por meio de uma etnografia pós-moderna a partir de observação, documentos, fotografias e conversas com professores/as, funcionários/as, alunos e alunas e de dois grupos um de alunas (Belíssimas) e outro de alunos gays (Lorrans) aciona a tradução cultural para interpretar as práticas curriculares de tradução cultural. Afirma que as práticas curriculares de tradução da tradição na escola surgem do encontro de variadas culturas marcadas por geração, gênero e sexualidade que se colocam por meio da geometria do espaço, do virtuoso uniforme de normalista e dos eventos, interpelando os corpos escolares, atravessando e constituindo corpos generificados e sexualizados para a vida cotidiana, corpos padronizados na heteronormatividade e corpos que escapam. Assim os alunos vivem o encontro entre a tradição e diferença em meio ao conflito em que as Lorrans negociam, abrindo espaço para a expressão drag, trocas simbólicas do cotidiano de modo astuto e artístico que mostram a abertura da produção de uma tradição móvel, efêmera, a tradição da tradução

Rafaella de Sousa Silva é a autora da dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande em 2014 intitulada “Gênero e sexualidades em intersecção e mo(vi)mento no cenário escolar Cubatiens”

(T15) que objetiva analisar como foram significadas e ressignificadas identidades de gênero e sexualidades na escola municipal Padre Simão Fileto, da cidade de Cubati-PB, dos anos de 1970 aos dias atuais. Para isso, partiu das histórias de vida, contadas por meio de entrevistas orais gravadas e textos escritos digitalizados de professores, diretores, secretários escolares e de educação, alunos e alunas da escola. A pesquisadora problematiza a escola como instituição que marca o silêncio, a disciplina e os dispositivos sobre as sexualidades, apresentando sujeitos envolvidos em um mundo de espetacularização e controle de si, marcado por inúmeras redes comunicacionais que contribuem para novas construções subjetivas, apontando para novos tempos que provocam posturas diversas, de defesa, estranhamento, retração, audácia, ousadia, exposição de si demonstrando a urgência de uma reconfiguração do espaço escolar, assim como, de suas práticas pedagogizantes.

“Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é: o performativo curricular - na análise de torpedo um vídeo do Kit Escola sem homofobia” (T16) é o título da tese de Maria da Conceição Carvalho Dantas, de 2014, associada ao programa de Pós-Graduação em Educação da UFBA com o objetivo de analisar a ausência do beijo no audiovisual “Torpedo” que revela o namoro entre duas alunas lésbicas, um dos materiais didáticos que compõem o “Kit Escola sem Homofobia”. A pesquisa baseia-se nos Estudos Culturais e no conceito de performatividade curricular. A pesquisadora analisou a resposta de um grupo de professoras de uma escola pública estadual de Salvador, sobre propostas de mudanças na história do vídeo e analisa o Caderno principal do Kit a partir de critérios básicos para avaliação do livro didático, propostos pelo MEC para o PNLD (Programa Nacional do Livro Didático). Como resultados, viu-se que nenhuma das professoras sugeriu um final diferente com um beijo apaixonado entre as personagens principais, reiterando, assim, o caráter hegemônico dos padrões tradicionais, heteronormativos, na ausência de representações não heterossexuais na escola e na mídia. Verificou, também, que as exigências do MEC estão contempladas no Caderno, porém torna-se necessário capacitar o professor para repensar as estruturas vigentes, as identidades hegemônicas heterossexuais ou não, desnaturalizando estas verdades conhecidas como absolutas para construção de uma escola mais justa, menos homofóbica, capaz de representar, atender, servir a todos e todas.

A dissertação de Daniela Torres Barros, também de 2014, intitulada “A experiência travesti na escola: entre nós e estratégias de resistências” (T17), associada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPE, buscou compreender as

experiências das travestis no contexto escolar, residentes no município de Cabo de Santo Agostinho/PE. Para isso, foram aplicados questionários sócio-demográficos e realizadas oficinas com grupo de travestis, ancoradas na perspectiva de pesquisa participante. Foram percebido diferentes experiências escolares, relatos de violência física, institucional, psicológica, mas também narrativas de acolhimento e de inserção, demonstrando uma recente melhora nas condições de permanência em algumas escolas. Porém, o uso do banheiro e do nome social continuam sendo zonas conflituosas, denotando a importância do aprofundamento das discussões de gênero relacionadas à presença das travestis, sendo primordial para cada instituição educacional debater com a sua comunidade escolar os temas de sexualidade e de gênero, através do diálogo constante, situações de violência de gênero e de orientação sexual e oferecer recursos para a mediação de conflitos desta ordem.

Francisco Ullissis Paixão e Vasconcelos defendeu sua dissertação “Heteronormatividade e educação infantil: uma análise a partir da feminização do ensino” (T18) vinculada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza – UNIFOR em 2014. A pesquisa teve o objetivo de problematizar a emergência da feminização da Educação Infantil e seus efeitos na articulação com as políticas públicas brasileira da área, orientada pelas contribuições do campo dos estudos culturais e de gênero em seu viés pós-estruturalista e em diálogo com estudos foucaultianos na educação buscou construir uma genealógica sobre a constituição da Educação Infantil como lugar generificado/r, a partir da análise de documentos oficiais de políticas públicas para Educação Infantil. Os resultados apontam que os documentos analisados, ainda que atentos ao contexto atual das reivindicações feitas pelos movimentos sociais, permanecem fomentando uma série de competências generificadas para a educação de crianças por meio de dispositivos de gênero e sexualidade e ideais regulatórios heteronormativos que aprisionam a figura da mãe-mulher-professora. Este discurso nada recente faz com que a possibilidade da entrada de homens na Educação Infantil, apesar de legal, pareça ilegítima, já que esbarra em uma condição moral, que também é moral legisladora, pois presentes nos documentos oficiais analisados.

Em 2015, Lorrana Caliope Castelo Branco Mourão defendeu a dissertação “As práticas de preconceito e de tolerância no contexto escolar: o outro como questão” (T19) no programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará. A pesquisa analisa as práticas de preconceito e de tolerância no contexto de uma escola pública de Fortaleza localizada no bairro Mucuripe. A pesquisa é do tipo de intervenção

que utiliza observações informais, diário de bordo e oficinas alunos e professores de agosto a novembro de 2014. A partir das oficinas, nas quais eram exibidos filmes e curtas para serem discutidos e a produção de curtas pelos alunos, foi possível visualizar oito analisadores que se relacionaram às práticas de preconceitos que mais incomodaram de acordo com os alunos e professores na escola: sexualidade e gênero; padrões de beleza e modos de ser; bullying; racismo; diferenças de classe social; professores e alunos; deficiências; religião, sendo as práticas de preconceito relacionadas à sexualidade e gênero a de maior emergência discursiva. Já nas práticas de tolerância que vieram como uma resposta às diversas formas de discriminação e de preconceito em relação ao outro os analisadores foram: os ideais de igualdade e de liberdade; os imperativos da lei e a judicialização da vida; as atitudes religiosas resignadas e passivas; as atitudes serenas e respeitadoras. No agenciamento preconceito-tolerância, a pesquisa observou que os ideais de igualdade e a celebração da diferença são modos de legitimar os preconceitos, concluindo que os preconceitos e as tolerâncias podem se configurar como potentes produtores de verdade, de acordo com relações de poder e de saber.

Também em 2015 foi produzida a dissertação “Análise da produção científica brasileira sobre relações de gênero na educação infantil” (T20) no âmbito da Pós-graduação em Educação da UFPB por Francisca Jocineide da Costa e Silva com o objetivo de analisar as contribuições expostas, nos trabalhos levantados, para a prática pedagógica em relação às (des)construções de gênero na Educação Infantil. Para isso, realizou levantamentos bibliográficos com as palavras-chave “gênero e educação infantil” no período de 2007 a 2013 em artigos publicados nas principais revistas de educação e gênero, nos GT 07 (Educação de Crianças de 0 a 6 anos) e 23 (Gênero, Sexualidade e Educação) da ANPED e nos editais do evento “Fazendo Gênero” a partir do método de análise de conteúdo avaliou 138 trabalhos, dos quais 30 foram selecionados por serem os que se relacionaram à Educação Infantil. Apontou que a pesquisa na área delimitada se concentra nas regiões Sul e Sudeste, com predominância de autoras mulheres e de referenciais teóricos no campo dos Estudos Culturais, pós-estruturalismo, Sociologia da infância e estudos feministas, com maior uso de referências estrangeiras, utilizando-se da identidade como conceito que embasa as construções de gênero. A maior parte das pesquisas se volta para relatos sobre a (des)construção das identidades de gênero das crianças nesse nível de ensino, o que evidencia a reprodução de identidades de gênero binárias e dicotômicas e relações de gênero sexistas e heteronormativas, sendo menor o número de pesquisas que focam o desenvolvimento de ações para superar essas

assimetrias identificadas.

A dissertação de Natália Machado Belarmino se intitula “Os Cadernos Escolares que ‘Falam’: Artefato de Subjetivação de Gênero e Sexualidade” (T21) e foi finalizada em 2015, no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE. O objetivo do trabalho foi investigar como os cadernos escolares ensinam às crianças como devem ser e se comportar em relação às identidades de gênero e sexualidade. A pesquisa se apoiou nos Estudos Culturais e na Pedagogia Cultural com base em estudos Pós-estruturalistas, analisando 40 cadernos escolares de crianças nas séries Jardim II, 1º, 2º, 3º anos, de escolas públicas e privadas de Pernambuco. Concluiu que estes cadernos são artefatos com potência para a construção de identidade de gênero e sexualidade que indicam formas de normalização de sujeitos do ponto de vista da sexualidade para a heteronormatividade, o modelo da família nuclear como uma prática humana digna, correta e verdadeira e marca posições de sujeitos de gênero bem delineadas por marcadores sociais, como as cores. Os cadernos, enquanto artefatos curriculares, são feitos para a produção, manutenção e vigilância da norma que procura colocar e conformar os sujeitos em determinados lugares. Os pontos de fuga se apresentaram menos frequentes, o que aponta para a necessidade de problematização dessa temática na formação de professores/as.

Ainda em 2015, vinculada ao programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE, Talita Maria César Nascimento produziu a dissertação “O Bullying na escola: uma análise do discurso da mídia impressa pedagógica” (T22) com o objetivo de compreender qual a rede discursiva que vem se constituindo no discurso midiático sobre bullying na escola e seu papel na formação do sujeito docente. Teve como objeto da abordagem o bullying escolar no discurso midiático da revista Nova Escola entre os anos de 2008 e 2011, balizada nos Estudos Culturais e no modo de problematização do discurso por Foucault. Entre os resultados da pesquisa, viu-se que o discurso do bullying na escola se sustenta na coexistência com outros objetos de saber, como gênero, raça, sexualidade, homofobia, violência doméstica, delinquência juvenil, diferença de classe social, havendo uma apropriação do discurso pedagógico pelo discurso midiático que promove a veiculação de dicas, sugestões, métodos de abordagem com os alunos e exemplos de ações já realizadas contra o bullying que obtiveram sucesso, centradas na responsabilização do professor como agente de combate ao bullying e que produz no sujeito pedagógico novas maneiras de ser, de trabalhar, de se relacionar com os indivíduos e com o cotidiano da escola.

A tese “Escola: lugar político da diversidade sexual e de gênero” (T23) de autoria

de Maria Leuca Teixeira Duarte no programa de pós-graduação em Ciências Sociais da UFRN, em 2015, teve os objetivos de analisar como a escola e seus profissionais lidam com as diversidades sexual e de gênero; verificar como a escola e seus sujeitos atuam na construção de novos sentidos diante de “novas” demandas sociais e; observar as aberturas permitidas pelos estudantes que demandam reconhecimento nesses espaços. O estudo se caracterizou como pesquisa etnográfica utilizando as técnicas de entrevistas semiestruturadas e rodas de conversas com doze educadores do ensino fundamental em uma escola municipal de Natal-RN e com três estudantes de uma escola estadual do ensino médio identificados/reconhecidos como homossexuais ou travestis. A noção de gênero entre os educadores aparece ligada ao par masculino/feminino, a de sexualidade ao comportamento e à afetividade e a de orientação sexual à opção sexual. A diversidade é associada à inclusão de pessoas com deficiência (física ou intelectual), enquanto o assunto no campo da sexualidade que mais preocupa a escola é a gravidez na adolescência. Todos os entrevistados afirmaram ter sofrido/presenciado formas de agressão, a presença dos estudantes alvo destas agressões cria situações que forçam a discussão e a tomada de atitudes a partir de suas exigências, porém as práticas discriminatórias ainda são respaldadas por atitudes conservadoras ou negligentes da escola associadas ao despreparo de seus profissionais que superficializam preconceitos ou silenciam.

“Com a delicadeza necessária: O discurso de gênero e sexualidade em livros de literatura infantil” (T24) de autoria de Amaury Veras Neto foi defendida em 2015 na Universidade Federal de Pernambuco no Programa de Pós-Graduação em Educação, e tem como objetivos analisar o discurso de gênero e sexualidade presente nos livros de literatura infantil sugeridos pela Coleção Explorando o Ensino: Literatura e problematizar as representações de gênero e sexualidade nesse discurso, usando como foco as posições de sujeito. O objeto a ser analisado foi a Coleção Explorando o Ensino: Literatura mais especificamente os seguintes livros: Tem Gente, Amor de Ganso, Pra que serve uma barriga tão grande, O menino Nito e Emmanuela. Para compor suas análises o autor utilizou-se dos estudos de Michel Foucault sobre discurso e sexualidade, governo dos corpos e relações de poder; Guacira Lopes Louro e Judith Butler para problematizações vindas dos estudos feministas e Stuart Hall e Tomaz Tadeu da Silva para conceituar a pedagogia escolar e a cultural e suas representações. A análise se deu em dois blocos, o primeiro com um cenário discursivo, tratava de documentos de política educacional e enunciados de sites de movimentos sócias, já o segundo bloco era voltado para a rede

interdiscursiva e a posição do sujeito de gênero e sexualidade e nele foram analisados os livros acima citados da Coleção Explorando o Ensino: Literatura. Com as análises que o autor fez pôde-se chegar à conclusão de que o discurso de gênero e sexualidade na literatura analisada tem a função de transmitir valores de uma sociedade patriarcal, tendo em vista que muitos dos livros trazem a mulher sempre sorrindo quando acompanhadas de homens, feliz ao cuidar da casa, do marido ou dos filhos, fazendo parecer que a mulher apenas se completa quando exerce essas funções. Além de que em todos os livros o foco da narração é sempre o homem, enquanto a mulher nunca é provedora da família, exceto no livro Emmanuela, em que é o pai que fica em casa com os filhos, enquanto a mulher trabalha. Outro fato interessante é o discurso religioso sempre presente nos livros de algum jeito. Com isso, observou-se que a literatura não é necessariamente uma solução, tendo em vista que muitas vezes ela pode propagar, legitimar e naturalizar discursos que queremos desnaturalizar.

A dissertação de Marília Maia Lincoln Barreira, do mesmo ano, foi apresentada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNIFOR com o título “Heteronormatividade e homofobia na educação básica pública” (T25), com o objetivo de problematizar a (re)produção da heteronormatividade e da homofobia no contexto da educação pública de Fortaleza. A partir dos Estudos Culturais, foucaultianos e da Teoria Queer, a pesquisadora aplicou 400 questionários da Escalas de Preconceito contra Diversidade Sexual e de Gênero, com professores, funcionários e alunos acima de 18 anos, em escolas da rede municipal e estadual para posteriormente formar dois grupos focais (um de alunos e outro de professores) de dez participantes. Concluiu que no contexto escolar, a homofobia velada ainda é manifestada por agressões verbais e balizada por um discurso heteronormativo e que apesar dos alunos aparentarem um pouco mais de flexibilidade para lidar com a diversidade, notando como homofobia qualquer menção ou comentário à(s) homossexualidade(s) feita em tom de piada ou desrespeito, os professores/as consideram que muitas de suas falas não suscitam o ódio, apenas têm o intuito de brincadeira. Assim, a falta de informação e formação apropriada de docentes se coloca como algumas das maiores dificuldades para a promoção do respeito à diversidade e uma educação cidadã.

Em 2016, Cristiano José de Oliveira defendeu a dissertação “Escola religiosa e produções de subjetividades: relações de gênero e sexualidade em um currículo escolar” (T26) no programa de Pós-Graduação em Educação da UFS. O objetivo da pesquisa foi analisar as produções de subjetividades de docentes e discentes em um currículo de escola

religiosa católica no interior de Sergipe. Foram analisados documentos pedagógicos, histórias orais sobre o Colégio Nossa Senhora e narrativas de docentes acerca de episódios que ocorreram e ocorrem na escola, tomando relações de gênero, corpo e sexualidade como categorias analíticas. O pesquisador percebeu que as questões de gênero e sexualidade estão presentes no currículo escolar religioso, seja nas normas, nas regulações dos sujeitos que demarcam os espaços, lugares e coisas de meninos e meninas, numa perspectiva da heteronorma em que as regulações e os silenciamentos dos/as professores/as instituem discursos e práticas de subjetivação, porém, apesar da vigilância, surgem subversões num processo de transgressão ao discurso religioso e biológico predominantes no que tange ao gênero e sexualidade.

Seguindo no ano de 2016, temos a dissertação “Direitos humanos, educação e cidadania LGBT: uma análise das ações do programa Brasil sem homofobia em João Pessoa/PB” (T27) de autoria de José Cleudo Gomes no programa de Pós-Graduação em Educação da UFPB. O objetivo do estudo foi analisar as ações implementadas pelo Programa Brasil sem Homofobia no município de João Pessoa, a partir de sua transversalidade com as políticas públicas e das interfaces com o movimento LGBT. O pesquisador fez uma análise documental do Programa Brasil sem Homofobia (2004) e de outros materiais, cadernos, programas e planos nacionais, além dos relatórios, publicações, cartilhas e folders produzidos no âmbito local no período de 2004 a 2009. Realizou também entrevistas semiestruturadas com militantes das entidades LGBT e representantes de projetos de políticas para LGBT e/ou de extensão universitária. Percebeu que o Estado brasileiro foi tensionado e pressionado internacionalmente e nacionalmente, também, a partir da mobilização do Movimento LGBT, para apresentar alternativas de proteção e defesa da população LGBT e que as políticas públicas elaboradas e executadas, apesar das dificuldades, são contemporâneas ao nosso tempo e incluem o uso do nome social e a introdução de temas no ambiente escolar e em formações continuadas para professores entre as conquistas.

No mesmo ano, no programa de Pós-graduação em Educação da UFPE, Maria do Carmo Gonçalo Santos defendeu a tese de título “As contribuições do currículo da formação para a prática pedagógica docente com gênero e sexualidade na educação básica” (T28). A pesquisa analisa as contribuições do currículo da formação de professoras e professores para a prática pedagógica com gênero e sexualidade na Educação Básica, tendo como campos o curso de Pedagogia da UFPE e duas escolas de Educação Básica para realizar observação participante, pesquisa documental,

questionário e entrevistas com estudantes-professoras, tomando o multiculturalismo crítico como abordagem teórico-metodológica e a análise de conteúdo para abordar os dados. Percebeu que gênero e sexualidade perpassam o currículo vivido da formação, assim como nas escolas se materializam nas práticas coeducativas, nas interações espontâneas e nos artefatos culturais, perpassados por silenciamentos e intervenções. Aponta que o currículo da formação contribui com fundamentos teóricos para o trabalho com as diferenças, porém há necessidade de ser intensificado como conteúdo formativo, para sua ressignificação na prática, em vista da dificuldade da contribuição para a realização de sínteses do conhecimento.

Camila Claíde Oliveira de Souza é autora da dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPA, em 2016, “Entre deuses e humanos: entre-lugares da diferença na trama curricular” (T29) com o objetivo de analisar o conceito de entre-lugares no campo dos Estudos Culturais e suas ressonâncias para pensar o currículo na perspectiva da diferença. Faz um diálogo com variados autores dos Estudos Culturais e da vertente Pós-Crítica para delimitar a perspectiva analítica da diferença nas questões de gênero-sexualidade, raça-etnia, deficiência-normalidade, dando voz e visibilidade a estudantes concluintes do curso de Pedagogia da UFPA-Belém enquanto sujeitos fronteiriços que compõem as narrativas deste contexto. A pesquisa permitiu tramar a diferença como potência ambivalente, que não cabe nos enquadramentos identitários e em seus lugares tão bem demarcados e invisíveis, ainda muito presentes no campo curricular. As entrevistas permitiram perceber que força e fragilidade percorrem juntas a diferença e confrontar o por vir dos entre-lugares da diferença no campo educacional, o que se tornou o disparador de um pensar na relação ética e estética que atravessa as cenas dos personagens, para povoar um pensar/filosofar entre dois planos híbridos, a filosofia e a educação, um novo caminho a seguir, de modo a aproximar as questões tratadas.

A dissertação “Letramento Literário na EJA/EF: como abordar a ambiguidade sexual nos contos de Clarice Lispector” (T30) de autoria de Fábio Silva Santos foi defendida em 2016 no Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede da unidade de Itabaiana na UFS e teve como objetivos elaborar uma metodologia de leitura de textos literários que despertasse o pensamento sobre a identidade sexual dos personagens; realizar uma leitura cultural dos contos “O corpo” e “Ele me bebeu” de Clarice Lispector numa turma de EJA e por último observar o processo de recepção de uma obra literária pelos alunos para que se evidenciem conhecimentos culturais que esses leitores aplicaram na interpretação das obras. O trabalho se desenvolveu como uma

pesquisa de campo em uma escola pública do estado de Sergipe durante o ano de 2016, utilizando a leitura dos contos para investigar a ambiguidade sexual dos textos. O trabalho foi dividido em três momentos: mapeamento do horizonte de expectativa dos leitores, debate sobre as flexibilidades das identidades sexuais a partir da análise do comportamento das personagens e, por último, a reflexão de como se constroem as identidades sexuais no contexto social dos leitores. O caminho metodológico aplicado parte de conceitos relacionados à construção do leitor: “identidade literária” de A. Rouxel, “letramento literário” por H. Cosson e C. Gomes, “leitura literária na EJA” por M. Cruz, utilizou-se de discursos sobre a construção da identidade sexual feitos por Foucault, Louro, Hall que defendiam a transitoriedade da identidade. Como resultado, os relatos da experiência de leitura para ampliar o campo de expectativa dos leitores no que se diz respeito à flexibilidade das identidades sexuais, bem como auxiliar outros docentes a pensarem sobre diversas práticas de leitura para o EJA e inovar a abordagem dos textos literários.

A dissertação escrita por Aline Rodrigues Malta é datada de 2016 e intitulada “Games e Gênero: As contribuições dos jogos eletrônicos na formação dos pedagogos” (T31) foi defendida na Universidade Federal de Pernambuco pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica. A pesquisa tem como objetivos analisar as contribuições dos jogos eletrônicos para a sensibilização sobre identidade de gênero contextualizada no curso de Pedagogia e os objetivos específicos de mapear o uso de jogos eletrônicos como estratégia didática no contexto pedagógico do ensino superior e o uso de jogos para discussão de identidades de gênero; verificar a partir do jogo The Sims 4 a relação e as características de identidade presentes nos jogos eletrônicos sobre diversidade de gênero e por último avaliar o uso de The Sims 4 como estratégia didática de sensibilização. O objeto de estudo foram seis estudantes de Pedagogia. A pesquisa possui abordagem qualitativa e as técnicas de coleta de dados utilizadas foram o estado da arte sobre pesquisas relacionadas ao tema, questionário, observação participante (realizada numa oficina de 4 horas em que ocorreu a aplicação do jogo The Sims 4), entrevistas semiestruturadas, grupo focal e análise de conteúdo. Para embasar seu trabalho a autora utiliza principalmente como bases teóricas James Paul Gee, Chickering e Gamsom, Simone de Beauvoir, Judith Butler e Guacira Lopes Louro. Os resultados encontrados demonstram a necessidade da mediação pedagógica para a obtenção dos objetivos bem como a possibilidade benéfica do uso de jogos eletrônicos na formação dos profissionais da educação em conjunto aos seus aprendizes em fase inicial de formação

como maneira de produzir discussões sobre gênero, sexualidade e outras diversidades.

No Programa de Pós-graduação em Educação da UFS, de onde partimos, Danilo Araújo de Oliveira defendeu a dissertação “Normas de gênero e heteronormatividade em uma escola de educação básica em Aracaju (SE)” (T32) em 2017, com o objetivo de analisar o funcionamento e atuação das normas de gênero e da heteronormatividade na escola, a partir de referenciais teóricos da vertente pós-estruturalista dos estudos culturais. Para isso, realizou entrevistas abertas com 16 docentes (12 mulheres e quatro homens) se utilizando da análise do discurso. Entre os resultados, apontou que noções essencialistas sobre gênero e sexualidade são acionadas, aprendidas e ensinadas, mediante o atravessamento de discursos encontrados, sobretudo, nos discursos biológicos e religiosos, os quais colaboram para a produção de corpos generificados, para dicotomia, e para processos de ensino/aprendizagem que concebem a heterossexualidade como norma e as demais formas de viver a sexualidade como anormais, com poucas experiências de subversões.

Também em 2017, no programa de Pós-graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, foi produzida a dissertação “A escola e os professores diante da problemática da sexualidade: uma perspectiva histórico-sociológica de análise dos discursos e das práticas educacionais” (T33) por Jarles Lopes Medeiros. O objetivo foi analisar as concepções docentes e suas expressões materializadas na prática pedagógica frente ao tema sexualidade e seus desdobramentos na família, nas relações de gênero, nas diversidades sexuais e nas questões biológicas. Assume a abordagem histórico-cultural, a transdisciplinaridade e a Análise do Discurso foucaultiana, utilizando-se da abordagem etnográfica para captar a realidade da escola visitada; a História Oral para a realização das entrevistas com nove professores de uma escola pública municipal de Fortaleza; e a perspectiva comparada para a condução dos estudos. Enquanto resultados, apontou que as práticas pedagógicas relacionadas ao tema são orientadas pelas concepções pessoais dos docentes e, portanto, não são neutras, sendo permeadas por crenças por vezes carregadas de preconceitos e/ou estigmas. O discurso docente declara a necessidade de um corpo educado sexualmente, em que os alunos deveriam apresentar comportamentos sexuais assépticos e contidos, apontando a família (um tipo certo) como uma peça chave para se realizar o processo educativo na escola.

No mesmo ano, Marcos Felipe Gonçalves Maia defendeu no programa de Pós-graduação em Educação da UFT a dissertação “Discurso midiático da ideologia de gênero e sua ressonância nos planos estadual e municipais de educação do Tocantins” (T34)

tendo como objetivo compreender os significados da expressão “ideologia de gênero” a partir dos discursos, motivos e/ou justificativas que se manifestaram em jornais regionais online do Tocantins para a supressão das questões de sexualidade e de gênero dos planos municipais e estadual de educação do estado. O método da pesquisa teve inspirações da etnometodologia, bem como da análise do discurso numa perspectiva teórico-metodológica da abordagem multirreferencial que se utilizou da pesquisa documental realizada com trinta e três etnotextos de três jornais regionais online: Jornal do Tocantins, T1 Notícias e JM Notícia. Concluiu que a utilização da palavra ideologia na expressão “ideologia de gênero” se deu a partir de uma valorização pejorativa com a intenção de criação de um Estado Teocrático no Brasil pela tomada da Educação como um campo de disputa e de formação desta sociedade; assim como a “Ideologia de gênero” tem sido utilizada para desqualificar outras formas de saberes e conhecimentos científicos que tentam mostrar e denunciar as diversas formas de ser homem e mulher.

A dissertação Análise da “Ideologia de Gênero no Plano Municipal de Educação de João Pessoa (2015-2025)” (T35) foi defendida por Joel Martins Cavalcante no programa de Pós-graduação em Educação da UFPB em 2017. O objetivo da pesquisa foi analisar as discussões em torno da diversidade de gênero e sexual – a “ideologia de gênero” – no processo de construção e aprovação do Plano Municipal de Educação (PME) de João Pessoa, uma bibliográfica e documental que se utilizou das leis, diretrizes nacionais, pactos e convenções internacionais, atas, planos, documentos das Conferências Nacional e Municipal de Educação, blogs, sites, vídeos, postagens no facebook e instagram, notas públicas e técnicas, livros em torno da diversidade de gênero e sexual nos planos de educação. Os resultados indicam alianças entre os segmentos fundamentalistas e partidos políticos numa direção oposta à Conferência Nacional de Educação contrária ao princípio da não discriminação e do respeito à diversidade. Apesar disso, a diversidade de gênero e sexual encontra respaldo normativo para ser trabalhada na educação escolar, estando presente de forma explícita ou implícitas no anexo referentes ao Eixo de Direitos Humanos no PME.

A tese “Concepções de mães, pais e educadoras sobre desenvolvimento infantil e gênero” (T36) foi defendida no programa de Pós-graduação em Psicologia Social UFPB por Dalila Castelliano Vasconcelos em 2017. O objetivo da pesquisa foi identificar e analisar as concepções de mães, pais e educadoras de crianças de dois e três anos de idade a respeito do desenvolvimento infantil e das relações de gênero na infância a partir de entrevistas semiestruturadas com 40 mães, 40 pais (20 de meninas e 20 de meninos cada)

e 20 educadoras (10 de centros de educação infantil públicos e 10 privados) da cidade de João Pessoa utilizando a análise de conteúdo de Bardin. Os resultados indicam que mães, pais e educadoras definem meninas e meninos de forma antagônica, sendo os meninos os que sofrem mais interferências sexistas em seu comportamento. Apontam, também, que os pais têm concepções mais sexistas que as mães, e que as famílias de menor nível econômico e educacional são as mais rígidas e contribuem para uma menor equidade de gênero. As interferências nas ações das crianças delimitam quais são as atividades exclusivas de cada sexo, quando as crianças manipulam brinquedos e roupas ou expressam comportamentos considerados do sexo oposto. Mostrou-se importante compreender costumes e cuidados aparentemente espontâneos a partir das concepções que lhe conferem significado, as quais devem ser consideradas em propostas de intervenção mais equitativas,

“Educação em direitos humanos e o debate de gênero no sistema público de ensino básico de Cajazeiras-PB: um estudo sobre a (in)efetividade das políticas públicas municipais em educação” (T37) é o título da dissertação de Victor de Saulo Dantas Torres junto ao programa de Pós-graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas da UFPB. O objetivo foi averiguar a efetividade das políticas públicas de educação no campo do gênero e da diversidade no município de Cajazeiras- PB, ante a inclusão dessa temática em seu Plano Municipal de Educação e outras ações no sistema escolar municipal. Utilizou da pesquisa documental, bibliográfica e de campo, através da observação escolar e realizou entrevistas não estruturadas com representantes de movimentos sociais, do Poder Executivo e Legislativo e professores, utilizando a técnica da análise de conteúdo. Apontou que não existe política pública educacional estruturada sobre as discussões de gênero e diversidade dentro das escolas, tendo apenas políticas mais abrangentes, em especial ao combate da violência contra a mulher e à discriminação de pessoas LGBT, porém sem efetividade pela falta de apoio pedagógico do poder público. Mostrou, ainda, que há muito que se trabalhar nesse sentido, mas que há avanços, principalmente na articulação e participação dos movimentos sociais nas políticas educacionais municipais.

No mesmo ano, Márcio da Silva Lima produziu a dissertação “Políticas de educação que tratam de gênero e sexualidades na América Latina: um estudo sobre Brasil e Uruguai” (T38) no Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea da UFPE tendo como objetivo refletir sobre as principais medidas adotadas na área de Educação que tratam das questões de Gênero e Sexualidades para o enfrentamento da LGBTfobia

no Brasil e Uruguai. O pesquisador se utilizou da pesquisa documental e da técnica de Análise de Conteúdo na perspectiva de Bardin, concluindo que no Brasil e no Uruguai foram implementadas algumas leis importantes contra a discriminação das pessoas com identidades LGBTs para conquista de direitos assegurados ainda de forma tímida e gradual, no contexto de marcantes transformações de ordem social, política e econômica em que coexistem forças e esforços pra diminuir a LGBTfobia e vários setores conservadores que buscam inibir o sucesso dos avanços sociais destinados a essa parcela da população.

Giordano Bruno Souza dos Santos é autor da dissertação “Elaboração de um componente curricular sobre atenção à saúde da população LGBT em um Curso de Graduação em Medicina” (T39) no programa de Pós-graduação em Ensino na Saúde da UFRN em 2017. O objetivo do trabalho foi elaborar um componente curricular sobre atenção à saúde da população LGBT em um curso de graduação em Medicina, para isso realizou a pesquisa-ação junto a comunidade acadêmica o curso de Medicina da Escola Multicampi de Ciências Médicas da UFRN para a proposta de inclusão de um componente curricular denominado “Atenção à Saúde da População LGBT”, com carga horária de 45 horas, no projeto pedagógico do curso, além de aprovar uma Oficina Pré-congresso sobre a mesma temática a ser realizada no 55º Congresso Brasileiro de Educação Médica, indicando a importância da temática para a formação do médico com perfil generalista.

No programa de Pós-graduação em Educação da mesma instituição, João Batista de Oliveira Filho defendeu, ainda em 2017, a dissertação “Pedagogia dos corpos: gênero e sexualidade em práticas curriculares de dois CMEI da cidade do Natal-RN” (T40) que teve o objetivo de investigar o modo como as práticas curriculares produzidas pelas/os professoras/es funcionam sob a inteligibilidade de uma matriz cultural que sustenta a “verdade” de uma dita continuidade natural entre sexo e gênero, coibindo possíveis atravessamentos que perturbem essa ordenação a partir de procedimentos de inspiração etnográfica, tais como a observação em salas de educação infantil de dois Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI) da rede pública de Natal e entrevistas semiestruturadas com professorxs responsáveis pelas turmas. Entre os resultados, concluiu que as práticas curriculares estudadas funcionam educando corpos, produzindo sexualidade e gênero “normais”, embora abram brechas para tolerâncias, ambivalências e permissões, sendo produtivas, afirmando que as práticas curriculares dos dois CMEI estudados são atravessadas por relações assimétricas de poder, investindo detalhadamente

em subjetividade normativa e naturalizante de gênero e sexualidades.

Passando para o ano de 2018, a dissertação “Discurso político pedagógico sobre diversidade sexual e de gênero na perspectiva do Plano Nacional de Educação” (T41) foi apresentada no Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura da UFBA. Teve o objetivo de analisar de que forma os discursos políticos pedagógicos determinam a inserção e retirada dos conceitos sobre diversidade sexual e de gênero no PNE à luz da Análise Crítica de Discurso – ACD. Analisa-se o contexto, os discursos políticos pedagógicos e a maneira como estes determinam a inserção e retirada das questões relativas à diversidade sexual e de gênero no artigo 2º, inciso III, do plano e as correntes ideológicas que integram os discursos e suas interferências na autonomia da educação. Foi evidenciado um contexto polarizado que não se limita ao plano financeiro, mas na forma como as pessoas lidam com a sexualidade, com os corpos, motivo pelo qual se torna extremamente oportuna a análise dos discursos que determinam e perpetuam formas rígidas de concepção de família e de pautas sobre educação sexual alinhadas a um projeto de desenvolvimento nacional contrário aos postulados de autonomia educacional, capturada pelo sistema capitalista e seus efeitos prejudiciais à democracia e à cidadania.

Seguindo no ano de 2018, tem-se a dissertação de Jansen Carlos Vieira da Silva intitulada “Embates sobre questões de gênero e sexualidade no Plano Municipal de Educação de Santa Maria/RN: o fruto proibido na educação escolar” (T42) vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN com objetivo de investigar os fatores relacionados à retirada das questões de gênero e sexualidade do Plano Municipal de Educação (2015-2025) de Santa Maria/RN. Na pesquisa foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três integrantes do Fórum Municipal de Educação de Santa Maria/RN responsáveis pela análise e reelaboração das metas e estratégias do PME e condução de todo o processo de construção e aprovação do documento-base. A partir da análise dos dados, dois focos principais emergiram: o “kit gay”, como ficou conhecido o Kit Escola sem Homofobia e “ideologia de gênero”, expressão utilizada por grupos conservadores que associam a destruição do que eles chamam de “família natural” por projeto de esquerda. A defesa desse tipo de família, que estaria sendo atacada, e a crença de que o gênero é previamente definido por um determinismo biológico, adicionadas a algumas outras, foram determinantes no silenciamento das questões de gênero e sexualidade do texto principal do PME de Santa Maria/RN.

Émerson Silva Santos é autor da dissertação “(Des)respeito à diversidade sexual e à identidade de gênero em escolas de Caruaru – PE: a questão da LGBTfobia e os

enfrentamentos e/ou silenciamentos da gestão escolar” (T43), em 2018, no Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea da UFPE. A pesquisa pretendeu investigar qual o lugar que as questões de diversidade sexual e de identidade gênero ocupam na gestão das escolas do Ensino Médio da Rede Estadual de Ensino em Caruaru/PE com aplicação de entrevistas semiestruturadas com gestoras escolares e professores/as, além de pesquisa documental e técnicas de Bricolagem, utilizou a análise de conteúdo. Como resultados, apontou que as escolas de Ensino Médio Integral têm maior potencial para tratar de questões relacionadas à diversidade sexual e à identidade de gênero do que as de Ensino Médio Regular. A formação continuada dos/as gestores/as escolares não contempla essas discussões, o que se reflete no baixo envolvimento da gestão escolar na promoção de ações com vistas ao combate à LGBTfobia, aliada às dificuldades enfrentadas por gestores/as que buscam ações nesse sentido e que não contam com o apoio da Secretaria de Educação de Pernambuco. O que evidencia a importância de fomentar o enfrentamento do problema da LGBTfobia na escola, em que a gestão escolar seja parte da solução.

Ao fim da leitura, descrição e análise dos trabalhos, percebemos que tanto os objetos de pesquisa quanto a inspiração teórico-metodológica que baseiam as pesquisas refletem o desenvolvimento do campo de estudo e o contexto político que vive o país nas últimas duas décadas, principalmente quanto aos embates relacionados às políticas em educação.

Dois enfoques se destacam: gênero e sexualidade em práticas curriculares na escola e gênero e sexualidade nas políticas públicas e currículos estaduais e municipais. Além destas, há pesquisas de análises/levantamento dos discursos midiáticos ou acadêmicos acerca dos temas e abordagens a currículos de espaços não-formais de ensino ligados à juventude ou educação em saúde. A maioria das pesquisas selecionadas aborda seus objetos tendo o gênero e sexualidade como lente principal da análise. Estão em menor número as que se acionam o gênero e sexualidade de forma secundária na relação com outros objetos centrais como tolerância, bullying, violências e práticas de subjetivação.

Importante ressaltar que a área de concentração do programa de pós-graduação traz influências sobre os objetos de estudo, porém não de forma a delimitar contrastes que permitam uma distinção analítica. Analisando os 26 dos trabalhos vinculados a programas de pós-graduação em educação, não encontramos distâncias significativas com os cinco da área de psicologia que possam caracterizar peculiaridades. A maior distinção pode ser

observada nos trabalhos da área da saúde que abordam educação sexual ou políticas de prevenção e saúde.

O gênero foi foco principal de nove dos trabalhos que estiveram associados principalmente aos papéis de gênero ou construções generificadas nos currículos, a sexualidade enquanto abordagem principal ocorreu em oito dos trabalhos, ligados à saúde pública, comportamentos sexuais ou homofobia. A maior parte das pesquisas, vinte três delas, trazia a sexualidade associada às questões de gênero indicando como as diversidades ou identidades sexuais e de gênero estão colocadas nos currículos e/ou a problemática causalidade entre o gênero e heteronormatividade compulsória que rege a normatização curricular.

Os conceitos de gênero e sexualidade aparecem geralmente ligados a uma presunção de identidades e papéis de gênero e à defesa da diversidade sexual. A partir de 2009, a diferença começa a ser referida, ainda timidamente e como complemento da identidade em três das pesquisas para só em 2016, no trabalho de Camila Claíde Oliveira de Souza, ter um protagonismo que desloca o essencialismo das identidades e o ponto referencial de onde partem às diversidades para se direcionar à multiplicidade da diferença.

Nossos achados vão ao encontro dos resultados expostos no trabalho de Silva (2015) descrito aqui nessa seleção e que aponta a utilização da identidade como conceito que embasa as construções de gênero de referenciais teóricos que se ancoram predominantemente no campo dos Estudos Culturais, pós-estruturalismo e estudos feministas. No caso da pesquisa citada, o objeto envolvia a educação infantil, assim apareceu também a Sociologia da infância.

Como abordado nas tabelas e gráficos anteriores e evidenciado em outros trabalhos, a produção acadêmica que inclui gênero e sexualidade aumentou consideravelmente nos últimos dez anos do intervalo analisado. O que vemos é que a intensificação da produção está aliada à emergência dos Estudos Culturais e das teorias pós-críticas e pós-estruturalistas no campo do currículo.

Silva (2005), ao apresentar historicamente os discursos ou teorias no campo do currículo, mostra que as teorias pós-críticas ampliam e modificam o que as teorias críticas postularam, expandindo o mapa do poder para incluir processos de dominação centrados na raça, etnia, gênero e sexualidade, não limitando a análise do poder ao campo das relações econômicas do capitalismo.

A partir disso, as relações que são colocadas na produção, consolidação,

manutenção e reformulação de currículos e políticas curriculares podem ser vistas por outros vieses como o do gênero e da sexualidade enquanto dispositivos de poder. Isso se demonstra na perspectiva teórica adotada nas pesquisas aqui elencadas, que em sua maioria, totalizando 24 trabalhos, estão embasadas nos Estudos Culturais e/ou nas citadas teorias pós. As demais se ancoram em teorias críticas de currículo ou o vê por uma perspectiva mais tradicional e positivista. A perspectiva teórica implica na forma de conceituar o próprio currículo, que pode aparecer enquanto artefato cultural que produz sujeitos e normas, instrumento de poder e reprodução social, conjunto de conteúdos e valores que são transmitidos especialmente na escola.

Analisando os trabalhos que adotam perspectivas pós-críticas na ANPED e livros publicados no período de 1993 até 2003, Paraíso (2004) percebe que, a partir de estudos introdutórios de perspectivas pós-críticas em educação divulgados no Brasil, há uma espécie de contágio a partir do final dos anos 90 e início dos anos 2000 em que se desenvolvem uma multiplicidade de pesquisas e trabalhos que pensam a educação, a pedagogia, o currículo e outras práticas educativas de modo diferente do que até então vinha sendo pensado apontando para a abertura e a multiplicação de sentidos, para a transgressão e a subversão daquilo que já havia sido significado no campo educacional.

Nos dois enfoques principais que destacamos nos trabalhos (gênero e sexualidade em práticas curriculares na escola e gênero e sexualidade nas políticas públicas e currículos estaduais e municipais) se apresenta uma mesma trajetória composta de três movimentos: o início das discussões que incluem gênero e sexualidade na abordagem aos currículos no Brasil – o delinear do campo; o desenvolvimento e complexificação dos conceitos e a ênfase na necessidade de rever os currículos diante de “novas” demandas sociais - os primeiros passos; e a análise das disputas, ou da reação, em torno da inclusão destas discussões nos currículos e nas políticas – a contestação.

Esses dois últimos movimentos ficam mais evidentes quando observamos que entre 2006 e 2016 há uma ênfase em pesquisas que analisam políticas públicas e currículos “oficiais” de estados e municípios decorrentes principalmente da previsão, no Plano Nacional de Educação em 2001, de que abordagens tais como gênero e educação sexual estivessem asseguradas nas diretrizes curriculares dos cursos de formação de docentes. O terceiro movimento vem à tona mais fortemente a partir de 2017 quando na aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foram retirados os termos “gênero” e “orientação sexual” de trechos específicos como resultado de disputas políticas e sociais. A partir desse ano as pesquisas se concentraram nos debates, nos

discursos e nas forças que conduziram e influenciaram os processos de discussão e aprovação dos currículos a exemplo da “ideologia de gênero”.

Os achados aqui descritos refletem as conclusões a que chegaram Cardoso et. al. (2019) ao analisarem leis, diretrizes e bases nacionais no que se refere a gênero. A partir desses documentos, delinearão etapas não estanques que marcam a tentativa de inscrição de diversos grupos no direito ao acesso e à permanência na educação, com o surgimento, ao menos institucional, na elaboração de políticas, a partir de que houve um segundo movimento das políticas educacionais pautado em um esforço de minimizar as desigualdades a partir de marcadores culturais. Porém, em decorrência da pouca problematização das matrizes discursivas de produção das desigualdades entre grupos (de classe, de gênero, de sexo ou de etnia), foram permitidas possibilidades de intervenção da onda conservadora nessas políticas ainda tão frágeis, resultando nesse terceiro movimento de retrocessos nas mais recentes normativas.

As pesquisas aqui analisadas se mostram “engajadas” em recuperar um espaço ainda não conquistado, reforçando a necessidade de discutir como as questões de gênero e sexualidade estão colocadas nos currículos, o que movem e produzem em termos de normalização, exclusão, preconceito e desigualdade.

A produção de desigualdades é impressa nos resultados das pesquisas aqui descritas, mesmo as que não citam diretamente isso, indicando que de todos os itens analisados até o momento é o que demonstra maiores similaridades entre as pesquisas. Em quase todas, os resultados apontam para o currículo como artefato implicado na produção de corpos e sujeitos generificados, a partir da assunção do binarismo homem/mulher, tendo a masculinidade com referência, e da heteronormatividade como padrão que torna os sujeitos legítimos em sua sexualidade. Ainda que não se apropriem desses conceitos e bases teóricas, como ocorre em alguns trabalhos principalmente os da primeira década analisada, as conclusões a que chegam vão nessa direção, o que realça as cores que estampam a importância desses debates no campo acadêmico e educacional.

5.2 GÊNERO, SEXUALIDADE E FORMAÇÃO DOCENTE

Quanto aos trabalhos que problematizaram a formação docente, foram encontradas 24 pesquisas. Nesse conjunto, 16 são dissertações de mestrado e 08 teses de doutorado. Os trabalhos foram descritos em ordem cronológica e denominados por T44 a T67 para melhor referenciá-los durante as análises. A partir da seleção foram descritos

os trabalhos na sequência do ano de publicação evidenciando, além de suas características de identificação, o objetivo principal, o objeto, o método e os principais resultados. Após as descrições das pesquisas faremos um panorama geral do que foi encontrado para ajudar a delinear o campo de pesquisa nas produções acadêmicas nas regiões escolhidas.

Iniciamos com a dissertação defendida em 2006 por Ellis Regina Ferreira dos Santos: “O entendimento de professores e professoras do ensino fundamental sobre as relações de gênero e sexualidade” (T44) pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências da Sociedade na Universidade Estadual da Paraíba. O objetivo foi analisar o entendimento de professores/as da 8ª série de uma escola pública e de uma escola particular da cidade de Campina Grande-PB sobre as relações de gênero e a sexualidade. Quanto a metodologia, caracterizou-se como sendo um estudo descritivo-analítico, tendo como amostra 10 participantes, assim distribuídos: na escola pública foram entrevistados 03 do sexo feminino e 02 do sexo masculino; igualmente na escola particular foram entrevistados 03 do sexo feminino e 02 do sexo masculino. O instrumento de coleta de dados consistiu em entrevistas semiestruturadas contendo perguntas abertas. Os dados foram analisados à luz da análise de conteúdo. Os principais resultados apresentados foram: a existência de uma não familiaridade dos/as entrevistados/as com o termo relação de gênero, caracterizada pela dificuldade de definir esta relação, de contextualizá-la a partir das diferenças baseadas no sexo; referente à sexualidade, percebeu-se ser uma discussão mais familiar ao seu cotidiano, um tema que eles/as demonstraram maior domínio, apontando seus posicionamentos frente à heterossexualidade, à homossexualidade e à bissexualidade, ressaltando aspectos de dificuldade de definição destes termos propriamente ditos e, em certa medida, reafirmando padrões tradicionais rígidos para as relações entre homens e mulheres; e os/as entrevistados/as demonstraram a necessidade de frente a esse surgimento das temáticas de gênero e de sexualidade em sala de aula, estarem preparados para discuti-las com os/as alunos/as, embora sintam dificuldades em lidar com estes temas considerados polêmicos por eles/as.

Em 2009, Sérgio Lizias Costa de Oliveira Rocha defendeu a tese intitulada “O Jogo da Compreensão de Gênero na Educação Infantil: Um Diálogo Hermenêutico do Pesquisador com Diversos Horizontes de Sentidos” (T45) pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará. O objetivo foi investigar a compreensão de gênero na educação de crianças a partir do conceito de jogo da hermenêutica gadameriana. A metodologia caracterizada como fenomenológico-hermenêutica de cunho etnográfico, em que os pesquisadores passaram um semestre

letivo numa escola de Educação Infantil no Município de Ilhéus-Ba como um aluno do Infantil IV. O procedimento foi baseado na Sociologia da Infância e na Gestalt-Terapia. Para a análise dos dados, utilizou-se da Psicologia da Gestalt para compor as seguintes categorias analíticas: “figuras de gênero”; “configurações de gênero” e “ajustamento criativo de gênero”. Com a análise o pesquisador chegou aos seguintes resultados: a compreensão de gênero ocorre de forma lúdica, isto é, num jogo de compreensões. Assim, terminou trazendo várias reflexões sobre a importância dos educadores se incluírem no mundo fenomenológico das crianças, mostrando a multiplicidade de possibilidades de significados que podem emergir no jogo da compreensão de gênero a partir das diferentes tradições que ocorrem no cotidiano da educação infantil.

Ainda em 2009, Luciano Carlos Mendes de Freitas Filhos defendeu a dissertação pelo programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco a dissertação intitulada “As rosas por trás dos espinhos: discursos e sentidos na formação de professores em face do debate da homofobia” (T46). O objetivo foi discorrer sobre a construção de sentidos nos discursos de professores ao lidar com a temática da homofobia na formação continuada da rede pública de ensino em Pernambuco. Quanto à metodologia, a pesquisa teve nas perspectivas da Educação em Direitos Humanos, dos Estudos da Sexualidade e Gênero e da Análise do Discurso o escopo teórico-metodológico para apresentação da análise desenvolvida. Como parte dos resultados, os pesquisadores destacaram que: os discursos investigados evidenciaram, entre outras coisas, que as falas dos respectivos docentes ,acerca da homofobia, revelam que tanto os discursos homofóbicos, assim como os não homofóbicos, se cristalizam e se (re) significam a partir de um jogo discursivo tenso que ocorre a partir de práticas sociais pertinentes à escola e ao contexto dos sujeitos que a compõe. O discurso homofóbico no contexto educacional público, hoje, gradativamente tem perdido um campo propício para sua enunciação explícita e consequente estabilização, ele tem se dado hegemonicamente de modo velado, no plano do implícito e não dito, em face do discurso politicamente correto. Somado a isso, os discursos homofóbicos no plano explícito se reforçam a partir de elementos discursivos parafrásticos e polissêmicos existentes a partir do silenciamento do discurso não homofóbico. Logo, afirmamos que não existe escola homofóbica e sim práticas discursivas homofóbicas hegemônicas.

Em 2010, Maria Santana Ferreira dos Santos Milhomem desenvolveu a pesquisa do tipo dissertação intitulada “As representações de gênero na formação de professores indígenas Xerente e expressão da violência” (T47) pelo Programa de Pós-graduação em

Educação da Universidade Federal de Sergipe. O objetivo geral foi analisar as representações sociais de gênero, as expressões de violência simbólica no cotidiano do trabalho docente no interior da comunidade indígena Xerente, para desvendar processos que sustentam as diferenças, a hierarquização e discriminação entre as integrantes desse grupo socialmente discriminado. A pesquisa se desenvolveu no Município de Tocantína no Estado de Tocantins, pesquisa qualitativa, realizada a partir de entrevistas do tipo histórias de vida com 6 (seis) mulheres professoras e 2 (dois) caciques da etnia Xerente e observações participantes, onde se verifica através da trajetória de vida e de trabalho, as representações de gênero presentes no cotidiano do grupo pesquisado. Os resultados informam que as práticas de vida das mulheres Xerente se constituem a partir da coabitação de permanências (convivem com a reprodução de posições de gênero bastante tradicionais) e mudanças (maior nível de escolarização, a assunção de novos papéis políticos, no trabalho, na economia familiar abrem possibilidades para a condição feminina). Constroem uma identidade em conflito: ora se orientam por valores da cultura tradicional, ora se orientam por valores da cultura ocidental capitalista. De um lado, fatores como a maior escolarização das mulheres e a assunção de novas atribuições políticas, no trabalho, na economia familiar, abrem possibilidades para ampliar os direitos e a cidadania. Por outro lado, os papéis masculinos mais tradicionais são reafirmados e enaltecidos nos discursos de homens e mulheres, na mesma proporção em que a crescente importância das mulheres na organização social e política tende a ser minorada.

Em 2011, Greissy Leoncio Reis defendeu a dissertação “O gênero e a docência: uma análise de questões de gênero na formação de professores do Instituto de Educação Euclides Dantas” (T48) pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulher, Gênero e Feminismo da Universidade Federal da Bahia. Teve como objetivo analisar as relações de gênero na formação inicial do(a) professor(a) do Curso Normal Médio do Instituto de Educação Euclides Dantas, em Vitória da Conquista, Bahia. Foi um estudo ancorado no campo das epistemologias feministas. Do ponto de vista metodológico, optou-se pela observação *in loco* com registro fotográfico, entrevistas com as professoras formadoras selecionadas para a pesquisa, aplicação de oficina com as/os estudantes do Normal Médio professoras(es) em formação e análise do Projeto Político Pedagógico e da Matriz Curricular do referido curso. Como resultados principais revelaram que, através das práticas pedagógicas das(os) professoras(es) formadoras(es) do curso Normal Médio, há a reprodução de ideologias de gênero androcêntricas; carência de uma formação adequada das professoras formadoras no que concerne às questões de

gênero e sexualidade, situação que culmina com a inexistência de um trabalho planejado e sistematizado quanto à abordagem destas temáticas e fornecem elementos que sugerem uma abordagem de gênero inadequada na formação inicial do(a) professor(a), do Curso Normal Médio do Instituto de Educação Euclides Dantas, no município de Vitória da Conquista, Bahia, situação que contribui para a manutenção de práticas sexistas e a reprodução de estereótipos e assimetrias de gênero no contexto escolar.

A dissertação defendida em 2012 por Walkiria de Jesus França Martins intitulada “Gênero e Sexualidade na formação docente: uma análise no curso de Pedagogia da UFMA-São Luís” (T49) e desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão. Teve como objetivo investigar a formação docente no que concerne às temáticas gênero e sexualidade a partir da sua concepção e desenvolvimento curricular no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, São Luís-MA, a fim de destacar os subsídios teórico-metodológicos que orientam a formação inicial do/a pedagogo/a. Como recurso metodológico a análise do discurso, tal como proposta por Foucault e como procedimento o levantamento bibliográfico e dos documentos oficiais, que regulamentam a formação do(a) pedagogo(a) no cenário nacional e local e seu reflexo no processo formativo, bem como os trabalhos de conclusão de Curso dos/as estudantes de Pedagogia, que possibilitaram problematizar e compreender o objeto. Dentre os resultados destacam-se: os discursos que legitimam o saber e o poder nos espaços formativos, campo no qual gênero e sexualidade são temáticas secundarizadas - como áreas do conhecimento e da formação humana. Destacam-se as categorias como condição sine qua non à formação dos sujeitos possibilitadores da emancipação de outros(as).

Ainda em 2012, a dissertação defendida por Silmere Alves Santos intitulada “Trabalho docente, família e vida pessoal: permanências, deslocamentos e mudanças contemporâneas” (T50) pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Objetivou conhecer os deslocamentos, as mudanças e permanências nos âmbitos do trabalho docente, da família e da vida pessoal, que dificultam e/ou possibilitam relações mais igualitárias, equitativas entre os gêneros e/ou que apontem outros padrões de sociabilidade favoráveis à articulação entre as esferas privada/pública, entre docentes que trabalham na universidade pública brasileira sergipana. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso. O campo empírico da pesquisa foi a Universidade Federal de Sergipe/Campus São Cristóvão e seus centros: CCSA, CCBS, CCET, CECH. Utilizaram-se várias fontes de coleta de dados como sites (CNPQ,

Ministério da Ciência e Tecnologia, SBPC, ANDIFES, Conselho de Reitores Universitários, IBGE, PNAD); o Anuário Estatístico 2008, da Universidade Federal de Sergipe para traçar o perfil das/os docentes. Os resultados informam que no contexto do trabalho docente na UFS, permanece a divisão sexual, a segregação horizontal e vertical, descobrindo-se a segregação paralela compondo a segregação tridimensional; permanece o gueto nas ciências exatas; constata-se que a produtividade e o trabalho substituto são prioritariamente ocupados pelo sexo feminino. As representações dos sujeitos apontam com relação às responsabilidades familiares que, em nome do amor e do dever materno, as mulheres preponderantemente assumem tais responsabilidades, e não se auto identificam como feministas; são ao mesmo tempo vencedoras e perdedoras da reflexividade; verificam-se estereótipos de gênero como expressão do preconceito. Quanto à vida pessoal, os dados apontam que as mulheres descansam menos de 8 horas por dia, assumem uma quádrupla jornada de trabalho, e entre as mulheres casadas estas horas estão associadas ao cuidar dos filhos e de si mesmas.

Outra pesquisa realizada em 2012 por Robinson Dias de Medeiros e é uma tese intitulada “Avaliação do conhecimento e de habilidades clínicas em saúde sexual e reprodutiva na graduação de medicina” (T51) pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde da Universidade Federal do Rio grande do Norte. Objetivou avaliar a inserção da temática saúde sexual e reprodutiva no currículo do curso de graduação em Medicina, por meio do emprego de avaliações de conteúdo cognitivo, procedimental e atitudinal. Foram utilizados os seguintes métodos avaliativos: prova escrita, exame clínico objetivo estruturado (OSCE) e Mini-CEX. Como variáveis explicativas foram consideradas o sexo, idade e participação prévia no componente curricular optativo Saúde Reprodutiva. A avaliação do processo constou da aplicação de questionários de satisfação e entrevistas acerca dos métodos avaliativos utilizados. Os resultados permitiram compreender que a avaliação de conhecimentos, habilidades e atitudes em saúde sexual e reprodutiva na graduação de Medicina mostrou-se factível, com alta concordância entre os diferentes métodos empregados. Os métodos OSCE e Mini-CEX podem ser aplicados ao contexto da saúde sexual e reprodutiva, possibilitando a avaliação de competências clínicas relevantes para a formação do médico generalista e que habitualmente não são contempladas nas avaliações rotineiramente realizadas na graduação.

Ainda em 2012, a dissertação defendida por Thiago Augusto de Oliveira da Conceição intitulada “Práticas de gênero e sexualidade: a produção discursiva sobre o/a professor/a homossexual na docência primária” (T52) pelo Programa de Pós-graduação

em Educação da Universidade Federal do Pará. O objetivo foi analisar a constituição discursiva da sexualidade examinada do ponto de vista das relações de gênero, a partir da análise das práticas discursivas de docentes homossexuais que atuam na docência dos anos iniciais do ensino fundamental de escolas. A base teórico-metodológica partiu das possibilidades de tratamento dos discursos proposta por Michel Foucault. A partir da análise discursiva dos enunciados sobre gênero e sexualidade produzidos por professores/as homossexuais da docência primária, constatou-se que essa ambiência docente é produzida por discursos que constituem esses docentes homossexuais a partir de práticas e ações normatizadoras e hegemônicas de gênero e sexualidade que tentam, sobretudo, ocultar a sexualidade homossexual no ambiente escolar, produzida a partir de discursos de silenciamento, negação, controle e vigilância sobre esses sujeitos ditos “anormais”. Há, portanto, uma maior vigilância e controle por parte da escola quando se trata desses professores/as homossexuais, as exigências institucionais são redobradas, seus dispositivos institucionais têm maior efeito e, agem na manutenção de uma suposta heteronormatividade sexual na escola.

Em 2013, a dissertação de mestrado defendida por Edenilse Batista Lima intitulada – “Concepções de docentes de biologia da grande Aracaju sobre corpo” (T53) pelo Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Sergipe, objetivou identificar e descrever concepções de docentes de Biologia da Grande Aracaju sobre corpo e identificar possíveis influências dessas concepções para a prática pedagógica. A abordagem foi qualitativa. A captação das informações foi feita com a utilização da técnica da entrevista individual semiestruturada. Os resultados apontam que os/as professores/as possuem uma concepção voltada para um corpo simbólico e para um corpo máquina. Esta última, provavelmente, devido à área de formação dos/as docentes uma vez que, enquanto graduandos/as, o corpo lhes é apresentado de forma fragmentada, desvinculado de qualquer contexto identitário, seja sociocultural, étnico, sexual ou de gênero. O corpo simbólico subdivide-se em vários outros corpos que se interrelacionam que são o corpo psicológico, o erótico, o socioeconomicocultural e o estético. Lembramos que o corpo é uma construção biopsicosocioeconomicocultural e assim sendo, compreendemos, de certa forma, essas concepções. Nós, professores/as, precisamos sensibilizar os/as alunos/as no tocante à valorização da diversidade corporal que existe no mundo e ao questionamento das padronizações referentes, principalmente, ao corpo e à sexualidade.

Em 2014, foram encontrados quatro trabalhos: 3 dissertações e uma tese. Essa

última intitulada – “Uma leitura de histórias de vida de mulheres docentes da Universidade Federal de Sergipe e da Universidade do Porto” (T54) defendida por Suzana Mary de Andrade Nunes no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Versou sobre o trabalho docente no contexto da Universidade Federal de Sergipe e na Universidade do Porto, estrato mais elitizado, que personifica avanços recentemente alcançados nas relações de gênero mais igualitárias, mas também expressa conflitos e contradições intrínsecas a qualquer processo de mudança social em uma Instituição Federal de Educação Superior. Optou-se por uma gama de ferramentas específicas integrando-se os aspectos macro/micro, subjetivos e objetivos, intra e interindividual, o intra e o intergrupar, o intra e o intercultural, visando restabelecer a identidade entre sociedade, universidade e o trabalho docente, para interpretar mecanismos de discriminação, estereótipos construídos nos processos de educação/socialização que interatuam potenciando os de gênero. A análise de dados entendeu que a problemática de gênero emerge presente, seja na divisão do trabalho, na construção de projetos/carreiras, nas contradições, barreiras e conquistas presentes neste percurso histórico. A elevada carga de trabalho impacta na vida familiar, no trabalho produtivo e reprodutivo, com desvantagens para as mulheres. Observa-se a divisão sexual por meio da organização do orçamento familiar, da administração doméstica e da educação dos filhos. Para os homens, a família nunca atrapalhou, enquanto a docente/mãe/esposa, por vezes, sacrifica-se em prol da família e da carreira do marido. As diferenças, distinções e desigualdades são construções sociais presentes não somente entre os nichos de exercício profissional, mas também dentro deles no cotidiano de trabalho reprodutivo e produtivo.

As dissertações defendidas neste mesmo ano foram: “Relações de gênero, trabalho e formação docente: experiências de mulheres da Escola Estadual Valnir Chagas, Aracaju/SE” (T55) por Anabela Mauricio de Santana pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Teve por objetivo analisar sob a perspectiva de gênero, o sentido, o significado do trabalho, a valorização da qualificação e de novas competências para as professoras do Ensino Fundamental da Escola Estadual Professor Valnir Chagas na cidade de Aracaju/SE. A metodologia recaiu na abordagem qualitativa. Foram consultadas diferentes fontes de informação: documentos, estatísticas oficiais, priorizando-se as fontes orais por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com sete professoras da referida escola. Os resultados apontaram que a dialética das diferenças emerge nos sentidos e significados atribuídos ao trabalho e à qualificação. As

docentes não mostram familiaridade com a abordagem de gênero; elas tendem a expressar representações naturalizadas sobre a construção das diferenças. A histórica divisão social e sexual do trabalho dificulta o processo de construção de identidades e, por conseguinte, a ampliação dos direitos e da cidadania. Mesmo diante das dificuldades enfrentadas, contraditoriamente elas consideram que os atributos de gênero não interferem na construção de seus projetos profissionais e vice-versa, definindo possibilidades de qualificação, mobilidade no mercado de trabalho.

O trabalho intitulado “Tensões na percepção dos docentes no Curso de Educação em Direitos Humanos do Instituto UFC-Virtual” (T56) foi defendido por Phelipe Bezerra Braga pelo Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará. O objetivo geral foi analisar o processo de formação docente em Educação em Direitos Humanos tendo como objeto o Curso de Aperfeiçoamento EDH, da Universidade Federal do Ceará, desenvolvido no ano de 2013. Um estudo qualitativo, foi realizado um levantamento documental dos principais tratados e programas nacionais e internacionais de Direitos Humanos, objetivando localizar os caminhos percorridos para a construção das políticas públicas relacionadas à temática no Brasil. Em seguida, observação de campo, das quatro aulas presenciais da turma de Fortaleza, acompanhando também as discussões que ocorreram no ambiente virtual de aprendizagem de nove turmas e entrevista com três alunos, dois tutores e o coordenador pedagógico do curso. A pesquisa assume uma postura cooperativa baseada no diálogo aberto entre os integrantes. Como principal resultado, concluiu-se que o espaço onde ocorrem maiores tensões na perspectiva das discussões trazidas pela educação em direitos humanos está relacionada às questões de gênero, diversidade sexual e raça e etnia.

A dissertação intitulada “Gênero e escolha de cursos superiores: perspectivas de estudantes de ensino médio do Liceu Paraibano” (T57) foi realizada por Érica Jaqueline Soares Pinto e Maria Eulina Pessoa de Carvalho pelo programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba. Objetivou analisar se e como as relações de gênero condicionam as escolhas de cursos superiores de estudantes do ensino médio. A metodologia aponta que a pesquisa foi qualitativa com aplicação de questionário e entrevista com os estudantes. A análise dos dados aponta que mesmo com sutis mudanças, o gendramento da educação superior que separam homens em carreiras científicas e tecnológicas e mulheres em carreiras da saúde e/ou humanísticas persiste na escolha de cursos superiores. Além disso, a naturalização das relações sociais e o preconceito de gênero estão presentes nas relações familiares e escolares criando obstáculos para

desconstrução das dicotomias de gênero e da segregação feminina em ocupações/profissões menos valorizadas.

Em 2016 foram publicadas 4 pesquisas: duas teses e duas dissertações com foco em formação docente. A primeira dissertação intitulada “O que é normal pra mim não pode ser normal pro outro: a abordagem de corpo, gênero e sexualidades nas licenciaturas do Instituto Federal de Sergipe, campus Aracaju” (T58) foi defendida por Helma de Melo Cardoso pelo Programa de Pós-graduação e Educação da Universidade Federal de Sergipe. Objetivou analisar como as temáticas de corpo, gênero e sexualidades estão sendo introduzidas nas práticas formativas das licenciaturas de Química e Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe- IFS/Campus Aracaju. A proposta metodológica foi organizada a partir da perspectiva pós-crítica, os instrumentos utilizados foram a análise documental do Projeto Político Pedagógico Institucional (PPPI) e Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPC) de licenciaturas em Matemática e Química do IFS, uma entrevista semiestruturada com a Professora da disciplina Educação e Diversidade e Grupo Focal, com a participação de cinco licenciandos/as do último ano dos cursos. a partir das análises depreendeu-se que os documentos oficiais das licenciaturas expõem positivities e negatividades. Como ponto positivo apresenta uma disciplina com a temática da diversidade e também uma conceituação teórica que apresenta noções das desigualdades de gênero. E, como ponto negativo, aponta-se o silenciamento quanto à normalização dos corpos e das sexualidades. Quanto às representações dos/as estudantes, verificou-se que estão atravessadas pelos discursos médico, biológico, religioso, que são permeados pela heteronormatividade, reforçando a visão dicotômica de corpo, gênero e sexualidades, mas também concepções marcadas por contradições e subversões. Ficou evidente que não tiveram contato com a temática no curso de licenciatura, de forma oficial, como conteúdos, debates e questões, mas o currículo dessas licenciaturas não está isento da temática, pois está atravessado, de uma maneira naturalizada e silenciosa, pelos discursos normatizantes de gênero e sexualidade, discursos binários, homofóbicos, que trazem em seu bojo uma lógica dicotômica dos gêneros. E que esses futuros/as professores/as, por não terem discussões sobre a temática na formação inicial, levarão, possivelmente, para a prática docente a reprodução do saber sexista e do currículo generificado.

A segunda dissertação daquele mesmo ano foi intitulada “Relações de gênero e seus efeitos discursivos na constituição de subjetividades nos cursos de Engenharia do Campus Universitário de Tucuruí - CAMTUC/UFPA” (T59). Defendida por Edileuza de

Sarges Almeida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Pará. Objetivou discutir os efeitos discursivos das relações de gênero implicados na constituição de subjetividades nos Cursos de Engenharia do Campus Universitário de Tucuruí da Universidade Federal do Pará (UFPA). No campo teórico-metodológico, o texto se situa numa perspectiva pós-estruturalista, dialogando com Foucault, Louro e Scott, fazendo uma discussão de currículo compreendido como artefato cultural atravessado por relações de poder. Como resultado do estudo foi argumentado sobre a desnaturalização dos ambientes de formação como condição para que as mulheres possam constituir suas subjetividades de gênero, pessoais e profissionais, com ampla liberdade, experimentando suas próprias escolhas e não ficando restritas a padrões normativos e estereótipos mantidos historicamente.

Quanto às teses, tivemos as seguintes produções: “Gênero, educação em sexualidade e formação docente: descortinando o curso de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe” (T60) defendida por Luciano Rodrigues dos Santos pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. O objetivo foi analisar as experiências de professores (as) e alunos (as) concluintes do curso de Licenciatura em Educação Física, vinculado ao Departamento de Educação Física (DEF) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), quanto à abordagem das diferenças e à importância das discussões sobre as temáticas de gênero e sexualidade na e para a formação docente. A opção metodológica foi o Estudo de Caso com enfoque qualitativo. Utilizou de diferentes fontes de informação bibliográficas e documentais (leis, resoluções, pareceres, decretos, portarias, ofícios, anais, monografias, atas de reuniões, e mentário e catálogo de cursos de graduação da UFS). Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os (as) professores (as) e os (as) alunos (as) concluintes do curso de Licenciatura do DEF/UFS. Os resultados da pesquisa ressaltam que as temáticas sobre a diversidade de gênero e sexualidade são conhecimentos necessários e imprescindíveis na e para a formação docente, no intuito de minimizar preconceito, discriminação e tabu na sociedade. Contudo, as discussões sobre tais temáticas ainda são negligenciadas no curso de Licenciatura do DEF/UFS. Professores (as) da Licenciatura do DEF/UFS discutirem transversalmente de modo aligeirado e superficial as temáticas gênero e sexualidade em algumas aulas no curso de graduação, não são suficientes para tornar os (as) acadêmicos (as) competentes e habilidosos (as) para que possam lidar com segurança e profundidade que requerem tais questões (categorias) em sala de aula na educação básica, pois são conhecimentos que alteram identidades, mentalidades e comportamentos humanos, além

de culturas.

A outra tese daquele ano foi intitulada “Gênero no percurso de vida de estudantes do Curso de Pedagogia da UFC” (T61) foi defendida por Francisca Josélia Inocêncio de Lima e Maria de Fátima Vasconcelos da Costa no Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará. O objetivo foi analisar a desigualdade de gênero que impacta o percurso escolar do estudante de Pedagogia. O estudo foi de natureza quantitativa e qualitativa. O local foi a Faculdade de Educação da UFC e os participantes foram os alunos do curso de Pedagogia que entraram na universidade em 2013, ano de implantação do sistema de cotas. O trabalho de campo da pesquisa foi realizado em dois momentos: no primeiro, foi feita a aplicação de questionários nas turmas de 2013.1 a 2015.1 e no segundo momento, utilizando da pesquisa (auto)biográfica realizaram 9 encontros formativos com 6 alunos dos cursos de Pedagogia diurno e noturno. Quanto aos resultados, foi pontuado que o curso é composto em sua maioria de mulheres, jovens, pardas, que vivem com uma faixa de renda salarial baixa (1 a 3 salários mínimos). Por outro lado, evidenciou-se um aumento no ingresso de estudantes do sexo masculino, também de jovens e pardos e com o mesmo nível salarial das estudantes, contribuindo para uma reconfiguração do quadro do alunado do curso, historicamente feminino; os dados quantitativos mostraram que a política de cotas adotada pela UFC foi uma política exitosa, pois os alunos cotistas, de ambos os sexos, tiveram bom desempenho no curso; a pesquisa (auto)biográfica possibilitou que o grupo de estudantes refletisse sobre o percurso de vida e escolar em situação de copresença, desse modo, a mediação biográfica possibilitou um processo formativo a partir da experiência com o outro. A unidade de análise foram as narrativas. A partir delas, verificou-se a centralidade da figura feminina na valorização do saber, representada principalmente pela figura da mãe, como aquela que serve de inspiração, incentiva, renuncia para prover o sustento e a escolarização do filho.

Em 2017, também foram identificados quatro pesquisas: duas dissertações e duas teses. Nas dissertações, tivemos “Inovação inclusiva e singularidades: um estudo com licenciados de ciências biológicas da UFS” (T62), defendida por Aline Mendonça Santana, pelo Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Sergipe. O objetivo foi identificar possíveis singularidades discentes compreendendo suas relações com propostas de inovação inclusiva para alunos do curso de Ciências Biológicas, licenciatura, da Universidade Federal de Sergipe. A metodologia se deu através da coleta de 6 entrevistas individuais, com sujeitos de ambos

os sexos, alunos do referido curso, que aceitaram participar. O corpus do material gravado e transcrito foi interpretado por análise temática de conteúdo de Bardin, a partir de categorias construídas a posteriori. A segunda singularidade mais citada foi gênero e sexualidade. O contato com os colegas de curso e da universidade ajudou no processo de autoconhecimento do discente bissexual, além disso há uma preocupação por parte de uma discente em como lidar com essas questões em sala de aula. Embora haja uma disciplina obrigatória no currículo do curso e uma optativa que trata dessas questões, nenhum dos entrevistados as cursou ainda. Quanto ao preconceito, há falas que relatam situações de machismo e misoginia por parte de professores e relatos de uma discente que convive com essas situações em casa. Percebemos através dessas discussões que as ações inovadoras dos discentes estão ligadas às singularidades, em alguns pontos. A discente que se mostrou mais preocupada com as questões étnicas, de gênero e sexualidade foi a que mais propõe ações inovadoras e é a que relata menos barreiras para inovar. Como conclusões, a história de vida do indivíduo nos possibilita conhecer melhor suas singularidades e estas estão ligadas às inovações que eles propõem e vão influenciar no profissional que este irá se tornar e os alunos são inovadores, mas deixam de propor inovações por medo de opiniões de outros. Não obtive nenhum exemplo de inovação inclusiva proposta por eles.

A outra dissertação apresentada foi “Gênero e educação superior: perspectivas de alunas de Física” (T63), defendida por Valquiria Gila de Amorim pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba. Objetivou analisar as experiências vivenciadas pelas alunas no curso de graduação de Física da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o que as inclui e as exclui, como mulheres, em suas trajetórias. A metodologia utilizada foi qualitativa, sendo utilizadas duas estratégias de coleta de dados: entrevista estruturada presencial e online para analisar desde a influência dos familiares e professores/as na escolha do curso de Física até o percurso formativo na universidade. Os resultados apontam que experiências constrangedoras, debilitantes e desafiantes, bem como barreiras de gênero, entre elas: o clima frio na chegada ao curso, a imagem masculina do Físico, a falta de credibilidade das mulheres no campo, e a presença do sexismo e assédio sexual entre colegas e professores. Em conclusão, que para permanecer no curso de Física as alunas enfrentam estereótipos de gênero, preconceitos, discriminações, sexismo e assédio sexual, que se apresentaram invisibilizados e naturalizados em muitas situações.

As duas teses daquele ano são: a primeira intitulada “Carreiras de professoras das

Ciências Exatas e Engenharia: estudo em uma IFES do Nordeste” (T64) brasileiro defendida por Lucimeiry Batista da Silva pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba. Objetivou analisar o processo de divisão sexual do trabalho e as relações de gênero que configuram as trajetórias profissionais de mulheres docentes nos cursos de Engenharia Mecânica, Física e Matemática, considerados os mais masculinos em uma Instituição Federal de Ensino Superior do nordeste brasileiro. Foram realizadas entrevistas narrativas com onze mulheres docentes desses departamentos. Nesta investigação qualitativa, as narrativas deram suporte para a construção das biografias docentes e foi empregada a análise de discurso como ferramenta para dar suporte à análise dos dados. Quanto aos resultados, foi apontado que existem obstáculos e desenvolvimento da carreira destas docentes que não ocupam espaços de prestígio e poder nos departamentos. Na relação com os pares masculinos e discentes são influenciadas pela divisão de gênero e o habitus masculino do campo acadêmico influencia tanto na carreira quanto no comportamento das docentes. Foi observado que é difícil para as entrevistadas conseguirem equilibrar a vida pessoal e familiar, uma vez que as tarefas domésticas e o cuidado com a família continuam sendo empecilho ao pleno desenvolvimento profissional das mulheres. Ficou evidente que as relações de dominação masculina estão longe de serem abolidas da academia.

A outra tese daquele ano foi “Trajetórias educacionais de mulheres: uma leitura interseccional da deficiência” (T65), apresentada por Adenize Queiroz de Farias pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba. O objetivo principal foi analisar os efeitos das estruturas capacitistas e de gênero na experiência de desigualdade e múltiplas vulnerabilidades de mulheres com deficiência. Situada na área dos Estudos Culturais da Educação, na metodologia utilizou-se a noção de trajetória proposta por Pierre Bourdieu, a qual destaca a ação individual de determinados sujeitos (habitus), em estreita relação com contextos sociais mais amplos (campos). Com base em suas narrativas, que evocam a trajetória da autora como mulher com deficiência visual, a análise aponta experiências de desigualdade vivenciadas pelo coletivo de mulheres com deficiência que, resultantes de uma cultura sexista e capacitista, as excluem da participação na esfera pública e lhes negam o direito de realizar escolhas e tomar decisões por conta própria. Todavia, as trajetórias dessas três mulheres revelam que, através da educação, é possível romper com as barreiras supracitadas e contribuir para o desenvolvimento educacional e social de outras mulheres com deficiência.

Em 2018, foram duas pesquisas: uma dissertação e uma tese. Na primeira,

intitulada “Formação das pessoas transexuais na Universidade Federal de Sergipe: enfrentamento e resistência das normas de gênero no espaço acadêmico” (T66), Adriana Lohanna dos Santos defendeu pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. O objetivo geral foi analisar o processo de formação e permanência das pessoas transexuais na Universidade Federal de Sergipe, refletindo sobre suas trajetórias de vida como estudantes universitari@s e as estratégias de enfrentamento e resistências das normas de gênero. A abordagem de pesquisa adotada foi a qualitativa no processo metodológico, utilizando estratégias de produção de dados a partir da realização de sete entrevistas narrativas com estudantes de diversos cursos de graduação da Universidade Federal de Sergipe. Foram apontados os seguintes resultados: identificar quem são @s estudantes transexuais da universidade e suas trajetórias formativas; provocou a reflexão acerca da descoberta da identidade trans, através do espaço universitário, e como são experienciadas as vivências trans dentro do cotidiano acadêmico; identificadas as estratégias de permanência e de resistência utilizadas pel@s estudantes transexuais, tais como a negação do uso do banheiro na universidade e o silenciamento dentro das salas de aulas. A pesquisa também apontou as políticas institucionais voltadas para as pessoas trans e sua aplicabilidade, como por exemplo, a portaria que autoriza o uso do nome social e a criação e implementação do Ambulatório de atendimento a pessoas transexuais (Ambulatório Trans), no Campus de Lagarto. Como política de enfrentamento e resistência às normas de gênero, a presença de estudantes transexuais possibilitou o surgimento de coletivos ativistas na Universidade Federal de Sergipe, contribuindo para socialização dos saberes trans a partir de reuniões e eventos, como a Semana da Visibilidade Trans.

A tese produzida nesse ano, intitulada “Entre flores no jardim - Histórias de vida e formação: uma análise sobre gênero e sexualidade entre egressos/as do curso de Ciências Biológicas da UEFS” (T67) foi defendida por Andréa Silene Alves Ferreira Melo pelo Programa de Pós-graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências da Universidade Federal da Bahia. Objetivou compreender como as histórias de vida e formação são atravessadas pelas questões de gênero e sexualidade entre egressos/as do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, da Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, a partir de suas próprias narrativas. Pesquisa de abordagem qualitativa inscrita no âmbito do método (auto)biográfico, utilizou entrevistas narrativas. A análise das narrativas foi realizada através de aproximações com o Método de Análise Compreensiva-Interpretativa. As histórias de vida e formação dos/as entrevistados/as

revelaram a complexidade das experiências vivenciadas em diferentes espaços e tempos, sinalizando que há aprendizados formais e informais nas trajetórias de vida e formação, e apontando as tensões e dilemas que permeiam as discussões sobre gênero e sexualidade, além dos desafios na prática docente. É possível reafirmar a necessidade de uma problematização do gênero e da sexualidade a partir da família e da escola, e na relação escola-família, onde se encontra a base de formação dos valores do indivíduo e da construção de sua identidade, contribuindo para fortalecer a ampliação de espaços discursivos sobre gênero e sexualidade, e reforçar os movimentos que defendem e trabalham ativamente discutindo essas temáticas.

Diante das descrições dos trabalhos apresentados nesta seção e considerando o objetivo deste estudo, organizamos a discussão em duas unidades de sentido: a primeira voltada para os trabalhos que fazem análise da concepção de professoras/es em formação inicial e a segunda os trabalhos voltados para o currículo desta formação. Dentro dos trabalhos que analisam a concepção de gênero e sexualidade, evidenciamos os que partem das experiências de professoras/es: T44, T45, T46, T47, T48, T50, T52, T53, T54, T55, T56, T57, T59, T60, T61, T62, T63, T64, T65, T66 e T67. Esses apontam que as compreensões são constituídas a partir do que vivem, experiências pessoais e as situações vivenciadas geralmente relacionadas com violência. Outro ponto de destaque é para a feminização do magistério que pensada como um processo histórico e cultural, segundo Louro (2011), ao mesmo tempo que foi uma conquista de espaços de trabalho, foi, ao longo do tempo, se tornando um trabalho dito mais de mulheres do que de homens pelos vários sentidos produzidos pela linguagem. Também deixam claro que os debates e pesquisas voltadas para as temáticas de gênero e sexualidade não garantem que os professores/as em formação mudem comportamentos e discursos, mas possibilitem ainda mais espaços de discussões tanto na formação inicial quanto na continuada.

Já os trabalhos T49, T51 e T58 enfatizam o currículo da e na formação dos professores. Os três abordam o currículo como documento oficial e apontam para a necessidade de inserção das temáticas gênero e sexualidade. É preciso refletir o que diz Dal'Igna, Scherer e Cruz (2017), que “o currículo de formação de professores pode se constituir como um espaço onde a experiência e subjetividades são constituídas e que elas não podem ser deslocadas da constituição do ser professor”. Os autores também apontam que as relações de gênero são naturalizadas quando ocorre por meio da visão dicotômica do currículo, o que está escrito versus o que é feito. Partindo da reflexão de Paraíso (2010), quando aponta os currículos como artefatos generificados, quando se trata das

discussões de gênero e sexualidade, pois tendem a normatizar e silenciar as diferenças.

5.3 GÊNERO, SEXUALIDADE E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Esta seção é composta por 24 teses e dissertações tendo como objeto de pesquisa principal práticas pedagógicas, conforme descrições a seguir. Seguiremos com a denominação por T68 a T91 para melhor referenciá-los durante as análises. A partir da seleção foram descritos os trabalhos na sequência do ano de publicação evidenciando, além de suas características de identificação, o objetivo principal, o objeto, o método e os principais resultados. Após as descrições das pesquisas faremos um panorama geral do que foi encontrado para ajudar a delinear o campo de pesquisa nas produções acadêmicas nas regiões escolhidas.

No conjunto de pesquisas produzidas, o primeiro estudo registrado que compõe essa seção é a dissertação de Alexandre Martins Joca (2008), intitulada “Diversidade sexual na escola: um ‘problema’ posto à mesa” (T68), apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará. A pesquisa é um trabalho sobre a educação sexual escolarizada através do diálogo entre a escola e o movimento homossexual no processo de formação docente continuada sobre gênero e diversidade sexual, realizado pelo Grupo de Resistência Asa Branca – GRAB, em 2007, com educadores/as de escolas públicas de Fortaleza/CE. Nesse contexto, o autor pontua que a escola, com sua dinâmica institucional centrada no disciplinamento, insiste em padronizar currículos, práticas educativas, espaços geográficos, arquitetônicos e, principalmente, os sujeitos. No entanto, é possível perceber o quanto o universo escolar é heterogêneo, diverso, portanto, repleto de possibilidades, por ser constituído especialmente por sujeitos concretos, com qualidades e defeitos, certezas e dúvidas, com perfis abertos ou fechados ao encontro com as diferenças. Neste cenário, são os jovens LGBTTT que têm posto à mesa a temática da diversidade sexual no espaço escolar, a partir do assumir-se, através de seus comportamentos, de suas atitudes, ou simplesmente da presença, do corpo que subverte a lógica vigente heteronormativa, de modo a ser ou gerar um “problema”, pois exigem da escola e de seus condutores um posicionamento frente à diversidade. O autor indica que, frente a esses obstáculos, faz-se necessária a reformulação da proposta de educação sexual para o currículo oficial escolar, especialmente do capítulo “Orientação Sexual” dos PCN, no sentido de que assuma, entre suas justificativas, o compromisso com o enfrentamento ao preconceito e discriminação

dirigidos a LGBTTT - o enfrentamento da violência homofóbica – e sua intencionalidade esteja em consonância com os princípios educacionais de transformação da sociedade.

A segunda produção registrada é a pesquisa “Gravidez na adolescência e escolaridade: um estudo em três capitais brasileiras” (T69), desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia por Maria da Conceição Chagas de Almeida (2008). O estudo pretendeu estudar os eventos reprodutivos, especialmente a gravidez de adolescentes e jovens, e sua relação com a escolaridade. O trabalho fez parte de um estudo de base populacional realizado com jovens de 18 a 24 anos de ambos os sexos em três capitais brasileiras - “Pesquisa GRAVAD – Estudo multicêntrico sobre jovens, sexualidade e reprodução no Brasil”. Na análise da gravidez na adolescência e das trajetórias escolares dos jovens, foi possível revelar a heterogeneidade social na reprodução da maternidade adolescente, a maior parte dos jovens que, assim como as suas mães, engravidaram nessa faixa etária, é negra, tem baixa escolaridade e renda familiar per capita até um salário mínimo. A gravidez e os filhos aparecem como o principal motivo citado pelas mulheres para a interrupção dos estudos, enquanto para os homens o trabalho tem maior importância. Contudo, uma parte significativa dos jovens referiu outros motivos para abandonar a escola, destacando-se aqueles relacionados à dificuldade de acesso e de permanência no ambiente escolar. A proporção de gestações terminadas em aborto provocado foi maior no grupo que não abandonou a escola, o que pode indicar uma sobreposição do projeto escolar ao reprodutivo. Por outro lado, cerca de 40,0% das moças com história de união por ocasião da gestação ou da entrevista, abandonaram a escola à época, ou depois da gravidez, evidenciando que para elas o casamento e a maternidade estão acima ou são incompatíveis com os projetos educacionais e profissionais. Com os resultados, a autora evidencia que a gravidez na adolescência e principalmente a maternidade/paternidade para a maioria dos jovens das camadas populares resultam de processos sociais complexos que também os expulsam da escola ou pelo menos não favorecem seus avanços em termos educacionais. Ela acrescenta que é preciso incluir os homens na atenção à saúde reprodutiva, integrando a proteção para a gravidez não prevista à prevenção de DST.

Na tese intitulada “Encontro marcado: um trabalho pedagógico com performances teatrais para a discussão das sexualidades em espaços de educação” (T70) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia, Guaraci da Silva Lopes Martins (2009) se refere a uma metodologia de trabalho com o teatro para abordar questões de sexo, gênero e sexualidade em espaços formais e não

formais de educação. Movida pelo interesse de encontrar processos teatrais criativos capazes de desestabilizar conceitos pautados em oposições hierarquizantes geradoras de discriminação, de exclusão e, por conseguinte, de evasão escolar, a pesquisa investiga, por meio do teatro, os padrões heteronormativos e as suas consequências no processo de construção do sujeito em ambientes educativos. A autora esclarece que os dados foram coletados durante a sua orientação e supervisão na disciplina de Estágio Supervisionado III no Curso de Licenciatura em Teatro da Faculdade de Artes do Paraná, no primeiro semestre de 2008. A investigação também envolve docentes atuantes na rede estadual e municipal da educação de Curitiba e regiões metropolitanas. As experiências mantidas com os grupos de estagiários, professores e militantes foram relevantes para a produção de um estudo sistematizado com enfoque nos processos de identificação e desidentificação dos corpos. Nesta perspectiva, podem contribuir de uma forma efetiva em processos de “desnaturalização” dos corpos em direção a uma educação libertária que inclua nela o direito de todos à diferença. A autora advoga que, considerando o papel da escola em processos de transformação social e a relevância do teatro no cenário de negociações entre sujeitos, as performances teatrais convidam o sujeito a lidar com novas situações e desta forma é um espaço permeado de possibilidades para o reconhecimento das nossas particularidades sensoriais e expressivas. Acrescenta ainda que uma educação comprometida com processos de conhecimento fundamentados na integração corpo/mente/emoção favorece propostas educacionais importantes para que as pessoas nelas envolvidas ampliem a percepção sobre a própria subjetividade, com base nas experiências propiciadas.

Raimundo Augusto Martins Torres (2009) produziu a tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, com título “Sexualidade e Relações de Gênero na Escola: uma cartografia dos saberes, práticas e discursos dos/das docentes” (T71), em que se propôs a realizar uma cartografia dos dispositivos de enunciação sobre a sexualidade e as relações de gênero produzidas pelos/as docentes no campo da escola. Para fins de cartografia, o autor selecionou três categorias teóricas, quais sejam, os saberes, as práticas e os discursos no plano das relações de gênero e da sexualidade na escola. O estudo identificou que os saberes autorizados eram o saber científico, cultural e religioso. O saber científico que se materializa nos dispositivos pedagógicos de normatização e disciplinamento dos corpos, esquadrihando-os por suas características biológicas e seguindo a lógica binária nas relações de gênero da sexualidade. Operam pela educação sexista com influência do

machismo agregado à socialização de homens e mulheres. E particionam a sexualidade como função biológica do corpo, considerando outras possibilidades de subjetivação fora desta lógica como doença, aberração. Já o saber cultural dos/as professores/as reforça a dualidade das relações homem e mulher fundadas pelo machismo naturalizado. Desta maneira, os discursos que nomeiam os sujeitos se traduziram pelos agenciamentos culturais com evidência do machismo que marca as hierarquias nas relações de gênero e da sexualidade e se instrumentaliza pela educação patriarcal ritualizada na família e na escola. Deste modo, o autor destaca que a pesquisa possibilitou a compreensão dos engendramentos produzidos nos dispositivos de enunciação dos/as professores/as sobre a sexualidade e as relações de gênero, ao identificar como os saberes privilegiam o disciplinamento do corpo e seu funcionamento. E, ao levantar que práticas são exercidas sobre os corpos, a sexualidade e as relações de gênero, bem como de investigar as formações discursivas que nomeiam os sujeitos através de agenciamentos que delineiam como devem e podem ser, agir e viver. Assim, o estudo contribui aos novos olhares sobre a sexualidade e as relações de gênero, tendo em vista serem estas temáticas poucas abordadas na escola.

A pesquisa “Educação sexual nos anos iniciais do ensino fundamental: concepções e práticas” (T72), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Sergipe realizada por Claudete Martins Santos (2011), buscou investigar como a sexualidade está sendo trabalhada (ou não) pelos/as professores/as dos anos iniciais do ensino fundamental da Rede Municipal de Ensino de Aracaju-SE. Para tanto, a autora utilizou a metodologia qualitativa a partir dos seguintes instrumentos de coleta de dados: questionário e entrevista com professores/as do 1^a ao 5^a ano de dez escolas. A pesquisa evidenciou que os/as professores/as apresentam uma concepção médico-biologizante de sexualidade e de educação sexual. Dessa forma, eles/as esquecem de tratar das questões emocionais e de relacionamentos entre os/as alunos/as. Apesar de a maioria desses/as professores/as afirmar que essa questão é abordada em sala de aula, eles/as enfrentam dificuldades relacionadas ao próprio despreparo e, também, ao preconceito de pais e mães, bem como de alunos/as, principalmente. A autora pondera que, ao refletirem sobre a educação sexual – a importância dela para as crianças, as dificuldades encontradas e a necessidade de formação do/a educador/a sexual – os/as professores/as reconhecem a contribuição positiva da discussão sobre a sexualidade já nos primeiros anos de vida escolar, como também, vêm nela a possibilidade deles/as entenderem e respeitarem as diversidades

sexuais e de gêneros como expressões normais da sexualidade, melhorando, assim, a qualidade de vida. No entanto, devido à deficiência da formação inicial e continuada, eles/as demonstram ineficiência para atuarem como educadores/as sexuais. Eles/as precisam ampliar sua visão de sexualidade e de como refletir sobre suas manifestações para atuarem junto a seus/suas alunos/as.

Na dissertação “A pedagogia do Movimento Sem Terra e relações de gênero: incidências, contradições e perspectivas em movimento” (T73), desenvolvida por Djacira Maria de Oliveira Araújo (2011) pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia, se apresenta a Pedagogia construída pelo MST e suas incidências, contradições e perspectivas na construção de relações de gênero. A partir das reflexões trazidas nos documentos do MST, nas formulações da educação do e no campo, e nas contribuições do feminismo e do materialismo histórico-dialético, a autora realiza o recorte de gênero na pesquisa e procura problematizar como são percebidas e representadas, pela Pedagogia do MST, as diferenças entre os sexos, buscando analisá-las, não apenas no âmbito do cotidiano, mas em todas as esferas de vida dos Sem Terra. O estudo traz a análise das relações sociais no campo percebendo a construção da opressão de gênero articulada ao sistema econômico e político de poder, discute os princípios pedagógicos do MST os quais resultam de uma práxis social que se contrapõe ao projeto econômico, político e cultural da sociedade capitalista, apontando contradições, incidências e perspectivas nas relações sociais e nas práticas educativas, intencionando a construção de novas coletividades e novas subjetividades a ser vividas nos processos produtivos, na gestão e organização coletiva do trabalho e no jeito de se relacionar e educar. A sua reflexão aponta que a educação não pode apenas construir os conhecimentos para a classe. O MST reconhece que a opressão da mulher é uma questão de classe e não apenas de gênero. Compreende que homens e mulheres Sem Terra vivenciam situações comuns e diferenciadas no mesmo processo de luta. Deste modo, a autora sublinha que a dinâmica das relações sociais de classe e gênero, que incidem na formação do pensamento pedagógico do MST, aponta avanços e contradições e possibilidades no âmbito da reconstrução destas relações e de empoderamento dos sujeitos Sem Terra, visto aqui como formas alternativas de desenvolvimento humano baseadas em uma nova noção de poder em que se busca a valorização do ser humano e a construção uma sociedade justa e democrática e socialista.

No Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, mapeamos a dissertação “Processos de constituição de

subjetividades em práticas discursivas institucionalizadas: entre a disciplina, a performatividade e a biopolítica” (T74), produzida por Francisco Fred Lucas Linhares (2011). Sua pesquisa de natureza qualitativa e abordagem sócio-histórica, com procedimentos etnográficos teve como objetivo analisar práticas discursivas institucionalizadas que constituem subjetividades de gênero e sexualidade pautadas por efeitos de sentidos que traduzem as sexualidades dissidentes como transtorno, perversão e anormalidade. Os resultados da pesquisa demonstram que as subjetividades são constituídas em um processo que alia dizeres de práticas médicas, científicas, ao dizer dos(as) colaboradores(as), em uma relação interdiscursiva. Assim, as subjetividades se constituem pautadas pela anormalidade, pelo transtorno, pela medicalização das condutas e dos desejos. O autor ressalta que, o atravessamento de condutas biopolíticas e disciplinarizadoras nesse processo de constituição de subjetividades, por meio de sanções e possíveis prejuízos que esses indivíduos anormais causam à sociedade, justificadas tanto pelos discursos da Medicina Legal, quanto dos(as) colaboradores(as) da pesquisa. Em suma, as práticas discursivas, entendidas como institucionalizadas, dos(as) colaboradores(as) da investigação atualizam o discurso médico, no sentido de produzir subjetividades pautadas pela lógica da patologização, e pelo desejo de medicalização.

Com o intento de compreender a experiência vivida de oito professores homens que atuam na educação infantil da rede pública municipal de Fortaleza e conhecer quais os discursos estão relacionados a sua escolha profissional e a sua atuação docente, Benedita Francisca Alves (2012) produziu a dissertação “A experiência vivida de professores do sexo masculino na educação infantil uma questão de gênero?” (T75) vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza. A dissertação apresenta um percurso histórico da educação infantil no mundo e no Brasil, bem como seus fundamentos legais e a partir desse caminho, apresenta a análise das falas dos sujeitos da pesquisa. A autora sinaliza que, em meio aos discursos da vida contemporânea, o estudo focalizou os discursos e representações constitutivos de um ambiente eminentemente composto por mulheres a fim de problematizar algumas questões pertinentes ao campo da educação infantil, tais como a ação e o sentido de cuidar, a feminização docente, a formação docente e a construção do sentido de masculinidade. Os professores entrevistados apontaram, em suas falas, elementos que expõem a permanência de valores, ideias e crenças atribuídos socialmente aos homens e que, na experiência docente, acabariam por não alterar os significados associados ao magistério. O conceito de masculinidade tradicional e heterossexual mina os esforços de

renovação dos quadros docentes e força os homens a evitarem o exercício docente em salas de aula de crianças pequenas. Por isso, os professores investigados afirmaram sentir dificuldades de se manter ensinando crianças, apesar da facilidade de ingresso nesse nicho de trabalho. Há um recorrente pensamento estereotipado de que, no ambiente escolar, o ser mulher é o único que pode exercer adequadamente à docência para ensinar crianças pequenas porque possui habilidade, carinho e espírito maternal para cuidar, características ausentes do ser homem. No que se refere às relações interpessoais, os educadores afirmam se relacionarem com seus educandos de modo diferente das mulheres, reconhecendo particularidades próprias aos homens no relacionamento com as crianças, alimentando a ideia que a sociedade reitera de que homens e mulheres atuam de modo diferenciado e que resulta em uma qualidade hierarquizada.

Na pesquisa “Sexualidade e gênero: percepções de estudantes e professoras do 5º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Itabaiana” (T76) desenvolvida por João Rogério Menezes de Santana (2013) pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Sergipe, foi feita a análise das percepções de 35 discentes e duas professoras (uma docente que ensina Língua Portuguesa e uma que leciona Educação Física e Ciências Naturais), do 5º ano do Ensino Fundamental (EF), sobre sexualidade e gênero e a relação dessas temáticas com a educação. O estudo apontou, entre outras coisas, que as (os) profissionais da escola e as famílias das(os) estudantes não se sentem à vontade quando temas dessa natureza são abordados no ambiente escolar. O autor aponta que essa relação desconfortante pode estar associada aos resquícios de uma concepção e prática de educação (escolar e não escolar) que ainda trata o sexo, predominantemente, como um tabu e a sexualidade como sinônimo de sexo. Discursos repreensivos, normativos e reguladores foram apontados pelas crianças quando estas dizem conceber a sexualidade e o sexo sob perspectivas conservadoras, estereotipadas e/ou reducionistas. Assim, o autor sinaliza a necessidade de transformação de concepções, procedimentos e atitudes sobre a sexualidade humana e as relações de gênero na escola como contributo para superação do determinismo de papéis sociais e dos preconceitos e discriminações nas políticas e práticas cotidianas da sociedade. Essa transformação ampliará as possibilidades de que as novas gerações usufruam de direitos fundamentais do Ser Humano, como o direito à liberdade, à dignidade e ao respeito em todas as formas e expressões. A escola não só trabalha para uma manutenção ideológica como também exerce força política para mudanças comportamentais significativas.

Em “Silêncio e naturalização na construção das masculinidades na Educação Básica” (T77), dissertação realizada por Josué Leite Santos (2013) pelo Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia, o objeto de pesquisa consistiu na reflexão acerca da escola no processo de materialidade dos corpos enquanto artefatos performativos de masculinidades. O objetivo foi analisar como a escola, através dos atos de currículo, se posiciona frente a uma política das masculinidades, no contexto dos professores da educação básica da rede pública estadual de educação do estado da Bahia, do município de Jequié-BA. Adotando os princípios da pesquisa qualitativa descritiva e optando pela análise de conteúdo baseada em Bardin, o autor evidenciou que há práticas discursivas culturais que permeiam todo fazer escolar, guiado por uma epistemologia dominante que estabelece a matriz heterossexual como norma, como princípio natural e essência do sujeito. Nesse sentido, a escola, ao adotar este modelo dominante educacional, põe os mecanismos e as tecnologias culturais heterossexistas e heteronormativas como imposições a todos e todas, a fim de alcançar a materialidade de seus corpos com marcas distintas. Por isso, as políticas, as normas e as convenções culturais da escola nos assujeitam como masculinos e femininos em um sistema de lógica binária. O autor também destaca que, ao enfatizar a escola como artefato cultural, percebe-se que as pedagogias culturais presentes nas instituições escolares estão interessadas em estabelecer as fronteiras e os limites da ordem compulsória entre sexo – gênero – desejo – prática sexual como marcas nos corpos dos sujeitos. Desse modo, as masculinidades são produções culturais, narrativas culturais da escola e também de aparatos institucionais socioculturais da sociedade. As masculinidades são discursos, um modo de produzir sentidos que organizam e influenciam tanto os atos quanto às percepções dos sujeitos. Assim, as melhorias nos campos das sexualidades e gênero não serão efetivadas na escola enquanto o modelo de referência for este que está consolidado no paradigma da modernidade.

Vanessa Rita de Jesus Cruz (2014), em sua dissertação intitulada “Ensino de literatura infantil e juvenil e diversidade sexual: perspectivas e desafios para a formação de leitores na contemporaneidade” (T78), apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins, realizou uma análise das distintas representações da diversidade de gênero e sexual na literatura infantil e juvenil, de modo a evidenciar como essa diferença é representada na tessitura do texto literário. Além disso, buscou explicitar como a leitura de obras que abordem essa temática pode contribuir para a formação de leitores na contemporaneidade. Trata-se, portanto, de uma pesquisa de

cunho bibliográfico e teórico, constituído pelas seguintes narrativas: *É proibido miar*, de Pedro Bandeira; *O gato que gostava de cenoura*, de Rubem Alves, e *O menino que brincava de ser*, de Georgina da Costa Martins. A autora descreve que, as narrativas infantis e juvenis analisadas permite-nos questionar padrões vigentes de modelos fixos de identidade, abrindo espaço para que o leitor, de forma crítica, perceba as ideologias e o envolvimento do social, do histórico e do cultural na elaboração do sentido e dos valores criados e transmitidos pelos personagens do texto. Por meio do texto literário é possível que se trabalhe com as crianças e os jovens as temáticas apresentadas pelos PCN, dentre elas a orientação sexual. A autora também assinala que foi possível perceber, por meio das narrativas analisadas, que a representação discursiva que é feita sobre a diferença ainda envolve uma série de preconceitos e de exclusão em relação ao sujeito que é “diferente”. As metáforas e vocábulos utilizados para se referirem a esse sujeito sempre envolvem o menosprezo, a injúria, a anormalidade, o patológico, as piadas e as gozações. Os discursos proferidos na sociedade – que envolvem aspectos sociais, culturais e históricos – insistem na heteronormatividade compulsória, no caráter fixo das identidades e na ilegitimidade das identidades que não se enquadram ao modelo fixado como natural e legítimo.

A dissertação “Gênero/Sexo/Sexualidade: Representações e Práticas Elaboradas por Professoras/es da Educação Infantil na Rede Municipal de Ensino em Salvador” (T79) produzida no Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo da Universidade Federal da Bahia por Amanaiara Conceição de Santana Miranda (2014), buscou identificar e compreender as representações e práticas elaboradas por professoras/professores da Educação Infantil na rede pública municipal de ensino, em Salvador, acerca de gênero/sexo/sexualidade. A partir da observação direta da prática docente e a técnica do grupo focal, a autora constatou que as professoras demonstraram se basear em pressupostos teóricos e filosóficos específicos da Biologia, Psicologia e da Religião para pensar ou atuar na Educação Infantil com conteúdos referentes a gênero e sexualidade. O estudo observou ainda que o discurso docente quase sempre se desenvolve sob a ideia de que a criança é assexuada e heterossexual, sendo ignoradas interpelações das crianças que fogem da heteronormatividade. Por outro lado, é oportuno lembrar que as crianças não requisitam letras, números e cores, e, cotidianamente, nas escolas, nas creches e pré-escolas esses são os conteúdos que elas são induzidas a aprender. Nesse contexto, a autora aponta que as professoras colaboradoras da pesquisa estão preocupadas com o que as mães, pais e responsáveis

pensam sobre o que é ensinado aos seus/suas filhos/filhas no ambiente escolar. Como também estão preocupadas com o futuro das crianças, impedindo, com isso, que elas vivam o presente, experimentando, escolhendo e decidindo sobre os caminhos que as conduzam ao bem-estar. No entanto, em meio a uma realidade conservadora e, até mesmo, temerosa, foi possível recolher falas que traduziram a importância da educação: respeitar as crianças nas suas escolhas para que tenham maior possibilidade de uma convivência respeitosa. Destarte, a autora advoga que, desde a educação infantil, devemos pensar na promoção de uma educação que respeite as diferenças, pois somente assim estaríamos verdadeiramente atendendo à missão primordial da educação, que é comprometer-se com a formação cidadã.

No trabalho “Educação para prevenção: o discurso de professoras de ciências do ensino fundamental II em tempos de HIV/AIDS” (T80), desenvolvido por Karina Maria de Souza Soares (2014) pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, foram analisados os discursos e a atuação de docentes acerca da prevenção ao HIV/AIDS, temática inserida no contexto das discussões ligadas à sexualidade, que não aparece contemplada no currículo tradicional, e sim, como tema transversal, propiciando ao/a professor/a autonomia para decidir sobre como e quando abordar essa discussão. Nas experiências narradas, a autora verificou que o grupo apresenta um discurso sobre sexualidade e gênero fortemente baseada no biológico e no natural, uma posição que dificulta toda uma análise e abordagens mais flexíveis que girem em torno de aspectos culturais e sociais. Além disso, foi observado que o assunto só é trabalhado no oitavo ano, no conteúdo “reprodução humana”, de forma superficial, o que restringe, consideravelmente, um trabalho construtivo e eficaz, que possibilite aos adolescentes mais conhecimentos, principalmente em relação à prevenção ao HIV/AIDS. Assim, a discussão por esse viés gera precedentes para que as escolas possam gerenciar e controlar a vida e a sexualidade dos/as alunos/as, com o objetivo de “distanciá-los/as” dos “perigos” das DST e da AIDS e de evitar a gravidez na adolescência. Nesse sentido, a autora alerta que o debate acerca dessa temática requer do/a professor/a muito mais habilidade e sensibilidade do que para falar dos assuntos descritos nos livros de Ciências e exige preparo para abordar essas questões em sala de aula. Nesse cenário, é evidente a necessidade de qualificação desses/as profissionais para encaminhar a discussão sobre a sexualidade, aí incluída a questão da vulnerabilidade ao HIV, que propicie aos adolescentes e aos jovens condições para que desenvolvam o senso de responsabilidade sobre a saúde individual e coletiva.

A dissertação de Rarielle Rodrigues Lima foi defendida em 2015 na Universidade Federal do Maranhão pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Cultura e Sociedade e intitulada, “As Relações de Gênero no espaço da Educação Física Escolar no Município de Pio XII – MA” (T81). O trabalho tem como principal objetivo a compreensão das concepções de gênero das professoras e dos professores de Educação Física e dos modos como estes direcionam os conteúdos das aulas práticas para meninos e meninas. O objeto deste estudo foram quatro escolas públicas de ensino básico, sendo duas de ensino médio e duas do fundamental II. Cabe-se primeiramente dizer que a pesquisa tem uma abordagem qualitativa e inicia-se com uma busca de teses e dissertações, bem como suas análises, na área de Educação Física e Gênero para apresentar um panorama geral dos estudos nessas temáticas. A autora utilizou-se do método etnográfico para construir sua dissertação, observações das aulas de educação física nas escolas, entrevistas com os professores, grupos focais com os alunos e a comparação dos relatos dos professores e alunos sobre as aulas. Para analisar os dados obtidos, a autora alçou-se da análise de discurso Foucaultiana. Como principais resultados, observou-se que a separação das turmas possui duas vertentes: a efetividade das aulas, visto a escassez de espaços e a facilidade pedagógica de controlar e estabelecer a ordem nas turmas; há uma constante repetição de conteúdos práticos e teóricos por conta da ausência de comunicação entre os níveis de ensino e os professores o que colabora com o pensamento deturbado de que a disciplina pode ser ministrada de qualquer jeito e por qualquer um; pôde-se perceber que o currículo base não é levado em consideração na hora de elaborar a disciplina pelos professores e por último o direcionamento de conteúdos de acordo com as marcações de gênero que os professores possuem é um empecilho para as vivências dos estudantes além de reforçar estereótipos de atividades de menino e de menina.

A pesquisa “Diversidade sexual e homofobia na escola: as representações sociais de educadores/as da educação básica” (T82) de Elaine de Jesus Souza (2015) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal de Sergipe se propôs a analisar as representações sociais de educadores/as da educação básica acerca da diversidade sexual e da homofobia, visando compreender de que forma tais representações podem influenciar e/ou contribuir para a (des)construção de preconceitos e discriminações que perpassam o ambiente escolar. Os resultados obtidos evidenciaram que as representações sociais da maioria dos/as educadores/as são pautadas em inúmeras dúvidas e contradições acerca das temáticas diversidade sexual e homofobia devido ao

desconhecimento em decorrência da carência desses temas na formação inicial e continuada, e a outras questões que impedem a busca de (in)formação, tais como as convenções religiosas, contribuindo com a manutenção dos preconceitos sutis e manifestos inseridos nas práticas homofóbicas que permeiam o espaço escolar. Assim, comportamentos diferentes do padrão heteronormativo geram violências contra indivíduos que são ridicularizados, marginalizados e julgados no próprio ambiente escolar (e na sociedade de modo geral). Nesse cenário, a autora enfatiza que os cursos de formação docente inicial e continuada precisam urgentemente incluir as temáticas da sexualidade e diversidade sexual em seus currículos, para que os/as docentes possam ser sensibilizados/as e consigam desconstruir seus próprios preconceitos e problematizar as normas sexuais e de gênero junto com os outros membros da escola. Além disso, busquem promover estratégias pedagógicas, tais como a reformulação do currículo escolar para inclusão de temáticas relativas à diversidade sexual e o desenvolvimento de ações didático-metodológicas que possibilitem abordagens contínuas e significativas acerca das questões sexuais. E, assim, permitam o questionamento dos padrões heteronormativos, visando desestabilizar a homofobia na escola e garantir a equidade entre todos os sujeitos, começando pelo o (re)conhecimento e a efetiva inclusão da diversidade sexual.

O estudo de doutoramento apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará com o título “Vias e trajetos de escolarização de sujeitos homoafetivos velhos na cidade de Belém” (T83) realizado por Dário Azevedo dos Santos (2015) teve como objetivo investigar as problemáticas referentes às práticas discursivas sobre as homossexualidades vivenciadas em espaços escolares, tendo em vista entender as marcas registradas de preconceitos, discriminações e as estratégias de resistências e transgressões vividas nestes percursos de escolarização ocorridas no ambiente de ensino-aprendizagem nas áreas urbanas de Belém. A perspectiva teórica da tese foi ancorada nos estudos Foucaultianos com maior relevância para a questão da genealogia e da estética da existência dos sujeitos homoafetivos em processo de envelhecimento. As narrativas dos sujeitos denunciam e revelam a omissão escolar, a invisibilidade das propostas políticas pedagógicas com estas temáticas que percorrem as trilhas do abandono, dos abusos e dos maus-tratos da (in) diferença. O autor destaca que eram quase silenciadas e proibidas estas conversas entre si, pois não havia liberdade para falar ou vivenciar suas orientações homoafetivas. Devido a ser “lugar comum” entre as práticas discursivas dos gestores, temerem que estes sujeitos no uso de sua liberdade e atrevimentos viessem a influenciar seus colegas acerca de suas orientações sexuais e

afetivas, dos prazeres da carne e das práticas de erotização. O que fica claro é que as relações e jogos de poder presentes nas instituições sociais, ainda que tenham se reinventado ao longo dos anos, ainda pouco têm produzido atitudes e modos de vida que demonstrem o interesse de efetivar práticas curriculares e uma cultura de respeito às diferenças e a formulações de teorias políticas de resistência que legitimem os direitos negados dos sujeitos infames, entre eles, velhos (as) homoafetivos.

Com a proposta de analisar os discursos sobre as temáticas gênero, corpo e sexualidade no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (CODAP/UFS), subsidiado nos referenciais pós-estruturalistas, Anselmo Lima de Oliveira (2016) desenvolveu a dissertação intitulada “Discursos sobre corpo, gênero e sexualidade na educação do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe” (T84) pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. A partir da análise de discurso na perspectiva foucaultiana, o autor demonstra que os discursos biológico, religioso, pedagógico, científico, moralista atravessam as falas d@s participantes sobre as temáticas de gênero, corpo e sexualidade, produzindo representações que tanto se submetem, quanto subvertem a heteronormatividade presente no Colégio. As falas d@s entrevistad@s descrevem que os livros didáticos adotados pelo CODAP/UFS não trazem no conteúdo as discussões sobre gênero, corpo e sexualidade. Quando abordam as questões relacionadas ao corpo, o fazem dentro da perspectiva das ciências biológicas. Além disso, o Colégio vinculou às disciplinas Ciências e Biologia a responsabilidade pela produção dos debates sobre sexualidade e corpo, isentando, dessa forma, as demais disciplinas. Todavia, o autor faz a ressalva de que essas temáticas estão inscritas na transversalidade, ou seja, esses temas cruzam todas as disciplinas, sem exceção. Afinal, o corpo, a sexualidade, o gênero, enfim, as pessoas estão na escola. Elas debatem, aprendem e produzem nas salas de aula. Se retirarmos o corpo, a escola e as disciplinas perdem o sentido de ser. Nesse cenário, o autor sinaliza que os discursos estão permeados de um saber-poder que converge tanto para a repressão quanto para o desejo, “fabricando” significantes e normatizando discentes e docentes do CODAP/UFS, assim como, as “verdades” impostas por esses discursos são, a todo instante, subvertidas e ressignificadas no ambiente escolar.

Na pesquisa “Abuso sexual infantil: sentidos compartilhados por professores” (T85), dissertação registrada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, Suelen Batista Freire (2016) buscou identificar as Representações Sociais de Abuso Sexual Infantil (ASI) construídas por professores que

atuam na Educação Infantil. Os resultados da pesquisa apontaram para um conteúdo das representações de abuso sexual na educação infantil voltado para elementos que tratavam da vítima, do agressor, do professor que convive com crianças que são possíveis vítimas de abuso sexual e de outros atores envolvidos nesse processo, principalmente a família, associando-a à negligência. Considerando que a escola pode ser um local propício para o enfrentamento do abuso sexual infantil, a autora pondera que os resultados da pesquisa não são promissores. Ela ressalta que, as professoras, embora tenham a sensibilidade necessária para detectar o problema não se sentem preparadas para enfrentar a situação, que é extremamente complexa e desafiadora. As professoras indicaram, no que se refere à conduta docente, compreensões que se distanciam do que é recomendado pelos órgãos de proteção à criança (como, por exemplo, chamar a família da vítima para uma conversa, o que acaba por alertar o abusador) e conferiram grande ênfase ao papel do Conselho Tutelar, inclusive atribuindo-lhe funções que não lhe são devidas, tais como a investigação (atribuição que é própria da Delegacia de Polícia). A recorrência dos incidentes foi confirmada com a pesquisa, uma vez que todas as professoras participantes da pesquisa admitiram ter, pelo menos, ouvido falar de casos de ASI de alunos da RMER na etapa da Educação Infantil. Por fim, a autora advoga que, considerando que o abuso sexual infantil demora a ser descoberto, por não deixar, na grande maioria dos incidentes, marcas físicas, é importante que as professoras estejam preparadas para detectar e agir diante de tais situações.

Girlane Martins Machado (2016) em sua pesquisa de dissertação intitulada “Dispositivo da orientação sexual: uma análise de discurso a partir de peças educativas” (T86), apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, investiga a formação e o funcionamento do dispositivo da orientação sexual, identificando as condições de possibilidade para sua emergência e analisando os enunciados centrais presentes em certas peças educativas que circulam atualmente no Brasil, para mostrar o funcionamento da rede discursiva que constitui o referido dispositivo. A partir da noção de peças educativas como um determinado conjunto de materiais que orienta famílias e docentes a conduzir a conduta sexual de adolescentes e utilizando ferramentas teórico-metodológicas foucaultianas, a autora seleciona para o trabalho analítico o volume dos Parâmetros Curriculares Nacionais que trata de orientação sexual; um guia de orientação sexual; uma história em quadrinhos sobre prevenção sexual; dois livros sobre sexualidade; e postagens de um blog sobre sexualidade na educação. Como resultados, a autora sublinha que a principal urgência

histórica do dispositivo da orientação sexual foi a de atender a princípios médicos, destacando-se a eugenia e o higienismo como condições que atravessaram sua função estratégica. A análise das peças educativas apontou para a recorrência de quatro pares de enunciados, que configuram discursos sobre a orientação sexual, destacando-se seus enfoques: científico e (in)formativo, institucional, preventivo e binarista.

A partir de gêneros literários diversos, como o conto “Frederico Paciência”, de Mário de Andrade; os poemas “Balatetta”, de Mário Faustino; “Soneto já antigo”, de Álvares de Campos; “Rapto”, de Carlos Drummond de Andrade; “O amor é que é essencial”, de Fernando Pessoa; “A uma dama que macheava outras mulheres”, de Gregório de Matos; “A uma mulher amada”, de Safo, e de um mito “O rapto de Ganimedes”, de Ovídio, Johne Paulino Barreto (2017) discute a respeito do homoerotismo em sua pesquisa de dissertação intitulada “Literatura e homoerotismo: leitura e recepção no ensino fundamental II” (T87) vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba. A pesquisa se volta para a discussão sobre sexualidade na escola, mais especificamente sobre sexualidades divergentes. A questão central apoia-se em saber como se daria a recepção da temática do homoerotismo por parte de alunos do 9º ano do ensino fundamental de uma escola da rede estadual do município de Campina Grande. Assim, através de discussões em sala de aula a partir da leitura dos textos literários já citados e pelas atividades escritas e/ou orais realizadas durante os encontros, o autor compõe suas reflexões e expõe que, se as aulas de literatura forem bem planejadas a partir de uma metodologia própria à leitura do texto literário que prime pela participação ativa do leitor, é possível realizar um trabalho significativo tanto para o professor quanto para os alunos, e esse trabalho quando ligado a um tema promove uma ferramenta de libertação e sistematização. O autor ainda acrescenta que, ao término da experiência da pesquisa pode perceber que, se antes o homoerotismo era visto a partir de uma visão que reiterava os clichês do senso comum, depois do contato com os textos literários levados para a sala de aula e da leitura e da reflexão sobre essa forma de experiência humana transfigurada artisticamente, os colaboradores puderam refletir sobre o homoerotismo/diversidade sexual e, de certo modo, vieram a tornar respeitosos para com essa temática e com os sujeitos tidos como “diferentes” porque possuem uma sexualidade divergente da heteronormatividade.

Com a proposta de avaliar a Assistência Estudantil e as diversidades de gênero, étnico-racial e sexual no campus agrícola de Umirim/CE no enfrentamento às formas

associadas de desigualdades e de exclusão, Lorena de Menezes Brandão (2017) produz a dissertação “Avaliação da assistência estudantil em relação ao reconhecimento das diversidades no Campus Agrícola de Umirim/CE” (T88) realizada pelo Programa de Pós-Graduação em Avaliação de Políticas Públicas da Universidade Federal do Ceará. A autora destaca como as principais conclusões dessa avaliação a necessidade de superação da visão de uma assistência estudantil pautada na “bolsificação” e na assistencialização das demandas estudantis, ampliando sua atuação para outras dimensões da vida dos sujeitos. Nesse sentido, destaca-se também a estreita relação da assistência estudantil com a dimensão socioeconômica dos (as) estudantes e a possibilidade de sua vinculação a outras dimensões da vida desses sujeitos, inclusive, na construção de uma formação cidadã, capaz de contribuir com o desenvolvimento social, humano, econômico e político dos (as) jovens e, conseqüentemente, de suas localidades, através do envolvimento da comunidade local em projetos de extensão, em ações de cunho educativo, da articulação com outras políticas no território, assim como com entidades, associações e movimentos que organizam a luta dos segmentos populares. Outrossim, os dados empíricos evidenciaram a presença do preconceito, da discriminação, da misoginia, da homofobia e do racismo nas relações estabelecidas entre as diversidades na unidade de ensino. A autora enfatiza ainda o elemento da invisibilização das diferenças como forma de mascarar as desigualdades decorrentes delas, tanto quanto a dificuldade, especialmente do corpo docente, em distinguir uma situação de discriminação ao aceitar o discurso da “brincadeira”, que introjetam de forma escamoteada o preconceito contra o pobre, o negro, a mulher, o homossexual, o deficiente, o índio, o gordo, e todas as minorias estigmatizadas pelos grupos hegemônicos. Para a construção de uma Política de Assistência Estudantil que atenda satisfatoriamente as demandas causadas pelas diferenças de gênero, sexual e étnico-racial, a autora acredita na importância de uma ampla discussão acerca das matrizes curriculares dos cursos ofertados na unidade, pois o debate precisa começar na própria formação.

Na dissertação “Buscando o fenômeno: quando gênero, educação sexual e a moral religiosa se encontram na sala de aula” (T89), de autoria de Eduardo Barreto da Silva (2017) desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, da Universidade Federal da Bahia, o objetivo foi compreender o fenômeno do encontro entre Ciência e Religião em meio escolar durante as atividades de ensino de professores/as nos temas da Educação Sexual e de Gênero. Por meio do registro destas vivências, foram produzidos textos que puderam ser analisados por meio do método

fenomenológico de Análise do Fenômeno Situado. O autor destaca 4 categorias estruturais ao fenômeno que tratam respectivamente sobre: “A religião em sala de aula” segundo o seu aparecimento, uso e debate por alunos/as e professores/as; “O discurso religioso e científico em sala de aula”, segundo o embate e desconforto vivido por professores/as e alunos/as no encontro entre a religião e a Educação Sexual/de Gênero; “Os modos de agir em sala de aula”, segundo as ações de confronto, preconceito, respeito e intolerância entre alunos/as e professores/as; “As reverberações para fora da sala de aula”, segundo os efeitos familiares, psicológicos, curriculares e políticos para além da sala de aula decorrentes do encontro entre a Religião e a Educação Sexual/de Gênero. Assim, a partir das análises feitas com as categorias discutidas neste estudo, fica evidente que o questionamento sobre a religião em si é possível e, diferentemente dos tradicionais contextos de análise, pode transparecer uma única singularidade compartilhada entre os professores/as. Desta forma, o autor ressalta que através dos comentários a religião em si evidenciou-se em gestos próprios demarcados pela: autoafirmação dos sujeitos, a instrumentalização do texto sagrado e a crença nos dogmas sagrados. Sobre o contato entre o discurso religioso e a Educação Sexual/de Gênero, o autor destaca como interessante articulação, a compreensão de como estes dois temas criam, por assim dizer, territórios próprios e barreiras em relação ao outro em sala de aula. Os pais, alunos/as e professores/as tornam-se, então, agentes discursivos que neste campo estratégico ora se enfrentam, ora silenciam-se.

A pesquisa “Somos todos e todas diferentes numa sociedade de iguais: um estudo de caso sobre práticas pedagógicas de gênero e sexualidade em uma escola pública de Pernambuco” (T90), realizada pelo Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos da Universidade Federal de Pernambuco, por Maria Julieta Correia Jacob (2017) teve como principal objetivo analisar as práticas pedagógicas relacionadas a questões de gênero e sexualidade desenvolvidas em um Núcleo de Estudos de Gênero e Enfrentamento da Violência contra a Mulher presente em uma escola pública estadual de referência em ensino médio localizada na Zona Norte do Recife (PE). A pesquisa buscou observar e investigar como essas práticas são desenvolvidas e suas implicações para a promoção da igualdade de gênero, do respeito às diferentes formas de expressão do gênero e da sexualidade, do combate à LGBTfobia e também para o fortalecimento da cidadania e dos Direitos Humanos em uma fase importante do processo educacional formal de discentes. A partir da análise dos dados recolhidos, a autora indicou que as abordagens, programadas ou contingentes, de gênero e sexualidade aparecem na

perspectiva da construção social e também da teoria queer. A prática pedagógica desenvolvida no Núcleo da Escola Esperança alinha-se a essas tendências rompendo essencialismos, estereótipos e binarismos e apontando para a equidade entre os gêneros e a efetivação dos Direitos Humanos. Em relação às práticas referentes à sexualidade, a investigação mostrou que seu conceito é evidenciado enquanto dispositivo histórico na perspectiva do direito ao prazer com responsabilidade sem, entretanto, recair nas abordagens biológico-higienista e moral-tradicionista de uma sexualidade asséptica, repressiva e vigiada. Por fim, a autora ressalta que a presença de Núcleos de Gênero dentro de escolas da rede estadual de ensino tornou-se ainda mais urgente no combate à onda conservadora. Essa onda tenta impor um sistema binário, excludente e heteronormativo de regulação social, fomentando uma série de violações e violências no ambiente escolar. Apreender a conceituação sobre gênero e sexualidade nas práticas desenvolvidas em um Núcleo de Gênero contribui para uma revisão e atualização dessa política pública, que merece ampliação.

Encerrando o conjunto de trabalhos agrupados nesta seção, temos a dissertação de Valdir Eneias de Melo (2018), com o título “O Grupo de Trabalho de Educação em Sexualidade da rede municipal de ensino do Recife: limites e avanços da sua atuação a partir das perspectivas religiosas de docentes” (T91), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco. O objetivo principal da pesquisa foi analisar os limites e avanços do Grupo de Trabalho de Educação em Sexualidade – GTES, da Rede Municipal de Ensino, do Recife, no tocante às questões da diversidade sexual e de gênero, buscando detectar a influência das perspectivas religiosas de docentes na implementação de ações oriundas das formações continuadas. Dentre as barreiras enfrentadas para a efetivação do trabalho orientado pelo GTES, o estudo destaca a forte influência do preconceito de docentes, em grande parte influenciados e influenciadas por suas pertencas religiosas; sobretudo, a religião Evangélica. O preconceito, a cultura heteronormativa como padrão e a falta de inserção das temáticas no currículo escolar evidenciam que, apesar dos avanços alcançados, o GTES ainda tem grandes desafios no sentido de promover formações que viabilizem o rompimento dos e das docentes com o preconceito enraizado por suas culturas e influências religiosas. A autora ressalta que para repensar a postura da escola em relação à educação em Diversidade Sexual e de Gênero, é preciso repensar acerca das prescrições de cada gênero. Outrossim, o estudo também conclui que é muito grande a influência religiosa que enraíza ao longo da história da humanidade inúmeros preconceitos e tabus

acerca da sexualidade e da diversidade sexual e de gênero, mostrando, na teoria e na pesquisa com as formadoras e professores e professoras da Rede Municipal de Ensino do Recife, o quanto se faz importante refletir sobre essas influências religiosas em relação à diversidade de gênero e à diversidade sexual que é uma realidade e acontece no cotidiano das salas de aulas, e precisa ser repensada, revista e readequada para que a escola se torne um ambiente de respeito às diversidades e igualdade de gênero.

Ao esmiuçar as tessituras das pesquisas que em suas linhas de sentido versam sobre as práticas pedagógicas, podemos traçar um panorama geral do escopo de saberes que estão veiculados às temáticas de gênero e sexualidade. Não obstante, no conjunto de estudos que aqui elencamos, é evidente a centralidade desses temas enquanto objetos centrais de pesquisa. Nesta seção, as primeiras produções são registradas desde 2008, o que acompanha a crescente produção associada a área. Em contrapartida, isso também reverbera as noções que são atribuídas aos temas nas pesquisas produzidas. Gênero e sexualidade aparecem predominantemente como conceitos/campos interligados, bem como suas relações. Entretanto, são tratados por definições ainda primárias no que tange ao reconhecimento enquanto construtos sociais e, por vezes, a noção de sexo ainda é indissociada desses campos, sendo utilizada como base da discussão e da problematização pretendida. Fato que, embora aponte para a desnaturalização, por vezes recai nas armadilhas de reificação de algumas noções já engendradas. No universo de 24 trabalhos, apenas 4 trazem à luz inspirações teóricas, como a teoria queer e as teorias decoloniais, que ampliam e radicalizam com a problematização do gênero e da sexualidade, além de interseccionarem a discussão a outros referenciais de diferença.

As grandes áreas de concentração desses saberes permanecem entre as Ciências Humanas, com predominância para o campo da Educação (com 8 trabalhos produzidos), e as Ciências Sociais. Há, nessa seção, uma maior incidência de produções pertencentes a áreas multi/interdisciplinares (com 5 trabalhos produzidos). Contudo, as reflexões e vertentes teóricas-metodológicas que sustentam tais produções, embora heterogêneas, apresentam convergências nos seus achados e apontamentos, não havendo maiores conflitos ou distanciamentos nesta instância de saberes produzidos. Tal fato implica em certo alerta para os saberes que estão a circular nesta seara, uma vez que, de forma geral, quando se abordam as temáticas, sobretudo sob a ótica da educação sexual na escola ou em locais informais de educação, no que tange a corpo, gênero e sexualidade os estudos apontam de forma unânime para a recorrência da abordagem médica/biológica/essencialista/moralista/higienista/patologizante. Outro ponto é a

reiteração dos binarismos e seus limites e os atravessamentos identitários, marcando as construções de masculinidades e feminilidades em evidência.

A diversidade é um dos enfoques principais que norteia a maioria dos trabalhos, o que traz implicações em relação ao ponto de referência de que a noção de diversidade está inserida e reforça a fixação das temáticas aos essencialismos que foram apresentados. Os trabalhos transitam em poucos universos e são facilmente agrupados, sendo que a maioria se concentra no debate da educação sexual na escola e/ou em outros locais informais de educação; outros têm como ponto de convergência a problematização da homofobia, seja na visibilização de suas discursividades, seja na proposição de práticas que possam auxiliar no seu enfrentamento, como experiências teatrais ou obras literárias como base para fomentar o debate; e outros convergem pelo cunho preventivo, a partir de questões como gravidez na adolescência, abuso sexual infantil ou HIV/AIDS. Há alguns que confluem no quesito religiosidade, expondo a problematização direta e indiretamente na articulação com as temáticas. Duas produções fogem aos agrupamentos secundários e apresentam as relações de gênero e sexualidade em associação com estratégias de políticas públicas, como a assistência estudantil; enquanto outra produção nos apresenta as implicações dessas relações no universo do MST. Nesses agrupamentos temáticos aqui destacados, vale pontuar que a juventude e adolescência são o público predominante dos estudos, bem como que há uma incidência de interesse na formação continuada de professores/as em relação às temáticas.

No centro das observações realizadas, o padrão heteronormativo é predominante, determinando o gênero conforme o sexo biológico e influenciando na determinação de modos específicos de ser, nas condutas normatizadas. As propostas pedagógicas apresentadas focam nos atos de currículos como uma política cultural que busca garantir as construções e fixações de limites e fronteiras do sexo, gênero e sexualidades entre os sujeitos, entre o conhecimento/saber e instituições em uma relação de poder. Concordamos com Santos (2013), quando alerta para a necessidade de associar a escola como política cultural que produz subjetividades, não abandonando a certeza de que as práticas discursivas pedagógicas da sexualidade e gênero dispersas na sociedade encontram-se também na escola, como é de notório saber, reiterando as normas regulatórias do sexo via matriz cultural de inteligibilidade. Outrossim, é válido ressaltar que os achados nas pesquisas reforçam os desafios que a escola encontra no processo de produção das masculinidades e feminilidades que, por sua vez, encontram-se nas bases epistemológicas sustentáculos de suas concepções pedagógicas, suas produções culturais

e conseqüentemente a percepção dos sujeitos que a compõem. Assim, a análise da descrição desses estudos nos leva a reiterar que é necessário um deslocamento de sentidos, representações e posições sociais e políticas capazes de (re)pensar os modos de existência sob a perspectiva das diferenças. Acreditamos que borrando os limites e as fronteiras desta matriz de inteligibilidade de gênero poderemos, então, pensar em novas possibilidades de produções culturais das subjetividades sem as marcas da subalternidade, do ridículo, da injúria, da violência, dos limites fixos e das fronteiras que limitam as possibilidades outras.

5.4 GÊNERO, SEXUALIDADE E VIVÊNCIAS

Nesta seção, elencamos trabalhos que compartilham práticas, sentimentos, percepções em diversos contextos e áreas do conhecimento tendo como base as experiências vivenciadas pelos sujeitos de interesse nas pesquisas, em interseção com os marcadores e suas múltiplas relações enquanto território de construção coletiva. Aqui, faremos uma breve apresentação do conteúdo das teses e dissertações (T92 a T107) em relação ao conjunto dos focos temáticos agrupados. Foram mapeadas 16 teses e dissertações tendo como objeto de pesquisa principal vivências, conforme discorreremos a seguir. Posteriormente, traçaremos um breve perfil geral do que foi produzido e que atualmente compõe o campo de pesquisa nas regiões aqui delimitadas.

A primeira produção é o estudo da pesquisadora Selma Reis Magalhães (2015), tese produzida no programa de pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica Do Salvador, intitulada “Juventude homoerótica e projeto de vida familiar: a paternidade silenciada” (T92), em que se buscou compreender como a paternidade aparece nos projetos de vida familiar da juventude homossexual. A partir das informações e coletas contextuais com base na Teoria das Representações Sociais (TRS), a autora considerou o modo como os jovens representam a família e constroem significados traduzidos na apresentação do filho em suas vidas, a partir das experiências do dia a dia, no mundo que os envolve fora e dentro do mundo privado. A paternidade em seus projetos de vida é descrita como um desejo em segundo plano, podendo ser levada adiante ou não, dependendo de motivos diversos na relação conjugal. Alimentam o desejo do casamento e da convivência a dois dentro dos modos heteronormativos e temperado pelo amor romântico e pelas dificuldades que envolvem. Cada um deles a descrevia de uma forma singular em suas vidas. Ela marcava as identidades dos seus

corpos; ela estava nos valores da família; ela transitava pelos corredores da escola; tinha um lugar incerto nos seus projetos de vida. Mesmo acompanhada da incerteza, ela não deixou de existir para eles. Nesse sentido, a autora sublinha que com certeza, a paternidade, nessa fase da vida não é prioridade para nenhum jovem. Seus projetos de vida estão focados no mercado de trabalho ou em busca de uma profissão que lhes assegure a estabilidade e o bem-estar social. Assim, os projetos de vida familiar aparecem em suas vidas, mas a paternidades não assumem lugar de destaque. Para eles, família é aquele núcleo formado por pai, mãe e filhos; em que o sistema de parentesco lhes dá o verdadeiro sentido de identidade social; onde o namoro e o casamento lhes conferem status social. A paternidade é algo questionável, não só por ser homossexuais, mas pelas suas próprias experiências de vida como filhos. Na família e na escola, suas vidas são marcadas pelo modelo criado por contextos socioculturais e simbólicos heteronormativos. Sendo assim, tornar-se pai, biológicos ou adotivos, acompanha todas as normas e valores marcados pela heterogeneidade constitutiva da sociedade.

Na dissertação “Sobre corpos insolentes: corpo trans, um ensaio estético da diferença sexual em educação” (T93), apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará, Silvane Lopes Chaves (2015) problematiza o anúncio do Outro presente no discurso da educação e de seu paradigma da inclusão, a partir da afirmação da diferença em que o corpo trans será o disparador para pensar a relação educação-diferença. A partir de um estudo teórico inspirado na genealogia foucaultiana e em intersecção com as teorizações pós-colonial, com a teoria queer, com a pedagogia cínica, com a filosofia trágica de Nietzsche e ainda com alguns escritos de Gilles Deleuze e Félix Guattari, a autora pondera que o Outro é enquadrado em uma categoria classificatória e deslocado para um lugar periférico ao ser tratado como “anormal” que precisa ser corrigido ou, minimamente, enquadrado em uma “modulação normativa mais favorável”, isto é, “uma distribuição de diferentes normalidades a fim de diminuir as normalidades mais desfavoráveis”. É a partir dessa lógica que a diferença é pautada no discurso da inclusão, uma vez que seu trânsito é atravessado pelo desejo de apaziguamento com a norma. Sua visibilidade está demarcada em fronteiras nítidas que agem em diferentes frentes, sendo mobilizadas por influência de um ideal próximo ao ascetismo (a exemplo da moral cristã), pelo interesse do mercado e pela cultura heteronormativa, os quais em articulação com o discurso médico e das ciências psi estigmatizam e demonizam o que é considerado desvio, atribuindo-lhes rotulações e criando a pretensa situação de vulnerabilidade atrelada à forçosa necessidade de tutela,

como no caso das pessoas trans. Entretanto, olhar a diferença nessa perspectiva implica em desmontar o corpo sexuado, lançando suspeitas sobre o campo epistemológico que o sustenta e sobre a pretensa evidência de naturalidade desses e de outros temas fabricados. É nesse sentido que o corpo trans nos encaminha a uma nova compreensão da subjetividade, salienta a autora.

Em “Cartografando a gestão familiar do sujeito narrado em uma construção de anormalidade intelectual: intersecções entre gênero, sexualidade e deficiência” (T94), dissertação desenvolvida no programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza, Sandra Maria Alexandre da Silva (2015) buscou identificar as formas de articulação entre corpo, gênero e sexualidade a partir das construções discursivas e não discursivas que agenciam a gestão familiar, particularmente no exercício das experiências da sexualidade pelos sujeitos narrados numa construção de anormalidade. A partir da análise do discurso Foucaultiano, a autora observa o quanto as construções discursivas tomam os marcadores de “deficiência” como elementos das relações de poder/saber e o quanto se subordinam aos estatutos da cultura sexual, que têm na educação, na saúde e na família alvos relevantes para a construção dessas relações excludentes. Os achados do estudo permitem compreender a construção dos corpos produzidos nos discursos histórico-sociais e na articulação de enunciados que definem a materialidade do sujeito abjeto/monstruoso e (in)corrigível, narrado “deficiente” a partir dos jogos discursivos performatizados em normatividades nas complexas redes institucionais que são acionadas na gestão da sexualidade e “deficiência”, fornecendo certa inteligibilidade sobre as hierarquias de poder que regulam esse sujeito no campo da desigualdade nos serviços de saúde e educação e as implicações da sexualidade no atendimento das necessidades e cuidados em situações de vulnerabilidade, violência e abuso sexual. As análises das narrativas do estudo apontam inicialmente para a localização dos modos discursivos que conduzem à moral, valores e costumes das interlocutoras, que norteiam suas práticas de aceitação da sexualidade dos/as filhos/as. Nesse contexto, as narrativas apresentam subsídios que contra-argumentam os discursos de (in)visibilidade da sexualidade dos sujeitos narrados numa construção de anormalidade intelectual, quando lhes permitem a realização dos seus anseios. A autora ressalta que essas narrações se adequam a um formato desconstrutivo daquilo que comumente é posto pela sociedade sobre esses sujeitos, de que alguém que não possui atributos não pode despertar, nos seus pares ou não, interesses, vontades e desejos.

A pesquisa “Escola sem homofobia: a (re)produção da identidade sexual nos

discursos escolares” (T95), dissertação de autoria de Edson Leandro de Almeida (2016) vinculado ao programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades da Universidade Federal Rural de Pernambuco, tentou compreender o quanto as mudanças ou permanências relativas à identidade e orientação sexual, promovidas desde os PCN e experimentadas na escola pública, especialmente após o veto ao KIT anti-homofobia, foram capazes de reestruturar discursos e práticas sociais a partir do aprendizado escolar. Subsidiado às teorias do discurso de linha francesa, a Psicanálise e suas contribuições para uma visão não essencialista da sexualidade, junto as teorias feministas e estudos culturais, o autor fez uso de uma metodologia de caráter quali-quantitativo para apreensão de dados. Os dados obtidos apontam para permanências e deslocamentos nos discursos e práticas escolares quanto à identidade sexual e de gênero, demonstram que houve iniciativas positivas a partir de 1998, com os PCN dos temas transversais, por outro lado produziu-se um retrocesso significativo após o ano de 2011. Tais avanços e retrocessos demonstram um quadro complexo, contraditório e tenso quanto às questões sexuais no interior da escola pública nacional. O autor sinaliza que há um silenciamento, na prática docente, quanto à problematização da identidade sexual e/ou de gênero. Acrescenta ainda que o silenciamento por parte dos/as docentes tem influência dos discursos religiosos de matriz cristã, revelando assim um caráter de desconsideração da condição laica da educação brasileira, que em sua maioria demonizam as práticas homoeróticas. E os discursos na própria sociedade civil sugerem estar influenciados pelos mesmos discursos religiosos e essencialismos. Desse modo, o KIT do projeto Escola Sem Homofobia proporcionou mudanças nos discursos sobre as identidades sexuais em nosso país, mas também foi utilizado por aqueles que buscaram seu veto, para perpetuar concepções essencialistas sobre a sexualidade.

A dissertação “Periguetes: um estudo sobre o uso da imagem da mulher nos meios de comunicação de massa e sua influência para a educação informal” (T96) desenvolvida no programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades da Universidade Federal Rural de Pernambuco por Joyce Bezerra de Souza (2016), analisou as imagens que são produzidas nos meios de comunicação de massa sobre as periguetes e sua interlocução com a educação informal, focalizando na utilização enfática da representação de ideário sobre imagens que são produzidas e disseminadas na mídia no tocante ao gênero feminino, o que infere em fortalecimento de estigmas sobre o mesmo, suscitando uma ressignificação de conceitos sobre gênero e identidades que atravessam as barreiras do mero entretenimento, aludindo para uma comunicação planetária,

transdisciplinar, educativa. Utilizando instrumentos mistos, a autora mapeou na internet o que tem se falado sobre as periguetes, principalmente na televisão, que é o veículo de informação mais presente nos lares; e prosseguiu analisando imagens de uma rede sócio-virtual, tendo como objetivo aferir o que é veiculado sobre as mesmas no campo virtual de relacionamentos. Conseqüentemente, onze jovens de uma escola pública do município de Vitória de Santo Antão, com idades de 12 a 18 anos, foram convidadas a participar de um questionário fechado e de um grupo focal, onde imagens de periguetes foram apresentadas, traçando o início de discussões sobre as impressões que o grupo tem. Os resultados da pesquisa sinalizam até onde os meios de comunicação de massa podem e de fato constroem e desconstroem, através de seu estímulo continuado, padrões comportamentais e de valores de aceitação e reprovação dos estereótipos femininos. A internet e a televisão educam a partir de sua grade de programação, mas também visibilizam as mulheres para que as mesmas pensem sua sexualidade como direito e não como dever de procriação e satisfação alheia. A autora ainda acrescenta que os meios de comunicação de massa são eficazes na criação e reprodução de identidades, e quando a sexualidade feminina é o alvo, são implacavelmente competentes em disseminar estereótipos para cada “tipo” de mulher. São vários os modelos de mulher, mas no geral, o binarismo santa/puta prevalece. A mulher insistentemente é refutada ao afirmar suas identidades e liberdade de expressar sua sexualidade, o que não ocorre aos homens na mesma proporção. Os silenciamentos impostos às mulheres vão sendo vagarosamente, mas gradativamente rompidos com a atuação das mesmas nos mais variados setores da sociedade.

José Raimundo de Jesus Santos (2016), em sua tese intitulada “Juventude, Universidade e Conhecimento: o agir prático das juventudes nos fazeres da universidade” (T97), desenvolvida no programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia, apresenta como estudantes da Universidade Federal do Recôncavo Baiano expositores de comunicação científica e participantes de programas institucionais de bolsas ou auxílios, lidam com a produção do conhecimento científico. Adotando uma metodologia quali-quantitativa a partir de categorias analíticas presentes na obra de Bourdieu – habitus, campo, agir prático e ciência – sem perder de vista as categorias sociais que estabelecem as correlações que caracterizam a pirâmide da desigualdade social no Brasil, ou seja, as categorias de gênero e raça são utilizadas e, a partir de então, são estabelecidos cruzamentos e análises que permitiram apreender de forma objetiva os fazeres que caracterizam esta atividade na universidade. O autor construiu a noção do “fazer

universidade” e observou que, o processo de democratização do ensino superior, possibilitou as populações historicamente excluídas, através de políticas públicas específicas, o acesso. Contudo, estar na universidade não implica num “fazer universidade” que se faz na produção de conhecimento ou na prática da pesquisa, logo não houve a democratização do conhecimento. Deste debate percebe-se que o agir prático dos estudantes é o reflexo de um mosaico de fragmentos espelhados que reproduzem as formas de distinções e desclassificações da sociedade para dentro da instituição universitária. A juventude universitária depara-se com uma universidade regimentada por um discurso da democratização, mas que se limita ao acesso, convive com docentes e outros estudantes cuja referência de universidade situa-se numa perspectiva meritocrática, que valoriza o desempenho acadêmico e se sobrepõe a capacidade criativa e crítica. A afiliação aos grupos de pesquisa, ensino e extensão como estratégia prática de formação e treinamento voltado para pesquisa é o vetor que precisa ser reordenado, cuja intensidade e valor precisam ser ampliados para prover a juventude universitária de novas possibilidades de desenvolvimento do conhecimento científico.

Na pesquisa “Olhares e vozes da escola: elementos para a formação de políticas públicas para o respeito à diversidade sexual e de gênero” (T98), tese produzida no programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia, Denise Bastos de Araújo (2016) se dedicou a escutar as vozes da escola a partir de seus olhares sobre produtos culturais que dialogam com as práticas sociais hegemônicas e também dissidentes. A investigação contou com uma ampla revisão bibliográfica e com uma pesquisa em quatro comunidades escolares localizadas na Bahia, por meio de exposições de vídeos e posterior aplicação de questionários aos participantes. O grupo era composto de docentes, estudantes, pessoal de apoio ao estudante e gestão, com o intuito de colher impressões a respeito das relações de gênero e das sexualidades, sob a luz do aporte teórico e metodológico de teorias feministas, em especial dos estudos queer. Ao fazer uso dos produtos culturais em forma de vídeos, a autora advoga que a prática de analisar filmes e vídeos, sejam eles quais forem, desde que criticamente, são estratégias legítimas e eficazes para desdobramento de novos pensares. A autora destaca o potencial ambíguo que a escola tem, tanto pode manter estereótipos como também pode eleger novas fórmulas. O paradoxo é que a escola quer educar e produzir em série. A escola, mesmo sendo o lugar de fabricação dos sujeitos hegemônicos e respectiva manutenção das normas, também pode ser o lugar de criação de novas possibilidades de organização social, de desconstrução dos velhos papéis que já estão mudando, mas que no imaginário

coletivo, muitas vezes, permanece o modelo tradicional. A escola, de uma forma geral, em especial a pública, precisa continuar a desenvolver essa capacidade de pensar e repensar de variadas formas, para e pela diversidade.

No programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pernambuco a dissertação “Necessidades de saúde sexual e reprodutiva de adolescentes escolares” (T99) desenvolvida por Tiago de Sousa Barros (2016), integrou um projeto de pesquisa guarda-chuva que tinha por objetivo construir e validar um gibi educativo para a promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes. No seu recorte de pesquisa, o autor buscou conhecer os tipos de tecnologias educativas voltadas para a promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes e conhecer as necessidades de saúde sexual e reprodutiva de adolescentes no âmbito escolar. A partir de uma revisão integrativa da literatura, o autor evidenciou diferentes tipos de tecnologias educativas para promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes. No segundo momento da pesquisa, realizou-se um estudo descritivo, exploratório, de abordagem qualitativa em uma escola estadual do município de Recife/PE, com 72 adolescentes, de ambos os sexos, de idade que variou entre 13 e 16 anos. Dentre os resultados, foram identificadas duas categorias centrais: demandas de saúde sexual e demandas de saúde reprodutiva. O autor indica que os adolescentes apresentam demandas de saúde sexual e reprodutiva, de forma bastante ampliada, a partir das quais levantaram temáticas e curiosidades que levou à a discussão sobre a liberdade de expressão, relacionada ao exercer da sexualidade de forma segura e saudável, e a respeito do gozo dos direitos sexuais e reprodutivos dos adolescentes. Ainda que os dados mostrem a dimensão das práticas educativas em saúde sexual no ambiente escolar, o autor ressalta que os adolescentes ainda apresentam várias demandas de conhecimentos, o que constata a necessidade de uma educação sexual contínua e participativa, que promova o diálogo entre educador e educando e busque responder as necessidades de saúde sexual e reprodutiva apresentadas pelos adolescentes.

A dissertação intitulada de “Programa de Habilidades Sociais na Escola: Uma forma de combate ao preconceito contra a diversidade sexual” (T100) foi defendida em 2017 por Kelyane Oliveira de Sousa no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe – UFS. A pesquisa foi realizada em uma escola pública de ensino fundamental no município de Aracaju e seus objetivos foram: verificar a efetividade do programa de habilidades sociais na redução do preconceito contra a diversidade sexual e de gênero; avaliar o índice de habilidades sociais total dos adolescentes antes e após a intervenção; avaliar os índices de habilidades específicas de

empatia, civilidade, assertividade, autocontrole e etc., antes e após a intervenção; proporcionar atividades que promovessem o desenvolvimento de habilidades sociais; apresentar aos adolescentes questões relacionadas à diversidade sexual; discutir estigmas e estereótipos de gênero; comparar os níveis de preconceito contra a diversidade dos adolescentes antes e depois do programa de treinamento. A metodologia consistiu em um estudo quase experimental de série temporal descontínua com pré-teste e pós-teste utilizando como instrumentos o Inventário de Habilidades Sociais para adolescentes e a Escala de Preconceito contra Diversidade Sexual e de Gênero. No pré-teste foi feito um levantamento dos níveis de preconceito dos alunos e de habilidades sociais, logo após foi realizado o tratamento experimental que compreendia um treinamento de habilidades sociais sobre a diversidade sexual e de gênero em dez encontros de cinquenta minutos cada. Nesses encontros, conceitos foram apresentados e discutidos, houve também a utilização de filmes e jogos, e após esses encontros foi realizado o pós-teste. Os resultados apontam que a maioria dos objetivos foi comprovada com êxito, os resultados do pré-teste mostraram que os jovens eram moderadamente preconceituosos e possuíam déficits de habilidades sociais, porém após o treinamento voltado para as habilidades sociais e a diminuição dos preconceitos, observou-se que houve uma diminuição significativa nos níveis de preconceito e um aumento no nível de habilidades sociais, tornando assim o treino em habilidades sociais uma estratégia/ferramenta eficaz no combate à preconceitos e desigualdades, porém há a possibilidade de que os preconceitos flagrados tenham sido minimizados, mas as crenças errôneas permaneçam.

Em um estudo intitulado “Experiências educacionais e sociais de travestis no Ceará: um estudo comparado em Juazeiro do Norte e Canindé” (T101) apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, Antoniel dos Santos Gomes Filho (2017), investigou, a partir das histórias de vida das travestis participantes da pesquisa, como aconteceram as experiências educacionais e sociais nos municípios de Juazeiro do Norte e Canindé no Estado do Ceará. Tendo como método a história oral, com foco nas histórias de vida das travestis participantes, temas como currículo e homofobia foram refletidos em conexão com a instituição escolar e a sociedade de modo geral, pois compartilha-se do pressuposto de que a escola não é uma instituição neutra. O autor expõe que, em relação à categoria corpo, as travestis participantes apresentaram uma convergência em relação aos processos de modificação corporal, principalmente no que tange à utilização de fármacos (hormônios) para construção de um corpo feminino. Em relação à categoria educação, as participantes

apresentaram experiências semelhantes, em relação ao fato de que o ensino fundamental e médio foi marcado por corporeidades masculinas, o que, segundo as participantes, foi fundamental para conclusão desses níveis escolares. As participantes apontaram que mesmo não tendo passado por transformações corporais enquanto ainda estavam no espaço escolar, passaram por preconceitos, discriminação e estigmatização. As experiências do cotidiano, subdivididas nas categorias: família, religião, mercado e ambiente de trabalho, foram na contramão da literatura especializada. Tais percepções são de grande valia para que se compreenda como o fenômeno da travestilidades é compreendido por outros atores e atrizes sociais, e como estas compreensões de algum modo perpassam as trajetórias de vida das pessoas travestis.

A dissertação “Gênero e perspectivas de escolha de cursos superiores: análise a partir de uma escola de ensino médio integrado à cursos técnicos na área da computação” (T102) produção do programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, desenvolvida por Daiane Lins da Silva Firino (2017) analisou a relação com a tecnologia e as perspectivas de escolha de cursos superiores de jovens estudantes do Ensino Médio integrado à área da Computação, buscando compreender se são influenciadas por naturalizações e/ou estereótipos de gênero, levando as mulheres a escolherem cursos/ocupações/especializações tradicionalmente femininos e os homens a buscarem carreiras de prestígio social em redutos considerados masculinos. Para tanto, foram aplicados questionários com 185 estudantes (do 1º ao 3º ano), sendo 101 mulheres e 84 homens, numa abordagem quanti/qualitativa e um caráter exploratório e descritivo. A análise evidenciou que os/as estudantes possuem uma forte ligação com a tecnologia e que há diferenças de gênero na forma como estes/estas se relacionam com a mesma, sendo uma delas a propensão das meninas a buscarem informações e dos meninos a buscarem o entretenimento quando navegam na internet. Além disso, verificou-se que a naturalização dos estereótipos de gênero nas relações sociais parece influenciar as identificações dos/as jovens com as áreas do conhecimento e se refletir nas escolhas de cursos superiores. A autora sublinha que naturalizações e estereótipos de gênero, bem como preconceitos, podem criar obstáculos para o prosseguimento de meninos e meninas nas carreiras da Computação. Os/as jovens indicaram preconceitos contra quem segue essas carreiras: sobre os meninos recai a rotulação de “nerds” e sobre as meninas a ameaça de “ser taxadas de homem”, a descrença em sua capacidade, além do fato das mulheres receberem menores salários que os homens. Assim, tais escolhas estavam associadas a atributos de gênero, levando as meninas a escolherem carreiras da área de Ciências

Humanas, Sociais e Biológicas, ligadas ao cuidado, e direcionando os meninos para as carreiras de Ciências Exatas e Tecnologia. Dessa forma, percebeu-se que as meninas, mesmo estando inseridas em cursos técnicos da área da Computação, integrados ao Ensino Médio, não pretendem seguir carreira na referida área, mas também o percentual de meninos que pretendem prosseguir nessa área foi baixo, suscitando questionamentos para novas investigações. Diante disso, a autora alerta para a responsabilidade da escola de desinvisibilizar as naturalizações de gênero, buscando transversalizar discussões sobre questões de gênero no currículo para que assim seja possível o real desenvolvimento do educando, visto que muitas vezes suas potencialidades são podadas devido à imposição de papéis de gênero. Se a escola, ao invés de reproduzir os estereótipos e desigualdades de gênero, contribuísse para a mudança das relações de gênero incentivando tanto as meninas quanto os meninos para as diversas áreas do conhecimento, poderíamos ter, de forma mais célere, modificações na divisão sexual e de gênero do ensino superior e do trabalho.

No trabalho “Educação, juventude e homossexualidade: experiências escolares de jovens gays pobres” (T103), Júlio César de Oliveira Santos (2017), vinculado ao programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, explorou, a partir das narrativas de jovens gays moradores de favela, como a educação escolar tem participado de suas experiências de si e produzido sentidos sobre homossexualidade e sobre suas inserções em relações de gênero, classe e sexualidade. A partir de um corpus formado por entrevistas em profundidade e analisado à luz da Teoria Política do Discurso, com seis jovens homossexuais, com idades entre 17 e 20 anos, estudantes do ensino médio de escolas públicas de Pernambuco, o autor aponta que, os modos de classificação das diferenças adotados pelos jovens sinalizam disputas em torno de aspectos de gênero, sexualidade, moral e classe social. O estudo destaca a recorrência de “brincadeiras” e “piadas” no contexto escolar, que funcionam como tentativas de correção daqueles que se distanciam dos padrões de gênero inteligíveis. Se “assumir como gay” e “entrar” nessas “brincadeiras”, foram estratégias políticas desencadeadas para o enfrentamento de rituais de “heteroterrorismo” e o manejo de situações no cotidiano escolar. Assim, o espaço escolar surge para os jovens como um dos principais ambientes onde entram em contato com diversos significados, valores, códigos, diferentes dos vivenciados no seio da família. Para alguns dos jovens, as amizades e a sociabilidade na escola foram de grande importância no processo de “autodescoberta”, permitindo o aprendizado de códigos, gírias, estilos, estratégias de proteção, “modos de ser”, além de

ter tornado possível experimentações entre esses modos. O autor acrescenta ainda que, ao longo das entrevistas a referência a professores e professoras foi outro elemento que ganhou visibilidade, sendo estes/as protagonistas de experiências de amparo e escuta, mas, também, de agressões e abjeções. O que a experiência dos interlocutores nos ressalta é o potencial transformador das relações de acolhimento estabelecidas pelos/as professores/as. As vivências desenvolvidas neste contexto levaram a mudanças nos modos de pensar, sentir e agir dos jovens, e como, as escolas, diante da imprevisibilidade da presença destes jovens, foram forçadas a negociar sentidos, espaços e tempos em torno das relações de gênero, raça e classe social.

Com objetivo de compreender como um grupo de estudantes LGBT+ de uma escola pública de Fortaleza, no Ceará, vivenciou – individualmente e coletivamente – as questões de gêneros e sexualidades no ambiente físico da escola e na internet, Jefferson Cavalcante de Oliveira (2018) desenvolveu sua dissertação intitulada “Vivências e aprendizagens de jovens LGBT+ sobre si na escola e na internet” (T104) pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará. Foi um estudo qualitativo, de caráter etnográfico, que partiu de uma perspectiva teórica que considera a formação de sujeitos ciborgue a partir do hibridismo entre suas as vivências na presencialidade e na virtualidade. Os resultados revelaram que, a partir dessas interações em redes virtuais e físicas, por onde teceram saberes, experiências, afetividades, solidariedade e culturas, os participantes se tornaram mais conscientes de si, se empoderaram e se perceberam capazes de propor mudanças significativas e de agir em seus contextos, particularmente na escola pública. Além disso, permitiram compreender como os espaços virtuais se configuram hoje espaços de experiências, criações, trocas e aprendizagens ciber-autoformadoras para os estudantes LGBT+ e como permitem a eles construir outras e diversas trajetórias em suas experiências também no ensino formal. O autor salienta que percebeu nos relatos dos participantes que essas vivências na escola e na internet, apesar de se desenrolarem em mundos com especificidades distintas, não se constituíram como mundos isolados na formação de suas identidades sexuais e de gênero. Este estudo revelou ainda como aqueles participantes passaram a atuar em seus contextos virtuais e presenciais, complementando e suplementando as aprendizagens da escola a partir de conteúdos selecionados e organizados de maneira autônoma. Houve um movimento inverso, onde os alunos levaram o debate de temas pertinentes em seu cotidiano para dentro da escola, utilizando sua lógica própria de comunicação. A compreensão dos alunos enquanto sujeitos ativos de sua sociedade, produtores de culturas

e capazes de produzir saberes, em vez de apenas recebê-los, permite compreender a escola, bem como seus currículos, rituais e práticas, como um espaço de lutas e disputas políticas dentro da rede de poderes na qual está inserida.

“Encenando gênero em espaço de confiança: experiências pedagógicas e teatrais com adolescentes” (T105) foi a pesquisa de dissertação de Joyce Sangolete Chaimsohn (2018), apresentada ao programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia, na qual ela desenvolveu um processo pedagógico teatral utilizando experiências de ensino-aprendizagem especialmente as relacionadas ao teatro, de maneira a investigar como podem contribuir numa abordagem de questões sobre gênero, sexualidade e raça. A autora relata que, muitas perguntas surgiram e se abriram a partir da prática. A partir delas, seria possível aprofundar no papel do/da professor/a, pensar em como manter a motivação e interesse dos/das estudantes, problematizar as perspectivas de diferença e diversidade na escola. A prática constituiu-se um lugar de incertezas, instabilidades e emergência do que estava sendo feito. A autora destaca ainda que, durante a prática, a dificuldade com o silêncio levou a uma questão central, a escuta, elemento essencial para o diálogo, a partir do qual acredita que seja possível criar um espaço de confiança, um espaço para expor questões, indagar, criar, se expressar livremente. Ela pondera que quando fala de espaço de confiança, entende que é esse espaço no qual os/as estudantes puderam falar livremente de si, expressar suas emoções, compartilhar com outras pessoas, um espaço ao qual podiam ir e se sentiam bem por diversas razões. O estudo sinaliza que, foi possível perceber que o teatro está apontando para questões de saúde, há uma demanda nesse sentido que requer um trabalho social. Considera-se importante encarar a escola como espaço de promoção da saúde, dando atenção aos quadros de ansiedade e depressão que apresentam os/as jovens, mas, principalmente, promovendo um espaço no qual aprendem a lidar com as emoções, com os pensamentos e as frustrações. Onde podem falar de si, pedir ajuda. Onde trabalhem com questões como a sexualidade, aprendam a se cuidar, a se conhecer, a se (auto)examinar, a se prevenir.

Com intento de explorar quais as imagens que professores/as de Ciências em formação possuem sobre corpos, gêneros e sexualidades, vinculado às pesquisas (auto)biográficas em uma perspectiva pós-crítica, Evanilson Gurgel de Carvalho Filho (2018), desenvolve a dissertação “Minha vida daria um filme?: geografias de vida em territórios de corpos, gêneros e sexualidades” (T106) pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Operando metodologicamente com elementos da cartografia, o autor conectou a trinca corpos-

gêneros-sexualidades com as histórias de vida dos/as futuros/as professores/a de Ciências por meio do currículo do cinema. Os resultados desta pesquisa se mostraram múltiplos e multifacetados, não se restringindo à análise das narrativas dos/as professores/as, mas incluindo também: a composição de um modo fictício-científico de experimentar com a vida, inspirado em obras de ficção-científica e no encontro com o método cartográfico elaborado por Deleuze e Guattari; a criação de personagens conceituais (O Feiticeiro, A Grande Dama e O Grande Escritor); e o esboço de um mapa de geografias de vida, noção que passa a compreender as nossas memórias como territórios a serem explorados e que intenta relativizar o caráter potencialmente testamentário dos relatos de quem se autobiografa. Quanto aos resultados das narrativas dos/as professores/as em formação, o autor expõe o que as imagens evocadas por eles/as podem propiciar em termos de suas futuras práticas pedagógicas quanto à referida trinca. Assim, para além dos flagrantes de normatizações nas vozes de alguns desses sujeitos, sinaliza-se possibilidades de acolhimento a essa trinca e às linhas de fuga irrompendo nas geografias de vida cartografadas. Ademais, o autor pondera que há falhas nas imagens dos/as futuros/as professores/as de Ciências, seja em corpos, gêneros e/ou sexualidades, mas que esses sujeitos acionam o currículo do cinema de forma que as luzes da sétima arte atravessam as rachaduras dos currículos de formação de professores/as e dos seus discursos.

A última produção que agrupa esta seção é a dissertação de Izabelle Cristina de Medeiros Primo (2018), apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, intitulada “Produção de sentidos sobre diversidade sexual por jovens rurais” (T107), em que almejou investigar os sentidos produzidos por jovens de comunidades rurais estudantes do IFRN-Campus São Paulo do Potengi (SPP) sobre diversidade sexual, além de analisar como as ruralidades mediam a produção de sentidos em questão, conhecer como a família e a comunidade se interpõem no modo como a juventude rural produz sentidos sobre a diversidade sexual e identificar como o IFRN-SPP permeia essa produção de sentidos. Os resultados apontam para sentidos construídos sobre a diversidade sexual, que revelam diferenças da vida urbana e rural entre jovens, enfatizando uma dominância de valores tradicionais familiares e comunitários no meio rural que restringem as possibilidades em torno da diversidade sexual, tornando o seu reconhecimento mais desafiador nesse contexto. A autora sublinha que o estigma das ruralidades enquanto território aquém e insuficiente atravessa as vivências dos jovens rurais, inclusive, quanto à diversidade sexual. Por outro lado, a vinculação dos jovens com o IFRN-SPP tem possibilitado a incorporação de novos

repertórios discursivos, de modo a ampliar seus sentidos em torno da diversidade sexual, com vistas a um exercício de alteridade promovido pela instituição. Em geral, os jovens compreendem que a sexualidade deve ser vivenciada de forma privativa e secreta, enquanto alguns questionam e estigmatizam determinadas práticas sexuais. A discussão do grupo, por um lado, ratificou o binarismo dos sexos e dos gêneros e, por outro, refletiu sobre discursos enquanto verdade e norma, bem como sobre a participação de cada indivíduo no processo de uma construção crítica da sociedade. Nesse contexto, a autora indica que a sociedade e, principalmente, nós, profissionais da educação, devemos valorizar o protagonismo dos jovens frente aos diversos contextos em que estão inseridos, incentivando, por exemplo, discussões que compartilhem conhecimentos sobre diversidade sexual e seus estereótipos, em especial, nas ruralidades, demarcando e explicitando o caráter de resistência diante dos discursos absolutos.

Com base nos trabalhos relatados, percebemos um conjunto de pesquisas heterogêneas, voltadas para caracterização das condições que dão materialidade às múltiplas vivências norteadas pelos recortes temáticos das 16 produções que compõem essa seção. De modo geral, os trabalhos se concentram nas grandes áreas das Ciências Humanas, com destaque para o campo da Educação, que agrupa a maioria dos trabalhos, e das Ciências Sociais, com apenas um trabalho pertencente a área de Ciências da Saúde, no campo da enfermagem. Os saberes produzidos nestes estudos apresentam linhas de convergência e muitas interseções, de modo que se somam na ampliação do escopo sobre propostas e debates no que tange às temáticas consideradas marginais no tecido social e nas práticas educacionais, sendo estas um dos principais pontos de convergência que os estudos apresentam. Com abordagens predominantemente qualitativas, sendo 11 trabalhos assim tipificados, enquanto 4 se ramificam e investem na associação da abordagem quanti-qualitativa, esses estudos lançam mão de variadas ferramentas metodológicas e transitam entre os terrenos das vertentes críticas e pós-críticas, sendo esta última a ancoragem da maioria das pesquisas que aqui foram elencadas, o que reflete na multiplicidade de seus objetos, questões e práticas de pesquisas. Em suma, as perspectivas apresentadas apostam na multiplicidade, na desconstrução e ressignificação de práticas, na mutabilidade e deslocamentos dos sentidos e produções de verdades, apontando para a complementação de diversas áreas de conhecimento, bem como, na não-essencialização dos modos de ser e de existir. Com exceção apenas do trabalho produzido por Barros (2016), vinculado ao programa de pós-graduação em enfermagem, que acaba se limitando numa abordagem higienista-preventiva no enredo das questões suscitadas na

pesquisa.

Notamos uma incidência maior de trabalhos sobre as identidades sexuais e de gênero, sobretudo no que tange à vivência da homossexualidade, da transexualidade e travestilidades, com pretensões de esmiuçar as suas relações e implicações sociais ao longo da vida dos sujeitos envolvidos nas pesquisas. Nesse sentido, o corpo parece ser o objeto central comum dessas pesquisas, por meio do qual se visa compreender as marcas, as histórias e vidas que nele se inscrevem. Há também que se ressaltar uma certa predominância da juventude como público de interesse das pesquisas, sendo 10 trabalhos, dentre os 16, com essa delimitação geracional compondo seus objetos de pesquisa. Os demais trabalham alternam entre se dedicar às vivências educacionais em seus diversos níveis, desde o infantil à formação continuada, com especial foco nos professoras/es, formados ou em formação, e outros agentes educacionais envolvidos nos processos em análise. Somente um trabalho, o de Silva (2015), traz como objeto as narrativas de sujeitos que já escapam da condição juvenil e apresenta suas vivências acerca da gestão familiar e intersecções entre gênero, sexualidade e deficiência. Nesse contexto, destacam-se o interesse nos projetos de vidas desses jovens, suas aspirações, escolhas profissionais, vivências relacionais, bem como, os desejos e significados atribuídos a instâncias como a paternidade, a família e suas construções, a escola e as outras experiências educacionais mediadas pela tecnologia.

É repertório comum em parte considerável das produções a luta contra a heterossexualidade compulsória, a partir da visibilidade/identificação dos processos de constrangimento, os estigmas, os xingamentos, a discriminação e preconceitos sofridos nos mais diferentes espaços, as lgbtfobias, os processos de agenciamento biopolítico; com análises embasadas no uso de dispositivo da sexualidade, no binômio normalidade/patologia, no controle de corpos e processos de subjetivação. Outrossim, as pesquisas reivindicam a desnaturalização das identidades de gênero e sexual e o reconhecimento da heteronormatização dos modos de existir, sobretudo da experiência trans. Nesse sentido, podemos considerar que, embora a temática ainda seja incipiente no campo da educação, existe uma trajetória analítica em relação à questão que se amplia e caminha em direção a multiplicidade das diferenças, uma vez que os trabalhos lidos apresentam uma riqueza de análise a partir das noções ora mencionadas. Por outro lado, é necessário reconhecer a tímida ocorrência de estudos sobre transexualidade e travestilidades nos trabalhos produzidos. Convém observar que a partir dos descritores que orientam essa pesquisa, sem perder de vista a classificação seccional aqui realizada,

os trabalhos que apresentam vivências em seus recortes temáticos de pesquisas são muito recentes, mapeados somente a partir de 2015, ano de defesa dos primeiros trabalhos registrados, o que evidencia a grande lacuna que ainda temos em produções dessa temática enquanto campo de pesquisa e no tocante as diversas áreas de saber. Ainda que a crescente produção no campo esteja também concentrada nas últimas duas décadas, é considerável que neste aspecto as pesquisas aqui enquadradas sejam, ousamos dizer, inaugurais/embrionárias.

Tal silenciamento nos leva a refletir com Larrosa (2010, p. 171) que “sempre pode ser interessante pensar um pouco porque um campo proíbe ou ignora. São as proibições e as omissões que melhor podem dar conta da estrutura de um campo, das regras que o constituem, sua gramática profunda”. No decorrer das leituras dos trabalhos aqui listados, compreendemos que as posições dos autores, em geral, direcionam-se à visibilização dessas gramáticas a partir da compreensão das vivências. O corpo, em sua centralidade, é aqui entendido como texto, escrito na articulação entre os investimentos do sistema social (em suas diversas instâncias) e o governo de si. A questão é como conciliar tais investimentos de modo que se garanta a inclusão das minorias de modo digno, com a devida redução das assimetrias e violências que esses corpos são sujeitos, uma vez que, são influenciados/cerceados pelos discursos hegemônicos. Bem, não custa lembrar que, nos moldes de uma democracia como a nossa (frágil, falida, vertiginosa, talvez nem existente em vias de fato), estamos a longos passos de implodir essa gramática limitante de existências, embora desde a Constituição de 1988, em seu Artigo 3º, tenhamos condições discursivas de pautar as diferenças, uma vez que se declara que ninguém será discriminado por “origem, raça, sexo, cor, idade ou quaisquer outras formas” (BRASIL, 1988, p. 01), sabemos que, efetivamente, as pessoas pertencentes às classes subalternizadas, especialmente as mulheres, as LGBTQI+, os/as negros/as, as minorias religiosas, dentre outras, não gozam dos mesmos direitos e do mesmo acesso a dignidade social que as pessoas enquadradas nas réguas de normalidade.

É, pois, por esse cenário ainda inóspito que, evidenciar essa abertura no campo de produção de saberes, sobretudo, no campo de pesquisa em educação, ainda que sejam temáticas incipientes, nos anima a considerá-lo como espaço de possibilidade, de exploração e de contribuição para que a educação possa acolher a diferença. Isso incita em nós a necessidade de desnaturalizar a própria forma de perguntar, de investir em estranhamentos e na criação de novas percepções para fazer proliferar o pensamento, como apontam Meyer e Paraíso (2012), ao sinalizarem as rasuras e aberturas promovidas

pela ascensão das pesquisas pós-críticas. Por isso, são especialmente potenciais e produtivos os discursos que passam a veicular os saberes construídos com essas pesquisas, uma vez que procuram evidenciar que no emaranhado de enunciados hegemônicos cristalizados há estratégias que forjam efeitos de liberação e, em última instância, produzem invisibilização das diferentes diferenças. Nesse sentido, é fundamental a importância da produção discursiva que se dá com essas pesquisas acadêmicas aqui elencadas, ao deslocar o tema das disputas identitárias para o terreno da diferença, o que nos provoca a pensar a subjetivação em outros termos (não apenas como processo de assujeitamento), bem como a possibilidade de novos modos de experimentação da existência, sobretudo que escapam frente à norma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da realização deste trabalho, mapeamos um total de 403 Teses e Dissertações em território nacional, em um período de 25 anos, centrando-nos mais especificamente nas 107 delas que foram defendidas em PPG's no eixo Norte-Nordeste. Esse esforço de mapeamento dos objetos, temas, estados, orientadores, financiamentos, perspectivas teórico-metodológicas, possibilitará aprofundamentos em pesquisas futuras, numa diversidade de recortes, sobre temas de gênero, sexualidade e educação nessas regiões.

A partir dos objetivos específicos, observamos, a começar pelo silenciamento, que ainda temos que buscar uma expansão quantitativa dos trabalhos deste tema na educação de base. A colocação do Brasil no quadro internacional de violência contra pessoas LGBTQI+, e do eixo Norte-Nordeste na esfera nacional, justifica esse aumento. Mesmo com o considerável acréscimo de trabalhos a partir de 2014, como mostramos nos gráficos do capítulo 4, ainda temos um número muito reduzido de pesquisas nessas duas regiões do país. Particularmente, pesquisas com amplitude estadual, assessoradas por dados de igual amplitude, que nos permitam atuar de modo estrutural na educação regional, através de implantação de grupos de pesquisas sobre gênero e sexualidade nas regiões Norte e Nordeste.

Mesmo assim, a existência desses estudos frente ao quadro branco que antes havia é um avanço significativo que não deve ser descartado. Pelas análises dos capítulos 4 e 5, podemos sugerir alguns elementos a serem considerados na elaboração de políticas públicas para a educação no eixo de interesse. Aumentando os grupos de pesquisas e de trabalho e discussão sobre a temática de gênero e sexualidade e inclusão de disciplinas nos cursos de formação profissional ou nas grades curriculares, principalmente das ciências humanas e das licenciaturas, bem como capacitação de professores/as e toda gestão das escolas sobre essa temática.

Ainda em termos de ganho, esse mesmo cenário anuncia vitórias ao explicitar agentes políticos, educacionais e científicos que costumavam estar à margem desses panoramas. A começar pela maioria esmagadora das autorias femininas. Não à toa, vemos que as políticas de silenciamento em vigor produziram também um recuo de autorias femininas. Sobre as subjetividades das/os colaboradoras/es das pesquisas, em especial estudantes e profissionais da educação, verificamos que as pesquisas que foram separadas

pelos recortes de currículo, formação docente, práticas pedagógicas e vivências apresentam caracterizações muito similares.

Na categoria currículo, trabalhos com uma intersecção do objeto de pesquisa com gênero e sexualidade, notamos que as pesquisas reforçam a necessidade de discutir como as questões de gênero e sexualidade estão colocadas nos currículos, produzindo normalização, exclusão, preconceito e desigualdade, indicando que, entre todos os itens analisados, este demonstra maiores similaridades entre as pesquisas. Em quase todas, os resultados apontam para o currículo como artefato implicado na produção de corpos e sujeitos generificados, a partir da assunção do binarismo homem/mulher, tendo a masculinidade com referência, e da heteronormatividade como padrão que torna os sujeitos legítimos em sua sexualidade.

Analisando os trabalhos que problematizaram a formação docente, percebemos que os debates e pesquisas voltadas para as temáticas de gênero e sexualidade não garantem que os professores/as em formação mudem comportamentos e discursos, mas possibilitam mais espaços de discussões tanto na formação inicial quanto na continuada. Aponta-se, também, que as relações de gênero são naturalizadas, ocorrendo por meio da visão dicotômica do currículo, como artefatos generificados, quando se trata das discussões de gênero e sexualidade, pois tendem a normatizar e silenciar as diferenças.

Na categoria práticas pedagógicas, percebemos que os achados reforçam os desafios que a escola encontra no processo de produção das masculinidades e feminilidades e a análise da descrição desses estudos nos leva a reiterar que é necessário um deslocamento de sentidos, representações e posições sociais e políticas capazes de (re)pensar os modos de existência sob a perspectiva das diferenças. Acreditamos que nas fronteiras desta matriz de inteligibilidade de gênero podemos pensar em novas possibilidades de produções culturais das subjetividades sem as marcas da subalternidade, do ridículo, da injúria, da violência, dos limites fixos e das fronteiras que limitam as possibilidades outras.

Os trabalhos que envolvem vivências no contexto de gênero e sexualidade compartilham práticas, sentimentos, percepções em diversos contextos e áreas do conhecimento, tendo como base as experiências vivenciadas pelos sujeitos de interesse nas pesquisas, evidenciando a abertura no campo de produção de saberes, sobretudo, no campo de pesquisa em educação. Ainda que sejam temáticas incipientes, isso nos anima a considerá-lo como espaço de possibilidade, de exploração e de contribuição para que a educação possa acolher a diferença. Assim, é fundamental a importância da produção

discursiva que se dá com essas pesquisas acadêmicas, ao se deslocar o tema das disputas identitárias para o terreno da diferença, o que nos provoca a pensar a subjetivação em outros termos, bem como a possibilidade de novos modos de experimentação da existência, sobretudo que escapam frente à heterocisnormatividade e ao sistema binário de gênero.

Finalmente, podemos observar que os conceitos de gênero, sexualidade e educação nessas pesquisas ainda deixam a desejar, embora tenham evoluído muito ao longo dos anos. Os conceitos de gênero e sexualidade aparecem predominantemente como campos interligados, bem como suas relações. Entretanto, são tratados por definições ainda primárias no que tange ao reconhecimento enquanto construtos sociais, e, por vezes, a noção de sexo ainda é separada desses campos, sendo utilizada como base da discussão e da problematização pretendida. As pesquisas sobre gênero, sexualidade em educação reivindicam a desnaturalização das identidades de gênero e sexual e o reconhecimento da heterocisnormatização dos modos de existir, sobretudo da experiência trans, que notamos poucos trabalhos que as retratam.

Assim, gostaríamos de encerrar dizendo que as próximas pesquisas poderiam se ater às temáticas que envolvam as identidades trans, que problematizem o sistema binário heterocisnormatativo que exclui e violenta tantas pessoas que não se encaixam nesses padrões. Além disso, propomos que pesquisas sejam desenvolvidas de modo a mostrarem o impacto das discussões sobre gênero e diversidade sexual na diminuição de comportamento machista, sexista, misógeno e lgbtfóbico em instituições de ensino formal ou no uso das mais variadas pedagogias culturais da contemporaneidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Rodolfo. MARIANI, Daniel. Qual o perfil da população carcerária brasileira, 2017. **NEXO JORNAL**. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/grafico/2017/01/18/Qual-o-perfil-da-populacao-carceraria-brasileira> Acesso em: 03 de Julho de 2018.

BALTHAZAR, Gregory S.; MARCELLO, Fabiana A. Corpo, gênero e imagem: desafios e possibilidades aos estudos feministas em educação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 23, p. 1-23, 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Edições 70. São Paulo, 2011. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro.

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. *In.*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (Orgs). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 12 ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2014. Tradução: Pedrinho A. Guareschi.

BENEVIDES, Bruna G; BONFIM, Sayonara Naider. **DOSSIÊ: ASSASSINATOS E VIOLÊNCIA CONTRA TRAVESTIS E TRANSEXUAI NO BRASIL EM 2018**. ANTRA, 2019. Disponível em: <https://antrabrazil.files.wordpress.com/2019/01/dossie-dos-assassinatos-e-violencia-contras-pessoas-trans-em-2018.pdf>

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 16ª ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. *Corpos que pensam: sobre os limites discursivos dos “sexos”*. *In.*: LOURO, Guacira Lopes (org.) **O corpo educado – Pedagogias da sexualidade**. 3, ed. Belo Horizonte: Auêntica Editora, 2010.

CARDOSO, Livia de Rezende. Nos rastros de uma bruca, compondo metodologias alquimistas. *In.*: MEYER, Dagmar Estermann; PARAISO, Marlucy Alves (orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte : Mazza Edições, 2012.

CARDOSO, Livia de Rezende; GUARANY, Ann L. A.; UNGER, Lynna G. S.; PIRES, Manuella A. Gênero em Políticas Públicas de Educação e Currículo: do Direito às invenções. **Revista E-Curriculum** (PUCSP), Vol. 17, 2019 pp. 1458-1479.

CARDOSO, Livia de Rezende; GUARANY, Ann Letícia Aragão; UNGER, Lynna Gabriella Silva; PIRES, Manuella de Aragão. Gênero em políticas públicas de educação e currículo: do direito às invenções. **Revista e-curriculum**, Vol. 17, nº 4. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/1809-3876.2019v17i4p1458-1479> Acessado em: 28 de janeiro de 2020.

CARVALHO, Maria Eulina P. de; FREITAS, M. J. T.; SILVA, K. I. L. Origens e desafios dos núcleos de estudos de gênero na educação superior no Norte e Nordeste do Brasil. In: **37ª Reunião Nacional da ANPEd**. Florianópolis, 2015.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Carta aberta da CNBB sobre a inclusão da ideologia de gênero nos Planos de Educação**, Brasília, 18 de junho de 2015. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/carta-aberta-sobre-o-plano-nacional-de-educacao-pne/> Acesso em: 28 de junho de 2018.

CONNEL, Raewyn. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**. Vol. 20, nº 2, jul/dez. 1995.

CONNEL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero** – Uma perspectiva Global. Tradução e revisão técnica Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos. 2015.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CNE). **Nota pública às Assembleias Legislativas, à Câmara Legislativa do Distrital Federal, às Câmaras de Vereadores, aos Conselhos Estaduais, Distrital e Municipais de Educação e à Sociedade Brasileira**, Brasília, 1 de setembro de 2015. Disponível em: http://www.spm.gov.br/noticias/conselho-nacional-de-educacao-emite-nota-sobre-ideologia-de-genero-nos-planos-de-educacao/nota_publica_sobre_ideologia_genero_01_09-1.pdf Acesso em 07 de Julho de 2018.

CRESWELL, John W.; CLARK, Vicki L. **Pesquisa de métodos mistos**. Porto Alegre: Penso, 2007.

CRUZ, José Ewerton Feitosa. A Relação Entre Cristianismo e Educação. **Monografias Brasil Escola**. 2013. Disponível no Link: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/a-relacao-entre-cristianismo-educacao.htm>. Acessado em 07 de julho de 2018

DAL'IGNA, M. C.; SCHERER, R.; CRUZ, Éderson da. (2017). Gênero, Sexualidade e Formação de professores: uma análise a partir da Produção Acadêmica da ANPED. **Revista Inter Ação**, Vol. 42, nº 3, p. 632-655, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/ia.v42i3.48941>. Acessado em 07 de jul. 2018.

FÉLIX, Jeane. Gênero, Sexualidade e Educação na produção de conhecimento dos Grupos de Pesquisa em educação do Nordeste. In: RODRIGUES, Ana Cláudia da S.; SEVERO, José Leonardo R. de L. **Diálogos interdisciplinares e temas emergentes na produção do conhecimento em educação**. João Pessoa: Editora CCTA, 2018 pp. 159-178.

FERREIRA, Márcia Ondina V.; CORONEL, M. C. V. K. Sobre a legitimação do campo do gênero na ANPEd. **Educação e Pesquisa** (USP. Impresso), Vol. 43, p. 815-831, 2017.

FERREIRA, Márcia Ondina V. O campo do gênero na ANPEd. Hipóteses em construção. In: **37ª Reunião Anual da ANPEd**. Florianópolis: ANPEd, 2015. p. 1-18.

FERREIRA, Márcia Ondina V.; NUNES, Georgina Helena Lima. Panorama da produção sobre gênero e sexualidades apresentadas nas reuniões da ANPEd (2000-2006). In: **33ª Reunião Anual da ANPEd**. Rio de Janeiro: ANPEd, 2010. Vol. 1. p. 1-16.

FERREIRA, Maria Mary. Feminismo no Nordeste Brasileiro: histórias, memórias e práticas políticas. **Polis** (Santiago. Imprensa), Vol. 10, p. 145-160, 2011.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, São Paulo, ano 23, n. 79, p.257-272, ago. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf> Acesso em 10 mai. 2019.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 22 ed. Org. e Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.

_____. **A ordem do discurso**. 16 ed. Trad. Laura Fraga A. Sampaio. São Paulo: Loyola, 2008.

_____. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13ª ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FRANCHINI, B. S. O que são as ondas do feminismo? in: **Revista QG Feminista**. 2017. Disponível em: <https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismo-eeed092dae3a> Acesso em: 16 set. 2019

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. Liber Livro, 4 ed. v. 6. Série Pesquisa. Brasília, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GUNTHER, Hartmut. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, Vol. 22, nº. 2, p. 201-210, 2006.

HALL, S. A questão da identidade cultural. In: HALL, S., HELD, D. & MCGREW, T (orgs.) **Modernity and its futures**. Cambridge: Polity/Open University, 1992.

HARAWAY, Donna. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu**, nº 22, pp. 201-246, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n22/n22a09.pdf>. Acessado em 16 set. 2019.

KLEIN, Carin. DAMICO, José. O uso da etnografia pós-moderna para a investigação de políticas pública de inclusão social. In: PARAISO, Marlucy Alves; MEYER, Dagmar Estermann (orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte : Mazza Edições, 2012.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Transfeminismo: Teoria & Práticas**, 2ª Edição. Rio de Janeiro/RJ. Editora Metania. 2014

_____. **HOMOFOBIA: Identificar e Prevenir.** Ed. Lea Carvalho. 1 edição. Rio de Janeiro, 2015.

JUNQUEIRA, R. D. “Ideologia de gênero”: um dispositivo retórico de uma ofensiva antifeminista. *In: DIAS, Alfrâncio F.; SANTOS, Elza F.; CRUZ, Maria Helena S. (orgs.). Gênero e sexualidades: entre invenções e desarticulações.* Aracaju: Editora IFS, 2017.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** 6ª ed. Petrópolis/RJ. Editora Vozes, 2011.

_____. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. *Pedagogias da Sexualidade.* *In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). O corpo educado: Pedagogias da sexualidade.* 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MATOS, Marlise. Teorias de Gênero ou Teorias e Gênero? Se e como os estudos de gênero se transformaram em um novo campo para as ciências. **Revista Estudos Feministas** (UFSC. Impresso), Vol. 16, pp. 333-357, 2008.

MEYER, Dagmar Estermann. Abordagens pós-estruturalistas de pesquisa na interface educação, saúde e gênero: perspectiva metodológica. *In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAISO, Marlucy Alves (orgs.). Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação.* Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

MEYER, Dagmar E.; MAIO, Eliane R.; RIBEIRO, Paula R. C.; RIBEIRO, Cláudia; VIANNA, Cláudia; CARVALHO, Maria Eulina P. de. Gênero, Sexualidade e Educação no GT23 da ANPED: narrativas de organização, resistência e desafios. *In: 39ª Reunião Nacional da ANPEd.* Niterói-RJ: 2019.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAISO, Marlucy Alves (orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

MICHELS, Eduardo. RELATÓRIO GGB 2018. População LGBT Morta no Brasil. 2019 Disponível em: <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2019/01/relat%C3%B3rio-de-crimes-contralgbt-brasil-2018-grupo-gay-da-bahia.pdf>. Acessado em 16 set. 2018

MORAIS, A. B. A.; CARVALHO, Maria Eulina P. de; RABAY, G. Feminismo acadêmico no âmbito da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Sexo e Gênero REDOR. *In: XI Seminário Internacional Fazendo Gênero: 13th. Women's Worlds Congress.* Florianópolis/SC: UFSC, 2017.

OLIVEIRA, José Manuel de. **Desobediências de Gênero.** 1ª ed. Salvador, Editora Devires, 2017.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Pesquisas pós-críticas em educação no Brasil: esboço de um mapa. **Cadernos de Pesquisa** (Fundação Carlos Chagas. Impresso), São Paulo, Vol. 34, nº.122, pp. 283-303, 2004.

_____. Raciocínios generificados no currículo e possibilidades de aprender. In: **Anais do Colóquio sobre Questões Curriculares**. Porto: 2010, p. 1-27.

_____. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAISO, Marlucy Alves (orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte : Mazza Edições, 2012.

_____. Fazer do caos uma estrela dançarina no currículo: invenção política com gênero e sexualidade em tempos do slogan “ideologia de gênero”. In: PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da S. (Org.). **Pesquisa sobre currículos, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018, pp. 23-52.

REIS, Cristina D’Ávila. O uso da metodologia queer em pesquisa no campo do currículo. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAISO, Marlucy Alves (orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

RIBEIRO, Cláudia Maria; XAVIER FILHA, Constantina. Trajetórias teórico-metodológicas em 10 anos de produção do GT 23. In: **36a. Reunião Anual da Anped**. Trabalho encomendado: 2013.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. **As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte”**. Diálogo Educacional, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50, set. 2006.

RUBIN, Gayle. "Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade". **Cadernos Pagu**, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, nº. 21, p. 1-88, 2003.

SARTI, Cynthia Andersen. **O feminismo brasileiro desde os anos 1970**: revisitando uma trajetória. USP. 2004.

SCOTT, Joan W. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, Vol. 20, nº 2, pp. 71 – 99, jul./dez. 1995.

_____. Os Usos e Abusos do Gênero. **Projeto Histórias**, São Paulo. n. 45. pp. 327-351. Dez. 2012.

SILVA, Tomaz. T. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SILVA, Francisca Jocineide da Costa e. **Análise da produção científica brasileira sobre relações de gênero na educação infantil**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 89 f, 2015.

TEIXEIRA, Paulo Marcelo M.; MEGID NETO, Jorge. O estado da arte da pesquisa em ensino de Biologia no Brasil: um panorama baseado na análise de dissertações e teses.

REEC. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, Vol. 11, nº 2, p. 273-297, 2012.

VIANNA, Cláudia; UNBEHAUM, Sandra. O gênero nas políticas públicas de educação no Brasil: 1988-2002. **Cadernos de Pesquisa** (Fundação Carlos Chagas. Impresso). São Paulo, Vol. 34, 2004 pp. 77-104.

WASELFISZ, Júlio Jacobo, **Mapa de Violência 2015** – Homicídios de Mulheres no Brasil. Brasília. 2015. Disponível no link: https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf

APÊNDICE

Tabela 1

- Relação das pesquisas selecionadas, contendo ano, título, autor/a, tese ou dissertação, orientador/a, instituições de ensino superior (IES), Estado, Região, tipo de instituição (pública, privada, comunitária), Programa de Pós-Graduação (PPG), perspectivas teóricas, ferramentas de pesquisa e nível de ensino, tipo de financiamento, tipo de pesquisa (acadêmica ou profissional) e objeto das pesquisas do Norte e Nordeste:

N.	Ano	Título	Autor/a	G	T/D	Orientado r/a	G	IES	Est.	Região	Tipo Inst.	PPG	Objeto de invest.	Nível de Ensino	Metodologia	Perspectiva teórica	Financiamento	Tipo de pesquisa	Objeto
1	1994	Meninos, a marcha!Meninas, a sombra : a historia do ensino da Educação física em Belo Horizonte (1897-1994)	Sousa, Eustaquia Salvador de	F	T	Avelar, Lucia Mercedes de	F	UNICAMP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Escola Pública e Privada	Fundamental e Médio	Análise documental, Entrevista professoras, iconografia	Crítica	CAPES	Acadêmica	X
2	1995	A questão de genero no ensino de ciências	Moro, Claudia Cristine	F	D	Ern, Edel	M	UFSC	SC	Sul	Pública	Educação	Escola Pública	Funcamental	ESM, Professoras	Crítica	CNPQ	Acadêmica	X
3	1995	O dito, o explicito e o oculto na fala da criança sobre sexualidade humana	Andrade, Claudia Maria Ribeiro	F	D	Guimarães , Isaura Rocha Figueiredo	M	UNICAMP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Escola pública e Particular	Fundamental	Entrevista semi-estruturada, Intervenção pedagógica, observações livres	Crítica	CAPES	Acadêmica	X
4	1998	Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física	Altmann, Helena	F	D	Sousa, Eustaquia Salvadora de	F	UFMG	MG	Sudeste	Pública	Educação	Escola pública	Fundamental	Etnografia	Crítica	CAPES	Acadêmica	X
5	1999	A aula de educação física como reprodutora de estereotipos de genero a luz da experiencia no Colegio "Inem Santiago Perez" : Santa-Fé de Bogota-Colombia	Camacho Duran, Maria Victoria	F	D	Venancio, Silvana	M	UNICAMP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Escola pública, Colombia	Médio	Entrevista semi-estruturada, professores/as	Crítica	CAPES	Acadêmica	X
6	1999	Fazendo gênero: reprodução/desconstrução das relações de gênero na educação familiar e escolar (Estudo de caso nos sítios Salgadinho e Curalinho)	Castro, Célia de	F	D	Albuquerque Júnior, Durval Muniz	M	UFMG	PB	Nordeste	Pública	Ciências Sociais	Escola pública	Fundamental	Entrevista, Observação	Crítica	CAPES	Acadêmica	Currículo
7	2000	Colégio Industrial de Lages: ensino técnico e relações de gênero	Turra, Neide Catarina	F	D	Aued, Bernardete Wrublevski	F	UFSC	SC	Sul	Pública	Sociologia Política	Escola Profissionalizante	Técnico	Entrevista/Análise documental	Crítica		Profissionalizante	X
8	2000	Gravidez na adolescência: uma construção social	Ferreira, Mariza Spanghero	F	D	Andalo, Carmen Silvia de Arruda	F	UFSC	SC	Sul	Pública	Psicologia	Pública	Médio	Entrevista Semi Estruturada	Crítica	CAPES	Acadêmica	X

9	2001	Sexualidade como tema transversal: a estruturação da educação sexual nos parâmetros curriculares nacionais	Costa, Ramiro Marinho	M	D	Evangelista, Olinda	F	UFSC	SC	Sul	Pública	Educação	PCN	Fundamental	Análise Documental	Crítica	CAPES	Acadêmica	X
10	2001	Gênero e educação física: o que diz a produção teórica brasileira dos anos 80 e 90?	Luz Junior, Agripino Alves	M	D	Kunz, Elenor	F	UFSC	SC	Sul	Pública	Educação Física	Produção Científica		Análise de Conteúdo	Crítica		Acadêmica	X
11	2001	Hábitos de vida, estado nutricional e aptidão física referenciada à saúde: subsídios para o planejamento de educação física e esportes na escola cidadã	Poletto, Ângela Regina	F	D	Gaya, Adroaldo Cezar Araujo	M	UFRGS	RS	Sul	Pública	Ciências em Movimento Humano	Escola Pública Municipal	Fundamental	Descritivo-exploratório	Crítica		Acadêmica	X
12	2002	Relações de gênero e sexualidade no cotidiano escolar: concepções de duas professoras do ensino fundamental.	Nunes, Maria Dolores de Figueiredo	F	D	Oliveira, Maria Waldenez de	F	UFSCar	SP	Sudeste	Pública	Educação	Escola Pública	Fundamental	Entrevista	Crítica		Acadêmica	X
13	2002	Inscrevendo a sexualidade : discursos e práticas de professoras das séries iniciais do ensino fundamental	Ribeiro, Paula Regina Costa	F	T	Souza, Diogo Onofre Gomes de	M	UFRGS	RS	Sul	Pública	Ciências Biológicas	Curso para Professores/as	Fundamental	Análise de Narrativas	Pós-Críticas		Acadêmica	X
14	2003	Em busca da aprendizagem significativa na área da prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e da AIDS, entre a clientela adolescente	Melo, Maria Tais de	F	T	Fialho, Francisco Antonio Pereira	M	UFSC	SC	Sul	Pública	Engenharia de Produção	Programa NacionaI DST/AIDS		Análise de Conteúdo	Crítica		Acadêmica	x
15	2003	Gênero no contexto da produção científica brasileira em psicologia	Nuernberg, Adriano Henrique	M	T	Lago, Mara Coelho de Souza	F	UFSC	SC	Sul	Pública	Interdisciplinar em Ciências Humanas	Produção Científica	Superior	Entrevista	Crítica	CAPES	Acadêmica	x
16	2004	O corpo de Vênus: mediações sociais formativa dos valores estéticos corporais em adolescentes do sexo feminino na contemporaneidade	Queiroz, Adeleine Piana de Miranda	F	D	Frade, Isabel Cristina Alves da Silva	F	UFMG	MG	Sudeste	Pública	Educação	Escola Pública	Médio	Questionário /Desenhos	Crítica		Acadêmica	x

17	2004	Cenas de meninas e meninos no cotidiano institucional da educação infantil: um estudo sobre as relações de gênero	Costa, Arlete de	F	D	Cerisara, Ana Beatriz	F	UFSC	SC	Sul	Pública	Educação	Escola Pública	Infantil	Observação/ Entrevistas	Crítica	CNPQ 12 meses	Acadêmica	x
18	2004	Juventude e sexualidade no contexto (escolar) de assentamentos do movimento dos trabalhadores rurais sem terra	Vieira, Rosângela Steffen	M	D	Fleuri, Reinaldo Matias	M	UFSC	SC	Sul	Pública	Educação	Escola Pública	Funfamental e Médio	Entrevista Semi-estruturada/ Oficina	Crítica	CAPES	Acadêmica	x
19	2004	Construindo a masculinidade na escola: o colégio Antonio Vieira (1911-1949)	Bispo Júnior, Jorge Santana	M	D	Zamparoni, Valdemir Donizette	M	UFBA	BA	Nordeste	Pública	História	Escola Privada	Fundamental e Médio	Análise Documental e entrevistas	Crítica		Acadêmica	Currículo
20	2004	Meninas e meninos no recreio: gênero, sociabilidade e conflito	Cruz, Tânia Mara	F	T	Carvalho, Marília Pinto de	F	USP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Pública	Fundamental	Observação/ Entrevistas	Crítica		Acadêmica	x
21	2004	Faca sem ponta, galinha sem pé, homem com homem, mulher com mulher : relações de genero nas brincadeiras de meninos e meninas na pre-escola	Finco, Daniela	F	D	Faria, Ana Lúcia Goulart de	F	UNICAMP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Escola Pública	Infantil	Observação	Crítica	CAPES e FAPESP	Acadêmica	x
22	2004	Menino ou menina? : um estudo sobre genero e desenvolvimento infantil	Manhães, Marcus Aurelio Ribeiro	M	D	Guimarães, Isaura Rocha Figueiredo	F	UNICAMP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Escola Pública	Infantil e Fundamental	Observação e Entrevista	Crítica		Acadêmica	x
23	2005	Hábitos de vida, aptidão física relacionada à saúde: um estudo de escolares do ensino médio	Hädrich, Wanise Rilho	F	D	Ruscheinsky, Aloísio	M	FURG	RS	Sul	Pública	Enfermagem	Escola Pública	Médio	Questionário /Avaliação Física	Crítica		Acadêmica	x
24	2005	Adolescência, gênero e AIDS nos significados atribuídos por jovens de três escolas de Florianópolis	Mendes, Patrícia de Oliveira e Silva Pereira	F	D	Lago, Mara Coelho de Souza	F	UFSC	SC	Sul	Pública	Psicologia	Escola Pública	EJA	Questionário /Grupos Focais	Pós-Críticas		Acadêmica	x
25	2005	Entre o desejo e o medo: oficinas de trabalho como espaço de reflexão e empoderamento de adolescentes	Amaral, Marta Araujo	F	T	Fonseca, Rosa Maria Godoy Serpa da	F	USP	SP	Sudeste	Pública	Enfermagem	Pública	Médio	Oficina/Análise dos Discurso	Crítica		Acadêmica	x

26	2005	O bicho vai pegar! : um olhar pós-estruturalista à educação sexual a partir de livros paradidáticos infantis	Furlani, Jimena	F	T	Louro, Guacira Lopes	F	UFRGS	RS	Sul	Pública	Educação	Livros Didáticos	Fundamental	Análise documental	Pós-Críticas	CAPES e UDESC	Acadêmica	x
27	2005	Dos "segredos sagrados" : gênero e sexualidade no cotidiano de uma escola infantil	Guerra, Judite	F	D	Felipe, Jane	F	UFRGS	RS	Sul	Pública	Educação	Escola Privada	Infantil	Entrevista	Pós-Críticas		Acadêmica	x
28	2005	Identidades de gênero e propagandas televisivas : um estudo no contexto da educação infantil	Guizzo, Bianca Salazar	F	D	Felipe, Jane	F	UFRGS	RS	Sul	Pública	Educação	Escola Pública	Infantil	Etnografia	Pós-Críticas		Acadêmica	x
29	2005	Gênero e sexualidade nas brincadeiras do recreio	Wenetz, Ileana	F	D	Stigger, Marco Paulo	M	UFRGS	RS	Sul	Pública	Ciência do Movimento Humano	Escola Pública	Fundamental	Etnografia	Pós-Críticas	Capex	Acadêmica	x
30	2005	Teatro infantil, crianças espectadoras, escola : um estudo acerca de experiências e mediações em processos de recepção	Ferreira, Taís	F	D	Garbin, Elisabete Maria	F	UFRGS	RS	Sul	Pública	Educação	Escola Pública	Fundamental	Observação		CNPQ	Acadêmica	x
31	2005	Conhecimento, atitude e prática sobre métodos anticoncepcionais, prevenção de DST/AIDS em adolescentes de escolas públicas e privadas do município de São Paulo	Martins, Laura Bernardi Motta	F	D	Paiva, Lucia Helena S. da Costa	F	UNICAMP	SP	Sudeste	Pública	Ciências Médicas	Escola Pública e Privada	Fundamental	Questionário			Acadêmica	x
32	2006	Primeiras manifestações de identidade de gênero: um estudo com crianças de 16 a 18 meses	Pascoto, Renata	F	D	Maluf, Maria Regina	F	PUC - SP	SP	Sudeste	Privada	Educação	Escola Pública	Infantil	Observação/ Filmagem		CAPES	Acadêmica	x
33	2006	O ENTENDIMENTO DE PROFESSORES E PROFESSORAS DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE	Santos, Ellis Regina Ferreira dos	F	D	Santiago, Idalina Maria Freitas Lima	F	UEPB	PB	Nordeste	Pública	Ciências da Sociedade	Pública	Fundamental	Questionário			Acadêmica	Formação Docente

34	2006	Projetos de orientação sexual na escola : seus limites e suas possibilidades	Maistro, Virginia Iara de Andrade	F	D	Lorencini Júnior, Álvaro	M	UEL	PR	Sul	Pública	Ensino de Ciência e Educação Matemática	Escola Pública	Fundamental	Questionários? Entrevistas			Acadêmica	x
35	2006	Identidade feminina e sexualidade na concepção de mulheres com síndrome de Down: educação sexual como caminho para a construção de maior autonomia	Uzêda, Sheila de Quadros	F	D	Fagundes, Tereza Cristina Pereira Carvalho	F	UFBA	BA	Nordeste	Pública	Educação	Escola Especial	EJA	Observação e Oficina			Acadêmica	Currículo
36	2006	As relações de gênero nas políticas públicas de educação no município de Belo Jardim-PE: silêncio ou desvelamento?	Sousa, Bernardina Santos Araújo de	M	D	Aguiar, Márcia Angela da Silva	F	UFPE	PE	Nordeste	Pública	Educação	Escola Pública		Análise documental e de narrativas			Acadêmica	Currículo
37	2006	Relações de gênero na Educação Infantil: uma análise a partir da atividade lúdica	Castro, Ana Paula Pereira de	F	D	Barreto, Maria de Lourdes Mattos	F	UFV	MG	Sudeste	Pública	Economia Doméstica		Infantil		Crítica		Acadêmica	x
38	2006	Trajetórias de jovens em processo de inserção profissional do Curso Técnico em Eletrotécnica e Curso Técnico em Química na Escola Estadual Técnica São João Batista - Montenegro/RS, no período de 2001 a 2004	Piccinini, Teresinha Backes	F	D	Ribeiro, Jorge Alberto Rosa	M	UFRGS	RS	Sul	Pública	Educação	Escola Pública	Técnico	Análise de Discurso	Crítica		Acadêmica	x
39	2006	Sujeitos infantis masculinos : homens por vir?	Bello, Alexandre Toaldo	M	D	Felipe, Jane	F	UFRGS	RS	Sul	Pública	Educação	Escola Pública	Infantil	Observação			Acadêmica	x
40	2007	Currículo em ação nos anos iniciais do ensino fundamental e a atenção à multiculturalidade	Corsi, Adriana Maria	F	T	Lima, Emília Freitas de	F	UFSCar	SP	Sudeste	Pública	Educação	Escola Pública	Fundamental	Observação e Entrevista/Professoras	Crítica		Acadêmica	x
41	2007	História de uma presença-ausente: sexualidade e gênero em currículos de pedagogia	Koerich, Maria Cecília Takayama	F	D	<u>Garcia, Wladimir Antonio da Costa</u>	M	UFSC	SC	Sul	Pública	Educação	Universidade	Superior	Análise documental e entrevistas	Crítica	Capes	Acadêmica	x

42	2007	Trajetórias afetivo-sexuais entre jovens do ensino médio: implicações dos sentidos de amor e maternidade	Torres, Taluana Laiz Martins	F	D	Moreira, Maria de Fátima Salum	F	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Escola Pública	Médio	Observação, questionário e entrevistas semi-estruturadas		SEED-SP	Acadêmica	x
43	2007	Gênero, sexualidade e diversidade na escola : a construção de uma cultura democrática	Madureira, Ana Flávia do Amaral	F	T	Branco, Angela Maria Cristina Uchôa de Abreu	F	UNB	DF	Centro-Oeste	Pública	Psicologia	Escola Pública	Fundamental	Entrevista e Grupo focal - Professores		CNPQ	Acadêmica	x
44	2007	Novas e velhas configurações da sexualidade e do corpo feminino: pesquisa-ação na educação com escolares	Nicolino, Aline da Silva	F	T	Bueno, Sonia Maria Villela	F	USP	SP	Sudeste	Pública	Enfermagem Psiquiátrica	Escola Pública	Fundamental	Pesquisa-ação	Crítica		Acadêmica	x
45	2007	Sexualidade na adolescência: trabalhando a pesquisa-ação com referenciais teórico-metodológicos de Paulo Freire	Pereira, Kely Cristina	F	D	Bueno, Sonia Maria Villela	F	USP	SP	Sudeste	Pública	Enfermagem Psiquiátrica	Escola Pública	Fundamental	Pesquisa-ação	Crítica		Acadêmica	x
46	2007	Desejo, diferença e sexualidade na educação infantil : uma análise da produção dos sujeitos nas práticas escolares	Domingues, Renata Pimenta	F	D	Souza, Nádia Geisa Silveira de	F	UFRGS	RS	Sul	Pública	Educação	Escola Pública	Infantil	Pesquisa-ação	Crítica	CNPQ	Acadêmica	x
47	2007	Corpos femininos superfície de inscrição de discursos : mídia, beleza, saúde sexual e reprodutiva, educação escolarizada...	Silva, Fabiane Ferreira da	F	D	Ribeiro, Paula Regina Costa	F	UFRGS	RS	Sul	Pública	Educação	Curso	Técnico	Análise de Narrativas	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	x
48	2008	Conhecendo a vida das mulheres Xakriabá: gênero e participação	Teixeira, Isis Aline Vale	F	D	Gomes, Ana Maria Rabelo	F	UFMG	MG	Sudeste	Pública	Educação	Escola Pública	Educação Indígena	Etnografia		Capes	Acadêmica	x
49	2008	Pelo sentido da vista: um olhar gay na escola	Silva, Aline Ferraz da	F	D	Vieira, Jarbas Santos	M	UFPel	RS	Sul	Pública	Educação	Escola Pública	Médio	Entrevista semi-estruturada	Pós-Críticas		Acadêmica	x
50	2008	Processos educativos entre jovens na construção de uma cartilha educativa sobre direitos sexuais e reprodutivos	Barbosa, Daniela de Castro	F	D	Montrone, Aida Victoria Garcia	F	UFSCar	SP	Sudeste	Pública	Educação	Escola Pública	Fundamental	Roda de conversas	Crítica		Acadêmica	x

51	2008	Diversidade sexual na escola: um "problema" posto à mesa.	Joca, Alexandre Martins	M	D	Sales, Celecina de Maria Veras	F	UFC	CE	Nordeste	Pública	Educação	Escola Pública	Fundamental	Grupo Focal	Crítica	FUNCAP	Acadêmica	Práticas Pedagógicas
52	2008	CONHECIMENTOS E PREVENÇÃO DE DST/AIDS EM ADOLESCENTES	Duarte, Regina Célia	F	D	Rezende, Manuel Morgado	M	Metodista	SP	Sudeste	Privada	Psicologia	Escola Pública	Fundamental	Questionário	Pós-Críticas		Acadêmica	x
53	2008	Escrita de diário e subjetividade : análise do discurso de adolescentes sobre sexualidade	Arice, Maria Luíza Würzius	F	D	Uyeno, Elizabeth Yoko	F	UNITAU	SP	Sudeste	Pública	Linguística	Escola Pública	Fundamental e Médio	Escrita de diário	Crítica	Pref. de S J dos Campos	Acadêmica	x
54	2008	Corpo, gênero e sexualidade: educar meninas e meninos para além da homofobia	Santos, Luciene Neves	F	D	Silva, Ana Márcia	F	UFSC	SC	Sul	Pública	Educação Física	Universidade	Superior	Entrevista semi-estruturada	Pós-Críticas		Acadêmica	x
55	2008	Infância, gênero e estereótipos sexuais: análise do relato de mães de crianças de 4 a 6 anos	Reis, Kellen Cristina Florentino	F	D	Maia, Ana Cláudia Bortolozzi	F	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Psicologia	Escola Pública	Infantil	Questionários	Crítica		Acadêmica	x
56	2008	Olhares de "crianças" sobre gênero, sexualidade e infância	Cabiceira, Geísa Orlandini	F	D	Moreira, Maria de Fátima Salum	F	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Escola Pública	Fundamental	Observação, questionário e entrevistas semi-estruturadas	Crítica	SEED-SP	Acadêmica	x
57	2008	Concepções e práticas de profissionais de educação sobre os maus-tratos contra crianças	Costa, Silvia Regina da Silva	F	D	Libório, Renata Maria Coimbra	F	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Escola Pública	Fundamental	Entrevistas semi-estruturadas	Pós-Críticas		Acadêmica	x
58	2008	Representações de gênero no cotidiano de professoras e professores	Grösz, Dirce Margarete	F	D	Weller, Wivian	F	UNB	DF	Centro-Oeste	Pública	Educação	Escola Pública	Fundamental	Entrevistas semi-estruturadas	Crítica		Acadêmica	x
59	2008	Gravidez na adolescência e escolaridade: um estudo em três capitais brasileiras.	Almeida, Maria da Conceição Chagas de	F	T	Aquino, Estela Maria Motta Lima Leão de	F	UFBA	BA	Nordeste	Pública	Saúde Coletiva	Escola Pública	Médio	entrevistas semi-estruturadas	Crítica		Acadêmica	Práticas Pedagógicas
60	2008	Masculino e feminino: a primeira vez. A análise de gênero sobre a sexualidade na adolescência	Conchão, Silmara Aparecida	F	D	Blay, Eva Alterman	F	USP	SP	Sudeste	Pública	Sociologia	Escola Pública	Médio	Grupo Focal	Crítica		Acadêmica	x

61	2008	Contadores de histórias: oficinas sobre sexualidade com adolescentes	Lise, Fábio Augusto	M	D	Meneghel, Stela Nazareth	F	UNISINOS	RS	Sul	Privada	Saúde Coletiva	ONG	EJA	Grupo Focal	Crítica		Acadêmica	x
62	2008	Sexualidade e Gênero na Adolescência: Uma Perspectiva Educacional	Nogueira, Maria José	F	T	Schall, Virgínia Torres	F	FIOCRUZ	MG	Sudeste	Pública	Ciências da Saúde	Pública	Médio		Crítica	FAPEM IG	Acadêmica	x
63	2008	O corpo na escola : discursos e práticas pedagógicas das professoras dos anos iniciais do ensino fundamental	Marques, Márcia Regina Xavier	F	D	Ribeiro, Paula Regina Costa	F	UFRGS	RS	Sul	Pública	Educação	Escola pública e Particular	Fundamental	Entrevistas semi-estruturadas	Pós-Críticas		Acadêmica	x
64	2008	Sexualidade : narrativas autobiográficas de educadores/as	Dall'Alba, Lucena	F	T	Silveira, Rosa Maria Hessel	F	UFRGS	RS	Sul	Pública	Educação	Escola Pública	Fundamental	Entrevista semi-estruturada	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	x
65	2008	Meninas (mal) comportadas : posturas e estranhamentos em uma escola pública de periferia	Vargas, Juliana Ribeiro de	F	D	Xavier, Maria Luisa Merino de Freitas	F	UFRGS	RS	Sul	Pública	Educação	Escola Pública	Fundamental	Etnografia	Pós-Críticas		Acadêmica	x
66	2008	Modelos organizadores, genero e moral na resolução de conflitos entre jovens na escola	Souza, Leonardo Lemos de	M	T	Araújo, Ulisses Ferreira de	M	UNICAMP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Escola Pública e Particular	Médio	Questionário	Pós-Críticas		Acadêmica	x
67	2008	Entre o saber e o poder : o trabalho de cuidar e educar	Andrade, Cristiane Batista	M	T	Souza, Aparecida Neri de	F	UNICAMP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Escola Pública	Infantil	Entrevista semi-estruturada	c	CNPQ	Acadêmica	x
68	2009	Relações de gênero no currículo da educação infantil: a produção das identidades de princesas, heróis e sapos	Carvalho, Danielle Lameirinhas	F	D	Paraíso, Marlucy Alves	F	UFMG	MG	Sudeste	Pública	Educação	Escola Pública	Infantil	Etnografia	Pós-Críticas	FAPEM IG	Acadêmica	x
69	2009	No meio do caminho: entre o discurso adolescente e a norma	Teixeira, Fabiane Lopes	F	D	Hypolito, Álvaro Luiz Moreira	M	UFPEL	RS	Sul	Pública	Educação	Escola Pública	Fundamental	Grupo de Discussão	Pós-Críticas		Acadêmica	x
70	2009	Representações de crianças e adolescentes sobre trabalho numa perspectiva piagetiana	Silva, Márcia Onísia da	F	D	Barreto, Maria de Lourdes Matto	F	UFV	MG	Sudeste	Pública	Economia Familiar	Escola Privada	Fundamental	Coleta de dados e Entrevista	Crítica		Acadêmica	x

71	2009	O Jogo da Compreensão de Gênero na Educação Infantil: Um Diálogo Hermenêutico do Pesquisador com Diversos Horizontes de Sentidos	Rocha, Sérgio Lizias Costa de Oliveira	M	T	Lins, Sylvie Ghislaine Delacours Soares	F	UFC	CE	Nordeste	Pública	Educação	Escola Pública	Infantil	Etnografia	Crítica	CAPES E CNPQ	Acadêmica	Formação Docente
72	2009	Currículo, educação física e diversidade de gênero	Pereira, Fabio Alves dos Santos	M	D	Abramowicz, Mere	F	PUC - SP	SP	Sudeste	Privada	Educação	Escola Pública	Fundamental	Narrativas de experiências	Crítica		Acadêmica	x
73	2009	As concepções de sexualidade de um grupo de alunas do curso de pedagogia: uma análise a partir do recorte de gênero	Costa, Ana Paula	F	D	Ribeiro, Paulo Rennes Marçal	M	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Pública	Superior	Entrevista semi-estruturada	Crítica	CAPES	Acadêmica	x
74	2009	Silêncio e invisibilidade: a atitude discriminatória de professores diante da homossexualidade na escola.	Marsiglia, Denys Munhoz	M	D	Rios, Terezinha Azerêdo	F	UNINOVE	SP	Sudeste	Privada	Educação	Pública	PCN	Análise documental	Crítica		Acadêmica	x
75	2009	Encontro marcado: um trabalho pedagógico com performances teatrais para a discussão das sexualidades em espaços de educação	Martins, Guaraci da Silva Lopes	M	T	Passos, Fernando Antônio de Paula	M	UFBA	BA	Nordeste	Pública	Artes Cênicas	Pública	Superior	Observação, curso	Crítica		Acadêmica	Práticas Pedagógicas
76	2009	Feminilidades homossexuais no ambiente escolar: ocultamentos e discriminações vividas por garotas	Cavaleiro, Maria Cristina	M	T	Vianna, Claudia Pereira	F	USP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Pública	Médio	Observação, entrevista semi-estruturadas	Crítica		Acadêmica	x
77	2009	O discurso pedagógico pela diversidade sexual e sua (re)articulação no campo escolar	Oliveira, Anna Luiza Araújo Martins de	F	T	Araújo, Clarissa Martins de	F	UFPE	PE	Nordeste	Pública	Educação	Pública	Fundamental e Médio	Entrevistas	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	Currículo

78	2009	As rosas por trás dos espinhos: discursos e sentidos na formação de professores em face do debate da homofobia	Freitas Filho, Luciano Carlos Mendes de	M	D	Carvalho, Rosângela Tenório de	F	UFPE	PE	Nordeste	Pública	Educação	Pública	Fundamental e Médio	Grupo Focal	Crítica		Acadêmica	Formação Docente
79	2009	Sexualidade e Relações de Gênero na Escola: uma cartografia dos saberes, práticas e discursos dos/das docentes	Torres, Raimundo Augusto Martins	M	T	Sales, Celecina de Maria Veras	F	UFC	CE	Nordeste	Pública	Educação	Escola Pública	Fundamental	Observação e entrevista	Pós-Críticas		Acadêmica	Práticas Pedagógicas
80	2009	Professores na encruzilhada entre o público e o privado: o curso gênero e diversidade na escola	Mostafa, Maria	F	D	Rohden, Fabiola	F	UERJ	RJ	Sudeste	Pública	Saúde Coletiva		Fundamental	Relatos	Crítica	FAPERJ	Acadêmica	x
81	2009	Representação de gênero na relação entre estudante de enfermagem e cliente: contribuições do processo ensino-aprendizagem	Muroya, Renata de Lima	F	D	Brêtas, José Roberto da Silva	M	UNIFESP	SP	Sudeste	Pública	Ciências Humanas e sociais	Pública	Superior	Entrevista	Crítica	CAPES	Acadêmica	x
82	2009	A(in)visibilidade do gênero na psicologia acadêmica : onde os discursos fazem(se) política	Narvaz, Martha Giudice	F	T	Koller, Silvia Helena	F	UFRGS	RS	Sul	Pública	Psicologia	Pública	Superior	Análise documental	Crítica	CNPQ	Acadêmica	x
83	2009	Sexualidades e educação : uma análise de questões levantadas por professores/as de um curso voltado à educação para a diversidade	Dulac, Elaine Beatriz Ferreira	F	T	Wortmann, Maria Lúcia Castagna	F	UFRGS	RS	Sul	Pública	Educação	Pública	EJA	Cursos e entrevistas	Pós-Críticas		Acadêmica	x
84	2009	Os 'monstros' e a escola : identidade e escolaridade de sujeitos travestis	Bohm, Alessandra Maria	F	D	Felipe, Jane	F	UFRGS	RS	Sul	Pública	Educação	ONG	Curso	Entrevistas semi-estruturadas	Pós-Críticas		Acadêmica	x
85	2009	O imaginário da sexualidade nas vozes de professoras	Martelli, Andrea Cristina	F	T	Áurea Maria Guimarães	F	UNICAMP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Pública	Fundamental	Entrevistas			Acadêmica	x

86	2010	INFÂNCIA ROUBADA: memórias de empregadas domésticas no trabalho e na educação escolar	Silva, Darlene Sousa	F	D	Motta, Diomar das Graças	F	UFMA	MA	Nordeste	Pública	Educação	SINDOM ESTICO	EJA	Entrevistas	Crítica		Acadêmica	Currículo
87	2010	Orkut.com.escol@: currículos e ciborguização juvenil	Sales, Shirlei Rezende	F	T	Paraíso, Marlucy Alves	F	UFMG	MG	Sudeste	Pública	Educação	Pública	Médio	Observação e entrevista	Pós-Críticas	CNPQ	Acadêmica	x
88	2010	Um estudo sobre as especificidades dos/as educandos/as nas propostas pedagógicas de educação de jovens e adultos-EJA: tudo junto e misturado	Silva, Jerry Adriani da	M	D	Soares, Leoncio Jose Gomes	M	UFMG	MG	Sudeste	Pública	Educação	Pública	EJA	Análise Documental e entrevistas semi-estruturadas		FAPEM IG	Acadêmica	x
89	2010	Falar sobre “sexo” é proibido professora? problematizando entendimentos de sexualidade com crianças dos anos iniciais	Oliveira, Lucilaine dos Santos	M	D	Ribeiro, Paula Regina Costa	F	FURG	RS	Sul	Pública	Educação Ambiental	Pública	Fundamental	Roda de conversas			Acadêmica	x
90	2010	“Eu já beijei um menino e não gostei, aí beijei uma menina e me senti bem”: um estudo das narrativas de adolescentes sobre homofobia, diversidade sexual e de gênero	Longaray, Deise Azevedo	M	D	Ribeiro, Paula Regina Costa	F	FURG	RS	Sul	Pública	Educação	Pública	Médio	Questionários e Grupos Focais	Pós-Críticas	Capex	Acadêmica	x
91	2010	Corpos, gêneros e sexualidades: um estudo com as equipes pedagógica e diretiva das escolas da região sul do RS	Barros, Suzana da Conceição de	F	D	Ribeiro, Paula Regina Costa	F	FURG	RS	Sul	Pública	Educação	Pública	Fundamental e Médio	Entrevistas semi-estruturadas e Grupos Focais	Pós-Críticas		Acadêmica	x
92	2010	As representações de gênero na formação de professores indígenas Xerente e expressão da violência	Milhomem, Maria Santana Ferreira dos Santos	F	D	Cruz, Maria Helena Santana	F	UFS	SE	Nordeste	Pública	Educação	Pública	Fundamental	Entrevistas semi-estruturadas		Capex	Acadêmica	Formação Docente

93	2010	GÊNERO E EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO DO GT 23: GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO DA ANPED	Oliveira, Andrea Fernandes	F	D	Alves, Maria Leila	F	Metodista	SP	Sudeste	Privada	Educação	ANPED	Superior	Análise documental			Acadêmica	x
94	2010	Sexualidade(S) em cena: as contribuições do discurso audiovisual para a problematização das diferenças no espaço escolar	Prado, Vagner Matias do	M	D	Ribeiro, Arilda Inês Miranda	F	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Filme			Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	x
95	2010	Uma cartografia do Ficar entre os adolescentes	Sousa, Vandelúcia de Fátima Ferreira de	F	D	Nunes, Maria Lucia da Silva	F	UFPB	PB	Nordeste	Pública	Educação	Pública	Técnico	Questionário e Grupos focais	Pós-Críticas		Acadêmica	Currículo
96	2010	Educação escolar indígena: uma análise a partir da perspectiva da sexualidade e gênero no município indígena de Baía da Traição/PB	Silva, Patrícia Karla Ferreira	F	D	Soares, Maria de Lourdes	F	UFPB	PB	Nordeste	Pública	Serviço Social	Pública	Fundamental	Análise documental			Acadêmica	Currículo
97	2010	A igualdade ainda vai chegar: desafios para a construção da "cultura do respeito" aos direitos de cidadania do segmento LGBTT em uma escola pública do município de São Paulo	Silva, Claudio Roberto da	M	T	Vianna, Cláudia Pereira	F	USP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Pública	Fundamental e Médio	Observação, etnografia, entrevistas semi-estruturadas e questionário	Crítica		Acadêmica	X
98	2010	Jovens Multiplicadores de um Programa de Prevenção de DST/AIDS no Estado do Rio de Janeiro: uma análise da experiência da educação entre pares	Rosa, Rosângela de Fátima Campos	F	D	Monteiro, Simone Souza	F	FIOCRUZ	RJ	Sudeste	Pública	Ensino em Biociências e Saúde	Pública	Médio	Observação, Entrevista, análise documental			Acadêmica	X

99	2010	Cenas, fatos e mitos na prevenção do HIV/Aids: representações sociais de mulheres de uma escola pública de Juiz de Fora/MG	Reis, Valesca Nunes dos	F	D	Silva, Girlene Alves da	F	UFJF	MG	Sudeste	Pública	Saúde Coletiva	Pública	EJA	Entrevistas semi-estruturadas			Acadêmica	X
100	2010	Entre o laico e o religioso: as injunções do discurso sobre gênero e sexualidade em um dispositivo curricular de normalização para aspectos da vida cidadã	Brício, Vilma Nonato de	F	D	Silva, Josenilda Maria Maués da	F	UFPA	PA	Norte	Pública	Educação	Pública	Fundamental	Análise documental	Pós-Críticas		Acadêmica	Currículo
101	2010	Gênero e sexualidade na educação de jovens e adultos : um estudo de caso	Oliveira, Karina Fürstenau de	F	D	Souza, Nádia Geisa Silveira de	F	UFRGS	RS	Sul	Pública	Educação	Pública	EJA	Observação em sala de aula	Pós-Críticas		Acadêmica	X
102	2011	As representações sociais da evasão escolar para mães adolescentes: contribuição para a enfermagem	Padilha, Maria Angélica Silveira	F	D	Hypolito, Álvaro Luiz Moreira	M	UFPEL	RS	Sul	Pública	Enfermagem	Pública	Superior	Grupo Focal	Crítica		Acadêmica	X
103	2011	Educação sexual nos anos iniciais do ensino fundamental : concepções e práticas.	Santos, Claudete Martins	F	D	Araujo, Maria Inêz Oliveira	F	UFS	SE	Nordeste	Pública	Ensino de Ciência e Educação Matemática	Pública	Fundamental	Questionário e entrevista	Crítica		Acadêmica	Práticas Pedagógicas
104	2011	Gênero, diversidade sexual e currículo: um estudo de caso de práticas discursivas e de (não) subjetivação no ambiente Escolar	Araújo, Rubenilson Pereira de	M	T	Camargo, Flávio Pereira	M	UFTO	TO	Norte	Pública	Letras	Pública	Fundamental	Análise documental, Entrevista professoras, iconografia	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	Currículo
105	2011	Entre tapas e beijos quais as possibilidades ? : tessituras nas relações de gênero em uma escola do Ensino Fundamental II	Lima, Maria Teresa Mendes de Oliveira	F	D	Salles, Leila Maria Ferreira	F	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Pública	Superior	Entrevista semi estruturada, Professoras	Crítica		Acadêmica	X

106	2011	Brincadeiras no recreio: uma reflexão sobre as relações de gênero e sexualidade	Penna, Cleuza Maria Abranches	F	D	Ribeiro, Arilda Inês Miranda	F	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Pública	Fundamental	Entrevista semi-estruturada, Intervenção pedagógica, observações livres	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	X
107	2011	Gênero e sexualidade na TV Escola : cartografias de um currículo	Oliveira, Rosana Medeiros de	F	T	Diniz, Debora	F	UNB	DF	Centro-Oeste	Pública	História	TV	Técnico	Etnografia	Crítica		Acadêmica	X
108	2011	Relações de gênero, subjetividade e construção/constituição de identidades : um caso na educação profissional e tecnológica	Carrias, Eleazar Venancio	M	D	Almeida, Inês Maria Marques Zanforlin Pires de	F	UNB	DF	Centro-Oeste	Pública	Educação	Pública	Técnico	Entrevista semi-estruturada, professores/as	Crítica		Acadêmica	X
109	2011	Graduação em Enfermagem: um olhar sobre o currículo na perspectiva de gênero	Santos, Sheila Milena Pessoa dos	M	D	Carvalho, Maria Eulina Pessoa de	F	UFPB	DF	Nordeste	Pública	Enfermagem	Pública	Fundamental e Médio	Entrevista, Observação	Crítica		Acadêmica	Currículo e Formação Docente
110	2011	O gênero e a docência: uma análise de questões de gênero na formação de professores do Instituto de Educação Euclides Dantas	Reis, Greissy Leoncio	F	D	Passos, Elizete Silva	F	UFBA	BA	Nordeste	Pública	Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres G e S	Pública	Médio	Entrevista/Análise documental	Crítica		Acadêmica	Formação de professoras/es
111	2011	A pedagogia do Movimento Sem Terra e relações de gênero: incidências, contradições e perspectivas em movimento	Araújo, Djacira Maria de Oliveira	F	D	Pimentel, Álamo	M	UFBA	BA	Nordeste	Pública	Educação	MTST	EJA	Entrevista Semi Estruturada	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	Práticas Pedagógicas
112	2011	Adolescência, maternidade e mercado de trabalho: uma relação em construção	Ogido, Rosalina	F	T	Schor, Néia	F	USP	SP	Sudeste	Pública	Saúde Pública	Pública	Fundamental	Análise Documental		CNPQ	Acadêmica	X
113	2011	Processos de constituição de subjetividades em práticas discursivas institucionalizadas: entre a disciplina, a performatividade e a biopolítica	Linhares, Francisco Fred Lucas	M	D	Silva, Marluce Pereira da	F	UFRN	RN	Nordeste	Pública	Estudos da Linguagem	Pública	EJA	Análise de Conteúdo	Crítica		Acadêmica	Práticas Pedagógicas

114	2011	MORAL EDUCATION OF HIGH SCHOOL STUDENTS: AN ANALYSIS OF THE RESOLUTION OF MORAL DILEMMAS FROM THE PERSPECTIVE OF KOHLBERG AND HABERMAS	Camara, Luiz Claudio da Silva	M	D	Souza, Marcelo Gustavo Andrade de	M	PUC - RJ	RJ	Sudeste	Privada	Educação	Pública	Fundamental	Descritivo-exploratório	Pós-Críticas		Acadêmica	X
115	2011	Currículo, gênero e identidade na formação de professores/as	Silva, Kelly da	F	D	Clareto, Sônia Maria	F	UFJF	MG	Sudeste	Pública	Educação	Pública	Superior	Entrevista	Crítica		Acadêmica	X
116	2011	Quem é o professor homem dos anos iniciais? Discursos, representações e relações de gênero	Fonseca, Thomaz Spartacus Martins	M	D	Ferrari, Anderson	M	UFJF	MG	Sudeste	Pública	Educação	Pública	Médio	Análise de Narrativas	Pós-Críticas	FAPEM IG	Acadêmica	X
117	2011	Vida escolar – o mapa da crise sob a perspectiva discente	Bernardo, Flávia Cristina	F	D	Miranda, Neusa Salim	F	UFJF	MG	Sudeste	Pública	Letras	Pública	Médio-Técnico	Análise de Conteúdo	Pós-Críticas		Acadêmica	X
118	2011	“Pegar, ficar, namorar...” jovens mulheres e suas práticas afetivo-sexuais na contemporaneidade	Meirelles, Tatiana	F	D	Wortmann, Maria Lúcia Castagna	F	UFRGS	RS	Sul	Pública	Educação	Pública	Fundamental	Entrevista	Pós-Críticas		Acadêmica	X
119	2012	Homo experimentalis: dispositivo da experimentação e tecnologias de subjetivação no currículo de aulas experimentais de ciências	Cardoso, Livia de Rezende	F	T	Paraiso, Marlucy Alves	F	UFMG	MG	Sudeste	Pública	Educação	Escola Pública	Fundamental	Aula/Observação/Entrevista	Pós-Críticas	CNPQ	Acadêmica	X
120	2012	GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE: uma análise no curso de Pedagogia da UFMA-São Luís	Martins, Walkiria de Jesus França	F	D	Nunes, Iran de Maria Leitão	M	UFMA	MA	Nordeste	Pública	Educação	Superior	Médio	Observação/Entrevistas	Crítica		Acadêmica	Formação Docente
121	2012	Devires em Cor: movimentos de vida pintados em cenas cotidianas das escolas	Gomes, Marco Antonio Oliva	M	T	Carvalho, Janete Magalhães	F	UFES	ES	Sudeste	Pública	Educação	Escola Pública	EJA	Entrevista Semi-estruturada/Oficina	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	X

122	2012	Políticas Públicas sobre diversidade sexual na educação e vivências pedagógicas de professoras lésbicas na escola: notas sobre a cidade de Vitória	Meireles, Ariane Celestino	F	D	Raizer, Eugênia Célia	F	UFES	ES	Sudeste	Pública	Política Social	Escola Pública	Fundamental	Análise Documental e entrevistas	Pós-Críticas		Acadêmica	X
123	2012	Música, materialidade e relações de gênero: categorias transbordantes	Talitha Couto Moreira	F	D	Rosângela Pereira de Tugny	F	UFMG	MG	Sudeste	Pública	Música	Produção Científica	EJA	Observação/Entrevistas	Pós-Críticas		Acadêmica	X
124	2012	Educação para a igualdade na perspectiva de gênero	Barreto, Andreia	F	D	Bomeny, Helena	F	FGV	RJ	Sudeste	Privada	História	Universidade	Superior	Observação	Crítica	CAPES	Profissional	X
125	2012	A pedagogização do sexo da criança: do corpo ao dispositivo da infância	Moruzzi, Andrea Braga	F	T	Abramowicz, Anete	F	UFSCar	SP	Sudeste	Pública	Educação	Escola Pública	Infantil e Fundamental	Observação e Entrevista	Pós-Críticas		Acadêmica	X
126	2012	Saberes e práticas populares de saúde : os processos educativos de mulheres camponesas	Teixeira, Iraí Maria de Campos	F	D	Oliveira, Maria Waldenez de	F	UFSCar	SP	Sudeste	Pública	Educação	Escola Pública	Funcamental	Questionário /Avaliação Física	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	X
127	2012	Trabalho docente, família e vida pessoal : permanências, deslocamentos e mudanças contemporâneas	Santos, Silmere Alves	F	D	Cruz, Maria Helena Santana	F	UFS	SE	Nordeste	Pública	Educação	Escola Pública	Fundamental	Questionário /Grupos Focais	Crítica	CAPES	Acadêmica	Formação Docente
128	2012	Pedagogia queer, cultura visual e discursos sobre (homo)sexualidades em dois cursos de extensão online	VAZ, Tales Gubes	M	D	GUIMARÃES, Leda Maria de Barros	F	UFG	GO	Centro-Oeste	Pública	Cultura Visual	Escola Especial	Fundamental	Oficina/Análise dos Discursos	Pós-Críticas		Acadêmica	X
129	2012	Acerca do feminino e do masculino na dança: das origens do balé à cena contemporânea	Assis, Marília Del Ponte de	F	D	Saraiva, Maria do Carmo Oliveira	F	UFSC	SC	Sul	Pública	Educação Física	Escola Pública	Médio	Análise documental	Crítica		Acadêmica	X
130	2012	Professores(as), suas significações e posturas no contexto da educação sexual: das (im)possibilidades do trabalho com a diversidade sexual	Avila, André Heloy	F	T	Toneli, Maria Juracy Filgueiras	F	UFSC	SC	Sul	Pública	Psicologia	Escola Pública	Fundamental	Entrevista	Crítica		Acadêmica	X

131	2012	Imagens do diverso	Leite, Amanda Mauricio Pereira	F	D	Sousa, Ana Maria Borges de	F	UFSC	SC	Sul	Pública	Educação	Escola Pública	Técnico	Etnografia	Pós-Críticas		Acadêmica	X
132	2012	Potencialidades e limites do ensino das doenças sexualmente transmissíveis: um estudo qualitativo na perspectiva socioantropológica	Cicco, Roberta Ribeiro de	F	D	Vargas, Eliane Portes	F	FIOCRUZ	RJ	Sudeste	Pública	Ensino em Biociências e Saúde	Escola Pública	Médio	Etnografia	Crítica		Acadêmica	X
133	2012	Sexualidade, gênero e pedagogias culturais: representações e problematizações em contexto escolar	Rabello, Sylvia Helena dos Santos	F	D	Caldeira, Ana Maria de Andrade	F	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Educação para a Ciências	Escola Pública	Fundamental		Pós-Críticas		Acadêmica	X
134	2012	Meninos e meninas: uma análise do Menino Maluquinho, o filme, sob o olhar do gênero	Bittencourt, Rosânia Maria Silvano	F	D	Rabelo, Giani	F	UNESC	SC	Sul	Privada	Educação	Escola Pública	Fundamental	Questionário	Crítica	CAPES	Acadêmica	X
135	2012	Moças "invadindo" o espaço masculino: a Escola Técnica da Sociedade de Assistência aos Trabalhadores do Carvão nos anos de 1970	Abel, Jucélia da Silva	F	D	Rabelo, Giani	F	UNESC	SC	Sul	Privada	Educação	Escola Pública	Fundamental	Observação/Filmagem	Crítica		Acadêmica	X
136	2012	Política social : um estudo sobre educação e pobreza	Duarte, Natalia de Souza	F	D	Yannoulas, Silvia Cristina	F	UNB	DF	Centro-Oeste	Pública	Política Social	Escola Pública	Fundamental		Crítica		Acadêmica	X
137	2012	Existir e deixar existir : possíveis contribuições do Ensino de Ciências à educação sexual de jovens e adultos à luz de uma abordagem emancipatória de ensino	Soares, Marina Nunes Teixeira	F	D	Gastal, Maria Luiza de Araújo	F	UNB	DF	Centro-Oeste	Pública	Ensino de Ciências	Escola Pública	Fundamental	Entrevistas semi-estruturadas	Pós-Críticas		Acadêmica	X
138	2012	Expressão da vulnerabilidade das mulheres às DST/AIDS: análise de oficinas de arte/educação em saúde	Noemi Bileski de Abreu Ferraz	F	D	Lucia Yasuko Izumi Nichiata	F	USP	SP	Sudeste	Pública	Enfermagem	Escola Pública	Médio	Observação e Oficina	Pós-Críticas	FAPESP	Acadêmica	X

139	2012	"Diversidade" na educação básica: um olhar antropológico sobre a construção de determinadas premissas legais e institucionais	Iolanda Barros de Oliveira	F	D	Laura Moutinho da Silva	F	USP	SP	Sudeste	Pública	Ciências Sociais	Escola Pública	Superior	Análise documental e de narrativas			Acadêmica	X
140	2012	Avaliação do conhecimento e de habilidades clínicas em saúde sexual e reprodutiva na graduação de medicina	Medeiros, Robinson Dias de	M	T	Azevedo, Jorge Dantas de	M	UFRN	RN	Nordeste	Pública	Ciências da Saúde	Curso	Médio		Crítica	CNPQ	Acadêmica	Formação Docente
141	2012	A experiência vivida de professores do sexo masculino na educação infantil uma questão de gênero?	Alves, Benedita Francisca	F	D	Boris, Georges Daniel Janja Bloc	M	UNIFOR	CE	Nordeste	Privada	Psicologia	Escola Pública	Infantil	Análise de Discurso	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	Práticas Pedagógicas
142	2012	A educação musical: o saber corporal aprendido por meio da educação/técnica vocal para bailarinos contemporâneos	Pereira, Daiana Felix	F	D	Eggert, Edla	F	UNISINOS	RS	Sul	Privada	Educação	Escola Pública	Fundamental e Médio	Observação			Acadêmica	X
143	2012	Educação em sexualidade na escola: entre a normalização e a perspectiva dos direitos humanos	Rosilene Souza Gomes de Cerqueira	F	D	Maria Luiza Heilborn	F	UERJ	RJ	Sudeste	Pública	Saúde Coletiva	Escola Pública	Fundamental e Médio	Observação e Entrevista/Professoras			Acadêmica	X
144	2012	Heteronormatividade e sexualidades LGBT: repercussões dos discursos escolares sobre sexualidade na constituição das sexualidades não normativas	Denise da Silva Braga	F	T	Elizabeth Fernandes de Macedo	F	UERJ	RJ	Sudeste	Pública	Educação	Escola Pública	Fundamental	Análise documental e entrevistas	Pós-Críticas	CNPQ	Acadêmica	X

145	2012	O currículo na formação de professores em questões de gênero	Maria Cecília Sousa de Castro	F	D	Miriam Soares Leite	F	UERJ	RJ	Sudeste	Pública	Educação	Escola Pública	Infantil	Observação, questionário e entrevistas semi-estruturadas	Pós-Críticas	FAPERJ	Acadêmica	X
146	2012	Educação sexual nas escolas: marcas e concepções culturais	Konrath, Vera Lucia	F	D	Grassi, Marlise Heemann	F	UNIVATES	RS	Sul	Privada	Ensino de Ciências e Matemática	Escola Pública	Infantil e Fundamental	Entrevista e Grupo focal - Professores	Crítica	CAPES	Profissional	X
147	2012	Práticas de gênero e sexualidade: a produção discursiva sobre o/a professor/a homossexual na docência primária	CONCEIÇÃO, Thiago Augusto de Oliveira da	M	D	SILVA, Josenilda Maria Maués da	F	UFPA	PA	Norte	Pública	Educação	Universidade	Médio	Pesquisa-ação	Pós-Críticas	CNPQ	Acadêmica	Formação Docente
148	2012	Professor homem na educação infantil: a construção de uma identidade	Pereira, Maria Artete Bastos	F	D	Vitalle, Maria Sylvia de Souza	F	UNIFESP	SP	Sudeste	Pública	Educação e Saúde na Infância e Adolescência	Escola Pública	EJA	Pesquisa-ação	Pós-Críticas		Acadêmica	X
149	2013	Macho, bailarino e homossexual: um olhar sobre as trajetórias de vida de professores dançantes	Nascimento, Diego Ebling do	M	D	Afonso, Mariangel da Rosa	F	UFPEl	RS	Sul	Pública	Educação Física	Escola Pública	Superior	Pesquisa-ação	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	X
150	2013	Prática social da escrita: um estudo envolvendo a educação de adultos	Oliveira, Leilane Morais	F	D	Paes, Cristiane Cataldi dos Santos	F	UFV	MG	Sudeste	Pública	Letras	Escola Pública	Fundamental	Análise de Narrativas	Crítica		Acadêmica	X
151	2013	Concepções de docentes de biologia da grande Aracaju sobre corpo	Lima, Edenilse Batista	F	D	Pagan, Alice Alexandre	F	UFS	SE	Nordeste	Pública	Ensino de Ciências e Matemática	Escola Pública	Infantil	Etnografia	Crítica		Acadêmica	Formação Docente
152	2013	Sexualidade e gênero : percepções de estudantes e professoras do 5º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Itabaiana	Santana, João Rogério Menezes de	M	D	Lima, Maria Batista	F	UFS	SE	Nordeste	Pública	Ensino de Ciências e Matemática	Pública	Fundamental	Entrevista semi-estruturada	Pós-Críticas		Acadêmica	Práticas Pedagógicas

153	2013	Levados por anjos: modos de vida, educação e sexualidade juvenis	JOCA, Alexandre Martins	M	T	SALES, Celecina de Maria Veras	F	UFC	CE	Nordeste	Pública	Educação Brasileira	Escola Pública	Fundamental	Roda de conversas	Crítica	CAPES	Acadêmica	Currículo
154	2013	Relações de gênero e de idade em discursos sobre sexualidade veiculados em livros didáticos brasileiros de Ciências Naturais	Ribeiro, Maria Sílvia	F	D	Rosemberg, Fúlvia	F	PUC-SP	SP	Sudeste	Privada	Serviço Social	Produção Científica	Fundamental e Médio	Grupo Focal	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	X
155	2013	Educação em direitos humanos: um estudo do curso Interseccionando as diferenças: formação em educação, gênero, raça/etnia, sexualidade e pessoas com deficiência em Goiás	Barbosa, Janaina Pires	F	D	Albuquerque, Helena Machado de Paula	F	PUC-SP	SP	Sudeste	Privada	Educação	Escola Pública		Questionário	Pós-Críticas		Acadêmica	X
156	2013	Da 'queixa' ao fracasso escolar: um estudo sobre a predominância do encaminhamento de meninos aos serviços de psicologia	Nascimento, Ana Paula Rodrigues do	F	D	Roure, Susie Amâncio Gonçalves de	F	UFG	GO	Centro-Oeste	Pública	Educação	Escola pública e Particular	Infantil	Observação	Crítica	CAPES	Acadêmica	X
157	2013	Diversidade sexual problematizando as identidades na experiência escolar a partir do ensino em saúde	Toledo, Patrícia Pássaro da Silva	F	D	Vargas, Eliane Portes	F	FIOCRUZ	RJ	Sudeste	Pública	Ensino em Biociências e Saúde	Privada	Técnico	Entrevista semi-estruturada	Crítica		Acadêmica	X
158	2013	A corresponsabilização do Estado pelo cuidado : uma análise sobre a política de creches do PAC-2 na perspectiva da divisão sexual do trabalho	Marcondes, Mariana Mazzini	F	D	Yannoulas, Sílvia Cristina	F	UNB	DF	Centro-Oeste	Pública	Política Social	Escola Pública	Fundamental	Questionários	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	X
159	2013	A diferença cultural na escola : uma cartografia de processos de subjetivação de adolescentes e professores/as	Delmonde, Polianne	F	D	Pulino, Lúcia Helena Cavasin Zabotto	F	UNB	DF	Centro-Oeste	Pública	Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde	Escola Pública e Particular	EJA	Observação, questionário e entrevistas semi-estruturadas	Crítica		Acadêmica	X
160	2013	Silêncio e naturalização na construção das masculinidades na Educação Básica	Santos, Josue Leite	F	D	Thurler, Djalma	F	UFBA	BA	Nordeste	Pública	Cultura e Sociedade	Escola Pública	Infantil	Entrevistas semi-estruturadas	Pós-Críticas	CNPQ	Acadêmica	Práticas Pedagógicas

161	2013	Percepções de adolescentes escolares sobre a iniciação sexual	SILVA, Vilma Maria da	F	D	AMORIM, Rosemary de Jesus Machado	F	UFPE	PE	Nordeste	Pública	Saúde da Criança e do Adolescente	Escola Pública	Infantil	Entrevistas semi-estruturadas			Acadêmica	Curriculo
162	2013	Percepções de professores/as sobre gênero, sexualidade e homofobia: pensando a formação continuada a partir de relatos da prática docente	Liane Kelen Rizzato	F	D	Claudia Pereira Vianna	F	USP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Escola Pública	Técnico		Crítica		Acadêmica	X
163	2013	Prática docente e socialização escolar para as diferenças: um estudo sobre estratégias de transformação da ordem em gênero e sexualidade	Ana Paula Sefton	F	T	Maria da Graca Jacintho Setton	F	USP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Escola Privada	Infantil	Grupo Focal	Pós-Críticas	CAP	Acadêmica	X
164	2013	Corpo, sexualidade, gênero e as mediações culturais em revistas femininas juvenis: possibilidades de uso para o ensino não-formal	Cezar, Bartira dos Reis Rocha	F	D	Vargas, Eliane Portes	F	FIOCRUZ	RJ	Sudeste	Pública	Ensino em Biociências e Saúde	Escola Pública	Fundamental		Pós-Críticas	FAPERJ	Acadêmica	X
165	2013	Professores de educação física em questão – corpo, relações de gênero e sexualidades	Souza, Denis Mauro Rodrigues de	M	D	Ferrari, Anderson	M	UFJF	MG	Sudeste	Pública	Educação	Escola Pública	Superior		Pós-Críticas		Acadêmica	X
166	2013	"A gente não pensava nisso...": educação para a sexualidade, gênero e formação docente na região da Campanha/RS	Hampel, Alissandra	F	T	Felipe, Jane	F	UFRGS	RS	Sul	Pública	Educação	Pública	Médio	Entrevistas semi-estruturadas	Crítica		Acadêmica	X
167	2013	A (hetero)normalização dos corpos em práticas pedagógicas da educação física escolar	Dornelles, Priscila Gomes	F	T	Meyer, Dagmar Elisabeth Estermann	F	UFRGS	RS	Sul	Pública	Educação	Pública	Fundamental	Entrevista semi-estruturada	Crítica	CNPQ	Acadêmica	X
168	2013	Gênero e currículo: um movimento de (des)construção	Izabella Marques Corrêa	F	D	Miriam Soares Leite	F	UERJ	RJ	Sudeste	Pública	Educação	Pública	Fundamental	Etnografia	Pós-Críticas		Acadêmica	X

169	2013	A tradução da tradição em práticas curriculares no colégio estadual Paes de Carvalho	RIBEIRO, Joyce Otânia Seixas	F	T	SILVA, Josenilda Maria Maués da	F	UFPA	PA	Norte	Pública	Educação	Pública	Fundamental	Questionário	Pós-Críticas		Acadêmica	Currículo
170	2013	O corpo na educação emancipatória da sexualidade : uma análise das iniciativas do governo do Paraná (2008-2009)	Bona Júnior, Aurélio	M	T	Nunes, Cesar Aparecido	M	UNICAMP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Pública	Infantil	Entrevista semi-estruturada	Crítica	CAPES	Acadêmica	X
171	2014	Os discursos de gênero e diversidade sexual nas escolas estaduais da região de Mogi das Cruzes (SP)	Santos, Márcia Cunha dos	F	D	Meiri Aparecida Gurgel de Campos Miranda	F	UFABC	SP	Sudeste	Pública	Ensino, História e Filosofia das Ciências e Matemática	Pública	Técnico	Etnografia	Pós-Críticas	CNPQ	Acadêmica	X
172	2014	Gênero e diversidade na escola - GDE: investigando narrativas de profissionais da educação sobre diversidade sexual e de gênero no espaço escolar.	Teixeira, Fabiane Lopes	F	D	Hypolito, Alvaro Luiz Moreira	M	UFPEl	RS	Sul	Pública	Educação	Escola Pública		Grupo de Discussão	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	X
173	2014	Lésbicas e professoras: modos de viver o gênero na docência	Maciel, Patrícia Daniela	F	T	Garcia, Maria Manuela Alves	F	UFPEl	RS	Sul	Pública	Educação	Pública	Médio	Coleta de dados e Entrevista	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	X
174	2014	Movimentos e articulações: uma análise das iniciativas de formação de educadoras/es em sexualidade na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte (1989-2009)	Anna Claudia Eutropio Batista D'andrea	F	T	Julio Emilio Diniz Pereira	M	UFMG	MG	Sudeste	Pública	Educação	Pública	Fundamental	Etnografia	Crítica	CNPQ	Acadêmica	X
175	2014	Relações de gênero, trabalho e formação docente : experiências de mulheres da Escola Estadual Valmir Chagas, Aracaju/SE	Santana, Anabela Mauricio de	F	D	Cruz, Maria Helena Santana	F	UFS	SE	Nordeste	Pública	Educação	Pública	Fundamental	Narrativas de experiências	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	Formação Docente
176	2014	Uma leitura de histórias de vida de mulheres docentes da Universidade Federal de Sergipe e da Universidade do Porto	Nunes, Suzana Mary de Andrade	F	T	Cruz, Maria Helena Santana	F	UFS	SE	Nordeste	Pública	Educação	Pública	Fundamental	Entrevista semi-estruturada	Crítica		Acadêmica	Formação Docente

177	2014	Tensões na percepção dos docentes no Curso de Educação em Direitos Humanos do Instituto UFC-Virtual	BRAGA, Phelipe Bezerra	M	D	BESERRA, Bernadete de Lourdes Ramos	F	UFC	CE	Nordeste	Pública	Educação Brasileira	Privada	Médio	Análise documental	Crítica	CAPES	Acadêmica	Formação Docente
178	2014	Trabalho docente de mulheres em Goiânia-GO	Caetano, Daisy Luzia do Nascimento Silva	F	D	Costa, Carmem Lúcia	F	UFG	GO	Centro-Oeste	Pública	Geografia	Pública	Superior	Observação, curso	Pós-Críticas		Acadêmica	x
179	2014	A (re) invenção de si: investigando a constituição de sujeitos gays, travestis e transexuais	Longaray, Deise Azevedo	F	T	Ribeiro, Paula Regina Costa	F	FURG	RS	Sul	Pública	Educação	Pública	Técnico	Observação, entrevista semi estruturadas		FAPERGS	Acadêmica	x
180	2014	Pensar direitos humanos na perspectiva de gênero: limites e possibilidades na educação profissional em Goiás	Oliveira, Patrícia Fernandes de	F	D	Nicolino, Aline da Silva	F	UFG	GO	Centro-Oeste	Pública	Direitos Humanos	Pública	Fundamental	Entrevistas	Pós-Críticas		Acadêmica	x
181	2014	Uma reflexão sobre questões de gênero em uma escola pública na cidade de Goiânia através da personagem Dawn Davenport em duas cenas do filme Problemas Femininos	Oliveira, Alex Mateus Santos de	M	D	Martins, Raimundo	F	UFG	GO	Centro-Oeste	Pública	Arte e Cultura Visual	Pública	Fundamental	Grupo Focal	Crítica		Acadêmica	x
182	2014	Performances e performatividade: negociações de gênero e sexualidade em aulas de educação física	Passos, Adriano Martins Rodrigues dos	M	D	Gonçalves, Eliane	F	UFG	GO	Centro-Oeste	Pública	Sociologia	Pública	Fundamental	Observação e entrevista	Crítica	CAPES	Acadêmica	x
183	2014	Queerizando o ensino de línguas estrangeiras: potencialidades do cinema queer no trabalho com questões de gêneros e sexualidades	Míguez, Antón Castro	M	T	Almeida, Jane Mary Pereira de	F	Mackenzie	SP	Sudeste	Privada	Educação, Arte e História da Cultura	Pública	Médio	Relatos	Pós-Críticas	CNPQ	Acadêmica	x
184	2014	Pensamento histórico de jovens sobre gênero a partir da revista Capricho : (2005-2006)	Flávia Mantovani	F	D	Márcia Elisa Teté Ramos	F	UEL	SP	Sudeste	Pública	História Social	Pública	Médio	Entrevista	Pós-Críticas		Acadêmica	x
185	2014	Perform(atividade) na escola: reflexões sobre gênero na educação física	Silvestrin, Julia Mara Pegoraro	F	D	Saraiva, Maria do Carmo Oliveira	F	UFSC	SC	Sul	Pública	Educação	Pública	Médio	Análise documental			Acadêmica	X

186	2014	O discurso da diferença entre homens e mulheres no IFPE Recife, século XXI	Oliveira, Sandra Maria Roque de	F	T	Wolff, Cristina Scheibe	F	UFSC	SC	Sul	Pública	Ciências Humanas	Pública	Técnico	Cursos e entrevistas	Pós-Críticas		Acadêmica	X
187	2014	Educação para os direitos humanos na perspectiva pedagógica do ensino fundamental como pressuposto para a formação consciente da cidadania	Ardenghi, Luciana Borella Camara	F	D	Elenise Schonardi e	F	UNIJUÍ	RS	Sul	Privada	Direito	Filme	Fundamental	Entrevistas semi-estruturadas	Pós-Críticas		Acadêmica	X
188	2014	Ensino de literatura infantil e juvenil e diversidade sexual: perspectivas e desafios para a formação de leitores na contemporaneidade	Cruz, Vanessa Rita de Jesus	F	T	Camargo, Flávio Pereira	M	UFTO	TO	Norte	Privada	Letras	Pública	Fundamental	Entrevistas	Crítica		Acadêmica	Práticas Pedagógicas
189	2014	Entre ditos e não ditos: a marcação social de diferenças de gênero e sexualidade por intermédio das práticas escolares da Educação Física	Prado, Vagner Matias do	M	T	Ribeiro, Arilda Ines Miranda	F	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Pública	Fundamental	Entrevistas		FAPESP	Acadêmica	X
190	2014	A produção em sexualidade, gênero e educação sexual na ANPED: estudo analítico-descritivo a partir do estado da arte como opção metodológica	Gonini, Fatima Aparecida Coelho	F	T	Ribeiro, Paulo Rennes Marçal	M	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Pública	Médio	Observação e entrevista	Pós-Críticas	CNPQ	Acadêmica	x
191	2014	A construção dos saberes docentes: um olhar sobre as experiências de professores da disciplina de História acerca da temática de diversidade sexual	Vieira, Hamilton Édio dos Santos	M	D	Ribeiro, Paulo Rennes Marçal	M	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Pública	Infantil	Análise Documental e entrevistas semi-estruturadas	Pós-Críticas		Acadêmica	x
192	2014	Diversidade sexual e ensino de ciências: buscando sentidos	Coelho, Leandro Jorge	M	D	Campos, Luciana Maria Lunardi	F	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Educação para a Ciências	Pública	Infantil	Roda de conversas	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	x
193	2014	Homofobia na escola: análise do livro de ocorrência escolar	Braga, Keith Daiani da Silva	F	D	Ribeiro, Arilda Inês Miranda	F	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Pública	Fundamental	Questionários e Grupos Focais	Crítica		Acadêmica	x

194	2014	Gênero e sexualidades em intersecção e mo(vi)mento no cenário escolar Cubatiense.	SILVA, Rafaella de Sousa	F	D	ARAÚJO, Eronides Câmara de	M	UFCG	PB	Nordeste	Pública	História	Pública	Fundamental	Entrevistas semi-estruturadas e Grupos Focais	Pós-Críticas		Acadêmica	Currículo
195	2014	Trajatórias de escolarização: um estudo sobre egressos do curso técnico em economia doméstica	Manzan, William Alexandre	M	T	Muzzeti, Luci Regina	F	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Pública	Superior	Entrevistas semi-estruturadas	Crítica	CAPES	Acadêmica	X
196	2014	Gênero/Sexo/Sexualidade: Representações e Práticas Elaboradas por Professoras/es da Educação Infantil na Rede Municipal de Ensino em Salvador	Miranda, Amanaiara Conceição de Santana	F	D	Souza, Ângela Maria Freire de Lima e	F	UFBA	BA	Nordeste	Pública	Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres e F	Pública	Fundamental	Análise documental	Pós-Críticas		Acadêmica	Práticas Pedagógicas
197	2014	"Eu tenho esse preconceito, mas eu sempre procurei respeitar os meus alunos" : desafios da formação continuada em gênero e sexualidade	Paz, Cláudia Denís Alves da	F	T	Weller, Wivian	F	UNB	DF	Centro-Oeste	Pública	Educação	Pública	Superior		Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	X
198	2014	Gênero e escolha de cursos superiores: perspectivas de estudantes de ensino médio do Liceu Paraibano	Pinto, Érica Jaqueline Soares	M	D	Carvalho, Maria Eulina Pessoa de	F	UFPB	PB	Nordeste	Pública	Educação	Pública	PCN	Questionário e Grupos focais	Crítica	CAPES	Acadêmica	Formação Docente
199	2014	Educação para prevenção: o discurso de professoras de ciências do ensino fundamental ii em tempos de hiv/aids	Soares, Karina Maria de Souza	F	D	Silva, José Antonio Novaes da	M	UFPB	PB	Nordeste	Pública	Educação	Pública	Superior	Análise documental	Crítica		Acadêmica	Práticas Pedagógicas
200	2014	"Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é": o performativo curricular - na análise de torpedo um vídeo do Kit Escola sem homofobia	Dantas, Maria da Conceição Carvalho	F	T	Bordas, Miguel Angel García	M	UFBA	BA	Nordeste	Pública	Educação	TV	Médio	Observação, etnografia, entrevistas semi-estruturadas e questionário	Pós-Críticas		Acadêmica	Currículo
201	2014	A experiência travesti na escola: entre nós e estratégias de resistências	BARROS, Daniela Torres	F	D	VIEIRA, Luciana Fontes	F	UFPE	PE	Nordeste	Pública	Psicologia	Pública	Fundamental e Médio	Observação, Entrevista, análise documental	Crítica		Acadêmica	Currículo

202	2014	Teste anti-HIV na perspectiva dos jovens: obstáculos e desafios para os programas de prevenção	Eliana Miura Zucchi	F	T	Ivan França Junior	M	USP	SP	Sudeste	Pública	Saúde Pública	Pública	Fundamental e Médio	Entrevistas semi-estruturadas	Pós-Críticas		Acadêmica	X
203	2014	Trajetórias na docência : professores homens na educação infantil	Monteiro, Mariana Kubilius	F	D	Altmann, Helena	F	UNICAMP	SP	Sudeste	Pública	Educação Física	Pública	Fundamental	Análise documental			Acadêmica	X
204	2014	As crianças (in)visíveis nos discursos políticos da educação infantil : entre imagens e palavras	Santos, Solange Estanislau dos	F	T	Kossovitch, Elisa Angotti	F	UNICAMP	SP	Sudeste	Pública	Educação	MTST	Fundamental	Observação em sala de aula	Crítica		Acadêmica	X
205	2014	Experiência e constituição de sujeitos docentes : relações de gênero, sexualidades e formação em pedagogia	Castro, Roney Polato de	M	D	Ferrari, Anderson	M	UFJF	MG	Sudeste	Pública	Educação	Pública	Superior	Grupo Focal	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	X
206	2014	Heteronormatividade e educação infantil : uma análise a partir da feminização do ensino	Vasconcelos, Francisco Ullissis Paixão e	M	D	Pocahy, Fernando Altair	M	UNIFOR	CE	Nordeste	Privada	Psicologia	Pública	Superior	Questionário e entrevista	Pós-Crítica		Acadêmica	Currículo
207	2014	Não sou tio, nem pai, sou professor! : a docência masculina na educação infantil	Silva, Peterson Rigato da	M	D	Faria, Ana Lúcia Goulart de	F	UNICAMP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Pública	EJA	Análise documental, Entrevista professoras, iconografia	Pós-Críticas		Acadêmica	X
208	2014	Impróprio para menores? Adolescentes e diversidade sexual e de gênero nas políticas públicas brasileiras contemporâneas	Vanessa Jorge Leite	F	T	Sergio Luís Carrara	M	UERJ	RJ	Sudeste	Pública	Saúde Coletiva	PCN		Entrevista semi estruturada, Professoras	Pós-Críticas	FAPERJ	Acadêmica	X
209	2014	Narrativas audiovisuais e redes de significações sobre gênero e sexualidades nos/com os cotidianos de um curso de formação de professores	Simone Gomes da Costa	F	D	Maria da Conceição Silva Soares	F	UERJ	RJ	Sudeste	Pública	Educação	Pública	Superior	Entrevista semi-estruturada, Intervenção pedagógica, observações livres	Crítica	FAPERJ	Acadêmica	X
210	2014	Questões de gênero e sexualidade no currículo escolar	Hiller Soares Santana	M	D	Maria de Lourdes Rangel Tura	F	UERJ	RJ	Sudeste	Pública	Educação	Pública	Fundamental e Médio	Etnografia	Pós-Críticas		Acadêmica	X

211	2014	Pecúariado amor : relações afetivo-sexuais das jovens em uma escola da periferia de Porto Alegre	Bello, Alexandre Toaldo	M	T	Felipe, Jane	F	UFRGS	RS	Sul	Pública	Educação	Pública	Médio	Entrevista semi-estruturada, professores/as	Crítica	CNPQ	Acadêmica	X
212	2014	A pedagogia do salto alto : histórias de professoras transexuais e travestis na educação brasileira	Reidel, Marina	F	D	Seffner, Fernando	M	UFRGS	RS	Sul	Pública	Educação	Escola Pública	EJA	Entrevista, Observação	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	X
213	2014	Reiteraões e transgressões à heteronormatividade na escola em tempos de educação para diversidade	Picchetti, Yara de Paula	F	D	Seffner, Fernando	M	UFRGS	RS	Sul	Pública	Educação	Universidade	Fundamental	Entrevista/Análise documental	Pós-Críticas	FAPESGS	Acadêmica	X
214	2014	Currículo de licenciatura em educação física e políticas educacionais de gênero e de diversidade sexual : articulações (im)possíveis	Santos, Luciene Neves	F	T	Meyer, Dagmar Elisabeth Estermann	M	UFRGS	RS	Sul	Pública	Educação	Escola Pública	Médio	Entrevista Semi Estruturada	Pós-Críticas		Acadêmica	X
215	2014	Longe demais das capitais: distâncias e desigualdades	Quartiero, Eliana Teresinha	F	T	Nardi, Henrique Caetano	M	UFRGS	RS	Sul	Pública	Psicologia Social e Institucional.	Escola Pública	Fundamental e Médio	Análise Documental	Crítica	CNPQ	Acadêmica	X
216	2015	As relações de gênero no espaço da educação física escolar no município de Pio XII – MA	Lima, Rarielle Rodrigues	F	D	Sousa, Sandra Maria Nascimento	F	UFMA	MA	Nordeste	Pública	Cultura e Sociedade	Produção Científica	Fundamental	Análise de Conteúdo	Pós-Críticas		Acadêmica	Recursos Didáticos
217	2015	Mulheres e educação: gênero, raça e identidades	Carneiro, Aparecida Suelaine	F	D	Mendonça, Viviane Melo de	F	UFSCar	SP	Sudeste	Pública	Ciências Humanas	Universidade	Superior	Descritivo-exploratório	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	X
218	2015	Questões de gênero e sexualidade na escola: discutindo políticas públicas e formação pedagógica	Rocha, Natalia Hosana Nunes	F	D	Silva, Lourdes Helena da	F	UFV	RS	Sudeste	Pública	Educação	Escola Pública	Médio	Entrevista	Pós-Críticas	CNPQ	Acadêmica	X
219	2015	Divisão sexual do trabalho e suas expressões: reflexões a partir do trabalho docente em Serviço Social na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR)	Marques, Maria Inez Barboza	F	T	Martinelli, Maria Lúcia	F	PUC-SP	SP	Sudeste	Privada	Serviço Social	Pública	Superior	Análise de Narrativas	Pós-Críticas		Acadêmica	X

220	2015	A presença masculina na creche: estariam os educadores homens fora de lugar?	Lopes, Elsa Santana dos Santos	F	T	Campos, Maria Malta	F	PUC-SP	SP	Sudeste	Privada	Educação	Escola Pública	Fundamental	Análise de Conteúdo	Crítica	CAPES	Acadêmica	X
221	2015	Gênero e Diversidade na Escola: limites e possibilidades na formação de professores(as).	Nunes, Ednalva Macedo	F	D	Peres, Vannuzia Leal Andrade	F	PUC-GO	GO	Centro-Oeste	Privada	Psicologia	Escola Especial	Fundamental e Médio	Entrevista	Pós-Críticas		Acadêmica	X
222	2015	As práticas de preconceito e de tolerância no contexto escolar: o outro como questão	Mourão, Lorrana Caliope Castelo Branco	F	D	Miranda, Luciana Lobo	F	UFC	CE	Nordeste	Pública	Psicologia	Escola Pública	Médio	Questionário /Desenhos	Pós-Crítica		Acadêmica	Currículo
223	2015	A sexualidade no cenário do ensino superior: um estudo sobre as disciplinas nos cursos de graduação das universidades federais brasileiras	Riza, Juliana Lapa	F	T	Ribeiro, Paula Regina Costa	F	FURG	RS	Sul	Pública	Educação Ambiental	Pública	Superior	Observação/ Entrevistas	Pós-Críticas		Acadêmica	X
224	2015	Memórias de infância, relações de gênero e sexualidade nos significados e narrativas de professores/as	Cespedes, Cristiane Rojas	F	D	Salgado, Raquel Gonçalves	F	UFMT	MT	Centro-Oeste	Pública	Educação	Escola Pública	Fundamental	Entrevista Semi-estruturada/ Oficina	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	X
225	2015	EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E DOCTRINAS RELIGIOSAS: RELAÇÕES E REPERCUSSÕES PARA AS ESCOLAS PÚBLICAS	Cruz, Renata Barbosa da	F	D	Fischmann, Roseli	F	Metodista	SP	Sudeste	Privada	Educação	Escola Pública	EJA	Análise Documental e entrevistas	Crítica	CAPES	Acadêmica	X
226	2015	O armário na escola: regimes de visibilidade de professores lésbicas e gays	Novo, Arthur Leonardo Costa	M	D	Grossi, Miriam Pillar	F	UFSC	SC	Sul	Pública	Antropologia Social	Escola Pública	Médio	Observação/ Entrevistas	Crítica		Acadêmica	X
227	2015	Diversidade sexual e homofobia na escola : as representações sociais de educadores/as da educação básica	Souza, Elaine de Jesus	F	D	Silva, Joilson Pereira da	M	UFS	SE	Nordeste	Pública	Psicologia Social	Universidade	Fundamental	Observação	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	Práticas Pedagógicas

228	2015	Relações de gênero e sexualidade na educação infantil: interfaces que envolvem as práticas pedagógicas	Oriani, Valéria Pall	F	T	Brabo, Tânia Suely Antonelli Marcelin	F	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Escola Pública	Fundamental e Médio	Observação e Entrevista	Pós-Críticas		Acadêmica	X
229	2015	A mulher escrita: notas sobre a (in)visibilidade feminina no material didático do ensino médio de Língua Portuguesa e Literatura do estado de São Paulo	Ponciano, Jéssica Kurak	F	D	Ribeiro, Arilda Inês Miranda	F	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Escola Pública	Funcamental	Questionário /Avaliação Física	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	X
230	2015	Representações sociais de gênero pela linguagem de moda em um grupo de estudantes do Ensino Fundamental II	Battisti, Francisleth Pereira	F	D	Rossi, Célia Regina	F	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Educação Escolar	Escola Pública	Fundamental	Questionário /Grupos Focais	Crítica		Acadêmica	X
231	2015	Vozes masculinas no cotidiano escolar: desvelando relações de gênero na Educação Infantil sob a perspectiva fenomenológica de Alfred Schutz	Carvalho, Ana Márcia de Oliveira	F	D	Bruns, Maria Alves de Toledo	F	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Educação Sexual	Escola Pública	Fundamental	Oficina/Análise dos Discurso	Pós-Críticas	CNPQ	Acadêmica	X
232	2015	O que os homens têm a dizer sobre as mulheres? Os novos posicionamentos de jovens do gênero masculino frente às transformações femininas nas relações afetivas: uma leitura sob a ótica da Psicologia Analítica	Lazdan, Alessandra Munhoz	F	D	Ribeiro, Paulo Rennes Marçal	M	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Educação Sexual	Escola Pública	Médio	Análise documental	Pós-Críticas	FAPESP	Acadêmica	X
233	2015	Compreendendo a sexualidade infantil nas relações de gênero: o lúdico como estratégia educativa	Moreira, Daniela Arroyo Fávero	F	D	Perez, Marcia Cristina Argenti	F	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Educação Sexual	Curso	Fundamental	Entrevista	Crítica		Acadêmica	X
234	2015	O jovem e o ficar à luz da teoria Bourdiana	Nogueira, Natália Souza	F	D	Muzzeti, Luci Regina	F	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Educação Sexual	Escola Pública	Técnico	Etnografia	Pós-Críticas	Capes	Acadêmica	X

235	2015	Contos de fadas no ensino fundamental I: analisando os recursos empregados e as estratégias que podem ser adotadas pelas/os docentes na desconstrução de estereótipos sexistas	Augustini, Érica Rodrigues do Nascimento	F	D	Rossi, Célia Regina	F	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Educação Sexual	Escola Pública	Pública	Etnografia	Crítica		Acadêmica	X
236	2015	Ser menino e menina, professor e professora na Educação Infantil: um entrelaçamento de vozes	Ruis, Fernanda Ferrari	F	D	Perez, Marcia Cristina Argenti	F	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Educação Sexual	Escola Pública	Fundamental		Pós-Críticas		Acadêmica	X
237	2015	O estado da arte sobre as temáticas sexualidade, educação sexual e gênero nos encontros nacionais de didática e prática de ensino - ENDIPE (1996-2012)	Petrenas, Rita de Cássia	F	T	Ribeiro, Paulo Rennes Marçal	M	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Educação Sexual	Produção Científica		Questionário	Pós-Críticas		Acadêmica	X
238	2015	Quando o 'estranho' resolve se aproximar	Santos, Tiago Zeferinos	M	D	Cruz, Tânia Mara	F	UNISUL	SC	Sul	Comunitária	Educação	Escola Pública	Fundamental	Observação/Filmagem	Crítica	CNPQ	Acadêmica	X
239	2015	Gênero e sexualidade no ambiente escolar	Silva, Jesualdo da	M	D	Cruz, Tânia Mara	F	UNISUL	SC	Sul	Comunitária	Educação	Escola Pública	Fundamental		Pós-Críticas		Acadêmica	X
240	2015	Diversidade sócioeconômica e educação inclusiva	Modolon, Joice Rodrigues	F	D	Aguiar, Letícia Carneiro	F	UNISUL	SC	Sul	Comunitária	Educação	Universidade	Fundamental	Questionários?Entrevistas	Crítica		Acadêmica	X
241	2015	Juventude rural, gênero e educação	Volpato, Teresinha Baldo	F	D	Cruz, Tânia Mara	F	UNISUL	SC	Sul	Comunitária	Educação	Escola Pública	Fundamental	Observação e Oficina	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	X
242	2015	Narrativas autobiográficas e formação de educadores sexuais	Pena, Andreia Lelis	F	D	Gastal, Maria Luiza de Araújo	F	UNB	DF	Centro-Oeste	Pública	Ensino em Ciências	Escola Pública	Superior	Análise documental e de narrativas	Pós-Críticas	CNPQ	Profissional	X
243	2015	Análise da produção científica brasileira sobre relações de gênero na educação infantil	Silva, Francisca Jocineide da Costa e	F	D	Carvalho, Maria Eulina Pessoa de	F	UFPB	PB	Nordeste	Pública	Educação	Escola Pública	Médio		Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	Currículo

244	2015	Os Cadernos Escolares que "Falamos": Artefato de Subjetivação de Gênero e Sexualidade	BELARMINO, Natália Machado	F	D	CARVALHO, Rosângela Tenório de	F	UFPE	PE	Nordeste	Pública	Educação	Escola Pública	Infantil	Análise de Discurso	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	Currículo
245	2015	O Bullying na escola: uma análise do discurso da mídia impressa pedagógica	Nascimento, Talita Maria César	F	D	Carvalho, Rosângela Tenório de	F	UFPE	PE	Nordeste	Pública	Educação	Pública	Fundamental e Médio	Observação	Pós-Críticas	CNPQ	Acadêmica	Currículo
246	2015	Marcas da experiência na formação docente em gênero e diversidade sexual: um olhar sobre o curso "Gênero e diversidade na escola" (GDE)	Osmar Arruda Garcia	M	D	Claudia Pereira Vianna	F	USP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Escola Pública	Fundamental e Médio	Observação e Entrevista/Professoras	Pós-Críticas		Acadêmica	X
247	2015	Gênero, família e escola: socialização familiar e escolarização de meninas e meninos de camadas populares de São Paulo	Adriano Souza Senkevics	M	D	Marília Pinto de Carvalho	F	USP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Pública	Fundamental I	Análise documental e entrevistas	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	X
248	2015	"Minha vida de ameoba": os scripts sexo-normativos e a construção social das asssexualidades na internet e na escola	Elisabete Regina Baptista de Oliveira	F	T	Claudia Pereira Vianna	F	USP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Pública/Privada	Fundamental e Médio	Observação, questionário e entrevistas semi-estruturadas	Pós-Críticas		Acadêmica	X
249	2015	Decifra-me! Não me devore! Gênero e sexualidade nas tramas das lembranças e nas práticas escolares	Sirlene Mota Pinheiro da Silva	F	T	Denice Barbara Catani	F	USP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Escola pública e Particular	Infantil e Fundamental	Entrevista e Grupo focal - Professores	Crítica	CAPES	Acadêmica	X
250	2015	Escola: lugar político da diversidade sexual e de gênero	Duarte, Maria Leuca Teixeira	F	T	Berenice Bento	F	UFRN	RN	Nordeste	Pública	Ciências Sociais	Escola Pública	Médio	Pesquisa-ação	Pós-Críticas		Acadêmica	Currículo
251	2015	Com a delicadeza necessária: o discurso de gênero e sexualidade em livros de literatura infantil	NETO, Amaury Veras	M	D	CARVALHO, Rosângela Tenório de	F	UFPE	PE	Nordeste	Pública	Educação	Escola Pública	EJA	Pesquisa-ação	Pós-Críticas		Acadêmica	Recursos Didáticos

252	2015	Juventude homoerótica e projeto de vida familiar: a paternidade silenciada	Magalhães, Selma Reis	F	T	Castro, Mary Garcia	F	UCSAL	BA	Nordeste	Pública	Família na Sociedade Contemporânea	Escola Pública e Particular	Fundamental	Pesquisa-ação	Pós-Críticas		Acadêmica	Vivências
253	2015	Questões de gênero e sexualidade na escola: discutindo políticas públicas e formação pedagógica	Rocha, Natalia Hosana Nunes	F	D	Silva, Lourdes Helena da	F	UFV	RS	Sul	Pública	Educação	Escola Pública	Fundamental	Análise de Narrativas	Pós-Críticas		Acadêmica	X
254	2015	Vias e trajetos de escolarização de sujeitos homoafetivos velhos na cidade de Belém	SANTOS, Dário Azevedo dos	M	T	ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da	M	UFPA	PA	Norte	Pública	Educação	Escola Pública	Infantil	Etnografia	Crítica	CAPES	Acadêmica	Práticas Pedagógicas
255	2015	Sobre corpos insolentes: corpo trans, um ensaio estético da diferença sexual em educação	CHAVES, Silvane Lopes	F	D	COSTA, Gilcilene Dias da	F	UFPA	PA	Nordeste	Pública	Educação	Escola Pública	Infantil	Entrevista semi-estruturada	Crítica	CNPQ	Acadêmica	Vivências
256	2015	Gênero e sexualidade concepções e práticas pedagógicas de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental	Brantes, Kelly Cristina	F	D	Stangherlim, Roberta	F	UNINOVE	SP	Sudeste	Privada	Gestão e Práticas Educacionais	Escola Privada	Fundamental	Roda de conversas	Pós-Críticas		Acadêmica	X
257	2015	Heteronormatividade e homofobia na educação básica pública	Barreira, Marília Maia Lincoln	F	D	Pocahy, Fernando Altair	M	UNIFOR	CE	Nordeste	Privada	Psicologia	Escola Pública	Fundamental	Grupo Focal	Crítica		Acadêmica	Currículo
258	2015	Cartografando a gestão familiar do sujeito narrado em uma construção de anormalidade intelectual : intersecções entre gênero, sexualidade e "deficiência"	Silva, Sandra Maria Alexandra	F	D	Pocahy, Fernando Altair	M	UNIFOR	CE	Nordeste	Privada	Psicologia	Escola Pública	Fundamental	Questionário	Pós-Críticas		Acadêmica	Vivências
259	2015	Concepções de adolescentes acerca da sexualidade	Barbosa, Luciana Uchôa	F	D	Folmer, Vanderlei	M	UFRGS	RS	Sul	Pública	Educação	Pública	Infantil	Escrita de diário	Pós-Críticas		Acadêmica	X

260	2015	O que ouço me conduz e me produz? a constituição de feminilidades de jovens contemporâneas no espaço escolar da periferia	Vargas, Juliana Ribeiro de	F	T	Xavier, Maria Luisa Merino de Freitas	F	UFRGS	RS	Sul	Pública	Educação	Pública	Fundamental e Médio	Entrevista semi-estruturada	Crítica		Acadêmica	X
261	2016	EDUCAÇÃO BICHA	Zamboni, Jésio	M	T	Barros, Maria Elizabeth Barros de	F	UFES	ES	Sudeste	Pública	Educação	Pública	Fundamental	Questionários	Crítica		Acadêmica	X
262	2016	Memórias de mulheres do movimento estudantil: participação, gênero e educação	Silva, Mayris de Paula	F	D	Mendonça, Viviane Melo de	F	UFSCar	SP	Sudeste	Pública	Educação	Pública	EJA	Observação, questionário e entrevistas semi-estruturadas	Pós-Críticas	CNPQ	Acadêmica	X
263	2016	Narrativas educativas de professoras que atuam na EJA: percepções sobre gênero e sexualidade	Santos, Luiz Fábio	M	D	Nakayama, Bárbara Cristina Moreira Sicardi	F	UFSCar	SP	Sudeste	Pública	Educação	Pública	EJA	Entrevistas semi-estruturadas	Pós-Críticas		Acadêmica	X
264	2016	"O que é normal pra mim não pode ser normal pro outro": a abordagem de corpo, gênero e sexualidades nas licenciaturas do Instituto Federal de Sergipe, campus Aracaju	Cardoso, Helma de Melo	F	D	Dias, Alfrancio Ferreira	M	UFS	SE	Nordeste	Pública	Educação	Pública - Federal	Técnico	Entrevistas semi-estruturadas, análise documental, grupo focal	Pós-Críticas		Acadêmica	Formação Docente
265	2016	Letramento literário na EJAEF: como abordar a ambiguidade sexual nos contos de Clarice Lispector	Santos, Fábio Silva	M	D	Gomes, Carlos Magno Santos	M	UFS	SE	Nordeste	Pública	Letras	Escola Pública	EJA	Análise documental	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	Recursos Didáticos
266	2016	Gênero, educação em sexualidade e formação docente: descortinando o curso de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe	Santos, Luciano Rodrigues dos	M	T	Cruz, Maria Helena Santana	F	UFS	SE	Nordeste	Pública	Educação	Pública	Superior	Entrevista semi-estruturada	Crítica		Acadêmica	Formação Docente
267	2016	Escola religiosa e produções de subjetividades: relações de gênero e sexualidade em um currículo escolar	Oliveira, Cristiano José de	M	D	Cardoso, Lívia de Rezende	F	UFS	SE	Nordeste	Pública	Educação	Pública - Religioso	Fundamental	Análise documental	Pós-Críticas		Acadêmica	Currículo

268	2016	Gênero no percurso de vida de estudantes do Curso de Pedagogia da UFC	Lima, Francisca Josélia Inocêncio de	F	T	Costa, Maria de Fátima Vasconcelos da	F	UFC	CE	Nordeste	Pública	Educação Brasileira	Pública	Superior		Pós-Críticas		Acadêmica	Formação Docente
269	2016	A construção de igualdade de gênero no currículo da educação de adolescentes, jovens e adultos na rede municipal de ensino de Goiânia	Gomes, Maria Antônia de Paula	F	D	Rabelo, Danilo	M	UFG	GO	Centro-Oeste	Pública	Ensino em Educação Básica	Pública	Médio	Entrevistas semi-estruturadas	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	X
270	2016	A atuação dos professores de educação infantil em relação ao gênero: sexualidade infantil, discriminação social e relações de poder	Reis, Mariana Cristina Lima	F	D	Sass, Odair	M	PUC-SP	SP	Sudeste	Privada	Educação	ONG	Fundamental	Entrevista semi-estruturada	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	X
271	2016	Escola sem homofobia : a (re)produção da identidade sexual nos discursos escolares	ALMEIDA, Edson Leandro de	F	D	STADTLER, Hulda Helena Coraciara	F	UFRPE	PE	Nordeste	Pública	Educação, Culturas e Identidades	Pública	Fundamental	Etnografia	Pós-Críticas		Acadêmica	Vivências
272	2016	Feminismos e antifeminismos na política brasileira : "ideologia de gênero" no Plano Nacional de Educação 2014	Meire Ellen Moreno	F	D	Silvana Aparecida Mariano .	F	UEL	PR	Sul	Pública	Ciências Sociais	Pública	Fundamental	Questionário	Pós-Críticas		Acadêmica	X
273	2016	Periguetes : um estudo sobre o uso da imagem da mulher nos meios de comunicação de massa e sua influência para a educação informal	SOUZA, Joyce Bezerra de	F	D	ARAÚJO, Betânia Maciel de	F	UFRPE	PE	Nordeste	Pública	Educação, Culturas e Identidades	Pública	Infantil	Entrevista semi-estruturada	Pós-Críticas		Acadêmica	Vivências
274	2016	A política educacional brasileira em interface com a diversidade sexual no período de 2003 a 2014	Souza, José Antonio Correia De	M	D	Amaral Filho, Fausto dos Santos	M	UTP	PR	Sul	Privada	Educação	Pública	Técnico	Etnografia	Pós-Críticas		Acadêmica	X
275	2016	Antropologia, diversidade sexual e educação: uma experiência etnográfica no ensino público da Bahia	Nunes, Virgínia de Santana Cordolino	F	D	Grossi, Miriam Pillar	F	UFSC	SC	Sul	Pública	Antropologia Social	Pública	Fundamental e Médio	Grupo de Discussão	Pós-Críticas		Acadêmica	X

276	2016	Compondo a cena de dissenso na retirada dos termos "igualdade de gênero e orientação sexual" do PNE 2014/2024: uma crítica em torno do cenário em questão	Mendes, Patrícia de Oliveira e Silva Pereira	F	T	Maheirie, Kátia	F	UFSC	SC	Sul	Pública	Psicologia	Pública	Médio	Coleta de dados e Entrevista	Crítica		Acadêmica	X
277	2016	Discursos sobre corpo, gênero e sexualidade na educação do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe	Oliveira, Anselmo Lima de	M	D	Dias, Alfrancio Ferreira	F	UFS	SE	Nordeste	Pública	Educação	Pública - Federal	Médio	Análise Documental e entrevistas semi-estruturadas	Pós-Críticas		Acadêmica	Práticas Pedagógicas
278	2016	Assistência estudantil na Universidade Federal de Viçosa: composições e tensões no/com o movimento estudantil	Botelho, Cristiane Roque Pereira	F	D	Lopes, Eduardo Simonini	M	UFV	RS	Sul	Pública	Educação	Pública	Fundamental	Narrativas de experiências	Pós-Críticas		Acadêmica	X
279	2016	A trajetória de vida dos docentes do curso de Educação Física da Unimep: um estudo à luz de Pierre Bourdieu	Inforsato, Cassiano Ferreira	M	T	Muzzeti, Luci Regina	F	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Educação Escolar	ANPED	Fundamental	Entrevista semi-estruturada	Pós-Críticas		Acadêmica	X
280	2016	Mãos à máquina : um estudo sobre mídia-educação e infância	Guimarães , João da Silveira	M	D	Wiggers, Ingrid Dittrich	F	UNB	DF	Centro-Oeste	Pública	Educação Física	Filme	Fundamental e Médio	Análise documental	Pós-Críticas		Acadêmica	X
281	2016	Concepção de mulher em professoras da disciplina Educação Cristã em escolas educacionais evangélicas do Triângulo Mineiro	MARQUE S, Doris Day Rodrigues	F	D	Wagner Wey Moreira.	F	UFTM	MG	Sudeste	Pública	Educação	Pública	Superior	Observação, curso	Crítica		Acadêmica	X
282	2016	Elaboração de livro paradidático para o Ensino de Probabilidade: o trilhar de uma proposta para os anos finais do Ensino Fundamental	CIABOTT I, Valéria	F	D	OLIVEIR A JUNIOR, Ailton Paulo de	F	UFTM	MG	Sudeste	Pública	Educação	Pública	Infantil	Observação, entrevista semi entruturadas	Crítica	FAPEM IG	Acadêmica	X
283	2016	Projeto de Futuro na dimensão sócio afetiva: como se constroem as percepções de alunos(as) do Ensino Secundário em Portugal e do Ensino Médio no Brasil	Araújo, Marília Frassetto de	F	D	Rossi, Célia Regina	F	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Educação Escolar	Pública	Fundamental	Entrevistas	Pós-Críticas	CNPQ	Acadêmica	X

284	2016	A educação sexual no portal do professor-MEC: Estudo analítico-descritivo das temáticas referentes à sexualidade no espaço da aula	Reis, Fernanda	F	D	Muzzeti, Luci Regina	F	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Educação Escolar	Pública	Fundamental	Grupo Focal	Crítica	CAPES	Acadêmica	X
285	2016	Juventude, universidade e conhecimento: o agir prático das juventudes nos fazeres da universidade	Santos, José Raimundo de Jesus	M	T	Silva, Jair Batista da	F	UFBA	BA	Nordeste	Pública	Ciências Sociais	Pública	Fundamental	Observação e entrevista	Pós-Críticas		Acadêmica	Vivências
286	2016	Relações de gênero e a formação de engenheiras e engenheiros	Moraes, Adriana Zomer de	F	D	Cruz, Tânia Mara	F	UNISUL	SC	Sul	Comunitária	Educação	Pública	Superior	Relatos			Acadêmica	X
287	2016	Direitos humanos, educação e cidadania LGBT: uma análise das ações do programa Brasil sem homofobia em João Pessoa/PB	Gomes, José Cleudo Gomes	M	D	Zenaide, Maria de Nazaré Tavares	F	UFPB	PB	Nordeste	Pública	Educação	Pública	Médio	Entrevista	Crítica	CNPQ	Acadêmica	Currículo
288	2016	OLHARES E VOZES DA ESCOLA: ELEMENTOS PARA A FORMAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O RESPEITO À DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO	Araújo, Denise Bastos de	F	T	Colling, Leandro	M	UFBA	BA	Nordeste	Pública	Cultura e Sociedade	PCN		Análise documental	Pós-Críticas		Acadêmica	Vivências
289	2016	As contribuições do currículo da formação para a prática pedagógica docente com gênero e sexualidade na educação básica	SANTOS, Maria do Carmo Gonçalves	F	T	SANTIAGO, Maria Eliete	F	UFPE	PE	Nordeste	Pública	Educação	Pública	Fundamental e Médio	Cursos e entrevistas	Crítica	CAPES	Acadêmica	Currículo e Práticas pedagógicas
290	2016	Jogos de ofensas: epítetos verbais entre estudantes de uma escola na Amazônia	Alan Augusto Moraes Ribeiro	M	T	Marília Pinto de Carvalho	F	USP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Pública	Fundamental	Entrevistas semi-estruturadas	Pós-Críticas	CNPQ	Acadêmica	X

291	2016	Necessidades de saúde sexual e reprodutiva de adolescentes escolares	BARROS, Tiago de Sousa	M	D	GUEDES, Tatiane Gomes	F	UFPE	PE	Nordeste	Pública	Enfermagem	Pública	Fundamental	Entrevistas	Pós-Críticas		Acadêmica	Vivências
292	2016	Abuso sexual infantil: sentidos compartilhados por professores	FREIRE, Suelen Batista	F	D	MACHADO, Laeda Bezerra	F	UFPE	PE	Nordeste	Pública	Educação	Pública	Fundamental	Entrevistas	Crítica	CAPES	Acadêmica	Práticas Pedagógicas
293	2016	Dispositivo da orientação sexual: uma análise de discurso a partir de peças educativas	Machado, Girlane Martins	F	D	Coutinho, Karyne Dias	F	UFRN	RN	Nordeste	Pública	Educação	TV	Médio	Observação e entrevista	Pós-Críticas		Acadêmica	Práticas Pedagógicas
294	2016	Games e gênero: as contribuições dos jogos eletrônicos na formação dos pedagogos	MALTA, Aline Rodrigues	F	D	SABBATINI, Marcelo	M	UFPE	PE	Nordeste	Pública	Educação, Matemática e Tecnologias	Pública	Superior	Análise Documental e entrevistas semi-estruturadas	Pós-Críticas		Acadêmica	Recursos Didáticos
295	2016	Relações de gênero e seus efeitos discursivos na constituição de subjetividades nos cursos de Engenharia do Campus Universitário de Tucuruí – CAMTUC/UFPA	ALMEIDA, Edileuza de Sarges	F	D	COSTA, Gilcilene Dias da	F	UFPA	PA	Norte	Pública	Educação	Pública	Infantil	Roda de conversas	Pós-Críticas		Acadêmica	Formação Docente
296	2016	Entre deuses e humanos: entre-lugares da diferença na trama curricular	SOUZA, Camila Claíde Oliveira de	F	D	COSTA, Gilcilene Dias da	F	UFPA	PA	Norte	Pública	Educação	Pública	Fundamental	Questionários e Grupos Focais	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	currículo
297	2016	O debate do movimento feminista na produção acadêmica do serviço social	Alagoano, Verônica Medeiros	F	D	Duriguetto, Maria Lúcia	F	UFJF	MG	Sudeste	Pública	Serviço Social	MTST	Fundamental	Entrevistas semi-estruturadas e Grupos Focais	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	X
298	2016	As políticas de diversidade na educação : uma análise dos documentos finais das CONAEs, DCNs e PNE	Rossi, Alexandre José	M	T	Peroni, Vera Maria Vidal	F	UFRGS	RS	Sul	Pública	Educação	PCN	Fundamental e Médio	Entrevistas semi-estruturadas	Pós-Críticas	FAPERGS	Acadêmica	X
299	2016	Macho varón sin pepa : a prática dos futebóis na história de vida de atletas da equipe de futebol da Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Yaneth Martínez Mina, Claudia	F	D	Goellner, Silvana Vilodre	F	UFRGS	RS	Sul	Pública	Ciências do Movimento Humano	Pública	Superior	Análise documental	Crítica	CAPES	Acadêmica	X

300	2016	En la ruta del arco iris : vivencias de personas LGBTI de la Universidad de Costa Rica dentro del mundo universitario	Acuña Rodríguez, María del Carmen	F	D	Menezes, Magali Mendes de	F	UFRGS	RS	Sul	Pública	Educação	Pública	Superior		Pós-Críticas		Acadêmica	X
301	2016	A escola e seu papel na construção de diferentes identidades sociais	Barreto, Ana Luiza Cruz Sá	F	D	Madureira, Ana Flávia do Amaral	F	UNICEUB	DF	Centro-Oeste	Privada	Psicologia	Pública	Fundamental e Médio	Questionário e Grupos focais	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	X
302	2017	DIÇÕES E RESISTÊNCIAS: OS DIFÍCEIS PERCURSOS DA ESCOLARIZAÇÃO DAS MULHERES NA EPT	Ferreira, Maria José de Resende	F	T	Oliveira, Edna Castro de	F	UFES	ES	Sudeste	Pública	Educação	Pública	Fundamental	Análise documental	Pós-Críticas		Acadêmica	X
303	2017	Dissidências em Curso: Transicionando Gêneros nos Currículos e nas Práticas Discursivas em Psicologia	Maria Carolina Fonseca Barbosa Roseiro	F	D	Alexsandro Rodrigues.	M	UFES	ES	Sudeste	Pública	Psicologia Institucional	Pública	Médio	Observação, etnografia, entrevistas semi-estruturadas e questionário	Crítica	CNPQ	Acadêmica	X
304	2017	Programa de habilidades sociais na escola : uma forma de combate ao preconceito contra a diversidade sexual	Sousa, Kelyane Oliveira de	F	D	França, Dalila Xavier de	F	UFS	SE	Nordeste	Pública	Psicologia Social	Pública	Fundamental	Questionário	Crítica	Capex	Acadêmica	Recursos Didáticos
305	2017	Normas de gênero e heteronormatividade em uma escola de educação básica em Aracaju (SE)	Oliveira, Danilo Araujo de	F	D	Dias, Alfrancio Ferreira	M	UFS	SE	Nordeste	Pública	Educação	Escola Pública	Fundamental e Médio	Entrevistas semi-estruturadas	Pós-Críticas	Capex	Acadêmica	currículo
306	2017	Inovação inclusiva e singularidades : um estudo com licenciados de ciências biológicas da UFS	Santana, Aline Mendonça	F	D	Pagan, Alice Alexandre	F	UFS	SE	Nordeste	Pública	Ensino de Ciências e Matemática	Pública	Superior	Análise documental	Crítica		Acadêmica	Formação Docente
307	2017	Literatura e homoerotismo: leitura e recepção no ensino fundamental II	Barreto, John Paulino	M	D	Silva, Marcelo Medeiros da	M	UFPB	PB	Nordeste	Pública	Profissional em Formação de Professores	Escola Pública	Fundamental	Observação em sala de aula	Pós-Críticas		Acadêmica	Práticas Pedagógicas

308	2017	NOVOS PANORAMAS PARA O ENSINO RELIGIOSO: Uma análise do modelo das Ciências da Religião para o Ensino Religioso nas escolas públicas, tendo em vista os aspectos da transdisciplinaridade, transreligiosidade e pluralismo religioso	SILVA, Ronald Lima da	M	D	Ribeiro , Cláudio de Oliveira	M	Metodista	SP	Sudeste	Privada	Ciências da Religião	Escola Pública	Superior	Grupo Focal	Crítica		Acadêmica	X
309	2017	A escola e os professores diante da problemática da sexualidade: uma perspectiva histórico-sociológica de análise dos discursos e das práticas educacionais	Medeiros, Jarles Lopes	M	D	Jucá, Gisafran Nazareno Mota	M	UFC	CE	Nordeste	Pública	Educação Brasileira	Produção Científica	Superior	Questionário e entrevista	Pós-Críticas		Acadêmica	currículo
310	2017	Experiências educacionais e sociais de travestis no Ceará : um estudo comparado em Juazeiro do Norte e Canindé	Gomes Filho, Antoniel dos Santos	M	D	Jucá, Gisafran Nazareno Mota	M	UFC	CE	Nordeste	Pública	Educação Brasileira	Universidade	EJA	Análise documental, Entrevista professoras, iconografia	Crítica	CNPQ	Acadêmica	Vivências
311	2017	Avaliação da assistência estudantil em relação ao reconhecimento das diversidades no Campus Agrícola de Umirim/CE	Brandão, Lorena de Menezes	F	D	Esmeraldo , Gema Galgani Silveira Leite	F	UFC	CE	Nordeste	Pública	Avaliação de Políticas Públicas	Escola Pública	Técnico	Entrevista semi estruturada, Professoras	Pós-Críticas		Acadêmica	Práticas Pedagógicas
312	2017	Educação em saúde na promoção e prevenção de agravos entre adolescentes em risco social	Peloso, Mirene	F	D	Lima, Luciana Moreira	F	UFV	RS	Sul	Pública	Ciências da Saúde	Pública	Fundamental	Entrevista semi-estruturada, Intervenção pedagógica, observações livres	Pós-Críticas	FAPESP	Acadêmica	X
313	2017	Professores de bebês: elementos para compreensão da docência masculina na educação infantil	Aguiar Júnior, Josué Durval	M	D	Giovanni, Luciana Maria	F	PUC-SP	SP	Sudeste	Privada	Educação	Escola Pública	Infantil	Etnografia	Crítica	FAPESP	Acadêmica	X
314	2017	Quem vai falar da e com a juventude LGBTTT na escola pública?: um estudo junto a uma EMEF de São Paulo à luz do pensamento fenomenológico	Fachim, Felipe Luis	M	D	Gomes, Luciana Szymanski Ribeiro	F	PUC-SP	SP	Sudeste	Privada	Educação	Escola Especial	Médio	Entrevista semi-estruturada, professores/as	Pós-Críticas		Acadêmica	X

315	2017	PRÁTICA SOCIAL RELACIONADA A SEXUALIDADE E GÊNERO ENTRE JOVENS UNIVERSITÁRIOS	Lima, Valeria Soares de	F	D	Siqueira, Teresa Cristina Barbo	F	PUC-GO	GO	Centro-Oeste	Privada	Educação	Escola Pública	EJA	Entrevista, Observação	Pós-Críticas		Acadêmica	X
316	2017	No woman, no cry - but why does she cry? Interculturalidade nas aulas de língua inglesa e as representações sociais da mulher	Maria Aparecida Martins da Silva Mizakami	F	D	Jacicarla Souza da Silva .	F	UEL	PR	Sul	Pública	Letras Estrangeiras Modernas	Privada	Fundamental	Entrevista/Análise documental	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	X
317	2017	Gênero nos currículos e nas percepções das/dos estudantes do ensino médio : uma caracterização sociológica	Andréia Cristina da Cruz	F	D	Angela Maria de Sousa Lima .	F	UEL	PR	Sul	Pública	Ciências Sociais	Escola Pública	Médio	Entrevista Semi Estruturada	Crítica	CNPQ	Acadêmica	X
318	2017	Discurso midiático da ideologia de gênero e sua ressonância nos planos estadual e municipais de educação do Tocantins	Maia, Marcos Felipe Gonçalves	M	D	Rocha, José Damião Trindade	M	UFTO	TO	Norte	Pública	Educação	Escola Pública	Fundamental e Médio	Análise Documental	Crítica		Acadêmica	currículo
319	2017	Violência sexual contra crianças: a inserção da perspectiva de gênero em pesquisas de pós-graduação da área da Educação (1987-2015)	Spaziani, Raquel Baptista	F	T	Maia, Ana Cláudia Bortolozzi	F	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Educação Escolar	Escola Pública	Fundamental	Análise de Conteúdo	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	X
320	2017	O essencial é invisível aos olhos: a emulação à escola produtivista e a subsunção das múltiplas jornadas das professoras no Programa de Ensino Integral de São Paulo	Oliveira, Bruna Padilha de	F	D	Costa, Áurea de Carvalho	F	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Universidade	Superior	Descritivo-exploratório	Crítica	FAPESP	Acadêmica	X
321	2017	Educação em sexualidade, sexualidade e gênero: desafios para professoras(es) do ensino infantil	Borges, Rita de Cassia Vieira	F	D	Rossi, Célia Regina	F	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Escola Pública	Infantil	Entrevista	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	X
322	2017	Trajetória social e sexualidade: a estruturação da identidade de gênero na educação infantil	Oliveira, Maria Fernanda Celli de	F	D	Muzzeti, Luci Regina	F	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Educação Escolar	Escola Pública	Técnico	Análise de Narrativas	Pós-Críticas		Acadêmica	X

323	2017	Educação em sexualidade: a web educação sexual em ação	Souza, Marcilene Mendes	F	D	Rossi, Célia Regina	F	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Educação Escolar	Escola Pública	Fundamental	Análise de Conteúdo	Pós-Críticas		Acadêmica	X
324	2017	A reprodução das desigualdades de gênero nos contos de fadas/maravilhosos como marcas circunscritas na educação infantil	Lucifora, Cristiane de Assis	F	D	Reina, Fabio Tadeu	M	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Educação Sexual	Escola Pública	Fundamental e Médio	Entrevista	Crítica	FAPESP	Acadêmica	X
325	2017	A diversidade cultural no currículo e na concepção de docentes: caminhos inclusivos em discussão	Macena, Janaina de Oliveira	F	D	Capellini, Vera Lúcia Messias Fialho	F	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem	Escola Pública	Médio	Questionário/Desenhos	Crítica		Acadêmica	X
326	2017	Os lugares de mulheres negras em materiais didáticos de história da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo	Françoso, Fernanda Gomes	F	D	Moreira, Maria de Fátima Salum	F	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Curso	EJA	Observação/Entrevistas	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	X
327	2017	Trajetórias de mulheres com deficiência: do ensino superior ao mercado de trabalho sob o olhar do gênero	Vitório, Janaína Damásio	F	D	Salvaro, Giovana Ilka Jacinto	F	UNESC	SC	Sul	Pública	Desenvolvimento Socioeconômico	Escola Pública	Fundamental	Entrevista Semi-estruturada/Oficina	Pós-Críticas	CNPQ	Acadêmica	X
328	2017	Que raio de professoras são essas?: a representação da identidade docente nas obras de Fanny Abramovich e Ziraldo	Dias, Leandro De Bona	M	D	Cabral, Gladir da Silva	M	UNESC	SC	Sul	Pública	Educação	Escola Pública	EJA	Análise Documental e entrevistas	Pós-Críticas		Acadêmica	X
329	2017	Escolafeto: “entre” relações em uma escola	Rosado, Andréa da Conceição Cândido	F	D	Lopes, Eduardo Simonini	M	UFV	RS	Sul	Pública	Educação	Escola Pública	Fundamental e Médio	Observação/Entrevistas	Crítica		Acadêmica	X
330	2017	A educação e a diversidade sexual e de gênero: uma análise a partir da proposta dos temas transversais na perspectiva dos educadores	Bastianini, Marco Antonio Diniz	M	D	Martins, Eliana Bolorino Canteiro	F	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Serviço Social	Escola Pública	Fundamental	Observação	Crítica		Acadêmica	X

331	2017	Cenas com crianças de 4 e 5 anos no contexto da educação infantil: suas perspectivas sobre gênero e sexualidade	Garrido, Geisa Orlandini Cabiceira	F	T	Moreira, Maria de Fátima Salum	F	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Escola Pública	Fundamental, Médio	Observação e Entrevista	Pós-Críticas		Acadêmica	X
332	2017	Uma proposta de ensino do tema diversidade sexual para o ensino médio à luz da Síntese Evolutiva Estendida	Paranhos, Kátia Santos de Abreu	F	D	Gastal, Maria Luíza de Araújo	F	UNB	DF	Centro-Oeste	Pública	Ensino de Ciências	Escola Pública	Funcamental	Questionário /Avaliação Física	Pós-Críticas		Profissional	X
333	2017	Ser e tornar-se : meninas e meninos nas socializações de gêneros da infância	Macedo, Aldenora Conceição de	F	D	Castro, Vanessa Maria de	F	UNB	DF	Centro-Oeste	Pública	Direitos Humanos e Cidadania	Universidade	Fundamental	Questionário /Grupos Focais	Pós-Críticas		Acadêmica	X
334	2017	Divisão sexual do trabalho e inconsciente político : histórias de mulheres em formação profissional	Alves, Cândida Beatriz	F	T	Pedroza, Regina Lúcia Sucupira	F	UNB	DF	Centro-Oeste	Pública	Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde	Escola Pública	Fundamental	Oficina/Análise dos Discursos	Pós-Críticas	CNPQ	Acadêmica	X
335	2017	Surdez, gênero e sexualidade: um estudo sobre o imaginário social em uma escola de ensino fundamental bilíngue no Sul do Brasil	Muller, Márcia Beatriz Cerutti	F	T	Maria Angela Mattar Yunes	F	UNILASALLE	RS	Sul	Privada	Educação	Escola Pública	Médio	Análise documental	Crítica		Acadêmica	X
336	2017	Educação e orientação sexual na educação básica: gênero e sexualidade na produção acadêmico-científica brasileira no período de 2006 a 2015	Costa, Zuleika Leonora Schmidt	F	T	Silva, Denise Quaresma da	F	UNILASALLE	RS	Sul	Privada	Educação	Escola Pública	Fundamental	Entrevista	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	X
337	2017	Concepções de profissionais da educação e saúde em sexualidade: proposta interventiva e assessoramento para projetos de educação sexual em Abaetetuba-PA	Rodrigues, Suellen Silva	F	D	Leão, Andreza Marques de Castro	F	UNESP	SP	Sul	Pública	Educação Sexual	Escola Pública	Técnico	Etnografia	Pós-Críticas		Acadêmica	X
338	2017	Experiências multissituadas: entre cursinhos trans e ativismos: quais narrativas, que cidadania é essa?	Silva, Tamires Barbosa Rossi	F	D	Silva, Larissa Maués Pelúcio	F	UNESP	SP	Sul	Pública	Ciências Sociais	ONG	EJA	Etnografia	Crítica		Acadêmica	X

339	2017	BUSCANDO O FENÔMENO: QUANDO GÊNERO, EDUCAÇÃO SEXUAL E A MORAL RELIGIOSA SE ENCONTRAM NA SALA DE AULA	Silva, Eduardo Barreto da	M	D	Almeida, Rosiléia Oliveira de	F	UFBA	BA	Nordeste	Pública	Ensino, Filosofia e Histórias das Ciências	Escola Pública	Fundamental		Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	Práticas Pedagógicas
340	2017	Identidade de gênero no espaço escolar : possibilidades discursivas para superação da heteronormatividade	Gonzalez, Carolina Gonçalves	F	T	Vieira, Viviane Cristina	F	UNB	DF	Centro-Oeste	Pública	Linguística	Escola Pública	Médio	Questionário	Crítica		Acadêmica	X
341	2017	Gênero e perspectivas de escolha de cursos superiores: análise a partir de uma escola de ensino médio integrado à cursos técnicos na área da computação	Firino, Daiane Lins da Silva	F	D	Carvalho, Maria Eulina Pessoa de	F	UFPB	PB	Nordeste	Pública	Educação	Pública	Fundamental	Observação/Filmagem	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	Vivências
342	2017	Análise da "Ideologia de Gênero" no Plano Municipal de Educação de João Pessoa (2015-2025)	CAVALC ANTE, Joel Martins	M	D	ZENAIDE , Maria de Nazaré Tavares	F	UFPB	PB	Nordeste	Pública	Educação	Escola pública e Particular	Fundamental		Crítica	CAPES	Acadêmica	Currículo
343	2017	Carreiras de professoras das Ciências Exatas e Engenharia: estudo em uma IFES do Nordeste brasileiro	Silva, Lucimeiry Batista da	F	T	Carvalho, Maria Eulina Pessoa de	F	UFPB	PB	Nordeste	Pública	Educação	Escola Pública	Fundamental	Questionários?Entrevistas	Crítica		Acadêmica	Formação Docente
344	2017	Trajetórias educacionais de mulheres: uma leitura interseccional da deficiência	Farias , Adenize Queiroz de	F	T	Carvalho, Maria Eulina Pessoa de	F	UFPB	PB	Nordeste	Pública	Educação	Escola Pública	Superior	Observação e Oficina	Pós-Críticas		Acadêmica	Formação Docente
345	2017	Gênero e educação superior: perspectivas de alunas de física	Amorim, Valquiria Gila de	F	D	Carvalho, Maria Eulina Pessoa de	F	UFPB	PB	Nordeste	Pública	Educação	Escola Pública e Particular	Superior	Análise documental e de narrativas	Pós-Críticas		Acadêmica	Formação Docente
346	2017	Concepções de mães, pais e educadoras sobre desenvolvimento infantil e gênero	Vasconcelos, Dalila Castelliano	F	T	Salomão, Nadia Maria Ribeiro	F	UFPB	PB	Nordeste	Pública	Psicologia Social	Escola Pública	Médio		Crítica		Acadêmica	currículo

347	2017	Educação em direitos humanos e o debate de gênero no sistema público de ensino básico de Cajazeiras - PB : um estudo sobre a (in)efetividade das políticas públicas municipais em educação	Torres, Victor de Saulo Dantas	M	D	Dias, Adelaide Alves	F	UFPB	PB	Nordeste	Pública	Direitos Humanos e Cidadania	Escola Pública	Infantil	Análise de Discurso	Pós-Críticas		Acadêmica	currículo
348	2017	Mulheres e professoras em formação: relatos oferecidos durante um dos cursos de Gênero e Diversidade na Escola (GDE)	Ana Paula Costa	F	T	Claudia Pereira Vianna	F	USP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Escola Pública	Fundamental e Médio	Observação	Pós-Críticas		Acadêmica	X
349	2017	Políticas de educação que tratam de gênero e sexualidades na América Latina: um estudo sobre Brasil e Uruguai	LIMA, Márcio da Silva	M	D	LAGE, Allene Carvalho	F	UFPE	PE	Nordeste	Pública	Educação Contemporânea	Escola Privada	Fundamental e Médio	Observação e Entrevista/Professoras	Crítica	CAPES	Acadêmica	currículo
350	2017	Elaboração de um componente curricular sobre atenção à saúde da população LGBT em um Curso de Graduação em Medicina	Santos, Giordano Bruno Souza dos	M	D	Melo, Lucas Pereira de	M	UFRN	RN	Nordeste	Pública	Ensino na Saúde	Escola Pública	Fundamental	Análise documental e entrevistas	Pós-Críticas		Acadêmica	currículo
351	2017	Pedagogia dos corpos: gênero e sexualidade em práticas curriculares de dois CMEI da cidade do Natal – RN	Oliveira Filho, João Batista de	M	D	Coutinho, Karyne Dias	F	UFRN	RN	Nordeste	Pública	Educação	Escola Pública	Infantil	Observação, questionário e entrevistas semi-estruturadas	Pós-Críticas		Acadêmica	currículo
352	2017	Curtir, comentar e compartilhar: as redes sociais e a sexualidade no cotidiano e formação da escola pública brasileira	Barros, Fernanda Ribeiro	F	D	Farbiarz, Alexandre	M	UFF	RJ	Sudeste	Pública	Mídia e Cotidiano	Pública	Infantil e Fundamental	Entrevista e Grupo focal - Professores	Pós-Críticas		Acadêmica	X
353	2017	“Somos todos e todas diferentes numa sociedade de iguais”: um estado de caso sobre práticas pedagógicas de gênero e sexualidade em uma escola pública de Pernambuco	JACOB, Maria Julieta Correia	F	D	MIRANDA, Marcelo Henrique Gonçalves de	M	UFPE	PE	Nordeste	Pública	Direitos Humanos	Pública	Médio	Pesquisa-ação	Crítica		Acadêmica	Práticas Pedagógicas

354	2017	Educação, juventude e homossexualidade: experiências escolares de jovens gays pobres	SANTOS, Júlio César de Oliveira	M	D	OLIVEIRA, Anna Luiza Araújo Ramos Martins de	F	UFPE	PE	Nordeste	Pública	Educação	Pública	EJA	Pesquisa-ação	Crítica		Acadêmica	Vivências
355	2017	Diálogos com adolescentes sobre relações amorosas, cidadania sexual e democracia íntima: proposições para uma Educação em Saúde Emancipatória!	Campos, Helena Maria	F	T	Fonseca, Maria do Carmo	F	FIOCRUZ	MG	Sudeste	Pública	Saúde Coletiva	Pública	Médio	Pesquisa-ação	Pós-Críticas	CNPQ	Acadêmica	X
356	2017	Currículo e corporeidade: colonialidade das mentes e dos corpos no ensino fundamental I	Belli, Rafael Wilson	M	D	Gomes, Manuel Tavares	M	UNINOVE	SP	Sudeste	Pública	Educação	Pública	Fundamental	Análise de Narrativas	Crítica	CAPES	Acadêmica	X
357	2017	Docentes, relações de gênero e sexualidades: desdobramentos nas práticas pedagógicas	Gomes, Claudete Imaculada de Souza	F	D	Ferrari, Anderson	M	UFJF	MG	Sudeste	Pública	Educação	Pública	Infantil	Etnografia	Pós-Críticas		Acadêmica	X
358	2017	Família e escola: estudos de uma relação (in)delicada a partir das relações de gênero	Souza, Raquel Santiago de	F	D	Auad, Daniela	F	UFJF	MG	Sudeste	Pública	Educação	Escola Pública	Infantil	Entrevista semi-estruturada	Pós-Críticas		Acadêmica	X
359	2017	O gênero vai à roça : a presença de professores homens na educação no/do campo	Xavier, Antonio Jeferson Barreto	M	D	Seffner, Fernando	M	UFRGS	RS	Sul	Pública	Educação	MTST	EJA	Roda de conversas	Pós-Críticas	CNPQ	Acadêmica	X
360	2017	Sexualidade na adolescência : entrelaçando atitudes, posturas e estratégias em sala de aula com o apoio da Estratégia Saúde da Família	Melo, Mônica Cecília Pimentel de	F	T	Soares, Felix Alexandre Antunes	M	UFRGS	RS	Sul	Pública	Educação	Pública	Fundamental	Grupo Focal	Crítica	FAPERGS	Acadêmica	X

361	2018	Violência contra mulheres nas universidades: contribuições da produção científica para sua superação (SciELO e Web of Science 2016 e 2017).	Bellini, Daniela Mara Gouvêa	F	D	Mello, Roseli Rodrigues de	F	UFSCar	SP	Sudeste	Pública	Educação	Pública	Fundamental	Questionário	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	X
362	2018	O Grupo de Trabalho de Educação em Sexualidade da rede municipal de ensino do Recife: limites e avanços da sua atuação a partir das perspectivas religiosas de docentes	Melo, Valdir Eneias de	M	D	Cabral, Newton Darwin de Andrade	M	UNICAP	PE	Nordeste	Privada	Ciências da Religião	Pública	Infantil	Escrita de diário	Crítica	CNPQ	Acadêmica	Práticas Pedagógicas
363	2018	As mulheres brasileiras e o acesso à educação superior: conquista de autonomia ou reafirmação da desigualdade?	Machado, Monica Sapucaia	F	T	Bertolin, Patrícia Tuma Martins	F	Mackenzie	SP	Sudeste	Privada	Direito Político e Econômico	ONG	EJA	Entrevista semi-estruturada	Crítica		Acadêmica	X
364	2018	Vivências e aprendizagens de jovens LGBTQ+ sobre si na escola e na internet	Oliveira, Jefferson Cavalcante de	M	D	Rodrigues, Eduardo Santos Junqueira	F	UFC	CE	Nordeste	Pública	Educação Brasileira	Pública	Fundamental	Questionários	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	Vivências
365	2018	Formação das pessoas transexuais na Universidade Federal de Sergipe : enfrentamento e resistência das normas de gênero no espaço acadêmico	Santos, Adriana Lohannados	F	D	Dias, Alfrâncio Ferreira	M	UFS	SE	Nordeste	Pública	Educação	Pública	Superior	Análise documental e entrevistas semi-estruturadas	Pós-Críticas		Acadêmica	Formação Docente
366	2018	Gênero e sexualidade sob a perspectiva de docentes de biologia da rede estadual do município de Aparecida de Goiânia	Sousa, Jéssica Cristinny Oliveira de	F	D	Prado, Mauro Machado do	M	UFG	GO	Centro-Oeste	Pública	Direitos Humanos	Pública	Médio	Entrevistas semi-estruturadas	Pós-Críticas		Acadêmica	X
367	2018	Homofobia e heterossexismo na escola: um estudo sobre significações de professores gays que atuam na educação básica	Toledo, Rodrigo	M	T	Antunes, Mitsuko Aparecida Makino	F	PUC-SP	SP	Sudeste	Privada	Educação	Pública	Infantil	Entrevistas semi-estruturadas	Crítica		Acadêmica	X

368	2018	Relações de gênero, interseccionalidades e formação docente	Vasconcelos, Maria Nazareth Moreira	M	D	Liberali, Fernanda Coelho	F	PUC-SP	SP	Sudeste	Privada	Educação	Pública	Técnico		Crítica	CAPES	Acadêmica	X
369	2018	Gênero, sexualidade e educação: um estudo feminista e fenomenológico com educadoras de uma EMEF em São Paulo	Pereira, Ana Luiza Telles	F	D	Szymanski, Luciana	F	PUC-SP	SP	Sudeste	Privada	Educação	Pública	Infantil	Grupo Focal	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	X
370	2018	(Re)flexão: quebrando paradigmas em tempos de perda de autonomia docente	Gomes, André Taschetto	M	T	Garcia, Isabel Krey	F	UFSC	SC	Sul	Pública	Educação	Pública	Fundamental		Pós-Críticas		Acadêmica	X
371	2018	Dentro da caverna de Amaterasu: os imaginários sobre a diferença e o fenômeno do estigma de jovens do Centro da Juventude Professor Jomar Vieira da Rocha no município de Cascavel/PR	Mendes, Marlon Jose Gavlik	M	D	Schroeder, Tania Maria Rechia	F	UNIOESTE	PR	Sul	Pública	Educação	Pública	Superior		Pós-Críticas		Acadêmica	X
372	2018	Concepções de gênero e sexualidade no ensino de geografia em escolas públicas de Goiânia, Goiás	Faria, Ruan Pinheiro do Nascimento	M	D	Ratts, Alecsandr o José Prudêncio	M	UFG	GO	Centro-Oeste	Pública	Geografia	ANPED	Médio	Entrevistas semi-estruturadas	Pós-Críticas		Acadêmica	X
373	2018	Alfabetização de mulheres: a experiência da CNA-Nicarágua (1980) e do MOVA-SP (1989-1992)	Montero, Maria Júlia Alves Garcia	F	D	Ciampi, Helenice	F	PUC-SP	SP	Sudeste	Privada	Educação	Filme	Fundamental	Entrevista semi-estruturada	Pós-Críticas		Acadêmica	X
374	2018	A (re) produção das normas de gênero e a educação dos corpos de meninos e meninas: discursos e práticas pedagógicas de professores/as de educação física do município de Catalão Goiás	Carvalho, Leandro Kenner Rodrigues de	M	D	Silva, Altina Abadia da	F	UFG	GO	Centro-Oeste	Pública	Educação	Pública	Fundamental	Etnografia	Pós-Críticas		Acadêmica	X
375	2018	Os discursos de Gênero e Sexualidade na Formação de Professoras/es	Souza, Bruno Barbosa de	M	D	Meghlioratti, Fernanda Aparecida	F	UNIOESTE	PR	Sul	Pública	Educação	Pública	Fundamental	Questionário	Crítica		Acadêmica	X

376	2018	Contribuições da psicanálise para a compreensão da sexualidade na educação infantil: entre angústia e mal-estar institucional, e agora, o que (não) fazer?	Caitano, Alexandro Ferreira	M	D	Moreira, Janine	F	UNESP	SC	Sul	Pública	Educação	Pública	Infantil	Entrevista semi-estruturada	Pós-Críticas		Acadêmica	X
377	2018	Tic e educação em sexualidade: o olhar dos/as formadores/as do projeto WebEducaçãoSexual	Conti, Larissa de Oliveira	F	D	Rossi, Célia Regina	F	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Pública	Técnico	Etnografia	Pós-Críticas		Acadêmica	X
378	2018	Escola e transfobia: vivências de pessoas transexuais	Amorim, Sylvia Maria Godoy	F	D	Brancaleoni, Ana Paula Leivar	F	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Pública	Médio	Grupo de Discussão	Crítica	CAPES	Acadêmica	X
379	2018	A história da criação do papo jovem: um projeto de educação sexual integrado ao currículo de uma escola de ensino fundamental e médio	Bueno, Rita Cassia Pereira	F	D	Ribeiro, Paulo Rennes Marçal	M	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Pública	Médio	Coleta de dados e Entrevista	Crítica	FAPESP	Acadêmica	X
380	2018	“Não deficiencie minha sexualidade”: repensando a sexualidade de pessoas com deficiência intelectual por meio de oficinas pedagógicas	Schiavon, Denise Maria Nepomuceno	F	D	Denari, Fátima Elisabeth	F	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Pública	Fundamental	Etnografia	Pós-Críticas		Acadêmica	X
381	2018	Concepções e relatos de adolescentes com altas habilidades ou superdotação sobre aspectos psicossociais da sexualidade	Reis, Verônica Lima dos	F	D	Maia, Ana Cláudia Bortolozzi [F	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Educação Escolar	Pública	Fundamental	Narrativas de experiências	Crítica	FAPESP	Acadêmica	X
382	2018	Sexualidade, educação sexual e gênero: uma análise destas temáticas nas produções de um programa de pós-graduação em educação sexual	Argenti, Paula Camila	F	D	Milani, Débora Raquel da Costa	F	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Educação Sexual	Pública	Fundamental	Entrevista semi-estruturada	Pós-Críticas	CNPQ	Acadêmica	X
383	2018	Entre trevas e arco-íris: colorindo a diversidade no ensino médio	Borges, Marina de Almeida	F	D	Soares, Ana Cristina Nassif	F	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Serviço Social	Pública	Fundamental e Médio	Análise documental	Pós-Críticas		Acadêmica	X

384	2018	Crítica ao paradigma da diferença identitária dos corpos: transgressão de gênero como ruptura ética	Falchi, Cinthia Alves	F	D	Pagni, Pedro Ângelo	F	UNESP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Pública	Superior	Observação, curso	Pós-Críticas		Acadêmica	X
385	2018	Produções de subjetividades femininas em uma turma de sexto ano do ensino fundamental	Castro, Gabriela Rodrigues de	F	D	Herneck, Heloisa Raimunda	F	UFV	RS	Sul	Pública	Educação	Pública	Infantil	Observação, entrevista semi estruturadas	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	X
386	2018	Discurso político pedagógico sobre diversidade sexual e de gênero na perspectiva do plano nacional de educação	Mejía Herrejón, Elvira,	F	D	Zoghbi, Denise Maria Oliveira,	F	UFBA	BA	Nordeste	Pública	Língua e Cultura	TV	Fundamental	Entrevistas	Pós-Críticas	CNPQ	Acadêmica	currículo
387	2018	Encenando gênero em espaço de confiança: experiências pedagógicas e teatrais com adolescentes	Chaimsohn, Joyce Sangolet	F	D	Bezerra, Antonia Pereira	F	UFBA	BA	Nordeste	Pública	Língua e Cultura	Pública	Fundamental	Grupo Focal	Crítica	CAPES	Acadêmica	Vivências
388	2018	"ENTRE FLORES NO JARDIM" - Histórias de vida e formação: uma análise sobre gênero e sexualidade entre egressos/as do curso de Ciências Biológicas da UEFS	Melo, Andréa Silene Alves Ferreira	F	T	Barzano, Marco Antônio Leandro	M	UFBA	BA	Nordeste	Pública	Ensino, Filosofia e Histórias das Ciências	Pública	Fundamental	Observação e entrevista	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	Formação Docente
389	2018	A inclusão da diversidade sexual na Universidade	Milene Soares Agreli	F	T	Maria Alves de Toledo Bruns	F	USP	SP	Sudeste	Pública	Psicologia	Pública		Relatos	Crítica	CNPQ	Acadêmica	X
390	2018	Verdade e normalidade nos discursos sobre sexualidade e gênero na escola	Raphaela Secco Comisso	F	D	Ana Laura Godinho Lima	F	USP	SP	Sudeste	Pública	Estudos Culturais	MTST	Médio	Entrevista	Pós-Críticas		Acadêmica	X
391	2018	Professoras lésbicas na educação básica de São Paulo: rupturas e construção de visibilidades	Tatiana Carvalho de Freitas	F	T	Claudia Pereira Vianna	F	USP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Pública	Infantil	Análise documental	Pós-Críticas		Acadêmica	X

392	2018	A inserção de disciplinas de gênero em cursos de Pedagogia de Faculdades de Educação: caminhos e desafios em três universidades federais em Minas Gerais	Alexandre Gomes Soares	M	T	Claudia Pereira Vianna	F	USP	SP	Sudeste	Pública	Educação	Pública	Superior	Cursos e entrevistas	Pós-Críticas	CNPQ	Acadêmica	X
393	2018	Embates sobre questões de gênero e sexualidade no Plano Municipal de Educação de Santa Maria/RN: o fruto proibido na educação escolar	Silva, Jansen Carlos Vieira da	M	D	Coutinho, Karyne Dias	F	UFRN	RN	Nordeste	Pública	Educação	Pública	Fundamental	Entrevistas semi-estruturadas	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	currículo
394	2018	Minha vida daria um filme?: geografias de vida em territórios de corpos, gêneros e sexualidades	Carvalho Filho, Evanilson Gurgel de	M	D	Cunha, Marlecio Maknamara da Silva	M	UFRN	RN	Nordeste	Pública	Educação	Pública	Fundamental	Entrevistas	Pós-Críticas		Acadêmica	Vivências
395	2018	Produção de sentidos sobre diversidade sexual por jovens rurais	Primo, Izabelle Cristina de Medeiros	F	D	Leite, Jader Ferreira	M	UFRN	RN	Nordeste	Pública	Educação	Pública	Fundamental	Entrevistas	Pós-Críticas		Acadêmica	Vivências
396	2018	(Des)respeito à diversidade sexual e à identidade de gênero em escolas de Caruaru – PE: a questão da LGBTfobia e os silenciamentos e/ou enfrentamentos da gestão escolar	SANTOS, Emerson Silva	M	D	LAGE, Allene Carvalho	F	UFPE	PE	Nordeste	Pública	Educação Contemporânea	Pública	Médio	Observação e entrevista	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	currículo
397	2018	Educação sexual: perspectivas de estudantes de graduação de psicologia e pedagogia	Alvaro, Daniela de Camargo	F	D	Pinto, Maria Jaqueline Coelho	F	FAMERP	SP	Sudeste	Pública	Psicologia	Pública	Infantil	Análise Documental e entrevistas semi-estruturadas	Pós-Críticas		Acadêmica	X
398	2018	What ... Does not have a physical education class? So i m leaving!: the teaching of physical education in high school and the perspective of intercultural education	ANA PAULA DA SILVA SANTOS	F	T	VERA MARIA FERRAO CANDÁ	F	PUC-RIO	RJ	Sudeste	Privada	Educação	Escola Pública	Infantil	Roda de conversas	Crítica		Acadêmica	X

399	2018	RESISTANCES AND EMERGENCIES IN BIOLOGY DEGREES: DISCOURSES AND PRACTICES ON SEXUALITY AND GENDER	RAQUEL ALEXANDRE PINHOS SANTOS	F	T	MARCELO GUSTAVO ANDRADE DE SOUZA	M	PUC-RIO	RJ	Sudeste	Privada	Educação	Pública	Superior	Questionários e Grupos Focais	Pós-Críticas		Acadêmica	X
400	2018	Práticas sexuais na adolescência	Emanoela Priscila Toledo Arruda	F	D	Lucia Alves da Silva Lara	F	USP	SP	Sudeste	Pública	Ginecologia e Obstetrícia	Escola Pública	Fundamental	Entrevistas semi-estruturadas e Grupos Focais	Pós-Críticas	CNPQ	Acadêmica	X
401	2018	Possibilidades para um trabalho docente feminista : professoras mulheres da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, feminismos e a narrativa conservadora da “ideologia de gênero”	Junqueira, Bruna Dalmaso	F	D	Gandin, Luis Armando	M	UFRGS	RS	Sul	Pública	Educação	Escola Pública	Infantil	Entrevistas semi-estruturadas	Crítica		Acadêmica	X
402	2018	Educação sexual “além do biológico” : problematização dos discursos acerca de sexualidade e gênero no currículo de licenciatura em biologia	Souza, Elaine de Jesus	F	T	Meyer, Dagmar Elisabeth Estermann	F	UFRGS	RS	Sul	Pública	Educação	Produção Científica	Fundamental	Análise documental	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	X
403	2018	Coordenação pedagógica na educação infantil e as (im)possibilidades de uma rede (in)formativa sobre gênero e sexualidade	Zanette, Jaime Eduardo	F	T	Felipe, Jane	F	UFRGS	RS	Sul	Pública	Educação	Pública	Infantil	Observação e análise documental	Pós-Críticas	CAPES	Acadêmica	X

T/D: Teses ou Dissertação

G: Gênero

F: Feminino

M: Masculino

IES: Instituto de Ensino Superior

PPG: Programa de Pós-Graduação

Fonte: Autora (2019)

